

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
INSTITUTO DE LETRAS

JUSSARA MARIA HABEL

O CONTÍNUO STANDARD-SUBSTANDARD DO ALEMÃO NO CONTATO ENTRE  
HUNSRIQUEANOS, POMERANOS E BOÊMIOS EM NOVA PETRÓPOLIS – RS

PORTO ALEGRE

2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
ÁREA: ESTUDOS DA LINGUAGEM  
LINHA DE PESQUISA: SOCIOLINGUÍSTICA

**O CONTÍNUO STANDARD-SUBSTANDARD DO ALEMÃO NO CONTATO ENTRE  
HUNSRIQUEANOS, POMERANOS E BOÊMIOS EM NOVA PETRÓPOLIS – RS**

JUSSARA MARIA HABEL

Tese de Doutorado em Estudos da Linguagem apresentada  
como requisito parcial para a obtenção do título de  
Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Cléo Vilson Altenhofen

Porto Alegre

2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Carlos André Bulhões Mendes (Reitor)

Patricia Pranke (Vice-Reitora)

INSTITUTO DE LETRAS

Carmem Luci da Costa Silva (Diretora)

Márcia Montenegro Velho (Vice-Diretora)

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Antônio Marcos Vieira Sanseverino (Coordenador)

Simone Sarmento (Vice-Coordenadora)

**CIP - Catalogação na Publicação**

Habel, Jussara Maria

O CONTÍNUO STANDARD-SUBSTANDARD DO ALEMÃO NO  
CONTATO ENTRE HUNSRIQUEANOS, POMERANOS E BOÊMIOS EM  
NOVA PETRÓPOLIS - RS / Jussara Maria Habel. -- 2022.  
199 f.

Orientador: Cléo Vilson Altenhofen.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio  
Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de  
Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2022.

1. Imigração alemã. 2. Contato linguístico. 3.  
Boêmios, hunsriqueanos e pomeranos. 4. Variação e  
mudança linguística. 5. Contínuo standard-substandard.  
I. Altenhofen, Cléo Vilson, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).



**ATA PARA ASSINATURA Nº 631**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
Instituto de Letras

Programa de Pós-Graduação em Letras  
LETRAS - Doutorado  
Ata de defesa de Tese

Aluno: Jussara Maria Habel, com ingresso em 31/08/2017  
Título: **O contínuo standard-substandard do alemão no contato entre hunsriqueanos, pomeranos e boêmios em Nova Petrópolis - RS**  
Orientador: Prof. Dr. Cléo Vilson Altenhofen

Data: 15/02/2022  
Horário: 14:00  
Local: Banca Virtual

**Banca Examinadora Origem**

Karen Pupp Spinassé UFRGS  
Marcelo Jacó Krug UFFS  
Lucas Löff Machado UFPel

Porto Alegre, 15 de fevereiro de 2022

| <b>Membros</b>      | <b>Assinatura</b> | <b>Conceito</b> |
|---------------------|-------------------|-----------------|
| Karen Pupp Spinassé |                   | A               |
| Marcelo Jacó krug   |                   | A               |
| Lucas Löff Machado  |                   | A               |

Conceito Geral da Banca: ( A ) Correções solicitadas: ( ) Sim ( ) Não

**Observação:** Esta Ata não pode ser considerada como instrumento final do processo de concessão de título ao aluno.

Aluno

Orientador

Programa de Pós-Graduação em Letras  
Av. Bento Gonçalves, 9500 Prédio 43221 - Bairro Agronomia - Telefone (51) 33086699  
Porto Alegre - RS

## AGRADECIMENTOS

O Poeta Flávio Cavalcante já afirmava “SE A VIDA FOSSE UM MAR DE ROSAS, AS FLORES NÃO TERIAM ESPINHOS PARA PROTEGÊ-LAS...”!

Entre flores e espinhos iniciou-se minha trajetória. Filha de pequenos agricultores, falante de um dialeto alemão - que alguns nomeavam de “alemão errado”-, cuidadora de idosos, babá, doméstica e, enfim, estudante de Letras Português/Alemão na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Assim, represento a primeira integrante da família a frequentar o Ensino Superior. Logo, esse trajeto resultou em Mestrado, Doutorado e em intercâmbios de estudos na Alemanha. Mas, como nem tudo é feito de flores, a tão gratificante conquista do primeiro lugar como Bolsista de Doutorado em Estudos da Linguagem, resultou em oito longos meses de espera pela tão sonhada Bolsa de Doutorado. Por fim, veio a Bolsa CNPq e tantas outras conquistas!!! Agora só restam os meus mais sinceros AGRADECIMENTOS:

Ao Orientador Prof. Dr. Cléo Vilson Altenhofen por ter confiado no meu potencial desde a fase da Graduação e por ter aceitado e “embarcado” na minha pesquisa de Mestrado e de Doutorado, em partes, uma pesquisa nova e inexplorada. Agradeço imensamente pelo convívio e ensinamentos de vida dentro do Projeto ALMA-H, pelo conhecimento científico compartilhado e pela dedicação ao conduzir as orientações da Graduação ao Doutorado (2011-2021).

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Letras da UFRGS e da PUCRS, que contribuíram para a produção deste estudo, de artigos acadêmicos e por promoverem a reflexão científica;

Aos professores Dr. Harald Thun, Dr. Sebastian Kürschner, Dr<sup>a</sup>. Mechthild Habermann, Dr<sup>a</sup>. Svenja Brünger, Dr<sup>a</sup>. Angélica Prediger pelos ensinamentos e inspirações;

À Coordenadora de Ensino de Alemão no Exterior (ZfA)/Porto Alegre, Catrin Inis Beguhl, pela parceria, confiança e ensinamentos;

Aos colegas e amigos do Projeto ALMA-H (Alminhas do coração) pelo companheirismo e pelas trocas de conhecimento: Ana Winckelmann, Gabriel Schmitt, Gerônimo Bergmann, Luana dos Santos Souza, Sofia Froehlich Kohl e Marcia Meurer;

Ao Gabriel Schmitt pela entrevista realizada na Vila Olinda e por compartilhar ideias e dicas valiosas sobre Nova Petrópolis;

Aos colegas de disciplinas cursadas pelos debates e descobertas compartilhadas, em especial, Daiane Savoldi Curioletti;

Às dezenas de participantes e de entrevistados pela disponibilidade e pelos conhecimentos linguísticos, históricos e culturais compartilhados;

Aos meus amigos e amigas pelo carinho e compreensão, em especial, à minha amiga Denise Ostroski;

À Renata Fontana que abriu a porta do seu lar, o qual emanava força, independência e inspiração de mulheres guerreiras;

À família e a todas as pessoas que contribuíram de forma direta ou indireta para a realização dessa Pesquisa de Doutorado.

E por fim, às instituições de financiamento:

- Ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) pelo apoio financeiro que me possibilitou mergulhar nessa pesquisa;

- Ao CDEA UFRGS/PUCRS (Centro de Estudos Alemães e Europeus) pelo prêmio disponibilizado em agosto de 2019 para o aperfeiçoamento da língua e imersão na cultura alemã em Jena/Alemanha, na Universidade Friedrich Schiller;

- Ao CDEA UFRGS/PUCRS pelos prêmios concedidos em 2021/1 e 2021/2 para o aprimoramento da língua alemã no Instituto Goethe, Porto Alegre.

MUITO OBRIGADA!

VIELEN DANK!

## **APOIO DE FINANCIAMENTO CNPq**

A presente pesquisa foi realizada de 04/2018 a 07/2021 com o apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

## RESUMO

A presente tese tem como foco central a variação do alemão falado por descendentes de imigrantes hunsriqueanos (Hrs), pomeranos (Po) e boêmios (Bo) em contato na localidade de Nova Petrópolis - RS, Brasil. Seu objetivo geral é descrever o grau de proximidade e aproximação à respectiva norma *standard* do alemão (*Standardnähe*) e, conseqüentemente, seu grau de dialetalidade (*Dialektalität*) ou distanciamento dessa norma através da manutenção de marcas dialetais próprias de cada grupo, cada qual instalado em uma territorialidade nuclear particular (Hrs em Pinhal Alto, a partir de 1829; Po em Linha Temerária, a partir de 1858; e, por fim, Bo em Linha Imperial, desde 1867). O estudo parte do pressuposto de que, no contato intervietal, esses grupos optaram por uma variedade de compromisso, de intercompreensão mútua, como língua comum de interação que Altenhofen (2019, p. 3) denomina de *Mittelfeldsprache* (língua de mediação). Pretende-se, por isso, descrever o grau de nivelamento linguístico (*Sprachausgleich*) no contínuo *standard-substandard* do alemão, bem como identificar processos de manutenção/substituição de marcas particulares de cada grupo, a partir do repertório linguístico supostamente trazido da matriz de origem. Para tanto, servem de base à análise as seguintes perguntas de pesquisa: 1) Os descendentes de imigrantes mantiveram um padrão de fala próprio? E, se sim, é possível identificar marcas e diferenças específicas? 2) Quais fatores extralinguísticos mostram-se mais determinantes na definição da língua de interação desses grupos (aproximação do *standard*) e/ou manutenção de marcas mais dialetais (grau de dialetalidade)? 3) Como cada grupo de fala percebe o alemão “do outro” e, por fim, o que essa percepção denota sobre o que esses grupos entendem como mais ou menos *standard*? Há, nesse sentido, uma série de variáveis a considerar na relação entre os três grupos de fala abordados, os quais compartilham um espaço linguístico comum, apesar das territorialidades históricas onde se estabeleceram. Para analisar a variação e mudança linguística na fala dos diferentes grupos, coletaram-se dados de fala para um conjunto de dez variáveis fonético-fonológicas, as quais foram correlacionadas com parâmetros extralinguísticos em diferentes dimensões, conforme prevê o modelo da dialetologia pluridimensional e relacional (THUN, 1998). Em função da pandemia do Covid-19, que impôs restrições severas de isolamento social, não foi possível ampliar o *corpus* ao nível de uma pesquisa *in loco*. Por esse motivo, procurou-se adaptar o modelo de análise, enfatizando as diferenças entre os três grupos imigratórios analisados, embora sem perder de vista as demais dimensões, sobretudo as dimensões diageracional, diastrática, diarreferencial e dialingual. Os resultados indicam uma aproximação parcial da fala dos três grupos ao *standard*, na ordem, em primeiro lugar Bo, seguido de Hrs e Po. Também se observou que o grupo Hrs, por já provir do médio-alemão ocidental (*Westmitteldeutsch*) e ser o grupo pioneiro, serviu de referência aos demais, especialmente ao Po (proveniente do baixo-alemão), ou seja, mais dialetal, seguido de Bo, com a diferença de que esse grupo veio, provavelmente, com uma diglossia prévia (uma base dialetal e uma variante mais próxima do *standard*). Assim, os Bo priorizaram uma variedade *standard* particular, em detrimento da variedade dialetal de base saxã e bávara usada na região da Boêmia, no centro-leste da área de língua alemã, na Europa, de onde emigraram para o Brasil. Em contrapartida, os descendentes de Hrs assimilaram características [+ *standard*] dos descendentes Bo e, por outro lado, os descendentes Po substituíram sua variedade dialetal em prol da variedade Hrs, que se encontrava no eixo mais próximo do *standard* no momento de sua imigração (1858). Em suma, podemos concluir que, atualmente, existe uma língua comum de interação, entre esses três grupos, que se situa no “meio do contínuo linguístico” *standard-substandard* do alemão e que também inclui características do português local.

**Palavras-chave:** Imigração alemã. Contato linguístico. Boêmios, hunsriqueanos e pomeranos. Variação e mudança linguística. Contínuo *standard-substandard*.

## ABSTRACT

This thesis focuses on the German variation spoken by descendants of Bohemian (Bo), *Hunsrückisch* (Hrs) and Pomeranian (Po) immigrants, who have been living in the city of Nova Petrópolis and are in close contact with each other. Its main objective is to describe the degree of proximity and approximation to the standard norm (*Standardnähe*) and consequent dialectality (*Dialektalität*) in the German standard-substandard continuum of these speech groups, each situated in a particular nuclear territoriality (Hrs in Pinhal Alto, since 1829; Po in Linha Temerária since 1858; and, finally, Bo in Linha Imperial, since 1867). The study assumes that, in the intervarectal contact, these groups opted for some type of compromise, of mutual understanding, as a common language of interaction that Altenhofen (2019, p. 3) calls *Mittelfeldsprache* (middle language). It is intended, therefore, to describe the degree of linguistic leveling (*Sprachausgleich*) in the standard-substandard continuum of German, as well as to identify maintenance/replacement processes of particular brands of each group, based on the linguistic repertoire supposedly brought from the source matrix. Therefore, the following research questions are used as basis for the analysis: 1) Did the descendants of immigrants maintain their own speech pattern? And if so, is it possible to identify specific brands and differences? 2) Which extralinguistic factors are more decisive in terms of defining these groups' language of interaction (approximation to standard) and/or maintaining more dialectal marks (degree of dialectality)? 3) How does each speaking group perceive the "other's" German and, finally, what does this perception imply regarding what these groups understand as more or less standard? In that sense, there are a number of variables to consider in the relationship between the three speech groups discussed, which share a common linguistic space, despite the historical territorialities where they settled. To analyze the variation and linguistic change in the speech of the different groups, speech data were collected for a set of ten phonetic-phonological variables, which were correlated with extralinguistic parameters in different dimensions, as provided by the model of pluridimensional and contact dialectology (THUN, 1998). Due to the Covid-19 pandemic, which imposed severe restrictions regarding social isolation, it was not possible to expand the corpus to the level of an *in loco* research. Thus, we tried to adapt the analysis model, emphasizing the differences among the three immigration groups analyzed, though without losing sight of the other dimensions, especially the diagenational, diastratic, diareferential and dialingual dimensions. The results indicate a partial approximation of the three groups' speech to the standard, in order: Bo, first, followed by Hrs and Po. It was also observed that the Hrs group, already coming from the Middle-West German (*Westmitteldeutsch*) and being the pioneer group, served as reference to the others, especially to Po (from Low German), followed by Bo, with the difference that the latter probably came with a pre-established diglossia. Thus, the Bohemians prioritized a particular standard variety, to the detriment of the Saxon and Bavarian-based dialectal variety used in the Bohemian region, in the central-east of the German-speaking area, in Europe, from where they emigrated to Brazil. On the one hand, the descendants of Hrs assimilated [+ standard] features from the descendants of Bo, and, on the other hand, the descendants of Po replaced its dialectal variety in favor of the Hrs variety, which was closest in the axis to the standard at the time of their immigration (1858). In short, we can conclude that, currently, there is a common language of interaction between these three groups which is composed of a standard-substandard continuum of German and which also includes characteristics of local Portuguese.

**Keywords:** German immigration. Linguistic contact. Bohemians, Hunsrückisch and Pomeranians. Variation and linguistic change. Standard-substandard continuum.



## ZUSAMMENFASSUNG

Diese Arbeit befasst sich mit den deutschen Sprachvarietäten, die von Nachkommen böhmischer (Bo), hunsrückischer (Hrs) und pommerscher (Po) Einwanderer gesprochen werden, die miteinander in der Stadt Nova Petrópolis - RS, Brasilien, in Kontakt stehen. Ziel ist es, den Grad der Nähe und Annäherung an die Standardnorm und die daraus resultierende Dialektalität im deutschen Standard-Substandard-Kontinuum dieser Sprachgruppen zu beschreiben, die jeweils in einer bestimmten Kernterritorialität angesiedelt sind (Hrs in Pinhal Alto, seit 1829; Po in Linha Temerária seit 1858; und schließlich Bo in Linha Imperial, seit 1867). Die Studie geht davon aus, dass sich diese Gruppen im intervarietalen Kontakt für eine gemeinsame Interaktionssprache als eine Art Kompromiss zum gegenseitigen Verständnis entschieden haben, welche Altenhofen (2019, S. 3) als Mittelfeldsprache bezeichnet. Es wird daher beabsichtigt, den Grad des Sprachausgleichs im Standard-Substandard-Kontinuum des Deutschen zu beschreiben sowie Erhaltungs-/Ersetzungsprozesse bestimmter Merkmale jeder Gruppe auf der Grundlage des sprachlichen Repertoires, das angeblich aus der Ausgangsmatrix stammte, zu identifizieren. Demnach werden die folgenden Forschungsfragen als Grundlage für die Analyse verwendet: 1) Haben die Nachkommen der Einwanderer ihr eigenes Sprachmuster beibehalten? Und wenn ja, lassen sich spezifische Merkmale und Unterschiede erkennen? 2) Welche außersprachlichen Faktoren sind ausschlaggebend für die Definition der Interaktionssprache dieser Gruppen (Standardannäherung) und/oder die Beibehaltung von mehr dialektalen Merkmalen (Dialektalitätsgrad)? 3) Wie nimmt jede Sprachgruppe das Deutsch des „anderen“ wahr und was bedeutet diese Wahrnehmung für das, was diese Gruppen als mehr oder weniger Standard verstehen? In diesem Sinne gibt es eine Reihe von Variablen, die in der Beziehung zwischen den drei behandelten Sprachgruppen zu berücksichtigen sind, die trotz der historischen Territorialitäten, in denen sie sich niedergelassen haben, einen gemeinsamen Sprachraum teilen. Um die Variation und den Sprachwandel in der Sprache der verschiedenen Gruppen zu analysieren, wurden Sprachdaten für eine Reihe von zehn phonetisch-phonologischen Variablen gesammelt, die mit außersprachlichen Parametern in verschiedenen Dimensionen korreliert wurden, so wie es das Modell der pluridimensionalen Kontaktdialektologie (THUN, 1998) vorsieht. Aufgrund der Covid-19-Pandemie, die starke Einschränkungen hinsichtlich der sozialen Isolation mit sich brachte, war es nicht möglich, den Korpus mittels einer *in-loco*-Forschung zu erweitern. Deswegen haben wir versucht, das Analysemodell dementsprechend anzupassen und die Unterschiede zwischen den drei untersuchten Einwanderungsgruppen zu betonen, ohne dabei die anderen Dimensionen aus den Augen zu verlieren, insbesondere die diagenetische, die diastratische, die diareferentielle und die dialinguale Dimension. Die Ergebnisse zeigen eine teilweise Annäherung der Sprache der drei Gruppen an die Norm, und zwar in dieser Reihenfolge: zuerst Bo, gefolgt von Hrs und Po. Es wurde auch festgestellt, dass die Hrs-Gruppe, die bereits aus dem Mittelhochdeutschen stammt und die Pioniergruppe war, als Referenz für die anderen diente, insbesondere für Po (aus dem Niederdeutschen), gefolgt von Bo – mit dem Unterschied, dass letztere wahrscheinlich eine bereits etablierte Diglossie aufwies. Die Böhmen bevorzugten eine bestimmte Standardvarietät zum Nachteil der sächsischen und bayerischen Dialektvarietät der böhmischen Region – im ostmitteldeutschen europäischen Sprachraum –, die sie verließen, um nach Brasilien auszuwandern. Einerseits assimilierten die Nachkommen von Hrs [+Standard] Merkmale von den Nachkommen von Bo, andererseits ersetzten die Nachkommen von Po ihre dialektale Varietät zugunsten der Hrs-Varietät, die zum Zeitpunkt der Einwanderung (1858) in der Achse standardnäher war. Zusammenfassend lässt sich feststellen, dass es derzeit eine gemeinsame Interaktionssprache zwischen diesen drei Gruppen gibt, die sich aus einem sprachlichen Standard-Substandard-Kontinuum des Deutschen zusammensetzt und ebenfalls Merkmale des lokalen Portugiesischen enthält.

**Schlüsselwörter:** Deutsche Einwanderung. Sprachkontakt. Böhmisches, Hunsrückisches und Pommersches. Variation und Sprachwandel. Standard-Substandard-Kontinuum.

## SUMÁRIO

|   |     |
|---|-----|
| RESUMO.....   | 7   |
| ABSTRACT.....   | 8   |
| ZUSAMMENFASSUNG.....  | 9   |
| <br>  |     |
| 1 INTRODUÇÃO.....   | 15  |
| 2 CONTEXTO SOCIO-HISTÓRICO DA PESQUISA.....   | 23  |
| 2.1 <i>Standard-substandard</i> na matriz de origem.....                                    | 24  |
| 2.1.1 Mosaico de dialetos: a oralidade.....   | 26  |
| 2.1.2 Estandarização: a norma escrita.....  | 29  |
| 2.2 As migrações alemãs no Brasil: do individual ao coletivo.....                           | 32  |
| 2.3 <i>Standard-substandard</i> no Brasil.....  | 35  |
| 2.3.1 O uso da escrita.....   | 37  |
| 2.3.2 A origem dos hunsriqueanos e o uso do <i>substandard</i> .....                        | 41  |
| 2.3.3 A origem dos pomeranos e o uso do <i>substandard</i> .....                            | 45  |
| 2.3.4 A origem dos boêmios e o uso do <i>substandard</i> .....                              | 48  |
| 2.3.5 Resumo: os três grupos dialetais em contato em Nova Petrópolis-RS.....                | 52  |
| 3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....  | 55  |
| 3.1 Língua como contínuo variacional <i>standard-substandard</i> .....                      | 55  |
| 3.1.1 Língua e dialeto.....   | 59  |
| 3.1.2 O conceito de “norma” e de “norma-padrão”.....  | 62  |
| 3.1.3 O conceito de “língua-teto”.....  | 64  |
| 3.1.4 <i>Intermediate variety</i> / Variedade intermediária.....                            | 66  |
| 3.1.5 Coiné e coineização.....  | 68  |
| 3.2 Comunidade de Fala.....   | 69  |
| 3.3 Organização do “caos aparente”: princípio da pluridimensionalidade.....                 | 72  |
| 3.3.1 Dimensão diacrônica: mudança em tempo real.....                                       | 74  |
| 3.3.2 Dimensão diageracional: mudança em tempo aparente.....                                | 75  |
| 3.3.3 Dimensão diassexual: papéis sociais de homens e mulheres.....                         | 76  |
| 3.3.4 Dimensão diastrática: papel da escolaridade.....                                      | 78  |
| 3.4 Múltiplas faces do contato linguístico.....   | 80  |
| 3.4.1 Contatos intervaretais e interlinguais.....   | 81  |
| 3.4.2 Repertório linguístico dos falantes.....  | 83  |
| 3.4.3 Uso linguístico variável: <i>variety complexe</i> .....                               | 85  |
| 3.4.4 <i>Code-switching</i> e <i>translanguaging</i> .....                                  | 87  |
| 3.4.5 <i>Language/variety shift</i> : substituição linguística.....                         | 90  |
| 3.5 Saliência linguística e percepção linguística.....                                      | 92  |
| 4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....  | 95  |
| 4.1 <i>Locus</i> da pesquisa: topodinâmica e territorialidades dos grupos imigratórios..... | 96  |
| 4.2 Participantes da pesquisa.....  | 102 |

|   |     |
|---|-----|
| 4.2.1 Procedimentos de busca dos participantes on-line.....             | 102 |
| 4.2.2 Perfil dos sujeitos da pesquisa.....                              | 105 |
| 4.3 Seleção das variáveis linguísticas.....                             | 107 |
| 4.4 Instrumentos para obtenção dos dados.....                           | 108 |
| 4.5 Análise das variáveis linguísticas.....                             | 111 |
| 5 ANÁLISE DOS DADOS.....  | 114 |
| 5.1 Dados sociológicos de caracterização dos falantes.....              | 115 |
| 5.1.1 A percepção da pluralidade linguística local.....                 | 119 |
| 5.1.2 O histórico das línguas e variedades locais em uso.....           | 121 |
| 5.2 Dados linguísticos.....   | 134 |
| 5.2.1 Marcas <i>standard</i> e <i>substandard</i> no vocalismo.....     | 136 |
| 5.2.1.1 Mhd. /a/ > [a:] vs. [ɔ:].                                       | 139 |
| 5.2.1.2 Mhd. /â/ > [a:] vs. [o:].                                       | 143 |
| 5.2.1.3 Mhd. /iu/ > [ɔɪ] vs. [aɪ].                                      | 145 |
| 5.2.1.4 Mhd. /ei/ > [aɪ] vs. [e:].                                      | 147 |
| 5.2.1.5 Mhd. /ie/ > [i:] vs. [e:] diante de /r/.                        | 150 |
| 5.2.1.6 Mhd. /ou/ > [aʊ] vs. [ɔ:].                                      | 152 |
| 5.2.2 Marcas <i>standard</i> e <i>substandard</i> no consonantismo..... | 156 |
| 5.2.2.1 Wgerm. /pf/ > [f] vs. [p].                                      | 157 |
| 5.2.2.2 Wgerm. /s/ > [s] vs. [ʃ].                                       | 159 |
| 5.2.2.3 Wgerm. /b/ > [b] vs. [v] em posição intervocálica.....          | 161 |
| 5.2.2.4 Wgerm. /g/ > [x] vs. [ ].                                       | 163 |
| 5.2.3 Marcas <i>standard-substandard</i> por grupo de fala.....         | 165 |
| 5.2.3.1 O <i>standard-substandard</i> no alemão boêmio.....             | 166 |
| 5.2.3.2 O <i>standard-substandard</i> no alemão hunsriqueano.....       | 171 |
| 5.2.3.3 O <i>standard-substandard</i> no alemão pomerano.....           | 178 |
| 5.2.4 Síntese das marcas [+ <i>standard</i> ] no Bo, Hrs e Po.....      | 184 |
| 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....   | 186 |
| REFERÊNCIAS.....  | 192 |
| ANEXO: QUESTIONÁRIO SOCIOLÓGICO.....                                    | 198 |

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ALMA-H – Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata:

Hunsrückisch

Bo – descendentes de imigrantes boêmios

Ca – classe socioculturalmente alta

Cb – classe socioculturalmente baixa

cf. – conforme

E – entrevistador(a)

f – feminino

GI – geração mais jovem, de 18 a 49 anos de idade

GII – geração mais velha, acima de 50 anos de idade

Hdt – Hochdeutsch

Hrs – descendentes de imigrantes do Hunsrückisch

I – informante / participante da pesquisa

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

m – masculino

Mhd. – Mittelhochdeutsch

Po – descendentes de imigrantes pomeranos

Wgerm. – Westgermanisch

## LISTA DE SÍMBOLOS

[ ] transcrição fonética

// transcrição fonológica

‘ ’ significado de uma palavra ou expressão

∅ sem resposta

## 1 INTRODUÇÃO

A presente tese tem como **tema central** o contato intervareietal nos repertórios linguísticos de descendentes de imigrantes alemães provenientes de regiões diferentes da matriz de origem, na Europa, a partir do século XIX. Ao colonizarem as terras no Rio Grande do Sul (RS), mais especificamente em Nova Petrópolis, região serrana situada a 90 km da capital Porto Alegre, iniciou-se o processo de “formação” de uma língua local comum. Tem-se, nesse contexto, o contato linguístico entre três grandes grupos de descendentes de imigrantes alemães: os hunsriqueanos (Hrs),<sup>1</sup> que colonizaram Pinhal Alto a partir de 1829; os pomeranos (Po),<sup>2</sup> que foram assentados em Linha Temerária a partir de 1858; e, por fim, os boêmios (Bo),<sup>3</sup> que se instalaram a partir de 1867, em Linha Imperial. Cada grupo foi assentado, portanto, em uma arealidade própria e em um período distinto de chegada ao novo meio, na ordem Hrs > Po > Bo. Como veremos, esses grupos distinguem-se pela matriz de origem e por seu repertório linguístico – respectivamente do baixo-alemão (*Niederdeutsch*, no caso do Po), médio-alemão do leste (*Ostmitteldeutsch*, no caso do Bo), assim como também do médio-alemão do oeste (*Westmitteldeutsch*, no caso do Hrs).

Trata-se de variedades que, na sua origem, eram usadas em situação topostática, como diria Radtke e Thun ([1996], 1999), isto é, por falantes fixos a uma localidade e seu entorno, e que, ao chegarem ao Brasil, precisaram reorganizar-se e redefinir o espaço de uso de suas variedades, em meio à topodinâmica das migrações e dos contatos com outras variedades linguísticas. Trata-se, portanto, de repertórios linguísticos envolvendo dialetos com baixo grau de intercompreensão entre si, muitas vezes bastante diversos, sobretudo no caso do baixo-alemão. A busca por uma variedade comum, para a interação mútua, tornou-se, nesse sentido, fundamental na organização das comunidades no novo mundo e teve na norma *standard*, por hora identificada como *Hochdeutsch* e associada à língua escrita e aos modelos de fala dos falantes mais cultos (agentes normativos), a candidata natural para assumir essa função. Verificar como se oralizou essa norma (SCHMIDT, 2005) ou como os repertórios linguísticos dos diferentes grupos de imigrantes se acomodaram entre si (*Sprachausgleich*

---

<sup>1</sup> Com o termo “hunsriqueano” queremos nos referir à forma aportuguesada do termo original *Hunsrückisch*, que remete à matriz de origem da grande maioria desses imigrantes vindos do *Hunsrück*, Alemanha (ALTENHOFEN, MORELLO *et al.*, 2018).

<sup>2</sup> Os “pomeranos” são assim denominados também em função de sua matriz de origem, a Pomerânia.

<sup>3</sup> Por “boêmio” entende-se um grupo de descendentes de imigrantes alemães que emigraram por volta de 1870 da região norte da Boêmia (atual República Tcheca) para o Rio Grande do Sul (HABEL, 2017).

‘nivelamento linguístico’), seja na direção de marcas linguísticas do *standard* (*Standardnähe* ‘grau de proximidade do *standard*’), seja na manutenção de marcas dialetais (*Dialektalitätsgrad* ‘grau de dialetalidade’), são a questão fundamental que motivou a elaboração deste estudo.

Assim, o **objetivo central** da presente tese é descrever o grau de proximidade e de aproximação das variedades em contato à norma *standard* (*Standardnähe*) – ou seja, do uso de marcas linguísticas consideradas pelos falantes como mais próximas do *standard* (por exemplo, *Baam* ou *Baum* ‘árvore’, ou mesmo de formas como *Ferd* ‘cavalo’ em vez de *Pferd*), ou conseqüentemente mais distantes, no que se refere a seu grau de dialetalidade (*Dialektalität*) no contínuo *standard-substandard* do alemão desses grupos (tomando os mesmos exemplos, no caso *Boom* ‘árvore’ e *Gaul* ‘cavalo’). Logo, entende-se por “proximidade do *standard*” a configuração linguística de uma variedade em relação às marcas que compartilha com a norma *standard*; por “aproximação do *standard*” entende-se a tendência de uso e mudança do alemão, no processo de mudança na direção do *standard*.

A noção de “*standard*”, por outro lado, implica aqui, conforme Bellmann (1983, p. 115), a norma oral do alemão (*Standardsprechsprache*) que se aproxima das marcas da língua escrita formal. *Substandard*, por outro lado, engloba tudo que se realiza linguisticamente abaixo do *standard*, incluindo não apenas os dialetos-base (ou *basiletos*), mas também variedades intermediárias, como a linguagem coloquial (*Umgangssprache*). Ao considerar esse contínuo entre variedades mais padronizadas [+ *standard*] e variedades menos padronizadas [+ *substandard*], precisamos categorizar igualmente o “*Hochdeutsch* local”, ou até mesmo o português local, situando-os no eixo mais próximo do *standard*, contrariamente às variedades dialetais de Nova Petrópolis, que se situam sobretudo no eixo do *substandard*. Vale destacar que a localidade pesquisada, Nova Petrópolis, representa, para o propósito da tese, um excelente “laboratório de observação”, no qual é possível verificar como e por que a variedade do Hrs conseguiu se fixar tão amplamente como língua de uso comum, ou seja, como língua de mediação (*Mittelfeldsprache*) entre os diferentes grupos de fala, segundo Altenhofen (2019).

Conforme o exposto acima, este estudo parte da **hipótese** de que, no contato intervareietal, esses grupos optaram por uma variedade de compromisso, de intercompreensão mútua, como língua comum de interação. O objetivo deste estudo pressupõe, assim, em certo sentido, descrever o nivelamento linguístico (*Sprachausgleich*) entre as variedades em contato no

contínuo *standard-substandard* do alemão, bem como também identificar processos de manutenção/substituição de marcas particulares de cada um dos três grupos em contato na comunidade, a partir do repertório linguístico supostamente trazido da matriz de origem.

Com o conceito de *Mittelfeldsprache*, Altenhofen (2019, p. 3) defende que as diferentes variedades do alemão em contato tenderam majoritariamente para marcas mais próximas do que se julgava como [+ standard]. No entanto, essas marcas foram atingidas parcialmente em função das condições de acesso à norma do *Hochdeutsch* local, por se situarem não no topo do contínuo linguístico, como sugere o conceito de “língua-teto” (*Dachsprache*), de Kloss (1978, p. 60), e sim, mais abaixo, em uma posição intermediária, que abarca também marcas do *substandard*, como, por exemplo, a oração relativa com *wo*, ou ainda o dativo possessivo (por exemplo, *dem Vater sein Haus* ‘a casa do pai’). Logo, o contato linguístico levou a um processo de coineização e de desenvolvimento de uma língua comum (ALTENHOFEN, 2014, p. 87).

Para dar conta da interpretação dos fenômenos da variação linguística, recorreremos ao modelo teórico-metodológico da dialetologia pluridimensional e relacional, que amplia a análise variacional para um plano macrolinguístico (THUN, 1998), em que se considera uma descrição completa do espaço social e geográfico (Sociolinguística e Geolinguística). Além disso, a dialetologia pluridimensional também busca compreender as variedades intermediárias, a variação diafásica (ou estilística), a atitude metalinguística dos falantes em comparação com o próprio comportamento linguístico, assim como também, o contato linguístico com outras línguas e variedades (dimensão dialingual-contatual) como importantes dimensões de análise da variação (THUN, 1998, p. 705). Para possibilitar um recorte mais amplo dos usos linguísticos entre Hrs, Po e Bo, nas diferentes gerações (GII: velhos e GI: jovens), selecionou-se os informantes, na medida do possível, conforme a classe sociocultural alta (Ca) ou baixa (Cb), com ou sem acesso ao ensino da língua alemã na escola.

Tendo em vista o objetivo estabelecido, que tem por foco a variação do alemão falado em Nova Petrópolis, colocam-se, no presente estudo, as seguintes **perguntas de pesquisa**:

- 1) Os descendentes de imigrantes mantiveram um padrão de fala próprio? E, se sim, é possível identificar marcas e diferenças específicas? Em outras palavras, como se configuram as variedades linguísticas dos três grupos em termos de sua proximidade do *standard* ou, no sentido oposto, de sua dialetalidade?

2) Quais fatores extralinguísticos mostram-se mais determinantes na definição da língua de interação desses grupos (aproximação do *standard*, de um lado) e/ou manutenção de marcas mais dialetais (grau de dialetalidade, de outro lado)?

3) Como cada grupo de fala percebe o alemão “do outro” e, por fim, o que essa percepção denota sobre o que esses grupos entendem como mais ou menos *standard*?

O Hrs que migrou da matriz de origem certamente já não é o mesmo que encontramos atualmente no Brasil. Na sua composição, conforme Altenhofen (1996), identificam-se duas matrizes de origem: o francônio-renano *Rheinfränkisch* [mais próximo do *standard*] e o francônio-moselano *Moselfränkisch* [+ dialetal]. Isso significa que, internamente ao Hrs, também ocorreu um contato intervareietal significativo. O Hrs pode ser visto, deste modo, como o resultado dos mesmos processos que observaremos no contato com Po e Bo. O que muda é o status do Hrs, que foi associado a uma fala [+ *standard*], ao menos em um determinado período histórico (até 1860), em que o acesso à norma *standard* escrita era bastante limitado. Nesse sentido, o Hrs seria, de acordo com Altenhofen (1996, p. 27), uma “variedade suprarregional de língua alemã” constituída por “um contínuo dialetal” que engloba, na sua origem, as variedades do moselano e do renano, bem como a norma falada local, que os grupos de fala mais dialetais julgavam ser mais aceitável e mais próxima da norma *standard*, parcialmente dominada.

A variedade renana compartilha, nesse cenário, marcas mais próximas do *standard* e, por isso, supõe-se que passou a ser utilizada pelos demais imigrantes, em especial, pelos Bo e Po que estavam em contato. Há, portanto, uma série de variáveis sociais e linguísticas a considerar na relação entre as variedades da língua alemã falada no espaço socio-histórico e geográfico de Nova Petrópolis. Em virtude disso, cabe estabelecer os seguintes **objetivos específicos**:

a) Identificar marcas de dialetalidade e normatividade (ver seção 3.1.2) que caracterizam e distinguem os três grupos de fala analisados (dimensão dialingual-contatual e diatópico-cinética);

b) Identificar as motivações e condicionamentos para a formação da língua comum em uso nas distintas territorialidades do alemão dos Hrs, Po e Bo (condições da mudança linguística no eixo da diacronia);



c) Analisar como se constitui a noção de “norma” entre os diferentes grupos imigrantes em contato na comunidade em estudo (dimensão diarreferencial, incluindo percepções e comentários metalinguísticos dos falantes).

Os estudos sobre a língua alemã falada em Nova Petrópolis são escassos. De modo geral, a maior parte das pesquisas relaciona-se a temas da cultura (SBERSI, 2019), do turismo (SCHOMMER, 2013), da história local e da imigração alemã (SCHMITZ, 1975; DEPPE, 1988; PICOLLO, 1989). O único estudo que faz referência direta ao contato linguístico e à variação linguística do *Hunsrückisch* em Nova Petrópolis parece ser o de Altenhofen (1996). Conseqüentemente, temos um vasto campo de pesquisa para analisar e apresentar à sociedade e à comunidade acadêmica.

Os descendentes de imigrantes alemães, em sua maioria, não possuem mais as informações sobre a origem de seus antepassados. Muito pouco se sabe, por exemplo, sobre o caminho migratório dos Po que se instalaram em Nova Petrópolis. Já sobre os descendentes de Bo, sabemos que migraram da região norte da Boêmia e que faziam parte de uma população majoritariamente formada por imigrantes saxões e silésios (KOLIBOVÁ, 2008, p. 43), ou seja, falantes da variedade do médio-alemão do leste (*Ostmitteledeutsch*). Por fim, os Hrs provêm, como sabemos, da parte Centro-Oeste da Alemanha (PICCOLO, 1989), mais precisamente da área do *Westmitteledeutsch* situada entre os rios Reno e Mosela.

Ao pesquisar o alemão boêmio em Paverama – RS, Habel (2017) apontou, por exemplo, que muitos descendentes ainda se autodenominavam de “austríacos” (*Österreicher*), mas não tinham mais a informação de que os antepassados haviam migrado da região norte da Boêmia, nem lembravam de forma clara como era ou como soava a língua falada pelos antepassados. Esse grupo também optou por uma variedade de fala comum aos pioneiros da região, os hunsriqueanos. Apesar da língua de origem ter se adaptado ao entorno, os registros em lápides continuam com a descrição em *Hochdeutsch*, em especial, com o nome da aldeia ou da localidade de origem e uma referência mais ampla, como *aus Böhmen* (Boêmia) ou *Österreich* (Áustria). Eles se autodenominam dessa forma (austríacos / “*Eesterreicher*” na pronúncia local) devido ao fato de a Boêmia pertencer, nesse período, à área do antigo Império Austríaco (1804-1867: *Kaiserthum Oesterreich*). A denominação de *Eesterreicher* também foi confirmada, por exemplo, entre os grupos migrantes de boêmios e de bucovinos que se fixaram no Kansas, Estados Unidos (LUNTE, 2006, p. 238). Em comparação com a

comunidade de falantes de boêmios em Nova Petrópolis, o termo mais utilizado para fazer referência à origem é *Böhmen*, die *Böhmer* (Boêmia, os boêmios).

Além das diferentes origens dos descendentes de imigrantes em Nova Petrópolis e do complexo variacional (THUN, 2010) derivado dos contatos linguísticos entre diferentes variedades do alemão, é preciso considerar ainda o contato com o português, o qual é ensinado como língua oficial nas creches e escolas e falado em espaços público-administrativos. Uma língua estrangeira, quase sempre o inglês, é acrescentada ao currículo escolar durante o Ensino Fundamental. Há, neste sentido, uma série de variáveis a considerar na relação entre os três grupos de fala abordados, os quais compartilham um espaço linguístico comum, apesar das territorialidades históricas onde se estabeleceram.

Mesmo com os contatos linguísticos, alemão e português local, alguns falantes ainda adquirem inicialmente a língua de imigração alemã (variedade dialetal), a qual também é a principal língua falada no âmbito familiar. Posteriormente, aprende-se a segunda língua, que, geralmente, envolve aquela que é aprendida na escola, o português, a qual é considerada, por muitos falantes, como a mais “correta”, porque possui um sistema de escrita consolidado e é a língua oficial do Brasil. O contexto pesquisado pode, neste particular, jogar luz sobre uma série de perguntas na relação entre o *standard* e o *substandard*, além de motivar mais estudos na área de contatos linguísticos. Para os fins de uma “pedagogia da variação” (FARACO, 2005), ou de uma “pedagogia do plurilinguismo” (BROCH, 2014), esse tipo de descrição pode auxiliar professores e alunos a refletir sobre o que é “diferente” e, deste modo, promover uma abertura para outras culturas e línguas, já que a variedade dialetal também pode ser considerada uma língua,<sup>4</sup> enquanto sistema linguístico autossuficiente, na comunicação entre os falantes (cf. COSERIU, 1982, p. 16).

A variedade linguística dos descendentes de imigrantes boêmios no Brasil, por exemplo, começou a ser pesquisada por Habel (2014; 2016; 2017) e ainda necessita de aprofundamento, em especial, no nível fonético e fonológico (HABEL, 2019). Na sequência, o estudo de doutorado de Prediger (2019) ampliou os levantamentos para outras localidades no RS, mais precisamente Agudo, Venâncio Aires e Imigrante. Esses estudos confirmaram a tendência já apresentada de perda de marcas dialetais da matriz de origem, em favor de uma aproximação mesmo que parcial à norma *standard* do alemão. Nesse sentido, o presente estudo representa um aprofundamento e ampliação para o contato linguístico com outras variedades do alemão em contato.

---

<sup>4</sup> Conforme Coseriu (1982, p. 11), “*Todo ‘dialecto’ es una lengua*”.

A documentação dessas variedades, com dados linguísticos gravados em áudio<sup>5</sup>, transcritos ou cartografados, é de suma importância para o tipo de pesquisa ao qual se associa a presente tese. Isso inclui análises interdisciplinares e comparativas que tenham por foco o registro histórico e cultural da variedade linguística minoritária que já possui poucos falantes ativos, como é o caso dos descendentes de imigrantes Bo e Po no RS. Para ampliar o leque de estudos envolvendo variedades de línguas brasileiras de imigração, o Projeto ALMA-H<sup>6</sup> (Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch) em parceria com professores da Universidade de Erlangen-Nürnberg (FAU) e da Universidade Católica de Eichstätt-Ingolstadt (KU), na Alemanha, iniciou esforços para lançar uma base de dados para um projeto equivalente ao ALMA-B's (Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Boêmios, Bávaros, Bucovinos), focado nas variedades de base dialetal do bávaro e do *Ostmitteldeutsch*. Somam-se a esses esforços as pesquisas prévias, em nível de mestrado e de doutorado, que, evidentemente, preparam o terreno para projetos maiores sobre o conjunto das línguas de imigração alemã ainda faladas no Brasil.

A semelhança linguística entre o alemão falado por Hrs e Bo, somado à curiosidade sobre a língua falada por descendentes de Po na Serra Gaúcha, foram motivações adicionais desta tese. A língua falada por Hrs e Bo já foi registrada e analisada em partes pelo Projeto ALMA-H, no entanto, os Po ainda não tinham nenhum registro em áudio ou vídeo e, em função disso, também não se sabia se os Po ainda se comunicavam com a variedade de fala típica deles. Além disso, cabe mencionar o fato de a pesquisadora falar o *Hunsrückisch* como língua materna e, ao mesmo tempo, também ser descendente de imigrantes boêmios, os quais se instalaram inicialmente em Nova Petrópolis e que, a cada nova geração, foram migrando em direção ao Vale do Taquari (chegando por volta de 1909) com a finalidade de buscar melhores condições de vida. Esse contexto gera inquietações sobre a atual língua falada pelos grupos em estudo.

O mesmo pode-se dizer em relação ao Po, para o qual se levanta uma série de outras perguntas. Em qual variedade se comunicam? A língua alemã falada pelos Po seria tão próxima do Hrs quanto a língua falada pelos Bo? Ou todos eles se comunicam e se entendem, atualmente, por meio de uma língua comum? A presente pesquisa contribui, assim, para

---

<sup>5</sup> Áudios com informantes como, por exemplo, os que aparecem nos registros com boêmios da República Tcheca. Disponível no site <<http://mundart.landesversammlung.cz>>. Acesso em: 30 set. 2019.

<sup>6</sup> Disponível em: <[www.ufrgs.br/projalma/](http://www.ufrgs.br/projalma/)>. Acesso em: 22 jul. 2021.

encontrar respostas e aprofundar o entendimento do comportamento linguístico, quando há o contato entre grupos dialetais que possuem uma língua histórica em comum.

Na estruturação da presente tese, optou-se em apresentar, prioritariamente, a contextualização do tema da pesquisa, o objetivo central, os objetivos específicos e as perguntas de pesquisa no primeiro capítulo. O contexto socio-histórico da pesquisa, em que se busca sintetizar estudos relacionados à matriz de origem, ao momento migratório e às comunidades de fala alemã no RS, será introduzido na sequência, no capítulo 2. O capítulo 3 apresenta os pressupostos teóricos que orientam a pesquisa, pautados especialmente nos estudos de variação e mudança linguística e de contatos de línguas em situação de migração e plurilinguismo. No capítulo 4, expõem-se os procedimentos metodológicos, em especial, os instrumentos para a coleta de dados e seleção dos sujeitos da pesquisa, bem como os procedimentos de análise e definição das variáveis selecionadas. Por fim, os resultados obtidos com a pesquisa serão descritos e discutidos no capítulo 5. Seguindo esse esboço, como é de se esperar, a tese finaliza com as considerações finais do estudo.

## 2 CONTEXTO SOCIO-HISTÓRICO DA PESQUISA

Antes de partir para uma análise do capítulo teórico e linguístico, cabe analisar brevemente a história dos principais grupos de alemães que deixaram a Europa, com suas diferentes variedades linguísticas, para buscar melhores oportunidades no Brasil. Contatos linguísticos, culturais e religiosos entre diferentes grupos, pode-se afirmar, já ocorreram a bordo mesmo dos próprios navios de emigrantes e se intensificaram no Brasil, conforme as áreas de assentamento e as relações de vizinhança, em que cada membro das comunidades dependia, de certo modo, um do outro, para as trocas econômicas e político-administrativas.

Inicialmente, os primeiros colonos alemães que chegaram ao RS, segundo Willems (1944, p. 153), vieram, em grande parte, dos estratos mais baixos da população rural alemã e, no entanto, as levas de camponeses que emigraram nos últimos anos do período migratório (após 1860, com a crescente industrialização) trouxeram, para a referida época, uma quantidade maior de conhecimento tecnológico. Este conhecimento também se estende a um maior acesso ao ensino e à leitura, o que resultou, por exemplo, na criação de associações de canto e leitura, associações culturais de dança, de jogos e de tiro.

O presente capítulo busca, por esse motivo, apresentar, inicialmente, um breve levantamento sobre o comportamento social e linguístico dos migrantes em sua matriz de origem, na Europa. Isso é sumamente importante, para poder reconstruir mais objetivamente a topodinâmica da variedade na sua migração e mudança linguística da matriz de origem à territorialidade e configuração que apresenta hoje, na sincronia considerada por este estudo. Na sequência, apresenta-se o objeto de estudo no que se refere à constituição da língua falada por descendentes de imigrantes alemães, em específico, hunsriqueanos, boêmios e pomeranos no Rio Grande do Sul, Brasil. Para tanto, foram consideradas pesquisas realizadas sobre a língua alemã falada de modo especial no Rio Grande do Sul, a fim de definir com mais clareza o que deve ser levado em consideração, quando se define o que se entende por *standard* e *substandard* da língua alemã, na presente tese.

Por ora, ainda se carece de mais clareza em relação ao comportamento da língua alemã falada nos contextos de contato intervareietal do Hrs, Po e Bo. No entanto, não se pode esquecer que, no ponto de pesquisa selecionado (Nova Petrópolis, RS), também ocorreu o contato linguístico com o português local, o italiano e outras variedades de grupos migrantes menores que podem ter influenciado a formação linguística dos grupos em estudo. Ao

observar de modo especial os contatos intervarietais, com os quais se ocupa esta tese, é preciso analisar a constituição da variedade de fala alemã atual nos grupos em contato.

O registro da história, ao lado dos estudos do contato social entre os diferentes grupos étnicos no RS, são uma contribuição importante para o entendimento da formação linguística atual, que inclui não apenas o alemão falado, como também o português local. Como o foco aqui é sobretudo de natureza germanística, iniciemos traçando um quadro, mesmo que parcial e de certo modo hipotético, da língua alemã na matriz de origem dos grupos de fala em análise.

## 2.1 *Standard-substandard* na matriz de origem

Se considerarmos o conceito de “língua histórica” conforme Coseriu (1980), como “um conjunto de variedades”, vemos que cada variedade desse conjunto se ordena em um contínuo, mais próximo do *standard* ou do *substandard*, ou *não-standard*, entendido como tudo que se situa abaixo da norma *standard* ou que dela desvia. Lenz (2005, p. 229) define o *substandard* de forma generalizada como língua falada. Os dialetos e as línguas coloquiais, por exemplo, pertencem, nesse sentido, ao *substandard*. Consequentemente, ao *standard* associa-se a língua padronizada, com um sistema de escrita definido e aceito pelos falantes para funções mais formais e de prestígio e valor agregado ao longo da história.

No entanto, antes da padronização de uma norma escrita da língua alemã, havia normas de oralização de uso e alcance regional (*landschaftliches Hochdeutsch*, cf. SCHMIDT; HERRGEN, 2011), surgidas por volta de 1700, segundo Schmidt (2017, p. 35). Registram-se tais normas de oralização como variedade escrita, ou seja, aos poucos, passou-se a “falar como se escrevia”. Essas normas foram observadas fortemente no espaço linguístico do médio-alemão (*Mitteldeutsch*), que configurou um espaço determinante para o desenvolvimento de uma nova variedade, com variação intraurbana, e estava relacionada com a formação escolar que estava em processo de ampliação (SCHMIDT, 2017, p. 35).

Essas normas de oralização, conforme Schmidt (2017, p. 36), tinham valor de “*Hochdeutsch*” e se difundiam em um primeiro momento pelas igrejas e mais tarde pelas escolas. Os religiosos (padres e pastores) e também os professores eram vistos como as pessoas mais instruídas da comunidade, logo saberiam se comunicar de forma mais padronizada. Segundo Schmidt (2017, p. 36), a aula de leitura e a pronúncia do coral utilizada

na escola representavam práticas normatizadoras não codificadas. Com o passar dos séculos, a oralização considerada “mais padronizada” foi ganhando novos espaços, como podemos ver no recorte abaixo.

Com relação à norma literal da variedade *standard* do alemão, sempre houve mais de uma norma de oralização com alternância de prestígio e diferentes âmbitos de validade comunicativa. Antes do século XIX a norma de oralização da área de uso da língua, na qual a norma literal surgiu (médio alemão, especialmente do leste), tinha o prestígio mais elevado. A partir do século XIX, a norma de oralização do norte da Alemanha, “próxima à grafia” alcançou reconhecimento especial. (SCHMIDT, 2017 [2005], p. 50-51)

Como se pode ver nesse recorte, havia diferentes variedades de oralização da escrita com mais prestígio até o século XIX. Somente após esse período, ocorreu um reconhecimento maior da variedade do norte da Alemanha, a qual ainda hoje é valorada e percebida como variedade mais *standard*, ou seja, mais próxima da língua alemã escrita.

Na prática, o processo de padronização da língua alemã foi ganhando força com o sistema de ensino do governo Prussiano (*Preußische Schulpflicht*)<sup>7</sup>, o qual foi regulamentado pelo rei prussiano Friedrich Wilhelm I em setembro de 1717. Na escola, as crianças deveriam estudar obrigatoriamente dos 5 aos 14 anos de idade para aprenderem a ler e escrever, além de adquirir conhecimento básico sobre o cristianismo. A educação obrigatória foi aplicada na maioria dos estados alemães até 1850, inclusive na região do *Hunsrück*. Assim, é de se supor que a maioria dos alemães que emigraram para o Brasil, em 1824, muito provavelmente também sabiam ler e já tinham acesso à norma padronizada da época. Ou seja, mesmo que esse domínio da norma escrita fosse parcial ou limitado, havia uma consciência de norma *standard* que aparecia em uma série de situações de uso da língua, na interação com membros de estrato social mais elevado, por exemplo o pastor ou o padre, o professor local, o regente do coral, determinado comerciante ou profissional

Nas próximas duas subseções, veremos inicialmente como era a distribuição dos dialetos alemães, na área geográfica de língua alemã, para, posteriormente, tecer considerações sobre a forma como o uso da norma *standard* foi se “popularizando”.

---

<sup>7</sup> Para mais informações, verificar em: [https://www.preussenchronik.de/episode\\_jsp/key=chronologie\\_002390.html](https://www.preussenchronik.de/episode_jsp/key=chronologie_002390.html). Acesso em: 08 abr. 2020.

### 2.1.1 Mosaico de dialetos: a oralidade

O linguista alemão Georg Wenker (1852-1911) partiu da suposição de que as características dialetais da língua alemã poderiam ser distinguíveis de uma região para outra. A partir disso, elaborou um questionário de 42 frases (as chamadas *Wenker-Sätze*)<sup>8</sup> que foi enviado para mais de 40.000 escolas, com o objetivo de coletar dados linguísticos para identificar as variantes locais do alemão. O professor local era solicitado a traduzir as sentenças pré-formuladas em alemão *standard* para o dialeto local, com base no que ouvia de seus alunos e demais membros da comunidade. Os questionários assim preenchidos constituem, deste modo, um registro da fala local de toda a área de língua alemã, entre 1876 e 1887.

Wenker organizou suas frases de maneira que as características gramaticais e fonéticas, típicas dos dialetos envolvidos, pudessem se destacar na transcrição. Um exemplo é a variação da pronúncia da palavra *Apfel* ‘maçã’, que pode realizar-se com consoante plosiva /p/ ou africada /pf/, dependendo da região. Trata-se de uma marca distintiva significativa de aplicação da 2ª. rotação consonantal (2. *Lautverschiebung*) e que é especialmente marcante entre o baixo e o alto-alemão. Com os dados colhidos por meio de seu questionário, Wenker deu um enorme impulso às pesquisas da área de Dialetologia e Geolinguística, estabelecendo uma base imprescindível para pesquisas que se valem, ainda hoje, dos resultados de seus estudos para fins comparativos entre variedades do alemão. Os resultados obtidos por Wenker, na matriz de origem, também são uma fonte recorrente de consulta para as pesquisas realizadas com as línguas de imigração alemã no Brasil, Paraguai e Argentina, em especial, pelo Projeto ALMA-H.

A figura 1, abaixo, apresenta as áreas dialetais do alemão fixadas a partir da contribuição de Wenker. É um, entre uma série de mapas que delimitam essas áreas, por meio de isoglossas. Para fins de estudo das línguas de imigração no Brasil, os emigrantes saem de um ponto e área específica que representa sua “matriz de origem” linguística, com a qual se faz a correlação de como se fala hoje e como se falava no momento da emigração. Os dados do Atlas Linguístico da Alemanha (DSA, *Deutscher Sprachatlas*) representam uma base de comparação mais próxima desse alemão “original” que os imigrantes trouxeram em sua

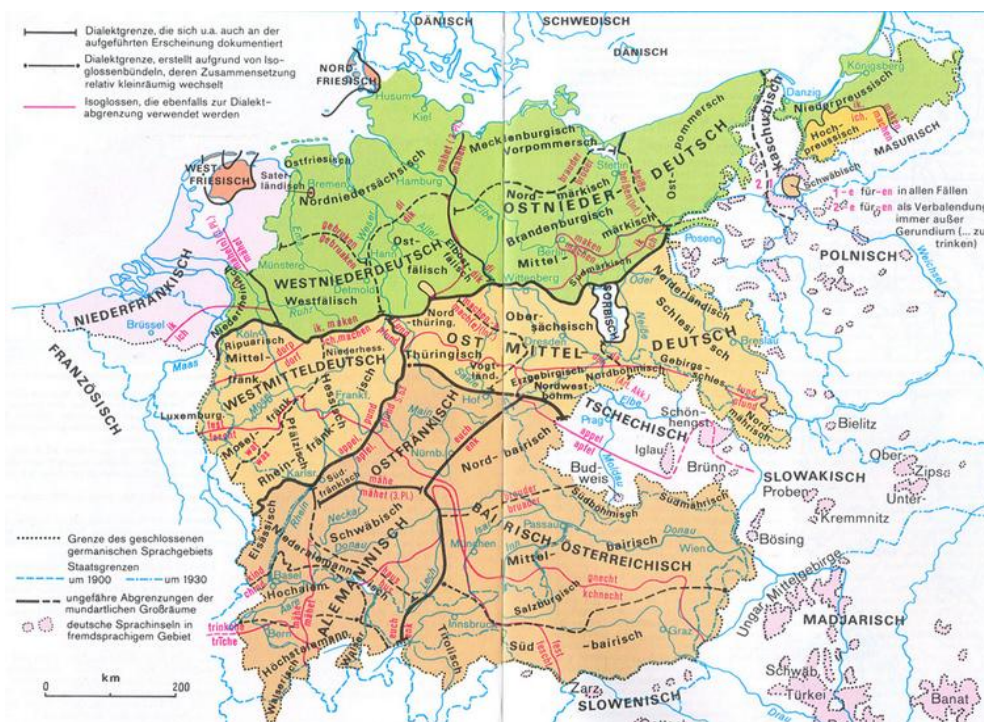
---

<sup>8</sup> Ver mais em <<https://www.uni-marburg.de/de/fb09/dsa/recherche-und-dokumentationszentrum/wenkersaetze>>. Acesso em: 24 jun. 2020.



bagagem. Essa comparação dá, ao mesmo tempo, a dimensão diacrônica da mudança linguística sofrida pela língua alemã no Brasil, ao longo de quase 200 anos.

Figura 1 – Áreas dialetais do alemão na matriz de origem



Fonte: König (2011, p. 230-231)

Historicamente, as três grandes áreas dialetais de delimitação da língua alemã são representadas pelo *Niederdeutsch* (baixo-alemão), o *Mitteldeutsch* (médio-alemão) e o *Oberdeutsch* (alto-alemão) (cf. STEDJE, 2007, p. 245). Contudo, essas três áreas geográficas são subdivididas em áreas dialetais menores, entre as quais se destacam três subáreas com maior relevância para a presente tese (ver fig. 1): 1) a subárea do *Westmitteldeutsch* (médio-alemão ocidental) onde se inserem, em especial, as variedades do *Moselfränkisch* e *Rheinfränkisch* (moselano e renano – *Hunsrückisch*); 2) a subárea do *Ostmitteldeutsch* (médio-alemão do leste) com a variedade do *Nordböhmisches* (variedade alemã dos boêmios do norte da República Tcheca); e 3), por fim, a subárea do *Ostniederdeutsch* (baixo-alemão do leste) com o *Vorpommerisch* e *Ostpommerisch* (variedades de origem do pomerano).

As demais variedades dialetais de cada subárea são menos representativas para a presente pesquisa, embora também possam ter contribuído de alguma forma para a formação linguística do *Hunsrückisch*, *Böhmisch* e *Pommerisch*. Como o objetivo da tese é analisar a

variação linguística dessas três variedades em contato em Nova Petrópolis-RS, no Brasil, torna-se fundamental conhecer a localização originária em sua matriz de origem e, assim, averiguar melhor os possíveis contatos intervaretais e influências linguísticas que possam ter migrado com esses falantes.

Como se pode depreender do mapa apresentado acima, os grupos de interesse para esta tese, provenientes de três subáreas diferentes, variam entre si, apresentando assim marcas linguísticas particulares. Assim, os hunsriqueanos e os boêmios podem apresentar características mais próximas do alemão *standard*, em função de sua proximidade com o *Mitteldeutsch* (médio-alemão), na área mais central. Por outro lado, os pomeranos, ao partirem de uma área do *Niederdeutsch* (baixo-alemão), apresentam um conjunto de variantes que distinguem sua variedade como mais dialetal em comparação com as variedades provenientes de áreas do *Mitteldeutsch*, mais próximas do *Hochdeutsch*.

Como já foi mencionado, na área do *Mitteldeutsch* as normas de oralização iniciais do alemão escrito distinguem-se de uma região a outra (*landschaftliche Oralisierungsnormen*), como defende Schmidt (2017, p. 35). No entanto, a variedade de oralização considerada mais *standard*, com valor de *Hochdeutsch*, se difundiu inicialmente pelas igrejas e, mais tardiamente, pelas escolas (SCHMIDT, 2017, p. 36). Essa transição da oralidade para a escrita e, conseqüentemente, para uma variedade de oralização mais *standard* foi um processo lento e, muito possivelmente, os imigrantes alemães que se instalaram no Brasil ainda tenham vindo com o dialeto como principal norma de oralização.

Atualmente, segundo Schmidt (2017, p. 53), as normas de oralização da Alemanha formam diferentes línguas regionais do alemão, cujos estados de fala mais próximos do *standard* correspondem aos respectivos acentos regionais. Com relação à norma literal da variedade *standard* do alemão, sempre houve mais de uma norma de oralização com alternância de prestígio. Antes do século XIX, a norma de oralização da área do *Mitteldeutsch* (médio-alemão) tinha maior prestígio. A partir do século XIX, a norma de oralização do norte da Alemanha ganhou maior reconhecimento, considerada mais próxima à grafia, como se verá a seguir, na subseção abaixo.

### 2.1.2 Estandarização: a norma escrita

Por volta de 1500, a língua alemã seguia, segundo Stedje (2007, p. 148), cinco grandes modelos de escrita que eram utilizados na literatura e nos escritórios. Diferenças lexicais e gramaticais apareciam nos textos escritos e, assim, identificavam os modelos de escrita por regiões. Stedje (2007, p. 149) apresenta os cinco modelos de grafia do alemão na seguinte ordem:

- Escrita do *Mittelniederdeutsch* (médio baixo-alemão): a língua hanseática, em especial a de *Lübeck*, tornou-se língua de uso comum entre o século XIII e XIV, em todo o norte da região alemã.
- Escrita de *Köln* (Colônia): a cidade de Colônia pertencia à Liga Hanseática e mantinha relações comerciais com a Holanda, o que permitiu o uso da escrita com características ribeirinhas locais até o século XVI.
- Escrita do *Ostmitteldeutsch* (médio-alemão do leste): a partir dos diferentes dialetos locais formou-se uma língua comum, a qual se tornou o modelo de escrita utilizado em *Sachsen* (Saxônia).
- Escrita do *Südost* (sudeste da Alemanha): o sudeste mantinha características da língua mais utilizada na Áustria e na Baviera.
- Escrita do *Südwest* (sudoeste da Alemanha): o sudoeste manteve características alemânicas que eram mais utilizadas em cidades da Suíça.

Com a tradução e a publicação da Bíblia para a língua alemã (1522), Martinho Lutero (1483 – 1546) impulsionou o alemão escrito e ampliou o acesso à leitura e, conseqüentemente, o acesso a uma pré-seleção de regras ortográficas que contribuíram para a formação e estruturação da língua. Conforme Stedje (2007, p. 150) relata abaixo, Lutero “não foi o criador do novo alemão padrão”, mas foi um autor importante para apresentar a tradição de escrita que já existia no *Ostmitteldeutsch*, com o objetivo de ser compreendido pelo maior número possível de leitores.

*Luthers Rolle in der Entwicklungsgeschichte der deutschen Sprache ist nicht zu unterschätzen. Zwar ist er nicht der "Schöpfer des Neuhochdeutschen", wie einst behauptet wurde. Er hat jedoch, ausgehend von der ostmitteldeutschen Schreibtradition, sich bemüht, lebendig und für alle verständlich zu schreiben, und hat durch seine Tätigkeit als Reformator eine*

*Sprache zum Gemeingut und zum Vorbild machen können.* <sup>9</sup> (STEDJE, 2007, p. 150)

Assim, esse modelo de escrita adotado por Lutero foi ganhando espaço, embora “não tenha estabelecido regras linguísticas”, já que o objetivo era facilitar a leitura do texto bíblico por leitores que se comunicavam em diferentes variedades regionais do alemão. Alguns termos do *Mitteldeutsch* e do *Niederdeutsch* foram acrescentados ao modelo de escrita para a tradução da bíblia por Lutero (STEDJE, 2007, p. 153-154). Essa mistura de modelos escritos logo foi entendida pelos leitores provenientes de outras regiões dialetais.

A bagagem linguística dos imigrantes vindos ao Brasil certamente não incluiu apenas os dialetos da matriz de origem, senão no mínimo também um conhecimento ao menos parcial da norma escrita e, conforme a região, também de outras línguas faladas em seu entorno (por exemplo polonês, francês ou russo). O cineasta Edgar Reitz, que produziu e dirigiu os principais filmes sobre imigração na Alemanha, em especial o filme mais recente „*Die andere Heimat*“, afirma que a população da região do *Hunsrück* que sabia ler, também era a que se habilitava a emigrar: „*Wer lesen konnte, wollte weg*“<sup>10</sup>. Essas famílias, em sua maioria agricultores e artesãos, tinham acesso à literatura de viagem e de aventura através dos círculos de leitura<sup>11</sup> que eram formados tanto nas cidades maiores, quanto nos povoados de referência. Segundo Edgar Reitz, a alfabetização e o acesso à leitura foram fundamentais para despertar o desejo de emigrar, como podemos ver na fala abaixo:

*Elend, Missernten, Hunger, Behördenwillkür, das gab es immer. Erst als die Leute lesen konnten, gingen sie weg. In der Pfalz, in der Eifel, im Hunsrück entleerten sich ganze Ortschaften. In nur zwei Jahren wanderten mehr als 800.000 Deutsche aus. Viele gingen nach Brasilien, denn Kaiser Dom Pedro schickte Werbetrupps durch Europa, auf der Suche nach Landwirten und Handwerkern*<sup>12</sup>.

<sup>9</sup> Tradução nossa: O papel de Lutero no desenvolvimento da língua alemã não deve ser subestimado. Ele não é o “criador do novo alemão padrão”, como já foi mencionado. No entanto, com base na tradição de escrita do *Ostmitteldeutsch*, ele tentou escrever de forma viva e compreensível para todos e, através de seu trabalho como reformador, conseguiu transformar uma língua em um bem comum e em um modelo (STEDJE, 2007, p. 150).

<sup>10</sup> PEITZ, Christiane. *Die andere Heimat*. Disponível em: <<https://www.tagesspiegel.de/kultur/die-andere-heimat-regisseur-edgar-reitz-wer-lesen-konnte-wollte-weg/8868846.html>>. Acesso em: 08 abr.2020.

<sup>11</sup> “Es gab Lesekreise, nicht nur in den Städten, sondern auch in den größeren Dörfern“ (Cf. Edgar Reitz).

<sup>12</sup> Tradução nossa: Miséria, más colheitas, fome, autoridades arbitrarias, sempre foi assim. Somente quando as pessoas podiam ler, elas foram embora. No Pfalz, no Eifel, no Hunsrück, cidades inteiras foram esvaziadas. Mais de 800.000 alemães emigraram em apenas dois anos. Muitos foram para o Brasil porque o imperador Dom Pedro enviou equipes de publicidade pela Europa em busca de agricultores e artesãos.

A criação dos jornais no século XIX contribuiu para a difusão das informações sobre terras longínquas e a possibilidade de receber terras para cultivar, como foi o caso da propaganda realizada na Europa, por Georg Anton von Schaeffer (DREHER, 2019, p.46), com o objetivo de atrair agricultores e artesãos ao sul do Brasil. A publicidade sobre as terras não habitadas, no sul do Brasil, atraiu milhares de europeus. Edgar Reitz afirma que cidades inteiras do *Hunsrück*, *Pfalz* e *Eifel* migraram para a América, em especial para o Brasil. Em apenas dois anos, o número de emigrados chegou a 800.000 alemães, entre os quais havia falantes de diferentes dialetos.

Na análise de cartas escritas por jovens do *Hunsrück*, que lutaram na guerra do período napoleônico (1805-1813), Thun e Wilkin (2018, p. 37) concluíram que esses jovens tinham familiaridade com a escrita e a leitura em língua alemã, além do contato com a língua francesa que também foi inserida na escrita através de empréstimos. Antes de serem alistados para o trabalho na guerra, esses jovens eram agricultores ou artesãos com acesso à alfabetização. Os familiares respondiam as cartas, mas os escreventes que tiveram suas cartas analisadas, não atingiam totalmente a norma do *standard* vigente naquela época.

As cartas escritas pelos soldados hunsriqueanos permitem um olhar sobre a língua escrita, ou seja, sobre o dialeto da época em contato com o francês, o qual é enriquecido a partir de 1824 com os novos contatos linguísticos com o português no Brasil. Thun e Wilkin (2018, p. 40) apresentam exemplos de escrita onde os remetentes possivelmente escreviam com base na oralidade, como no caso da fricativação de /g/ em *Kriech* (*Krieg* ‘guerra’) e com traços de uma categoria mais dialetal como no uso de [j] em lugar de [g] em *jegangen* (*gegangen* ‘ido, particípio de *gehen*’). Esses traços de oralidade podem ter se apresentado mais em determinadas cartas devido ao contato familiar, geralmente uma troca de mensagens entre pais e filhos, o que também pode ter propiciado uma maior informalidade.

A interferência do francês na língua alemã ocorria com frequência nas cartas analisadas. Thun e Wilkin (2018, p. 43) só não conseguiram distinguir os galicismos novos dos mais antigos, ou seja, se as interferências do francês já estavam presentes no *Hunsrückisch* antes da ocupação francesa ou não. A principal hipótese é de empréstimo paralelo, pois muitos exemplos utilizados na escrita estão interligados à linguagem militar.

Posteriormente, esses empréstimos sofreram, segundo os autores, uma relexicalização através do contato com o português e o espanhol, como podemos acompanhar no excerto abaixo.

[...] a nova romanização do Hunsrückisch na América foi de certo modo facilitada, graças aos galicismos paralelos que já estavam presentes nessas línguas e também, naturalmente, devido à proximidade entre essas línguas românicas. (THUN; WILKIN, 2018, p. 43)

Conforme a citação acima, os imigrantes alemães que já tinham contato prévio com o francês supostamente também conseguiram adaptar-se de forma mais rápida ao processo de romanização no Brasil, em função das semelhanças entre as línguas românicas. Além disso, os imigrantes alemães recém-chegados já eram intimados ao trabalho militar para proteger o Brasil (THUN; WILKIN, 2018, p. 43), o que intensificou o contato linguístico com o português.

Veremos, na próxima seção, como foi o processo migratório para o Brasil.

## **2.2 As migrações alemãs no Brasil: do individual ao coletivo**

A vinda de alemães rumo ao Brasil iniciou-se por volta de 1500 com as expedições do português Pedro Álvares Cabral e deixaram importantes marcas na história da formação das regiões Sudeste e Nordeste, em específico, na costa litorânea. Conforme Oberacker (1962, p. 2), os alemães que estavam a bordo do navio, que descobriu as terras brasileiras, exerciam as profissões de artilheiros e fuzileiros. O autor cita, por exemplo, o nome de Johann von Huels (ou Hielst), especialista na construção de moinhos movidos à água, como responsável por erguer o primeiro engenho de açúcar do Brasil por volta de 1532.

Por volta de 1548, o alemão Hans Staden, que estava a serviço da Espanha como artilheiro e mercenário, foi capturado por tupinambás no Brasil, após um naufrágio. Ele ficou conhecido mundialmente por ter relatado a sua experiência de nove meses como prisioneiro desses indígenas em um livro, o qual foi traduzido e intitulado no Brasil como “Viagem ao Brasil<sup>13</sup>” ou “As Duas Viagens ao Brasil”.

Em 1595, conforme Oberacker (1962, p. 2), os portugueses trouxeram especialistas em exploração de minérios vindos de Duisburg com a tarefa de encontrar e explorar ouro e diamantes em terras brasileiras. Nessa época, os especialistas alemães passaram por São Paulo, Bahia e Pernambuco. Por outro lado, o século XVI também ficou conhecido pela mão

---

<sup>13</sup> Livro traduzido por Alberto Löfgren em 2006 e publicado pela Editora Martin Claret.

de obra escrava que trabalhava especialmente nas plantações da cana-de-açúcar e, conseqüente, produção de açúcar para abastecer tanto o mercado interno, como o externo.

No século XVII, conforme Oberacker (1962, p. 6), eram os padres missionários ou jesuítas que assumiam papéis fundamentais na sociedade brasileira, como, por exemplo, o Pe. Philipp Betendorf que foi o primeiro professor e missionário alemão permanente em São Luiz e Belém. Já no Rio Grande do Sul, o famoso missionário Anton Sepp fundou, em 1697, a redução de São João Batista e se destacou pelas múltiplas profissões que exercia. Além de médico, ferreiro e serralheiro, ele também era professor de música, onde se destacou ao construir o maior órgão, até então, para a igreja missionária do RS.

No Rio de Janeiro, nos anos de 1660 a 1700, o monge beneditino Richard von Pilar fez história ao pintar importantes obras religiosas no altar do mosteiro de São Bento. Em 1750, engenheiros alemães de Nürenberg ajudaram a definir as fronteiras do Brasil de norte a sul, embora o RS ainda passasse sob constantes incursões a mando da Coroa Espanhola. Além de mapear o território de Rio Branco/Acre, os alemães ainda contribuíram para a proteção de assentamentos indígenas (OBERACKER, 1962, p. 6).

A vinda de profissionais alemães foi facilitada em função da regência da esposa de Dom Pedro, a austríaca Leopoldina von Habsburg. Através do apoio de Dona Leopoldina e do Cônsul Geral, chegaram pesquisadores e artistas durante um longo período ao Brasil (OBERACKER, 1962, p. 7). Com a propaganda do diplomata e major Georg Anton von Schaeffer sobre a possibilidade de ocupar e cultivar terras desabitadas no sul do Brasil, foi formado um exército de colonos alemães em 1823. Esses colonos foram assentados na região sul do Brasil a partir de 1824. Segundo Oberacker (1962, p. 7), o primeiro assentamento foi fundado em São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, em 25 de julho de 1824. Essa publicidade sobre as terras não habitadas foi fundamental para atrair milhares de europeus ao Rio Grande do Sul (DREHER, 2019, p. 46).

A Colônia Alemã de São Leopoldo serviu como uma espécie de modelo econômico experimental que trouxe resultados bastante positivos como a agricultura familiar e de subsistência; era o contrário do sistema latifundiário e escravocrata que estava em vias de ser reduzido no Brasil. Esse modelo econômico, de pequenas propriedades rurais, foi reproduzido em boa parte do território norte do Rio Grande do Sul, em Santa Catarina, no Paraná e no Espírito Santo (DREHER, 2014, p. 304).

Os pequenos municípios do Rio Grande do Sul e dos demais estados mencionados, têm sua origem na forma de organização social denominada como *picada*. Essa designação também pode ser substituída, regionalmente, por *linha*, *lajeado*, *travessa* ou *travessão*. Na literatura, podemos encontrar, além disso, a forma alemanizada *Pikade* e seu correlato em alemão representado pela forma *Schneise*. Abrir uma ‘picada’ constituiu a forma básica de adentrar na floresta subtropical (DREHER, 2014, p. 304).

Para enfrentar as dificuldades iniciais, em especial na locomoção, era fundamental, nesse microcosmo das picadas, possuir animais para auxiliar na lida diária dos imigrantes. Segundo Willems (1944, p. 161), o cavalo de sela, por exemplo, proporcionou um novo meio de locomoção, especialmente adaptado ao tipo de povoamento disperso que prevaleceu desde o início nas áreas rurais habitadas por imigrantes e seus descendentes. Mas ele também era símbolo de prosperidade, de uma posse que no velho mundo era privilégio da classe mais abastada e da nobreza.

Como mencionado acima por Oberacker (1962, p. 07), o primeiro assentamento fundado por imigrantes no RS foi em 1824; no entanto, a migração continuou ao longo de vários anos. Segundo Dreher (2019, p. 114), a história da imigração alemã abrange diferentes períodos no Rio Grande do Sul, em função das diferentes situações econômicas e político-administrativas da Europa. Ocorreu, assim, um acréscimo constante de estrangeiros, alimentado por fluxos migratórios constantes, para ocupar, em especial, as terras desabitadas.

Em Santa Catarina, o primeiro assentamento de imigrantes hunsriqueanos ocorreu em São Pedro de Alcântara, por volta de 1829, portanto no mesmo período em que também houve o assentamento de imigrantes em Rio Negro, no Paraná (ALTENHOFEN; MORELLO *et al.*, 2018). Além disso, por volta de 1846, registra-se a entrada de imigrantes do *Hunsrück* em Domingos Martins, no Espírito Santo.

Conforme os núcleos populacionais das colônias velhas cresciam, os excedentes continuavam a busca por novas terras, formando assim “colônias novas” (*Tochterkolonien*). O início dessa expansão dá-se essencialmente a partir de 1890, quando se inicia a ocupação do norte e noroeste do RS. Após 1910, os descendentes de imigrantes ocuparam partes de Santa Catarina, Paraná e Argentina. E, sobretudo a partir de 1970, as migrações de descendentes alemães do Sul do Brasil também atingiram o Paraguai, bem como a Amazônia, o Norte e o Nordeste do Brasil (ALTENHOFEN; MORELLO *et al.*, 2018).



A próxima seção ocupa-se com os primeiros registros de escrita em alemão, no Brasil. Uma vez que o *standard* está associado a uma norma, ao menos parcialmente fixada, é importante delinear as condições em que se deu a presença e o acesso a registros escritos em alemão, sejam eles impressos (imprensa, jornais, almanaques etc.) ou manuscritos (cartas, atas etc.).

### 2.3 *Standard-substandard* no Brasil

A língua alemã *standard*, isto é, o alemão padrão, esteve presente no Brasil desde o início da imigração através de livros religiosos ou de outras formas escritas e impressas que os imigrantes trouxeram na viagem. Os alemães logo se preocuparam em construir escolas, as quais, segundo Rambo (2003, p. 60), eram responsáveis por “assegurar o mínimo no tocante à instrução”. Com isso, a educação era reduzida ao básico, ou seja, o aluno teria que aprender a ler, escrever, fazer contas (matemática), ter noções de religião, de geografia e de história.

O ensino, mesmo que básico em alemão, foi fundamental para manter uma imprensa jornalística alemã fortalecida no Rio Grande do Sul. Rambo (2003) chega a elencar inúmeros jornais (por exemplo: *Deutsche Zeitung*), periódicos (por exemplo: *Evangelisches Sonntagsblatt*) e almanaques (por exemplo: *Familien-Kalender*) publicados em língua alemã. Esse material contribuiu para que os imigrantes e descendentes tivessem acesso à leitura e, conseqüentemente, ao alemão *standard*.

O *substandard* migrou e foi adaptado ao novo meio, adotando características linguísticas do português local e, dessa forma, permanece em uso entre muitas famílias até os dias de hoje. A oralidade dos falantes de alemão apresenta marcas especiais conforme a região de origem dos imigrantes; no entanto, este não foi um empecilho que impossibilitasse a comunicação entre os diferentes grupos, já que havia um conhecimento mínimo do alemão *standard*.

Atualmente, o alemão falado no Brasil pelos descendentes de imigrantes necessita de mais fomento em prol de sua manutenção. A área cultural que abrange os grupos de danças folclóricas e os corais de canto são parte do contexto histórico dos descendentes de imigrantes. No entanto, esses instrumentos de transmissão cultural não devem esquecer da importância que a língua alemã falada possui para a sustentação dessa estrutura complexa. A

preservação da história e da cultura de uma comunidade de imigrantes, conforme as palavras de Koch (2003), devem anexar-se à manutenção e ao cultivo da língua desse povo.

“A língua, na qual se encontra cristalizada a experiência de gerações, com seus métodos de conhecimento e critérios de julgamento, representa o resultado da história cultural, social e política da respectiva comunidade lingüística; também serve de instrumento de transmissão desta mesma cultura e ordem social. Em consequência disso, o primeiro mecanismo de auto-regulagem e conservação de uma comunidade de imigrantes será a manutenção e o cultivo de sua língua. Só ela pode assegurar-lhe a identidade, alicerçada na memória cultural”. (KOCH, 2003, p. 199)

A valoração do alemão *standard*, em partes, é maior do que a valoração da língua materna, ou seja, da língua alemã falada que herdamos da nossa família. Nessa perspectiva, o conflito entre a variedade *standard* e *substandard* é desnecessário e pode ser revertido com o apoio das escolas através da integração das variedades locais. O que a história do contato linguístico intervareietal do alemão mostra é que houve 1º) uma diglossia inicial em que se escrevia na norma *standard*, mesmo que “parcial e às vezes imaginária” e se falava na variedade dialetal do dia a dia (ALTENHOFEN, 2019). Assim, as inscrições em lápides do cemitério, as cartas manuscritas, as atas das sociedades sempre usaram prioritariamente a norma do alemão *standard*. O mesmo vale para situações formais de uso oral da língua, como, por exemplo, sermões e reuniões institucionais. Na comunicação diária, porém, reinava a variedade local. Com a perda do acesso à escrituralidade em alemão *standard*, sobretudo em meio à política repressiva de nacionalização do Estado Novo, no período da Segunda Guerra Mundial, 2º) o português passou lentamente a ocupar o lugar agora vago, promovendo uma substituição da língua-teto (*Dachsprachenwechsel*, cf. ALTENHOFEN, 2016). Nesse processo de substituição linguística, na função escrita, apesar da perda de proficiência de habilidades de uso escrito e falado do *standard*, a consciência e percepção das marcas *standard* ainda permaneceu, em certa medida, mesmo que parcialmente, como mostram as entrevistas do Projeto ALMA-H.

O que a presente tese busca elucidar é 3º) o processo de nivelamento linguístico (*Sprachausgleich*) entre marcas do *standard* e do *substandard*, o qual ocorreu no pano de fundo do contato intervareietal, ao nível da oralidade, na interação diária em diferentes situações e contextos da comunidade. Conforme já foi colocado, a hipótese é de que, embora na oralidade se pudesse supor um predomínio da variedade dialetal, diferentes fatores podem ter moldado a fala, ao longo do tempo, de uma geração a outra, para se aproximar do *standard*,

atingindo porém apenas o ponto neutro do meio do contínuo variacional, o que Altenhofen (2019) denominou de *Mittelfeldsprache* (língua de mediação). O contexto de Nova Petrópolis, selecionado para aprofundar essa questão, parece corroborar e reforçar essa tese, já que há hunsriqueanos, pomeranos e boêmios – lado a lado, em suas respectivas territorialidades – que utilizam uma variedade comum próxima, mutuamente compreensível (e aceitável), apesar de manter variantes particulares, em virtude de sua origem e tradição linguística diferente.

Nas próximas subseções, veremos brevemente como ocorreu o uso da escrita e da oralidade entre os imigrantes alemães em estudo.

### 2.3.1 O uso da escrita

Ao menos até o período da Campanha da Nacionalização no Brasil (1937-1945), os colonos alemães do RS ainda tinham mais acesso às escolas alemãs e a determinados materiais impressos, tais como, jornais em alemão, revistas e almanaques. As revistas tinham uma periodicidade mensal e os almanaques eram feitos anualmente. Os jornais eram muito mais frequentes, como por exemplo, o *Deutsche Zeitung* (fundado em 1861) e o *Deutsches Volksblatt* (fundado em 1871), que circularam entre as famílias teutas do RS (DREHER, 2019, p. 147). Por um lado, esses materiais impressos eram um importante veículo de divulgação da norma escrita e da manutenção da leitura. Por outro lado, as cartas escritas pelos imigrantes e por seus descendentes, a partir de 1824 no Brasil, revelam aspectos linguísticos da oralidade, inserindo assim, as características do *substandard*, conforme a análise realizada abaixo.

Mesmo que sejam textos do âmbito privado e espontâneo, geralmente não são escritos na mesma variedade utilizada na oralidade, mas sim em *Hochdeutsch*. Mesmo assim, o hunsriqueano é visível em muitas facetas, seja em palavras, expressões fixas, estruturas gramaticais ou interferências fonéticas [...]. (ALTENHOFEN; STEFFEN, 2018, p. 17)

As primeiras cartas escritas pelos imigrantes no Brasil revelam, de modo geral, um domínio maior da escrita e da língua *standard* do que as cartas de períodos posteriores. Com o passar dos anos, o *substandard* e os empréstimos do português foram se apresentando com mais frequência nas cartas.

Altenhofen e Steffen (2018, p. 19) afirmam que a romanização do *Hunsrückisch* segue o que já havia iniciado com “os galicismos exportados junto com os falantes”, como se observa em muitas cartas escritas no Brasil. Um exemplo é o termo *retour* (‘de volta’), muito utilizado entre os falantes, no lugar da forma do alemão *zurück*. Eles também destacam a necessidade de designar elementos desconhecidos para os imigrantes no Brasil como um fator favorecedor da criação de novas palavras (neologismos), inseridas tanto na oralidade como na escrita.

Entre 1890 e 1940, iniciou-se a fase do bilinguismo e a troca de correspondências entre as famílias que residiam no RS. Tanto na forma oral como na escrita, “as línguas se mesclam cada vez mais, levando a formas híbridas entre o alto-alemão, o hunsriqueano e o português”, como afirmam Altenhofen e Steffen (2018, p. 22). Com a proibição das línguas estrangeiras durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e, em especial durante o Estado Novo (1937-1945), registrou-se um número cada vez maior de empréstimos do português e, conseqüentemente, uma diminuição das competências na escrita do alemão *standard*. Após 1940, ampliou-se o uso do português na escrita, apesar da influência e presença de traços da língua alemã, inicialmente inevitáveis. Conforme pode ser visto na figura 2 abaixo, por exemplo em lápides de cemitérios, ainda existem registros em língua alemã.

Figura 2 – Lápides com registros em *Hochdeutsch*



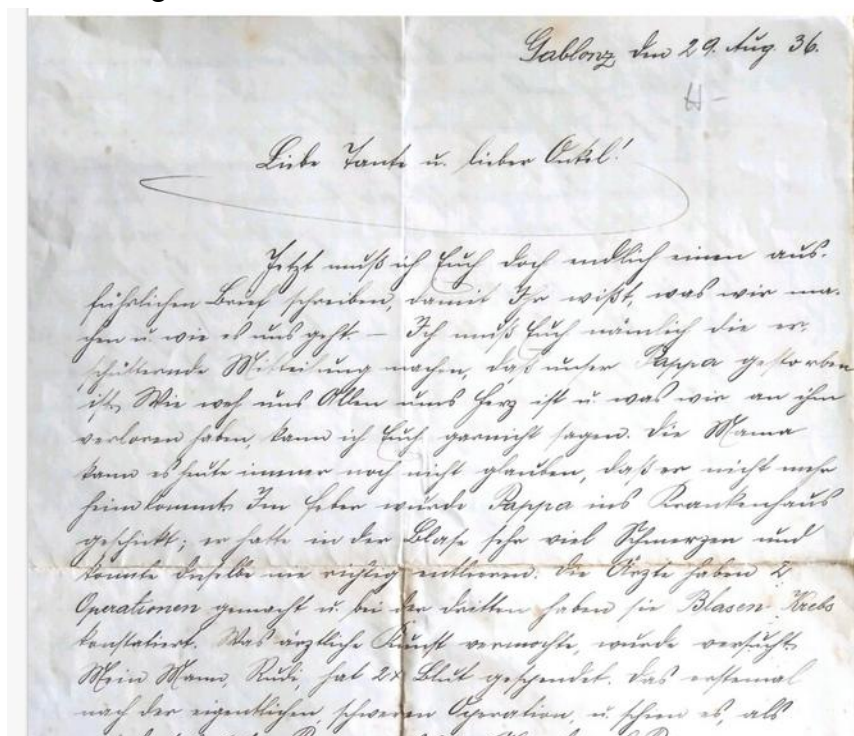
Fonte: acervo da autora (2021)

A primeira lápide foi fotografada no cemitério de Pinhal Alto (Hrs) e homenageia o imigrante Jacob Weber nascido em Merl, na Renânia-palatinado. A segunda lápide é do cemitério de São José do Caí (Po) e homenageia o imigrante Heinrich Zühl, nascido em

Oberhagen, na Pomerânia. Por fim, a terceira lápide foi encontrada no cemitério da Sede (Bo) e registra o imigrante Antônio Feix vindo da Boêmia.

Na sequência, na figura 3 abaixo, apresenta-se uma carta escrita em grafia *Sütterlinschrift*. Essa escrita cursiva alemã foi criada em 1911 pelo professor e designer Ludwig Sütterlin e também foi utilizada pelos descendentes de imigrantes alemães no Brasil para responder as cartas que recebiam da matriz de origem. Como vemos, essa carta foi escrita em 29 de agosto de 1936 em Gablonz, no norte da Boêmia, para familiares em Nova Petrópolis-RS, mais especificamente para a tia e o tio (*Tante und Onkel*).

Figura 3 – Carta escrita no norte da Boêmia em 1936



Fonte: Arquivo Histórico de Nova Petrópolis (2021)

Segundo Willems (1944, p. 158), há evidências de que os próprios colonos desejavam adotar a língua portuguesa para diminuir o isolamento cultural e para se inserir em contextos que trariam mais status. Não tardou muito para que as escolas alemãs do RS também se adaptassem para o ensino do português. Até mesmo os registros em lápides, que antes do período da Nacionalização eram em *Hochdeutsch*, começaram a ser escritos em língua portuguesa.

Embora tenha ocorrido essa substituição do alemão pelo português, alguns materiais impressos em língua alemã continuaram circulando entre seus leitores. Um exemplo de

superação e de longevidade é a revista *Sankt Paulus-Blatt* editada em Nova Petrópolis, que circula a mais de cem anos no Brasil e, inclusive, em alguns países do exterior (Argentina, Paraguai, Suíça, Alemanha e Áustria), continuando ativa até os dias de hoje, mesmo após o período de suspensão das atividades entre as guerras e a Campanha da Nacionalização instituída por Getúlio Vargas.

Os imigrantes italianos e japoneses também escreviam em suas línguas e publicavam esses materiais no Brasil. No entanto, eram os alemães que mais deram importância à imprensa entre os séculos XIX e XX, segundo Dornelles e Schaedler (2016, p. 91-92). Em relação ao período Pós-nacionalização da revista *Sankt Paulus-Blatt*, Dornelles e Schaedler (2016, p. 102) identificaram mais informações em referência à agropecuária e a serviços em geral, o que é um indicativo de que os colonos também liam em alemão, porque havia informações úteis sobre a agricultura, incluindo anúncio de compra e venda de lotes de terra.

A proibição das línguas estrangeiras no Brasil, sem dúvida, contribuiu para a redução do número de leitores que liam em alemão, principalmente por causa do fechamento de escolas teuto-brasileiras. Logo, também se perdia o conhecimento sobre o alemão *standard* e suas regras de escrita. Os registros escritos, encontrados no Arquivo Público de Nova Petrópolis, tais como cartas privadas entre famílias e atas de igreja, eram em *Hochdeutsch* ou em português.

Dornelles e Schaedler (2016, p. 104) afirmam que no período posterior a 1949, a revista *Sankt Paulus-Blatt* começou a publicar cartas em dialeto, uma prática que se estendeu até o fim da análise realizada por elas, em 2012. O espaço fornecido para a escrita em dialeto, muito provavelmente deu-se em decorrência da diminuição das competências de leitura e de escrita dos assinantes dessa revista. Por fim, as autoras finalizam sua análise do período de cem anos de existência da revista (1912-2012) afirmando: “o número de leitores vem caindo e se constitui, majoritariamente, em um público com idade superior a 60 anos, que ainda lê em alemão” (DORNELLES; SCHAEDLER, 2016, p. 106). Muito provavelmente, isso se refere também ao público que ainda fala a língua minoritária no âmbito familiar.

Em suma, podemos constatar que os conhecimentos de escrita do alemão *standard* foram diminuindo entre os descendentes de imigrantes alemães com o passar do tempo e, por fim, passa a ser substituído gradualmente pelo português. Essa substituição da língua-teto (*Dachsprachenwechsel*) colocou o português no lugar da norma *standard* do alemão, que

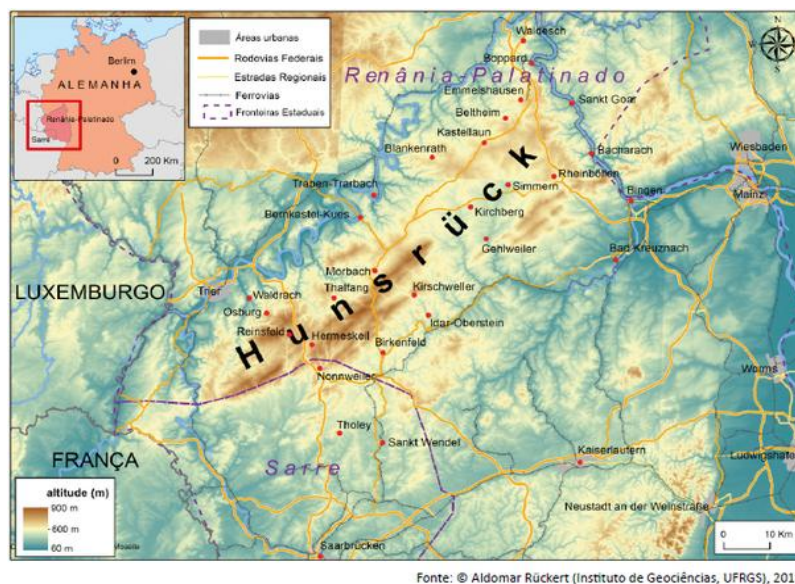
sobreviveu apenas parcialmente, em resquícios isoladas, na memória e em contextos mais restritos (ALTENHOFEN, 2016). O que, porém, ainda se manteve com alguma sobrevivência foi a variedade *substandard* falada do alemão local, que ainda subsiste, em grau variável, nas relações sociais do dia a dia. O próximo passo poderá ser a substituição linguística (*language shift*), da língua alemã como um todo, tanto nas habilidades escritas, quanto nas orais.

Nas próximas subseções, veremos qual *substandard* se pode postular que, em sentido amplo, migrou com os três grupos em estudo.

### 2.3.2 A origem dos hunsriqueanos e o uso do *substandard*

Desde o início da imigração alemã ao RS, em 1824, o grupo mais representativo, que se instalou nas primeiras colônias do RS, foi o dos imigrantes que deixaram a região do *Hunsrück*, na Renânia Central. Essa região localiza-se no centro-leste da Alemanha, nas proximidades da França e de Luxemburgo, conforme mostra a figura 4 a seguir.

Figura 4 – A região do *Hunsrück*



Fonte: Altenhofen e Morello *et al.* (2018, p. 27)

A representatividade demográfica dos hunsriqueanos, somada à origem histórica e geográfica, levou Altenhofen (1996) a denominar a variedade desses falantes de

*Riograndenser Hunsrückisch*. Embora o *Hunsrückisch* tenha em sua origem uma base dialetal do renano e do moselano, como veremos abaixo, não se pode partir do pressuposto de que a língua tenha mantido o mesmo repertório de origem, no Brasil, senão que, após anos de contato linguístico com outras variedades da língua alemã e do português brasileiro, um conjunto de variantes se impuseram, porém de forma variável e com mudanças linguísticas em todos os níveis. Essa variação interna e vinculação a uma matriz de origem fica evidente na definição que Altenhofen dá a essa “língua de imigração”:

*Hunsrückisch ist der Oberbegriff für eine überregionale Varietät des Deutschen in Rio Grande do Sul/Südbrasilien, die ein Dialektkontinuum darstellt, dessen sprachliche Konstitution auf eine rhein-/moselfränkische Basis zurückgeht und eine Vielfalt sprachkontaktbedingter Elemente anderer deutscher Dialekte sowie insbesondere solche des Ptg. einschließt.*<sup>14</sup>  
(ALTENHOFEN, 1996, p. 27)

Com nessa definição do *Hunsrückisch*, é possível acrescentar, a partir dos estudos recentes do ALMA-H, que, ao menos no RS, predominam hoje as marcas linguísticas mais renanas, especialmente no nível fonético-fonológico e, portanto, mais próximas do alemão *standard*. Para exemplificar a variação interna do *Hunsrückisch* de base moselana [+ dialetal] e renana [+ próximo do standard], vejamos o quadro 1 a seguir:

Quadro 1 – Variantes moselanas e renanas no contínuo variacional do *Hunsrückisch*

| Variantes moselanas | Variantes renanas     |
|---------------------|-----------------------|
| <i>dat</i>          | <i>das</i>            |
| <i>wat</i>          | <i>was</i>            |
| <i>Korf</i>         | <i>Korb</i>           |
| <i>bleif</i>        | <i>bleib</i>          |
| <i>us</i>           | <i>uns</i>            |
| <i>wieh</i>         | <i>weh</i>            |
| <i>is</i>           | <i>isch</i>           |
| <i>fest</i>         | <i>fescht</i>         |
| <i>bist</i>         | <i>bischt</i>         |
| <i>host</i>         | <i>hascht, hoscht</i> |

<sup>14</sup> Tradução nossa: É uma variedade suprarregional de língua alemã de imigração no RS constituída por um contínuo dialetal que remete a uma base de origem francônio-renana e francônio-moselana, à qual se incorporaram elementos específicos do contato linguístico com outros dialetos do alemão e também da língua portuguesa (ALTENHOFEN, 1996, p. 27).



|                        |                 |
|------------------------|-----------------|
| <i>dut</i>             | <i>dot, tot</i> |
| <i>gohn, giehn</i>     | <i>gehn</i>     |
| <i>Broder, Brouder</i> | <i>Bruder</i>   |
| <i>bloh</i>            | <i>blau</i>     |

Fonte: adaptado de Altenhofen (1996, p. 21)

Nos dados levantados para o ALMA-H, é comum encontrar dados de famílias utilizando uma mistura de marcas moselanas e renanas no seu famioleto (cf. ALTENHOFEN, 1996), como, por exemplo, no ponto RS08 – Alto Feliz, onde ainda é mais evidente a coocorrência de variantes das duas matrizes de origem, na microárea do médio-alemão ocidental (*Westmitteldeutsch*), onde o grau de proximidade da norma escrita do alemão *standard* é comparativamente maior do que em outras regiões.

De modo geral, entende-se que os dialetos muito distantes geograficamente também seriam aqueles que apresentariam dificuldades de compreensão mútua, por exemplo, entre camponeses do norte e do sul da Alemanha.

Em parte, nenhuma das diferenças entre dialetos vizinhos são profundas a ponto de torná-las mutuamente ininteligíveis às populações que os falam. Mas camponeses do norte e do sul da Alemanha, por exemplo, não se entenderiam se, ao estabelecer contato, usassem apenas de seus dialetos respectivos. (WILLEMS, 1946, p. 274)

A comunicação desses alemães, provenientes de diferentes regiões da Alemanha, teria que ocorrer de alguma forma ao entrarem em contato com outros grupos étnicos na nova pátria. O *Hunsrückisch*, pode-se dizer, funcionou assim como uma língua comum (cf. *Gemeinsprache, Verkehrssprache*) de interação e intercompreensão entre os diferentes grupos dialetais, legitimada por sua maior proximidade com a norma escrita do alemão *standard*. Em outra via, o contato com indígenas, italianos e outros grupos imigrantes também ocorreu por meio de uma língua comum, no caso o português, acrescida dos resquícios culturais e linguísticos próprios das comunidades étnicas muitas vezes híbridas.

Willems (1946, p. 277) aponta três fatores, em comunidades teuto brasileiras, que impulsionaram as mudanças linguísticas entre os imigrantes alemães.

1) O meio físico brasileiro era muito diferente do meio ambiente europeu e impunha mudanças culturais e a aquisição de terminologias locais que preenchessem as lacunas linguísticas; 2) Em geral, as comunidades teutas

eram compostas de imigrantes culturalmente heterogêneos e com variedades linguísticas muito diferentes. O contato entre dialetos e padrões provinciais originou o linguajar atualmente falado, o qual ficou impregnado de traços fonéticos e gramaticais dos padrões absorvidos (ou seja, da língua mais representativa da região). 3) Os imigrantes conviviam com grupos culturalmente diferentes. Assim, essas relações formavam um canal de aquisição de novos elementos oriundos das culturas circunvizinhas.

Para Willems (1946, p. 278), o espaço físico-geográfico impôs duas possibilidades de mudanças linguísticas no repertório dos falantes alemães em terras brasileiras. Em primeiro lugar, teria ocorrido o uso da própria língua para nomear coisas, objetos, seres vivos ou plantas desconhecidas, formando assim, novas palavras. Seleccionamos dois exemplos fornecidos pelo autor para ilustrar a criação ou tradução de vocábulos: para a cidade de Estrela, os alemães dizem *Strehle* (germanização do topônimo do português *Estrela*, embora a denominação para o português *estrela* continue sendo *der Stern*, ou melhor, *Stenn* em *Hunsrückisch*); já no caso do serrote, muito provavelmente, esse objeto foi associado ao rabo de uma raposa, pois ainda hoje se denomina de *Fuchsschwanz*. Segundo Willems (1946, p. 278), o termo *Fuchs* também seria utilizado em determinadas localidades para se referir à foice, o que também poderia ser transferido para o serrote, já que são dois objetos cortantes e de uso muito corriqueiro nas colônias. Nesse caso, trata-se de uma ressemantização. Por outro lado, em comunidades de imigração alemã do Rio Grande do Sul, também circula a variante *standard die Sichel* (em português *a foice*).

Em segundo lugar, há que considerar também o empréstimo de termos em uso pelos grupos étnicos próximos, em especial do português. Willems (1946, p. 281-297) destaca uma lista de palavras novas que ganharam espaço no falar dos imigrantes alemães. Entre elas, estão: *amigo*, *deputado*, *charque*, *primo*, *praça*, *soco*, entre outras.

A história de formação do *Hunsrückisch*, conforme Altenhofen e Morello *et al.* (2018, p. 37), está ligada aos contatos linguísticos, às migrações e à função que essa língua de imigração exerceu como norma de oralização local. Nos termos de Thun (2010), pode-se considerar o *Hunsrückisch* no Brasil um complexo variacional que integra elementos de diferentes origens, em função do contínuo de variantes linguísticas que fazem parte do repertório de seus falantes, atualmente.

A seguir, segue um resumo dos principais aspectos que caracterizam o segundo grupo analisado nesta tese, dos pomeranos, que se instalaram a partir de 1858, em Nova Petrópolis, mais especificamente no entorno de Linha Temerária e Fazenda Pirajá. Vejamos.

### 2.3.3 A origem dos pomeranos e o uso do *substandard*

A antiga Pomerânia estendia-se ao longo do Mar Báltico e se dividia entre a Alemanha e a Polônia, conforme figura 5. Essa extensão territorial pode ter influenciado na formação linguística desse grupo, em especial, pela proximidade com a Polônia. A parte ocidental da Pomerânia é denominada de *Vorpommern* e fica atualmente em território alemão. Já a parte oriental, situada hoje em território polonês, é conhecida como *Hinterpommern*. Ambas tinham características dialetais próprias, conforme vimos em König (2011, p. 231), na seção 2.1.1, relativa ao contexto socio-histórico desta tese.

Figura 5 – A antiga Pomerânia em 1939



Fonte: [https://de.wikipedia.org/wiki/Provinz\\_Pommern#/media/Datei:Pomerania\\_counties\\_1939\\_map.svg](https://de.wikipedia.org/wiki/Provinz_Pommern#/media/Datei:Pomerania_counties_1939_map.svg)

A variedade linguística que os imigrantes pomeranos trouxeram da sua matriz de origem é muito diferente das variedades dos imigrantes do *Hunsrück* e da região da Boêmia, por exemplo, por se tratar de uma variedade do baixo-alemão (*Niederdeutsch*). Vale lembrar que o *Mitteldeutsch* (médio alemão), que abrange o *Mosel-* e o *Rheinfränkisch* (*Hunsrück*), estende-se até o norte da Boêmia e a Silésia. Até o século XIV, o *Mittelhochdeutsch* serviu como língua da literatura (STEDJE, 2007, p. 105). Por essa razão, por situar-se fora desse eixo, a variedade linguística do pomerano (*Niederdeutsch*) se diferencia fortemente do *Hunsrückisch* e do alemão boêmio (ALTENHOFEN, 1996, p. 27).

Por volta de 1858, uma primeira leva de imigrantes pomeranos, conforme observa Mackedanz (2016, p. 26), colonizou a Serra dos Tapes, no RS. Mackedanz acentua como o pomerano influenciava a constituição da identidade de alunos do ensino fundamental na comunidade Santa Augusta, onde muitas crianças ainda são bilíngues em pomerano e português. Apesar do alto grau de bilinguismo dessa comunidade, “o pomerano não é visto como uma possível língua detentora de prestígio fora da comunidade”, conclui Mackedanz (2016, p. 30).

Em outro estudo sociolinguístico, Souza (2017) buscou descrever a dinâmica de manutenção e substituição da língua pomerana em Canguçu/RS e em Santa Maria do Jetibá, no Espírito Santo. Com a análise e a comparação dos dados coletados, a autora chegou à conclusão de que os falantes mais velhos, menos escolarizados e moradores do meio rural, representam o grupo que mantém com mais vitalidade o pomerano. O mesmo foi observado em relação aos jovens que permanecem no âmbito familiar, em convívio com o trabalho no meio rural. Sobre o comportamento linguístico dos jovens, nas duas comunidades em estudo, Souza (2017, p. 102) afirma:

A maioria dos descendentes dos informantes entrevistados já não adquiriu a proficiência na língua materna dos pais, alguns até tem um nível de bilinguismo, compreendem a língua pomerana, mas sem fluência no uso ativo. (SOUZA, 2017, p. 102)

Três fatores foram determinantes para a não transmissão da língua pomerana, segundo Souza (2017, p. 83). As entrevistas realizadas no RS e no ES, mostram, antes de tudo, que famílias oriundas de casamentos mistos tendem à escolha da língua portuguesa para se comunicar com os filhos. Além disso, como segundo fator, a escola configura-se essencialmente como um espaço monolíngue, apesar do bilinguismo presente em seu entorno. Com a vivência escolar, também surge a vergonha pela língua falada em casa e também o preconceito linguístico. Esse ambiente escolar que não consegue integrar os monolíngues e bilíngues acaba excluindo ou diminuindo os grupos minoritários. Por fim, o terceiro fator da não transmissão da língua pomerana é a inserção da mulher no mercado de trabalho. Esse contexto transfere a criança aos cuidados de uma creche ou de uma cuidadora, o que também contribui para a aquisição do português em detrimento do pomerano.

Outro fator que se observa nos dias de hoje entre crianças e jovens de forma generalizada é o uso precoce das redes sociais e do *smartphone*. Esse comportamento dos

jovens introduz gradativamente, cada vez mais cedo, a língua portuguesa no ambiente familiar e no convívio entre amigos. Muitos familiares justificam o uso precoce do celular com o objetivo de obter maior segurança ou comunicabilidade entre a família e a criança. No entanto, isso contribui para que a interação se realize essencialmente em português, principalmente via mensagens de texto.

Um estudo linguístico mais aprofundado sobre a língua falada pelos pomeranos do Espírito Santo foi realizado por Schaeffer e Meireles (2014). Os autores descreveram o sistema fonológico da língua de imigração pomerana. A partir daí, elaboraram tabelas utilizando exemplos do uso das vogais e das consoantes para visualizar processos fonológicos. Vejamos os exemplos abaixo.

Quadro 2 – Vogais do pomerano no Espírito Santo

| Símbolo | Classificação do segmento                       | Exemplo                | Tradução       |
|---------|---|------------------------|----------------|
| [a]     | Vogal baixa central não arredondada breve       | [axt]                  | Oito           |
| [a:]    | Vogal baixa central não arredondada longa       | [ˈhɑ:k]                | Rastelo        |
| [ɐ]     | Vogal baixa central não arredondada breve final | [ˈkafɐ]                | Café           |
| [œ]     | Vogal média-baixa anterior arredondada breve    | [ˈhœt]                 | Inferno        |
| [œ:]    | Vogal média-baixa anterior arredondada longa    | [ˈk <sup>h</sup> œ:nz] | Abóbora        |
| [ɛ]     | Vogal média-baixa anterior não arredonda breve  | [ˈɛte]                 | Comer          |
| [ɛ:]    | Vogal média-baixa anterior não arredonda longa  | [ve:]                  | Quem           |
| [ɔ]     | Vogal média-baixa posterior arredondada breve   | [ˈblɔx]                | Azul           |
| [ɔ:]    | Vogal média-baixa posterior arredondada longa   | [dɔ:]                  | Ali            |
| [ø]     | Vogal média-alta anterior arredondada breve     | [ˈøt]                  | Óleo           |
| [ø:]    | Vogal média-alta anterior arredondada longa     | [ˈvø:m]                | Verme, larva   |
| [e]     | Vogal média-alta anterior não arredondada breve | [eiç]                  | Ovo            |
| [e:]    | Vogal média-alta anterior não arredondada longa | [ˈpet]                 | Égua           |
| [o]     | Vogal média-alta posterior arredondada breve    | [ˈoʊst]                | Nosso          |
| [o:]    | Vogal média-alta posterior arredondada longa    | [ˈoʊt]                 | Coruja         |
| [y]     | Vogal alta anterior arredondada breve           | [ˈymfɔte]              | Abracar        |
| [y:]    | Vogal alta anterior arredondada longa           | [ˈdy:stɛ]              | Escuro         |
| [i]     | Vogal alta anterior não arredondada breve       | [ik]                   | Eu             |
| [i]     | Vogal alta anterior não arredondada breve final | [ei]                   | Solo           |
| [i:]    | Vogal alta anterior não arredondada longa       | [ˈbite]                | Morder         |
| [u]     | Vogal alta posterior arredondada breve          | [ˈuɪt]                 | Umbigo         |
| [u]     | Vogal alta posterior arredondada breve final    | [sukaˈrou]             | Cana de açúcar |
| [u:]    | Vogal alta posterior arredondada longa          | [fu:]                  | Cheio          |

Fonte: Schaeffer e Meireles (2014, p. 51)

Os exemplos do quadro 2 apontam que o pomerano do Espírito Santo ainda utiliza o arredondamento de vogais, como em [ˈdy:stɛ] ‘escuro’, com a vogal alta anterior arredondada longa [y:], o que não ocorre entre os hunsriqueanos no sul do Brasil, os quais pronunciam essa

forma como *duster*. A variante *düster* utilizada pelos pomeranos, nesse caso, se aproxima bastante do *Hochdeutsch*, em função do arredondamento da vogal. Outras variantes – [axt] ‘oito’, [kafɛ] ‘café’, [blɔx] ‘azul’, [dɔ:] ‘ali’ e [øʔ] ‘óleo’ – sugerem, por outro lado, uma relativa intercompreensão entre Hrs e Po. Para as demais variantes do pomerano presentes no Espírito Santo, e que diferem do *Hunsrückisch* – como [ymfɔtɐ] ‘abraçar’, [k<sup>h</sup>œ:nz] ‘abóbora’ etc., resta averiguar se elas também continuam ativas entre os pomeranos do RS, em especial na fala dos pomeranos de Nova Petrópolis.

Assim, como já foi comprovado nos dados de Souza (2017), em Canguçu - RS, a diminuição do bilinguismo entre os pomeranos no Espírito Santo segue a mesma tendência de avanço do uso do português entre os jovens. Segundo Schaeffer e Meireles (2014, p. 47), “muitos pais alegam falar mais em português com os filhos para que não sofram preconceitos e humilhações”.

Essa breve apresentação de marcas de dialetalidade do pomerano são fundamentais como pré-conhecimento da variedade pomerana falada no Brasil. Esses estudos prévios, contribuem consideravelmente para identificar as marcas que tendem mais para a dialetalidade ou a normatividade do alemão falado em Nova Petrópolis.

Veremos, por fim, como se deu a adaptação linguística dos imigrantes e descendentes do terceiro grupo analisado, da matriz de origem do médio-alemão, os boêmios (Bo), que se instalaram em Nova Petrópolis, a partir de 1867, mais precisamente na área em torno da Linha Imperial e Linha Brasil.

#### **2.3.4 A origem dos boêmios e o uso do *substandard***

Os “imigrantes boêmios” possuem um percurso migratório que inicia na Baviera e Saxônia para a região da Boêmia, atual República Tcheca, entre os séculos XII e XVII (BAUER, 1907), de onde se estende, na segunda metade do século XIX, especificamente em 1867, para o Sul do Brasil, época em que a região ainda pertencia ao antigo Império Austríaco (1804-1867). No mapa da figura 6, é possível identificar as regiões da Boêmia e da Morávia. A maioria dos imigrantes que emigraram para Nova Petrópolis saiu do norte da Boêmia, em especial da cidade de *Reichenberg* e arredores. A Alemanha situa-se a oeste dessa área, a Áustria ao sul, a Polônia ao nordeste e a Eslováquia a sudeste.

Figura 6 – Localização das regiões da Boêmia (*Böhmen*) e da Morávia (*Mähren*)



Fonte: <[https://de.wikipedia.org/wiki/Datei:Gemeinden\\_Tschechien\\_2020.png](https://de.wikipedia.org/wiki/Datei:Gemeinden_Tschechien_2020.png)><sup>15</sup>

O contexto das migrações na Europa influenciou a formação linguística desse grupo de imigrantes, a partir do século XII, em função do contato linguístico entre bávaros e saxões, na região norte da Boêmia. Posteriormente, o contato linguístico com o português e demais línguas e variedades do alemão, no RS, agregou novas influências, sobretudo do *Hunsrückisch*, presente em Nova Petrópolis já há mais tempo (desde 1829). Em estudo anterior de Habel (2016), buscou-se identificar os elementos característicos do alemão boêmio, considerando a constelação de contatos linguísticos que marcam sua formação.

Alguns verbos e substantivos da fala dos boêmios possuem o uso recorrente de ditongos, como em *hieren* (dt. *Hören* / pt. *ouvir*), *der Waig* (dt. *der Weg* / pt. *caminho* ou *estrada*), *der Toarm* (dt. *Der Turm* / pt. *torre*), entre outros. A ditongação também ocorre em estudos do dialeto dos Sudetos, a oeste da Boêmia. Na fala dos boêmios, os ditongos ‘ie’ (*hieren*) e ‘ou’ (*der Tou*) mantêm, em certo sentido, sua forma original do *Mittelhochdeutsch* (médio alto-alemão). Os verbos também possuem a terminação ‘-en’, assim como no alemão *standard*, diferenciando-se do hunsriqueano. A formação do plural possui a terminação ‘-e’ (*das Brut – die Brute*) ou ‘-(e)n’ (*die Stroasse – die Stroassen* / *das Uhr – die Uhren*) na maioria dos casos. A outra marca do plural é o morfema zero (*das Fanster – die Fanster*), onde a marcação fica explícita pelo artigo *die* (pt. *as/os*). (HABEL, 2016, p. 122)

<sup>15</sup> Disponível em: <[https://de.wikipedia.org/wiki/Datei:Gemeinden\\_Tschechien\\_2020.png](https://de.wikipedia.org/wiki/Datei:Gemeinden_Tschechien_2020.png)>. Acesso em: 20 maio 2020.

As características identificadas nesse estudo foram observadas no Vale do Taquari, em dados de 2012, sobretudo na fala da geração mais velha. Elas não se aplicam necessariamente aos descendentes de boêmios de Nova Petrópolis. Nossa hipótese, porém, é de que, nesse ponto de pesquisa da tese, se sobressaem marcas linguísticas, no âmbito fonético-fonológico, que se aproximam mais fortemente do alemão *standard*.

Na dissertação escrita em 2017, sobre a língua falada de descendentes de imigrantes boêmios e hunsriqueanos (HABEL, 2017), na mesma comunidade de fala do Vale do Taquari, constatou-se uma ampla perda linguística da base dialetal original dos boêmios. As evidências apontaram que isso se deve principalmente ao nivelamento linguístico com as variedades do entorno, o *Hunsrückisch* e o português. Além disso, os casamentos mistos contribuíram para uma perda linguística crescente, pois os imigrantes boêmios casados com hunsriqueanos optaram pela comunicação em *Hunsrückisch* e ensinaram apenas essa variedade para os filhos (HABEL, 2017, p. 120).

Em outro estudo, realizado em Agudo, Venâncio Aires e Colinas/Imigrante, Prediger (2019, p. 252) ainda encontrou formas de relictos na fala da geração mais velha, ou seja, variantes dialetais de base turíngia, saxã, silésia e bávara. Segundo a autora, “o dialeto foi resignificado” e já não é mais encontrado na comunicação cotidiana da família ou de amigos (PREDIGER, 2019, p. 259). No quadro 3, vê-se um recorte da fala com o grupo da geração mais velha (GII) entrevistado por Prediger em Venâncio Aires, RS.



### Quadro 3 – Exemplo de fala do alemão boêmio de Venâncio Aires - RS

|    |    |                                      |
|----|----|--------------------------------------|
| 22 | F: | n MÄDche.                            |
| 23 | M: | ja; MÄDche sahnse; medl.             |
| 24 | F: | unn uff behmisch a Madl.             |
| 25 | M: | a Madl.                              |
| 26 |    | JA; so ja.                           |
| 27 | I: | A Madl?                              |
| 28 | M: | ja; geNAU. (.)                       |
| 29 |    | MIR sahn ma:del; ma:del=             |
| 30 |    | aber DAS:=                           |
| 31 | F: | =NÃO.                                |
| 32 | I: | a meNIIna;                           |
| 33 | M: | a meNIIna ja;                        |
| 34 |    | a Madl; so ja.                       |
| 35 | I: | ta BOM.                              |
| 36 |    | unn habt ihr schon TOCHter gehert?   |
| 37 | M: | DOCH.                                |
| 38 |    | jaja=TOCHter: (-)                    |
| 39 |    | wie SAHNme ibbich die !toch!ter? (.) |
| 40 |    | MEIne tochter;                       |

Fonte: Prediger (2019, p. 214)

Nesse recorte da entrevista, o inquiridor/entrevistador (I) realiza a pergunta sobre a variante do alemão local para os termos *menina* e *filha*. Na fala da informante do sexo feminino (F), percebe-se que surge a resposta *Mädche* (Hdt: *Mädchen*), termo recorrente na fala dos hunsriqueanos, com apócope do -n final. Na sequência, o falante do sexo masculino (M) confirma o uso da variante *Mädche*, mas acrescenta também a variante *Medl*. Essa informação adicional faz lembrar a variante *Madl*, do alemão boêmio, denominado de *Behmisch* pela informante F.

De forma mais geral, percebemos que o falante do sexo masculino utiliza uma variedade do alemão mais próxima do *standard*. Os exemplos que ilustram essa característica são: o verbo *sahn* (verbo: ‘dizer’), *aber* (conjunção adversativa: ‘mas’) e *Tochter* (substantivo: ‘filha’). Por fim, percebemos que as variantes que poderiam ser classificadas como típicas de descendentes de boêmios estão presentes de forma passiva, ou seja, os falantes possuem esse conhecimento guardado na memória, todavia, se utilizam de uma variante comum para a interação diária. Até mesmo a língua portuguesa foi utilizada, inicialmente, pela falante do sexo feminino para fazer uma negação. Logo na sequência, o inquiridor pede a tradução do termo *menina* para o alemão. Nesse registro breve, já se percebe que a língua alemã falada

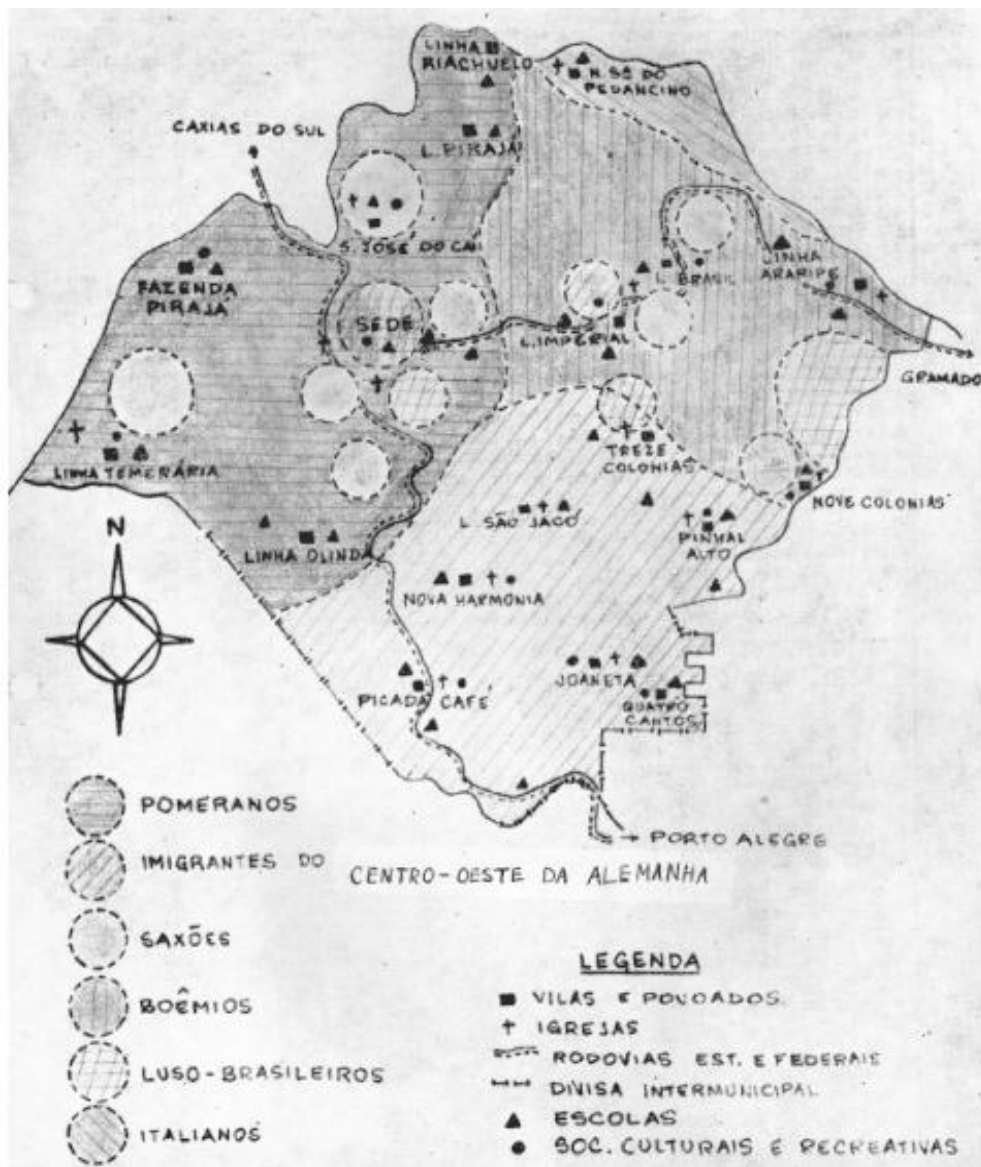
pode flutuar de forma natural entre uma variedade mais *standard* e uma mais *substandard*, ou ainda, ser substituída pelo português local.

A seguir, segue um resumo dos três grupos dialetais com suas territorialidades mais representativas em Nova Petrópolis.

### **2.3.5 Resumo: os três grupos dialetais em contato em Nova Petrópolis-RS**

Para os objetivos desta tese, resta a pergunta sobre o grau de presença da norma *standard* nas três comunidades analisadas, ou seja, se os imigrantes vieram exclusivamente com seu dialeto – o que parece muito improvável, apesar da origem no baixo-alemão – ou se apresentavam um estado de relativa diglossia, com habilidades mesmo que parciais de uso da norma escrita, para situações formais, ao lado da variedade dialetal usada para a comunicação diária. A religião distinta, de um lado os Bo e os Hrs de Nova Petrópolis são essencialmente católicos e, de outro lado, os Po são evangélico-luteranos, o que pode igualmente ter desempenhado um papel relevante nesse sentido, visto que sabidamente os luteranos costumavam usar mais a norma escrita, em função dos textos litúrgicos e da bíblia. O mesmo vale para as territorialidades estabelecidas de cada um dos três grupos, que coloca os Po na área oeste do município, em Linha Temerária e Fazenda Pirajá, como mostra o mapa a seguir, de Schmitz (1975). Segundo relatos realizados por famílias pomeranas e as comparações realizadas em mapas atuais, essa área, próxima ao rio Caí, sofreu alguns remanejamentos em suas posições territoriais. Sendo que, atualmente, a Fazenda Pirajá compreende a uma nova localidade, essa mais próxima da sede, e a antiga Fazenda Pirajá (conforme a figura 7 abaixo), tornou-se Linha Temerária.

Figura 7 – Distribuição dos diferentes grupos de imigrantes em Nova Petrópolis-RS



Fonte: Schmitz (1975)

Cabe observar ainda, no mapeamento feito por Schmitz (1975), que, nesse momento em que foi realizado, ainda não havia a identificação do grupo hunsriqueano como tal. Ele aparece identificado na legenda com a designação mais genérica de “imigrantes do centro-oste da Alemanha”, concentrados na área sudeste em torno de Pinhal Alto (também denominada no alemão local de *Tannenwald*). Isso se deve provavelmente à sua percepção como o alemão local *Deitsch* ou *Deutsch* falado normalmente. Outra observação a ser ressaltada é a mudança da área territorial na parte sul do mapa, em comparação com as

territorialidades atuais, já que Picada Café foi emancipada em 1992, incluindo a parte territorial de Joaneta.

Completa a territorialidade de ocupação das três variedades em estudo, aqui, a área nordeste, em torno de Linha Imperial e Linha Brasil, onde se instalaram predominantemente imigrantes de origem do norte da Boêmia, mais especificamente, imigrantes vindos de *Reichenberg* e *Gablonz*. Como ponto de convergência e encontro dos três grupos, tem-se ao centro, a sede administrativa do município, denominada localmente como *Stadtplatz*.

Por sua configuração peculiar, a localidade escolhida para este estudo reúne elementos centrais para compreender o processo de nivelamento linguístico na direção de uma “língua de mediação” mais neutra e mais próxima do alemão *standard*, conforme exposto nos objetivos. Vejamos, agora, no próximo capítulo, os fundamentos teóricos para lidar com as diferentes variáveis e fatores em jogo nesse processo.

### 3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Neste capítulo, serão apresentados os pressupostos teóricos que fundamentam a presente pesquisa. Nesse sentido, é preciso antes de tudo colocar no centro das atenções a noção do contínuo *standard-substandard* e defini-la adequadamente para dar conta da variação e dos contatos intervaretais que são o tema de pesquisa desta tese. Conceitos fundamentais como “língua, dialeto, norma-padrão, língua-teto, língua de mediação, coiné, complexo variacional, comunidade de fala etc.”, além de processos comuns nos contatos linguísticos, como “nivelamento linguístico, coineização, *variety shift*, *language shift*, *code switching*, transferências, etc.” necessitam ser devidamente aclarados. Serve de base para a análise da variação e dos contatos linguísticos intervaretais abordados nesta tese o modelo teórico da Dialetoologia Pluridimensional e Relacional, conforme Thun (1998). Esse modelo busca “combinar” a análise da variação diatópica (eixo horizontal) com a variação em diferentes dimensões sociais de análise (eixo vertical), como escolaridade, sexo/gênero e grupo etário dos participantes da pesquisa. Para ordenar e organizar a análise, o modelo toma por base o princípio da pluridimensionalidade, como veremos a seguir.

Antes, iniciamos com a noção essencial em que se foca o presente estudo, isto é, de como entendemos a relação entre *standard* e *substandard* no contínuo variacional de uma língua, mais especificamente do alemão falado como língua de imigração em contato com o português e demais variedades – em especial *Hunsrückisch*, boêmio e pomerano – na localidade de Nova Petrópolis – RS.

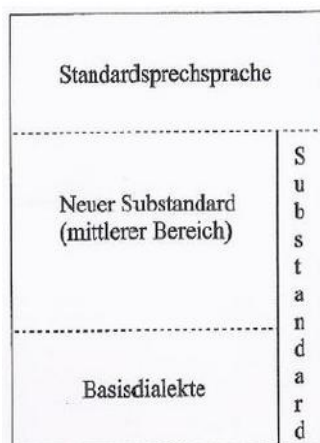
#### 3.1 Língua como contínuo variacional *standard-substandard*

Considerando a língua como um conjunto de variedades, como diria Coseriu (1980), pode-se perguntar como essas variedades de uma língua se relacionam e ordenam num determinado sistema social. A noção de contínuo linguístico surge, nesse sentido, para auxiliar nesse entendimento da questão da relação entre as variedades/variantes de uma língua. Via de regra, coloca no topo a norma culta *standard* e na base o dialeto, por isso também dialeto-base como um subsistema com o maior grau de distinção da norma. Mas há mais níveis de variação no meio do contínuo.

Bellmann (1983, p. 117) refere-se por isso ao *substandard* para descrever tudo que se encontra abaixo do *standard*, incluindo não apenas os dialetos de base, mas também variedades intermediárias do contínuo, como a linguagem coloquial (*Umgangssprache*). O autor analisou estruturas de uma variedade que se encontravam entre o contínuo variacional *Standardsprechsprache* (oralidade *standard*) e *Basisdialekte* (dialetos de base ou basiletos), o que ele denominou de “novo *substandard*”. Em seus estudos do alemão na Renânia Central, Bellmann descreve que os dialetos de base se reorganizam sobre os dialetos regionais e se aproximam de uma língua falada do *standard* (*Standardsprechsprache*). Compare-se a noção de “contínuo dialetal” (*dialect continuum*), proposta por volta de 1958 por Trevor Hill, para abarcar a similaridade de alguns dialetos (AMMON, 1987, p. 320).

Considerando o vasto campo de variedades do alemão com características semelhantes, Bellmann (1983, p. 123) também pauta seu modelo no conceito de *continuum*, ou seja, um contínuo de variedades da língua alemã que se aproximavam ora do *standard*, ora do *substandard*. Para visualizar melhor a posição das variedades no contínuo *standard-substandard*, Lenz (2005, p. 231) elaborou o seguinte esquema, baseado em Bellmann (1983).

Quadro 4 – O contínuo *standard-substandard*, segundo Bellmann (1983)



Fonte: Bellmann (1983 *apud* Lenz 2005, p. 231).

No quadro 4, a língua *standard* falada fica no topo do contínuo linguístico, o que Bellmann (1983, p. 115) denomina de *Standardsprechsprache*, ou seja, a norma associada à língua mais formal. Tudo o que se situa mais distante desse *standard*, representa o *substandard*. Este não abrange apenas os dialetos-base (*Basisdialekte*), mas também

variedades intermediárias como a linguagem coloquial (*Umgangssprache*) e o que se denomina de “novo *substandard*” (*neuer Substandard*). Seguindo aspectos sociolinguísticos, Lenz (2005, p. 229) define o *substandard* como a área total que abrange variedades linguísticas faladas abaixo da *Standardsprechsprache* incluindo a sua distribuição social, seus fatores de controle sócio-pragmáticos e as estruturas avaliativas de seus falantes.

No contexto desta tese, o português escrito e o alemão *standard* escrito representam o nível mais elevado no contínuo linguístico, sendo a sua função principal reservada aos contextos mais formais, como no caso da escrita e da leitura. No contínuo do *substandard*, tem-se os exemplos do alemão hunsriqueano e do alemão *standard* local representados no nível intermediário, os quais são utilizados na oralidade. Na variedade mais distante do *standard*, supõe-se o basileto, que veio da matriz de origem com os imigrantes Bo e Po, o qual ainda está presente parcialmente na memória da geração mais velha.

Por língua *standard*, entende-se a língua mais padronizada (BELLMANN, 1983), com suas regras e normas de uso mais formal. Isso inclui o português e o *Hochdeutsch* local. Porém, por *substandard*, compreende-se uma variedade mais afastada da língua *standard* e que, geralmente, não possui um sistema oficial de escrita.

O esquema do quadro 5, a seguir, busca representar o contínuo linguístico das variedades do alemão faladas em Nova Petrópolis. Como se pode ver, o *Hochdeutsch* local, a variedade do Bo, do Hrs e do Po distinguem-se no contínuo linguístico quanto à sua distância ou proximidade do *standard* (*Standardnähe*: grau de proximidade ou aproximação do *standard*) ou do dialeto-base (*Dialektalitätsgrad*: grau de dialetalidade), portanto ora apresentando marcas mais dialetais, ora mais *standard*. Especialmente as três variedades (Hrs, Po e Bo) oscilam com mais naturalidade nesse contínuo linguístico.

Quadro 5 – Contínuo *standard-substandard* do alemão falado em Nova Petrópolis

|                          |       |
|--------------------------|-------|
| Standardsprechsprache    |       |
| -----                    | ----- |
| <i>Hochdeutsch</i> local | S     |
| variedade dos Bo         | U     |
| variedade dos Hrs        | B     |
| variedade dos Po         | S     |
| -----                    | T     |
| Dialeto de base          | A     |
|                          | N     |
|                          | D     |
|                          | A     |
|                          | R     |
|                          | D     |

Fonte: elaborado pela autora

A delimitação de variedades linguísticas torna-se importante na medida em que se encontram falantes de Bo e Po que vieram com um contínuo variacional, o qual varia de um espaço para outro, conforme a origem e a história de cada grupo de falantes. Também entre falantes da variedade do *Hunsrückisch* observam-se variantes que se aproximam do *standard* ou que apresentam uma dialetalidade maior (entendida, de certo modo, como desvio do padrão), ou seja, os falantes assumem marcas características do tipo *Deutsch* [+ standard] ou *Deitsch* [+dialetal] (ALTENHOFEN; MORELLO et al., 2018). Com os dialetos de base, no caso o Po, entendido aqui na sua forma mais dialetal, descreve-se uma variedade local que representa a variedade mais distante do *standard*, o que, no entanto, não significa que o Po seja um dialeto totalmente sem influências do alemão *standard*, conforme já se aludiu, visto que não se pode descartar a presença, ao menos nos primeiros períodos da imigração, do alemão *standard* escrito, como, por exemplo, nas práticas religiosas.

Para a identificação de variedades no contínuo linguístico, a terminologia encontrada na literatura tem sido bastante produtiva. É o exemplo de termos como *basileto*, *mesoleto* e *acroleto*. Esses termos foram cunhados por Stewart, em 1965, mas popularizados por Bickerton, em 1975 (WARDHAUGH; FULLER, 2015, p. 129). Pode-se distribuir esses conceitos no modelo horizontal de setas, posicionando o basileto mais próximo do *substandard* e o acroleto mais próximo do eixo do *standard*. O mesoleto, como já sugere sua denominação, abrange por fim as variedades intermediárias do *continuum*.



Figura 8 – Contínuo linguístico baseado em estudos da crioulistica



Fonte: elaborado pela autora

Nas variedades intermediárias há variação e, segundo Wardhaugh e Fuller (2015, p. 129), essas variedades se misturam, interferindo no espaço do acroletto e do basileto que é socialmente estratificado. Esses três termos (basileto, mesoletto, acroletto) são usados na área de crioulistica e da aquisição da linguagem para se referir, respectivamente, à língua do aluno ou à língua de origem (dialeto), à interlíngua e à língua de destino ou língua do destinatário (*standard*), segundo Coetsem (1992, p. 19).

No presente estudo, é preciso assumir que o uso das variedades linguísticas de Nova Petrópolis dá-se, de modo geral, de maneira dinâmica, isto é, os falantes flutuam entre o contínuo *standard-substandard*, na busca constante por uma língua comum coletivamente aceita. Uma distinção corrente, na comunidade, e que no senso comum envolve diferentes crenças e atitudes linguísticas, é a que diz respeito aos termos *língua* e *dialeto* que, por isso, cabe definir, na sequência.

### 3.1.1 Língua e dialeto

O conceito de “língua” é descrito por Coseriu (1982, p. 10) como “*sistema de isoglosas comprobadas en una actividad lingüística completa, es decir, que consiente el hablar y el entender de varios individuos de acuerdo con una tradición históricamente común*”. Coseriu (1982) refere-se à atividade linguística completa para definir a língua como modo de se comunicar e de compreender outros falantes. Logo, Coseriu (1982, p. 10) também afirma que “*todo sistema que pueda funcionar en el hablar es una lengua*”. Sendo assim, o próprio conceito de *dialeto* pertence ao conceito geral de *língua*. Ele reitera que “*entre dialecto y lengua no hay diferencia de naturaleza o sustancia*”, em outras palavras, “*un dialecto es simplemente una lengua: un sistema fónico, gramatical y léxico*” (COSERIU, 1982, p. 10). Por conseguinte, tanto o dialeto como a língua são sistemas linguísticos completos e possuem uma gramática que funciona na comunicação e intercompreensão.

Por outro lado, Ammon (1987, p. 316), alerta que o campo da Dialetoлогия costuma enredar-se em um verdadeiro “labirinto de termos e conceitos”. Em relação à língua alemã, Ammon (1987) cita vários termos difíceis de serem definidos, ou até mesmo de serem traduzidos para o português. Não se sabe ao certo se alguns conceitos realmente são sinônimos da variedade *standard* (*Standardvarietät*) ou se de fato há significados parcialmente diferentes, como em *Standardsprache*, *Literatursprache* (linguagem literária), *Kultursprache* (língua de cultura), *Schriftsprache* (língua escrita), *Hochsprache* (língua culta), *Ausbausprache* (língua em construção), *überdachende Varietät* (variedade-teto), *ausgezeichnete Varietät* (variedade prestigiada), etc. A língua escrita (*Schriftsprache*) ocasionalmente é usada como sinônimo de língua *standard* (*Standardsprache*), com o significado mais específico que envolve apenas a ortografia padronizada, conforme Ammon (1987, p. 316).

A língua culta, por exemplo, pode comportar um conjunto de variedades (AMMON, 1986, p. 11), as quais podem ser variedade(s) *standard* e variedades dialetais, o que Ammon (1987, p. 317) define como vários tipos de elementos de uma língua. No entanto, ele atenta para o termo *variedade*, que pode ter significado genérico. Ammon afirma que “a língua pode conter dialetos e uma ou mais variedades *standard* em que uma variedade nunca é um dialeto e uma variedade *standard* simultaneamente” (AMMON, 1987, p. 317). Ele também salienta que há outras definições para *língua*, *variedade*, *variedade standard* e *dialeto*, no entanto, ele prefere seguir uma visão macrosociolinguística, em que se definem sistemas linguísticos inteiros. É o que também acentua Coseriu (1980):

[...] wenn Sprache ein Sprachsystem, ein Gefüge von Traditionen des Sprechens ist, so bezeichnen Sprache und Dialekt Gegenstände genau der gleichen Art, denn auch ein Dialekt ist ein vollständiges Sprachsystem, ein vollständiges Gefüge von sprachlichen Traditionen.<sup>16</sup> (COSERIU, 1980, p. 108)

Na definição entre língua e dialeto, Coseriu (1980, p. 109) passa a discutir o termo *língua histórica* como um conjunto de variedades, que forma uma oposição entre língua e dialeto devido ao *status* histórico que a língua possui. O autor assinala que uma língua histórica possui pelo menos três diferenças internas: diatópica (espaços geográficos

---

<sup>16</sup> Tradução nossa: Se a língua é um sistema linguístico, uma estrutura de tradições da fala, então língua e dialeto designam objetos exatamente do mesmo tipo, pois até mesmo um dialeto é um sistema linguístico completo, uma estrutura completa de tradições linguísticas (COSERIU, 1980, p. 108).

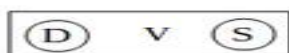
diferentes), diastrática (estratos socioculturais) e a diafásica (estilo de fala). Contudo, Coseriu (1982, p. 16) destaca o *status* histórico de uma língua como um desenvolvimento que resulta em um sistema linguístico amplamente aceito e completo.

Língua e variedade se encontram em diferentes níveis de abstração, nos quais as variedades podem ser relacionadas a uma determinada língua (AMMON, 1986, p. 11). Para a língua alemã, tem-se os exemplos das variedades do alemão de Berlim, de dialetos como o bávaro, da língua *standard* da Áustria e da própria língua alemã considerando o conjunto de variedades que envolve.

Para Coetsem (1992, p. 16), a diferença entre o dialeto e a língua reside principalmente em uma avaliação de classificação, em que o dialeto é visto como subordinado e confinado regionalmente em relação à língua. No entanto, a língua é vista de forma superordenada (poderíamos dizer “suprarregional”) e assume uma função mais abrangente se comparada ao dialeto, o qual possui a função principal de interação oral e não necessariamente de escrita e de leitura.

Ammon (1987, p. 318) esquematiza a relação entre variedade (V), variedade *standard* e dialeto, afirmando que “dialeto (D) e variedades *standard* (S) são termos distintos”, conforme mostra a figura 9. O termo *dialeto* costuma ser usado no sentido de um conjunto de variedades não *standard* como, por exemplo, o dialeto bávaro que possui os subdialeto do leste, centro e oeste.

Figura 9 – Representação das variedades de uma língua, segundo Ammon (1987)



Fonte: Ammon (1987, p. 318)

Para entender melhor a relação ilustrada acima, pode-se utilizar a língua alemã como exemplo, pois ela possui as variedades (V) da Alemanha, da Áustria e da Suíça, em que cada país possui a sua variedade *standard* (S) e os seus dialetos (D), assim como também há dialetos de descendentes de alemães no Brasil, os quais podem ser comparados com a língua histórica alemã. No campo da Dialetoлогия, conforme Ammon (1987, p. 330), os dialetos são, na maioria dos casos, entendidos como “variedades não *standard* e regionalmente restritas, em contraste com a variedade *standard* ou com a língua inteira”. Além disso, Ammon (1987)

presume que existam outras variedades não *standard* que não atendem ao recurso de serem regionalmente restritas, ou, ao menos, não na mesma extensão como a *Umgangssprache* (língua coloquial), por exemplo. O termo *Umgangssprache* é definido por Ammon (1986, p. 21) como “um termo polissêmico que também denota um registro específico dentro da variedade *standard*”.

A variedade *standard* e a língua *standard*, segundo Ammon (1986, p. 52), podem ser diferenciadas quando se leva em consideração a distinção entre variedade e língua. Assim, a variedade *standard* está ancorada em variedades e a língua *standard* em línguas. Em nosso contexto, pode-se identificar o português brasileiro e o português de Portugal como língua *standard* do Brasil e língua *standard* de Portugal. O português brasileiro, por exemplo, possui variedades, tais como, a variedade carioca, sulista, mineira etc.

Em resumo, na presente tese, utilizam-se os termos língua e dialeto como um sistema linguístico completo, sem distinguir o status histórico. Portanto, um dialeto também será considerado uma língua, tendo por base os argumentos de Coseriu (1980; 1982). O termo dialeto, em geral nomeado assim pelos próprios falantes de línguas minoritárias, ainda poderá ser utilizado como sinônimo de variedade linguística, no presente texto.

### 3.1.2 O conceito de “norma” e de “norma-padrão”

Quando se fala em normas ou regras de uma língua, logo surge a ideia de acertar e de corrigir o modo de falar ou de escrever com base em regras linguísticas. Assim, Ammon (1986, p. 39) afirma que as normas de uma língua, em geral, são controladas por “julgamentos de correção”. Segundo Ammon (1986), há regras pelas quais apenas os linguistas se ocupam, como as regras de transformação da gramática gerativa, por exemplo. Por outro lado, existem regras que desempenham também um papel para os próprios falantes na aprendizagem e no uso de uma variedade. Essas regras são vistas por Ammon (1986) como normas da língua.

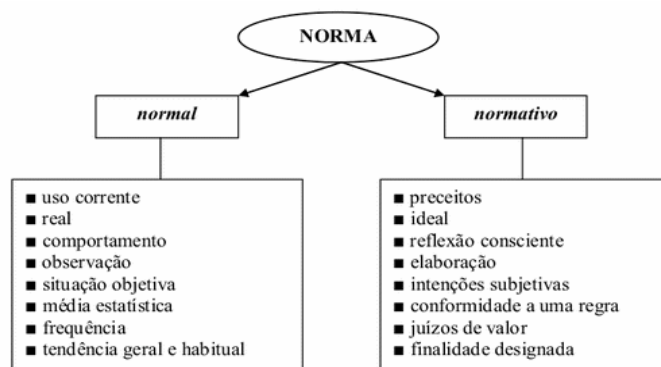
Ammon (1986) ainda esclarece que existem diferenças sob o ponto de vista dos falantes, em comparação com os linguistas, quando se trata de norma ou regra. As descrições da norma (regras), segundo Ammon (1986, p. 40), podem ser normas para os linguistas, mas não necessariamente para os falantes/escreventes.

A hipótese de Ammon (1986, p. 56) é de que “os falantes/escreventes de variedades *standard* têm uma percepção de correção maior, ou seja, prestam mais atenção ao conteúdo da

norma (os elementos usados das variedades)”. Segundo Ammon (1986), essa maior consciência linguística sobre a correção pode ser direcionada para a própria fala ou escrita (monitoramento), bem como servir para julgar os usos linguísticos de outras pessoas.

Para Bagno (2012, p. 21), há uma duplicidade do conceito de norma no sentido de “algo normal” – o que se refere ao uso corrente da língua e às práticas descritivas da língua no âmbito da sociolinguística – e “normativo” – em referência às práticas prescritivas da gramática normativa com as suas regras e juízos de valor. Vejamos o esquema da figura 10, elaborado pelo autor, para ilustrar essa distinção:

Figura 10 – A duplicidade de sentidos do termo norma



Fonte: Bagno (2012, p. 21)

Nesse contexto, torna-se imprescindível distinguir entre a norma-padrão e a norma culta. Bagno (2012, p. 25) se utiliza dessa terminologia para descrever termos opostos em que a norma-padrão implica um modelo de língua ideal a ser alcançado e que “não corresponde de fato a nenhuma das muitas variedades sociolinguísticas existentes em território brasileiro”. Por outro lado, a norma culta engloba apenas as variedades urbanas de prestígio e com elevado grau de letramento (BAGNO, 2012, p. 25).

A norma-padrão está descrita nas gramáticas normativas e, conforme Bagno afirma acima, trata-se de um modelo (imaginário) que, na prática, não é alcançado pelos falantes da língua. No uso real da língua, tanto na escrita como na fala, o normal e o normativo se mesclam e formam uma “norma híbrida”, como escreve Bagno (2012, p. 26). Em suas palavras, como se pode depreender abaixo, os falantes da língua não conseguem alcançar um

padrão exigido na escrita ou na fala, em função dos diferentes recursos linguísticos que podem ser utilizados.

Qualquer manifestação da nossa faculdade de linguagem é híbrida: em qualquer texto falado ou escrito fazemos usos amplamente variados dos múltiplos recursos que a língua nos oferece. Num mesmo texto em que encontramos certas marcas de um extremo monitoramento do discurso também podemos encontrar regências verbais, concordâncias, colocações pronominais e outros usos que escapam do que vem previsto nas gramáticas normativas. (BAGNO, 2012, p. 27)

A atividade linguística é um comportamento social dinâmico e não estático, no tempo e no espaço. Sendo assim, utiliza-se nesta tese o conceito de *norma* no sentido do uso corrente e habitual da língua utilizada na comunidade de fala em estudo. O termo *norma-padrão*, ao contrário, será empregado para se referir a um ideal de língua, prescrito em conformidade com as regras de uma língua escrita. No tocante a línguas minoritárias de imigração, cabe ainda abordar o conceito de “língua-teto” (*Überdachungsnorm*, conforme KLOSS, 1978), que aborda o mesmo aspecto, porém em outra perspectiva, de uma língua de uso comum por membros falantes de variedades distintas dessa língua. Vejamos.

### 3.1.3 O conceito de “língua-teto”

No plano histórico, pode-se pressupor a ocorrência de um estado de diglossia nos diferentes grupos de imigrantes alemães, logo ao chegarem ao Brasil, na medida em que falavam um dialeto, nas relações sociais do dia a dia, e faziam uso/compreendiam/liam, ao menos parcialmente, a norma *standard* do alemão, localmente chamada de *Hochdeutsch*, ou *Hochdeitsch*. O *Hochdeutsch* como língua da norma e da escrita era usado para as situações formais na comunidade, quando, por exemplo, se escrevia atas de reuniões ou se realizava sermões. Nas situações familiares e informais, contrariamente, ocorria o uso de uma variedade de base dialetal. Com essa diglossia, o *Hochdeutsch* era visto como a forma mais elevada e mais correta em relação aos dialetos e, cumprindo desse modo a função de língua-teto, como acentua Altenhofen (2014, p. 86).

O termo “língua-teto” vem de seu correlato do alemão *Dachsprache*, proposto por Kloss (1978, p. 74), para designar a norma *standard* escrita comum, em torno da qual se reuniam os falantes de variedades dialetais distintas em contato, para as funções mais formais

e institucionais. É provável que o *Hunsrückisch*, por sua proximidade tipológica com a norma *standard* do *Hochdeutsch*, em certo período, tenha tido maior facilidade para se impor, sobretudo na ausência do *Hochdeutsch* e na presença ainda limitada do português.

Com a proibição do ensino de alemão nas escolas alemãs do Brasil pelo Estado Novo (1937-1945), as variedades alemãs viram-se destituídas de sua língua-teto, ou seja, ficaram “sem-teto”, para se proteger de perdas linguísticas maiores. Esse processo foi denominado por Kloss (1978, p. 60) de *dachlose Außenmundart*, ou seja, de um “dialeto sem-teto” em contexto de emigração, à mercê de sua própria sorte, fora do país de língua alemã.

Até a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), era comum as comunidades alemãs utilizarem o *Hochdeutsch*, aprendido na escola, e, ao lado desse, o dialeto que era aprendido no âmbito familiar. Após esse período, ocorreu de forma lenta e gradual a mudança da língua-teto para o português, *Dachsprachenwechsel* conforme Altenhofen (2016). Isto é, uma vez que a função de norma escrita *standard* ficou vaga, teve que ser preenchida por outra língua, sendo o português o candidato natural para ocupar essa função em aberto. Segundo Altenhofen (2016, p. 105), a mudança da língua-teto coloca em xeque a estabilidade da língua de imigração, na medida em que a perda da diglossia entre o *Hochdeutsch* e o *Hunsrückisch* enfraquece a competência em alemão e fortalece, por outro lado, o português.

O português como língua oficial e escolar expôs, assim, as variedades do alemão aos efeitos de substituição e perda linguística. Segundo Kloss (1978, p. 61), com o passar do tempo, esses dialetos sem-teto tendem a aumentar o número de “empréstimos de palavras estrangeiras, tradução de empréstimos e influências na morfologia e, com mais frequência, na sintaxe”.

Se, antes das guerras, o *Hochdeutsch* era visto como a língua mais *standard*, após esse período, ocorreu a introdução da língua portuguesa e a decadência do ensino de alemão nas escolas, elevando o *Hunsrückisch* ainda mais como a língua mais próxima do *standard*. Até hoje, alguns falantes, em especial os Po, vêem o *Hunsrückisch* como uma norma oral e uma variedade facilitadora para a comunicação entre os diferentes grupos de descendentes de alemães, embora a língua portuguesa tenha assumido a posição de língua-teto e também tenha contribuído com empréstimos. Essa variedade do *Hunsrückisch* que se formou em contato com o português também pode ser considerada uma variedade intermediária, como já mencionado anteriormente e como aprofundaremos na próxima subseção.

### 3.1.4 *Intermediate variety* / Variedade intermediária

O termo *intermediate variety* foi utilizado por Coetsem (1992, p. 18) para explicar o processo de aquisição linguística em contextos bilíngues. Coetsem (1992) define o termo como resultado do contato linguístico entre um dialeto e uma língua padrão. No caso dos descendentes de imigrantes alemães no Brasil, podemos interpretar a situação da seguinte forma: o falante aprende um dialeto alemão em casa e uma língua padronizada, seja *Hochdeutsch* ou português, na escola. Nesse caso, Coetsem (1992, p. 20) afirma que “o falante produz uma variedade que não é nem o dialeto nem o padrão normativo”, ou seja, um produto resultante dos dois.

Nesse contexto de interação dialeto-*standard*, formou-se a variedade intermediária, que na literatura também pode ser identificada por novo-*substandard* ou *Neuer Substandard* (BELLMANN, 1983), norma de oralização ou *Oralisierungsnorm* (SCHMIDT, 2005), língua comum ou língua de mediação ou *Mittelfeldsprache* (ALTENHOFEN, 2019). A norma de oralização é percebida por Altenhofen (2019, p. 538) como sinônima de língua comum e língua de mediação em função de desempenhar um papel específico nas práticas comunicativas locais. No entanto, em sua forma oral, conforme Altenhofen (2019, p. 533), os falantes geralmente atingem apenas de forma parcial o que consideram como variedade padrão.

No caso dos dialetos do alemão no Brasil, as características renanas (*Rheinfränkisch*), que são próximas do *standard*, facilitaram para que o *Hunsrückisch* assumisse a posição de língua comum, se comparado a variedades dialetais do baixo-alemão, como por exemplo o vestfaliano, o pomerano e o *Plautdietsch* dos menonitas (ALTENHOFEN, 2014, p. 87).

Segundo Lenz (2010, p. 302), existe na literatura um número diversificado de conceitos linguísticos, para distinguir variedades intermediárias das noções de dialeto ou de variedade *standard*. Lenz (2010) afirma que essa dificuldade em identificar onde um dialeto termina e onde uma variedade intermediária começa pode ser evitada, ao adotar o modelo do contínuo linguístico (*sprachliches Kontinuum*), também adotado por Bellmann (1983), conforme já vimos no início deste capítulo.

O surgimento de variedades intermediárias, conforme Lenz (2010, p. 307), pressupõe a existência tanto de dialetos quanto de variedades padrão. Diante desse espectro de variedades, pode ocorrer uma reestruturação, ou seja, a variedade intermediária pode



concorrer com o dialeto ou com a língua *standard* de formação. Conforme Lenz (2010), as mudanças na estrutura dialetal ou de atitudes poderiam desempenhar um papel fundamental para que a variedade intermediária possa substituir o antigo dialeto, por exemplo.

Com o Inventário do *Hunsrückisch*, no Brasil (ALTENHOFEN; MORELLO *et al.*, 2018), percebeu-se que a língua portuguesa possui importante participação na reformulação e reestruturação do alemão falado nas comunidades entrevistadas. Nesse caso em específico, para que a língua alemã falada no Brasil não perca totalmente o seu espaço para o português local, torna-se necessária uma atitude mais positiva e ativa por parte dos próprios falantes e mais iniciativas de fomento e proteção, mesmo que no alemão *standard*, como podemos ver na citação abaixo.

Na prática, as iniciativas de fomento e proteção acabam se dando no âmbito do alemão padrão, é ele que entra no currículo escolar, na lei de cooficialização, nos panfletos, placas e vias (salvo raras exceções). O *Hunsrückisch* é reconhecido enquanto dialeto e variação do alemão, todavia, não se apresenta como opção rentável aos municípios, pois ainda circula fortemente a ideia de inferioridade e até atraso diante do alemão padrão. (ALTENHOFEN; MORELLO *et al.*, 2018, p. 217)

Como o alemão padrão é bastante próximo do *Hunsrückisch*, os falantes são incentivados a cultivar o dialeto quando existe o ensino do *Hochdeutsch* nas escolas, pois cada língua possui a sua função. O *Hunsrückisch* possui a função de comunicação no cotidiano e o alemão padrão possui a função da escrita e da leitura. A história de formação do *Hochdeutsch*, contudo, é a principal prova de que ele complementa o *Hunsrückisch* e vice-versa.

O alemão falado em Nova Petrópolis, mesmo com as interferências do português local, pode ser visto, hoje, como uma língua intermediária ou língua comum de interação, porque cumpre com a comunicação básica e com a intercompreensão entre os diferentes grupos de descendentes que ainda se comunicam nessa variedade local. Uma das hipóteses, além da predominância de elementos de uma variedade do contínuo, é a de um nivelamento linguístico, com contribuições de diferentes variedades, porém tendendo ao predomínio das formas comuns ou mutuamente compreensíveis e aceitáveis. Isso nos leva ao próximo conceito e processo de análise, a coineização e a formação de uma coine.

### 3.1.5 Coiné e coineização

Os diferentes grupos de imigrantes não puderam evitar o contato linguístico; pelo contrário, a necessidade de comunicar-se (por exemplo, na troca e venda de produtos) e de enfrentar diferentes conflitos sociais e políticos (por exemplo, nas pressões de assimilação e de preconceitos linguísticos) sempre desempenhou papel importante. O processo de coineização é uma das consequências desses contatos linguísticos, em que se adapta o “modo de falar” às necessidades de intercompreensão e de interação diária, resultando em uma variedade comum denominada de coiné. Conforme Siegel (1985, p. 358), o termo *coiné* surgiu através da designação de uma variedade particular do grego com o significado de ‘língua comum’. Desde então, o termo passou a ser utilizado para definir novas variedades linguísticas resultantes do nivelamento entre línguas próximas.

Siegel (1985, p. 363) faz a diferenciação entre dois tipos de coiné, conforme seu espaço de uso. O primeiro tipo é chamado de coiné regional, visto que resulta do contato entre dialetos regionais e é usado, dentro ou fora de sua região, para fins comerciais. Um exemplo de coiné regional seria a coiné grega original. O segundo tipo é a coiné de imigração que também pode resultar do contato entre dialetos regionais, mas, segundo Siegel (1985, p. 364), ocorre em outra localidade para onde (e)migraram falantes de diferentes dialetos regionais. Frequentemente, a coiné de imigração se torna a língua primária da comunidade de imigrantes, como foi o caso do *Hunsrückisch*, no contexto da imigração alemã no Rio Grande do Sul (ALTENHOFEN, 1996).

A formação de uma coiné mais estável pode ser apenas um estágio (SIEGEL, 1985, p. 364). O primeiro estágio é o que Siegel (1985, p. 373) denomina de pré-coiné, ou seja, o processo do contato linguístico inicial, no qual várias formas das variedades em contato são usadas de forma inconsistente. O próximo estágio é a coiné estabilizada, na qual alguns elementos linguísticos (fonológicos, morfológicos e lexicais) são extraídos das variedades em contato e formam uma nova variedade de língua. Na sequência, tem-se a coiné expandida, principalmente quando o uso da variedade acompanha a expansão linguística, o que pode transformar a variedade coineizada em variedade *standard* de um país. Por fim, a coiné nativizada pode se tornar a primeira língua de um grupo de falantes (SIEGEL, 1985, p. 374), a qual também pode ter passado por um estágio de difusão linguística.

A necessidade de conviver em um novo ambiente pode apagar marcas linguísticas antigas e reinserir novas formas linguísticas referentes ao novo meio de convívio. O *continuum* de desenvolvimento de uma coine não é necessariamente linear, segundo Siegel (1985, p. 375). A coine de imigração, por exemplo, pode ter imigrantes recentes que se encontram na fase pré-coine, enquanto os imigrantes que já se encontram há mais tempo na comunidade podem apresentar a fase estabilizada e, por fim, as crianças utilizarem uma coine nativizada. Assim, Siegel (1985, p. 376) conclui que a coineização é o processo que leva à mistura de subsistemas linguísticos (dialetos) que compartilham características geneticamente parecidas. E, desse processo, resulta uma variedade estabilizada, a coine.

Quando Altenhofen (2014, p. 87) afirma que “tanto o alemão quanto o italiano desenvolveram uma coine, resultante do contato das diferentes variedades dialetais, que serviu de língua comum para a intercompreensão entre estes”, pode-se entender o termo *língua comum* também como sinônimo de língua intermediária. Essa língua se destacava entre as outras para intermediar a comunicação e facilitar a intercompreensão linguística.

No entanto, Altenhofen e Morello *et al.* (2018, p. 37) afirmam que o *Hunsrückisch* não configura uma coine uniforme. Contudo, embora variável, a língua vai se atualizando e se moldando como língua comum entre as variedades mais dialetais e mais *standard* existentes no espaço compartilhado entre os falantes das diferentes localidades.

Um requisito para a constituição de uma coine é a existência de uma comunidade de fala. Na próxima seção, nos ocupamos com a definição de “comunidade de fala”. Esse conceito é essencial, para entender as comunidades dos grupos topodinâmicos em contato na localidade em estudo, se, nesse contexto, se trata de uma comunidade de fala alemã, ou de três comunidades distintas de fala alemã (Hrs, Bo e Po). Vejamos.

### **3.2 Comunidade de Fala**

Para compreender melhor a organização social das variedades empregadas pelos indivíduos entrevistados em Nova Petrópolis, é importante definir com mais precisão o conceito de “comunidade de fala”. Como já se colocou, pode-se atrelar a comunidade de fala à língua comum do alemão, ou mesmo às variedades de língua alemã dos grupos

topodinâmicos em contato – boêmios, os hunsriqueanos e pomeranos. O critério central para essa definição parece ser o sentimento de pertencimento que esses grupos expressam.

Para o contexto desta pesquisa, as definições de comunidade de fala apresentadas por Guy (2000, p. 18) mostram-se bastante apropriadas, para dar conta de contextos de grupos onde há partilha de características em comum e sobre as quais parece haver consenso. Essas características mais detalhadas foram delimitadas da seguinte forma:

- **características linguísticas compartilhadas:** isto é, palavras, sons ou construções gramaticais que são usados na comunidade, mas não o são fora dela;
- **densidade de comunicação interna relativamente alta:** isto é, as pessoas normalmente falam com mais frequência com outras que estão dentro do grupo do que com aquelas que estão fora dele;
- **normas compartilhadas:** isto é, atitudes em comum sobre o uso da língua, normas em comum sobre a direção da variação estilística, avaliações sociais em comum sobre variáveis linguísticas.

A primeira dessas características, conforme Guy (2000), é a que organiza as semelhanças e diferenças linguísticas no uso da língua. Assim, a participação como membro em uma determinada comunidade de fala é definida pelo uso ou não uso de traços linguísticos específicos da comunidade: usá-los mostra que você é um membro, não usá-los mostra que você é de fora.

Seguindo esse viés, pode-se entender que a comunidade de fala pode ultrapassar fronteiras e não se limitar a um bairro ou a uma cidade. No Rio Grande do Sul, têm-se os exemplos do *Hunsrückisch*, vestfaliano, pomerano, italiano, entre outras línguas.

Wiedemer (2008, p. 22) também segue nessa linha interpretativa e afirma que o conceito de “comunidade de fala está atrelado a escolhas que seus membros fazem, pois estes podem determinar com que grupo se identificar”. Não são, portanto, grupos que falam exatamente igual, mas que compartilham traços linguísticos que se tornam salientes aos ouvidos de membros pertencentes a outras comunidades e estão fixados em determinado território, onde até mesmo as fronteiras são delimitadas pelos usuários da língua, como se pode concluir no excerto a seguir.

Um membro de uma Comunidade de Fala é capaz de reconhecer as diferenças e semelhanças quantificadas da estrutura de natureza categórica, ou seja, o que uma comunidade tem e a outra não tem, e esta definição dos traços linguísticos usados por uma comunidade ajuda a distinguir suas

fronteiras externas. Além disso, a densidade de comunicação interna ajuda na manutenção da comunidade, ou seja, os falantes da comunidade tendem a se inteirar mais do que os não membros. (WIEDEMER, 2008, p. 27)

Os falantes de uma comunidade de fala devem se comunicar frequentemente entre eles na língua que é de seu interesse para contribuir com a manutenção desta. Apesar disso, Guy (2000, p. 20) afirma que a alta densidade de comunicação em um grupo permite mais acesso e exposição aos usos de membros de outros grupos, criando a possibilidade de adquirir características linguísticas novas, ou seja, vindas de fora. Essa chance de adquirir certos traços linguísticos de usos vindos de fora da comunidade seria menos provável se ocorrer pouca comunicação.

Na Sociolinguística, contudo, percebe-se que não é apenas o nível mais intenso da comunicação dentro da comunidade de fala que delimita os usos ou a inserção de novos usos. O fator geracional desempenha um papel muito importante para as trocas linguísticas. Um exemplo para ilustrar essa situação pode ser uma família de três gerações: avós, pais e filhos. Nesse caso, os filhos frequentam a escola da comunidade e já dispõem de uma mobilidade maior e, conseqüentemente, trazem novos componentes para o diálogo familiar. Assim, a comunidade de fala vai absorvendo, de forma involuntária, traços linguísticos vindos de fora do seu grupo com o passar das gerações.

Nesta tese, será adotado o conceito de “comunidade de fala” para se referir ao grupo que compartilha as mesmas características linguísticas e possui os mesmos padrões avaliativos em relação ao uso dessa língua e sua variação estilística. As percepções linguísticas e os comentários sobre a forma de falar do outro já podem indicar uma comunidade de fala diferente. O exemplo mais comum em nosso ponto de pesquisa são os comentários dos falantes do alemão boêmio em relação aos usos linguísticos dos falantes do *Hunsrückisch* e vice-versa.

Para dar continuidade e poder analisar esses resultados do contato linguístico posteriormente, passemos agora ao terreno da descrição da variação linguística e dos caminhos que o modelo da dialetologia pluridimensional aponta. Isso implica delimitar o princípio da pluridimensionalidade, como se verá a seguir.

### 3.3 Organização do “caos aparente”: princípio da pluridimensionalidade

O princípio da pluridimensionalidade constitui o eixo central em que se pauta o modelo teórico-metodológico de macroanálise da variação linguística. Com esse princípio, busca-se organizar a análise da variação em diferentes dimensões, tanto do eixo horizontal do espaço geográfico, tradicionalmente priorizado pela geolinguística, quanto do eixo vertical do espaço social, tradicionalmente enfatizado pela sociolinguística. Thun (1998, p. 704) acentua a necessidade de combinar e relacionar esses dois eixos, da dimensão diatópica às dimensões sociais, para abarcar toda a complexidade da variação e mudança linguística, em todas as suas facetas. O modelo da Dialectologia Pluridimensional e Relacional (THUN, 1998; 2009) busca, assim, correlacionar variantes e variedades com diferentes perfis sociais e situações de uso da língua. No quadro 6 a seguir, apresentam-se as dimensões de análise previstas pelo modelo e implementadas, por exemplo, no ALMA-H, que subsidia o presente estudo.

Quadro 6 – Dimensões de análise da variação e mudança linguística

| DIMENSÕES                 | PARÂMETRO  | CRITÉRIO  |
|---------------------------|--|---|
| DIATÓPICA                 | Topostático (informante com domicílio fixo)  | Pontos de inquérito   |
| DIATÓPICA-CINÉTICA        | Topodinâmica (mudança de domicílio – mobilidade espacial)                              | Matriz de origem > Brasil   |
| DIATRÁTICA                | Ca = Classe (socioculturalmente) alta<br>Cb = Classe (socioculturalmente) baixa        | Ca (Ensino Superior parcial ou completo)<br>Cb (até o Ensino Médio ou Ensino Técnico) |
| DIAGERACIONAL             | GII (geração velha)<br>GI (geração jovem)  | GII (acima de 55 anos)<br>GI (18 a 36 anos)   |
| DIAGENÉRICA ou DIASSEXUAL | Homens<br>Mulheres   | Masculino<br>Feminino   |
| DIALINGUAL                | Hrs = Hunsrückisch<br>Hdt = Hochdeutsch<br>Pt = Português<br>Sp = Espanhol             | Bilíngues   |
| DIAFÁSICA                 | Resp = Respostas ao questionário<br>Leit = Leitura<br>Tx = Conversa livre (etnotextos) | Três estilos de uso da língua   |
| DIARREFERENCIAL           | Fala objetiva<br>Fala metalinguística  | Técnica da entrevista: perguntar-insistir-sugerir                                     |
| DIARRELIGIOSA             | Católico vs. evangélico-luterano   |   |

Fonte: Altenhofen (2013, p. 20)

Na Dialetoologia Pluridimensional, recomenda-se a pluralidade de informantes, em outras palavras, entrevistas em grupos com participantes que correspondam aos mesmos parâmetros (ver THUN, 1998, p. 704). Entrevistar homens e mulheres da geração mais velha (GII) e de baixa escolaridade (Cb) em um mesmo grupo poderia ser um exemplo para ilustrar essa técnica. Com isso, espera-se, segundo Thun (1998, p. 704), maior representatividade dos dados, maior frequência de comentários metalinguísticos e informações mais precisas e completas.

A análise da Dialetoologia Pluridimensional também permite observar se o uso de determinada variante, por exemplo, é mais frequente na fala da geração mais velha (GII: acima dos 55 anos de idade) ou na fala dos mais jovens (GI: entre 18 e 36 anos de idade) e se está associada a outros fatores sociais, como o sexo ou gênero (masculino/feminino) e a escolaridade mais alta ou mais baixa (Ca e Cb). A dimensão diastrática tem como parâmetro a classe socioculturalmente alta ou baixa (Ca e Cb), na qual a Ca possui como critério o contato maior com a escrita/o ensino, e a Cb possui como critério o ensino básico e a profissão que não envolve a escrita.

Além do mais, a técnica de entrevista em três tempos, em que o entrevistador sistematicamente pergunta, insiste e sugere o uso de determinada forma, é utilizada para ativar tanto o conhecimento ativo como passivo dos falantes acerca de determinada variante. De início, o entrevistador realiza a pergunta do questionário (perguntar) e aguarda uma resposta espontânea; na sequência, ele insiste em outras possíveis respostas (insistir); e, por fim, sugere uma variante que ainda não foi mencionada pelo participante (sugerir), para verificar se determinada variante é conhecida ou não (conhecimento passivo). As duas primeiras etapas (perguntar e insistir) mostram o conhecimento ativo que o falante possui na língua falada. A insistência ocorre quando o pesquisador pergunta se o falante conhece, por exemplo, um sinônimo para a variante mencionada. Essa técnica é importante, porque leva o informante a detalhar tanto o conhecimento ativo como o passivo sobre as línguas em questão, além de fomentar comentários metalinguísticos sobre o significado social de cada variante ou variedade.

Com o aporte da dimensão diafásica, aumentam os argumentos linguísticos em favor ou contra as hipóteses formuladas sobre a estrutura e o processo da constituição do contínuo variacional que envolve a(s) variedade(s) em estudo, já que se pode utilizar e comparar três estilos de uso da língua (respostas ao questionário, leitura e conversa livre).

Além disso, não se pode perder de vista as questões relativas à mudança linguística, tanto em tempo real, ao comparar a língua em momentos distintos do eixo da diacronia, quanto em tempo aparente, ao comparar a fala de velhos e de jovens e constatar uma possível “mudança em progresso”.

As principais dimensões sociais de análise, iniciando pela dimensão diacrônica, serão aprofundadas nas próximas seções.

### **3.3.1 Dimensão diacrônica: mudança em tempo real**

O estudo diacrônico é um estudo comparativo de dados linguísticos coletados em diferentes épocas. Faraco (2005, p. 95) define a linguística diacrônica ou histórica como um estudo que trata das transformações da língua no tempo, ou seja, busca entender as mudanças linguísticas na perspectiva do tempo real. A disciplina que se ocupa com essa temática é a linguística histórico-comparativa.

Outra disciplina que se ocupa com a linguística diacrônica e contribui com o conhecimento da história social é a geografia linguística (geolinguística), segundo Thun (2009, p. 533). Essa disciplina tem, contudo, o papel de “registrar, num espaço mais ou menos extenso, a coexistência de formas entre as quais o grupo de falantes faz a escolha de uma ‘candidata’ eleita para substituir uma forma velha” (THUN, 2009, p. 533). No entanto, as mudanças linguísticas não são percebidas se o entrevistador se limita a entrevistar apenas um indivíduo por localidade, do sexo masculino, da faixa etária mais velha e de baixa escolaridade, por exemplo, como ocorreu com os dados coletados para o Atlas Linguístico da França, como destaca Thun (2009, p. 534).

Um estudo diacrônico também pode ser realizado através da análise de cartas escritas por imigrantes, conforme apresentamos na seção 2.1.2. Se o modelo de escrita do século XIX for comparado com cartas escritas por alemães na Europa *versus* cartas escritas por imigrantes alemães no Brasil, ao longo do século XX, pode-se verificar uma importante evolução histórica da língua.

Os estudos que estão conectados ao Projeto ALMA-H<sup>17</sup> orientam-se pela mesma metodologia e pelo mesmo questionário de campo, ou por uma metodologia e questionário

---

<sup>17</sup> Mais informações estão disponíveis em: <<https://www.ufrgs.br/projalma/questionarios/>>. Acesso em: 18 dez. 2020.



adaptados conforme sua necessidade individual, para que os dados coletados possam ser comparados entre si. Dessa forma, os dados de estudos brasileiros realizados na área da dialetologia alemã podem ser comparados com dados coletados na matriz de origem a partir de 1876, por exemplo. Esses dados do século XIX estão armazenados no Atlas Linguístico da Alemanha<sup>18</sup>.

Para a presente tese, os dados do século XIX registrados, inicialmente, por Georg Wenker<sup>19</sup> no Atlas *Rheinisches Platt*, além dos dados do século XX registrados por Günter Bellmann no *Mittelrheinischer Sprachatlas* (MRhSA, Atlas Linguístico da Renânia Central)<sup>20</sup> constituem uma fonte imprescindível para fazer comparações com a variedade correspondente da matriz de origem. Isso vale também para a pesquisa sobre a área de ocorrência das variantes coletadas para esta tese (século XXI) nos respectivos atlas alemães, o que contribui para entender melhor a dinamicidade das variedades alemãs e verificar com alguma precisão maior as mudanças linguísticas em tempo real.

Na próxima subseção, será discutido brevemente o estudo sincrônico que mostra a mudança da língua em tempo aparente, na dimensão diageracional, de comparação da fala de informantes velhos e de jovens.

### 3.3.2 Dimensão diageracional: mudança em tempo aparente

Para analisar possíveis mudanças em tempo aparente no comportamento linguístico em determinada comunidade de fala, são entrevistados falantes de diferentes grupos etários, mais especificamente a geração mais velha (GII) e a geração mais jovem (GI). Na Dialetologia Pluridimensional (THUN, 1998; 2009), utiliza-se a sigla GII para representar a geração mais velha, normalmente com idade superior a 55 anos de idade. Para a geração mais jovem, a faixa etária costuma ser fixada entre 18 e 36 anos de idade.

A variação linguística na fala da GI em relação a fala da GII sinaliza, como acentua Faraco (2005, p. 21), uma mudança em progresso, no tempo aparente, já que os jovens representam o “futuro da língua”. O estudo em tempo aparente permite identificar tendências na fala de diferentes gerações entrevistadas e que possam assinalar uma mudança em curso,

<sup>18</sup> Mais informações estão disponíveis em: <<https://regionalsprache.de/wenkerbogen.aspx>>. Acesso em: 18 dez. 2020.

<sup>19</sup> Mais informações estão disponíveis em: <<https://regionalsprache.de/rheinisches-platt.aspx>>. Acesso em: 18 dez. 2020.

<sup>20</sup> Disponível em: <<https://regionalsprache.de/mrhasa.aspx>>. Acesso em: 18 dez. 2020.

através da comparação dos dados de fala da geração mais jovem com os da geração mais velha. Em outras palavras, um estudo em tempo aparente expõe a reconstrução de estágios anteriores da fala através do estudo do tempo presente.

Coseriu (1991, p. 191) afirma que “o funcionamento da língua (sincronia) e a constituição ou mudança linguística (diacronia) não são dois momentos, mas apenas um”. Logo, entendemos que o recorte sincrônico está conectado com a história e a evolução da língua, de tal forma que não devemos analisar essas dimensões individualmente. Utilizar apenas a geração jovem e velha, em um dado momento (recorte sincrônico), pode gerar conclusões precipitadas sobre o estado atual da língua, em especial quando nos deparamos com variantes novas utilizadas pelos jovens. Segundo Faraco (2005, p. 95), “o pressuposto da análise sincrônica é a relativa imutabilidade das línguas”, no entanto, sabemos que as línguas são dinâmicas e podem mudar de uma geração para outra.

Os dados de fala coletados de adolescentes, mesmo os de adolescentes mais velhos, ainda não são estáveis e devem ser analisados com especial atenção, conforme Bailey (2004). Ele ainda afirma que, no caso de jovens adultos (idade entre 20 e 28 anos) as pressões profissionais também podem ter consequências linguísticas. Vale acrescentar que, atualmente, os jovens estão mais móveis desde a fase escolar e possuem acesso a um conhecimento mais amplo através da internet.

Essas questões levantadas por Bailey (2004) mostram a importância de analisar outros fatores sociais que podem contribuir para uma análise linguística mais acertada, tais como a dimensão diastrática e o tipo de profissão exercida pelo falante. Nas comunidades de imigração alemã, é necessário além disso analisar a dimensão diassexual, pois os jovens do sexo masculino podem ficar mais reclusos em função do trabalho na roça, se comparado com jovens do sexo feminino que buscam trabalho na cidade e, conseqüentemente, necessitam do uso da língua padrão. Começamos com essa dimensão.

### **3.3.3 Dimensão diassexual: papéis sociais de homens e mulheres**

De modo geral, as mulheres estão assumindo novos papéis sociais e ampliando sua participação no mercado de trabalho, onde, por exemplo, há alguns anos, existia apenas a mão de obra masculina. Atualmente, elas possuem maior independência financeira e, conseqüentemente, maior mobilidade e maior poder de decisão, o que contribui para o

aumento dos contatos linguísticos e a interação com grupos provenientes de fora da sua comunidade de fala. Em decorrência disso, conforme acentua Freitag (2015, p. 45), pode-se dizer que a variação está “relacionada com a amplitude dos contatos sociais ou geográficos”.

Em espaços rurais, por exemplo, onde o contato linguístico alemão-português é mais intenso, a mobilidade dos homens difere significativamente da mobilidade das mulheres. Para as mulheres, isso pode significar busca por trabalho ou qualificação profissional nas áreas urbanas e um maior acesso ao português. Em função dessas correlações, é comum relacionar o sexo/gênero com outros fatores sociais, como a idade e a escolaridade. No entanto, até mesmo os movimentos sociais como o feminismo, segundo Freitag (2015, p. 23), podem influenciar diferentes abordagens para a relação entre linguagem e gênero. Embora existam estudos que questionam e tentam definir com mais clareza a variável sexo/gênero, como podemos ver em Freitag (2015), assume-se nesta tese, sempre que necessário, a definição binária masculino/feminino ou homem/mulher.

Por um lado, o sexo/gênero dos falantes da pesquisa pode revelar novas tendências linguísticas. Por outro lado, deve-se questionar se essas tendências não mostram variação também em relação aos falantes masculinos e femininos, em função dos diferentes papéis sociais que assumem (RADTKE; THUN, 1999). No modelo da Dialetoologia Pluridimensional, como já mencionado anteriormente, devido ao grande número de dimensões analisadas, tem-se na prática feito as entrevistas mescladas com homens e mulheres. A pluralidade simultânea, segundo Radtke e Thun (1999, p. 43), pressupõe a presença de mais de um informante (homens e mulheres) com características sociais idênticas (mesmo grupo etário e mesma classe sociocultural), durante toda a gravação. Sua vantagem reside no controle maior das convergências e divergências de fala entre os participantes da entrevista. Para casos em que é difícil reunir mais os informantes de mesmo perfil, na mesma entrevista, e concluir o questionário com os mesmos informantes, admite-se a pluralidade sucessiva, isto é, parte da entrevista é realizada com um grupo de informantes e parte com outro, sendo que todos são do mesmo perfil e preenchem os mesmos requisitos.

A pluralidade simultânea, segundo Radtke e Thun (1999, p. 43),

[...] incentiva a conversação entre os informantes e permite reconhecer tanto divergências quanto consensos, corresponde melhor à visão da língua como comunicação e, dessa forma, também conduz a resultados mais representativos.

Apesar dessa técnica parecer vantajosa, ainda deve-se questionar sobre o quanto homens e mulheres se sentem confiáveis para falar de determinados assuntos em grupo durante a entrevista, ou o quanto a espontaneidade da fala não é afetada (v. THUN, 2005; 2017).

Esses questionamentos levantados, não serão aprofundados aqui, mas servem como ponto de observação ao longo das análises qualitativas. Na sequência, vejamos os aspectos centrais a considerar na dimensão diastrática.

### **3.3.4 Dimensão diastrática: papel da escolaridade**

No Princípio da Pluridimensionalidade (THUN, 1998), a dimensão diastrática possui dois parâmetros: a classe (socioculturalmente) alta (Ca) e a classe (socioculturalmente) baixa (Cb). Evidentemente, haveria um conjunto de classes sociais a considerar, contudo, em virtude do objetivo geolinguístico de identificar mudanças e tendências na variação do comportamento linguístico dos falantes, o modelo prioriza oposições binárias, em cada dimensão. Para a cartografia, essa é a escolha possível e viável, considerando o tempo de estada na localidade da rede de pontos. Assim, os projetos de Thun, incluindo aí o ALMA-H, definem a Ca com o critério de seleção de informantes com Ensino Superior parcial ou completo. Já o critério de seleção para a Cb é que o informante tenha escolaridade apenas até Ensino Médio, e ocupação/trabalho que não exija o uso da escrita.

Em contextos de contato linguístico alemão-português, o fator escolaridade está correlacionado ao fator idade, já que a população mais velha não teve tanto acesso à escola. Em grande parte, a geração mais velha nesses contextos apenas frequentou a escola de Ensino Básico, para aprender a ler e a escrever em português, como já foi visto no capítulo 1 desta tese. Com poucas exceções, encontramos informantes da geração mais velha que também foram alfabetizados em alemão.

Atualmente, a escolaridade está muito mais presente na vida dos jovens, no entanto, trata-se, quase que exclusivamente, do ensino monolíngue em língua portuguesa. Com isso, o português pode sobressair-se na interação entre os jovens e suas famílias em função do prestígio, diminuindo, assim, o uso do alemão local. Segundo Schwindt *et al.*, (2007, p. 6), “a ação da escola pode ser vista na supressão de formas da língua de origem em regiões de

imigração”. Em outras palavras, a escolarização aproxima o estudante da variante padrão do português e apaga outras marcas linguísticas.

Atualmente, em nosso ponto de pesquisa, tanto na esfera urbana como na rural, a maioria dos jovens possuem acesso ao *Hochdeutsch* na escola. Outros frequentam cursos de língua alemã, o que pode gerar importantes comentários metalinguísticos e de percepção sobre o alemão *standard* em comparação com o dialeto. Os falantes da variedade local que tiveram acesso à escrita do *Hochdeutsch* podem tentar uma aproximação das regras de pronúncia do alemão *standard* no momento da fala com a entrevistadora, por considerar a língua da escola mais correta ou mais bonita. No entanto, a pesquisa de Prediger (2019), nos pontos de Bo04 (Colinas e Imigrante/RS) e Bo07 (Agudo/RS), não revelou variantes em grande número que tivessem influência do ensino de alemão *standard*, como descreve a seguir:

Os reflexos do raro contato com o alemão padrão são revelados pelas entrevistas desta pesquisa, na medida em que não foram registradas, em grande escala, variantes que atestassem o ressurgimento de variantes antigas [+st] já esquecidas e nem o aparecimento de variantes [+st] novas por meio do contato linguístico ou do ensino de alemão. Apenas constataram-se alguns casos isolados, como a variante Pommies frites (pt. batata frita), citada pelo informante masculino da CaGII de Bo07, e a variante Waage (pt. balança), citada pelo informante masculino da CaGI de Bo04. (PREDIGER, 2019, p. 252)

A falta do ensino de alemão *standard* pode afetar os usos da língua escrita e, até mesmo, a leitura e a pronúncia de sobrenomes frequentes em cidades de colonização alemã, como *Schneider*, *Jantsch*, *Schmitt*, *Schwantes*, *Wazlawick*, *Krauspenhar*, entre tantos outros sobrenomes de origem alemã. Além dos nomes de família, ainda temos a presença de marcas alemãs conhecidas em nosso meio, tais como: *Volkswagen*, *Bosch*, *Siemens*, *Adidas*, *Puma*, *NIVEA*, entre outras. Um exemplo para ilustrar a dificuldade da pronúncia de *Schmier* (doce de frutas) pode ser visto até mesmo no registro escrito, como no caso da forma aportuguesada *chimia*.

O ensino da língua alemã *standard* no RS não deveria perder espaço nas escolas localizadas em contextos de imigração alemã. Como sugere Pupp Spinassé (2016), a importância de aproveitar o conhecimento dos alunos falantes de *Hunsrückisch* para expandir os horizontes linguísticos e culturais na direção do *standard* ou de uma intercompreensão maior, deveria ter um tratamento mais adequado no âmbito da escolaridade.

Embora o Hunsrückisch não seja ensinado, a língua não deve ser excluída do contexto escolar. A inclusão de elementos do Hunsrückisch nas aulas de alemão (ou simplesmente a não proibição da língua minoritária no contexto escolar) é fundamental para promover o multilinguismo, promover a manutenção linguística da língua minoritária e para expandir os horizontes linguísticos e culturais dos alunos. (PUPP SPINASSÉ, 2016, p. 116)

Pupp Spinassé (2016) também reforça que inserir elementos do *Hunsrückisch* nas aulas de *Hochdeutsch* promove o multilinguismo e contribui para a manutenção linguística da língua alemã. Quando os professores utilizam o pré-conhecimento dos alunos bilíngues em sala de aula, a língua falada no âmbito familiar pode ser utilizada como língua-ponte no aprendizado do alemão *standard* (PUPP SPINASSÉ, 2016, p. 111). Tanto na aula de língua alemã, como na aula de língua portuguesa, o contexto bilíngue não deveria ser ignorado, porque o contato linguístico pode influenciar tanto na pronúncia como na escrita da língua minoritária e do *Hochdeutsch*, bem como do português local. Essas influências da língua alemã no português ou vice-versa, não podem servir como fator de repressão e sim como lição de aprendizagem através do método comparativo entre as variedades e línguas.

Seguindo esse viés, do plurilinguismo local como um mosaico de variantes (um complexo variacional) e parte direta e indireta, maior ou menor do repertório linguístico dos falantes membros de uma ou mais comunidades de fala, apresentam-se, na sequência, as múltiplas faces do contato linguístico, ou seja, como e onde aparece o contato entre línguas e variedades locais e quais processos costumam ser observados nesses contextos.

### 3.4 Múltiplas faces do contato linguístico

Para que o contato linguístico ocorra, é necessário ter falantes e diferentes línguas (contato interlingual) e/ou variedades (contato intervareietal) que compartilham determinado espaço. Nessa perspectiva e contexto, os falantes formam um repertório linguístico que reflete o amplo conhecimento adquirido através da interação em diferentes ambientes e em diferentes períodos da vida do indivíduo. Essa bagagem de conhecimento linguístico é formada por um complexo variacional (*variety complexe*, cf. THUN, 2010), ou seja, a fala de um falante contém elementos ou variantes provenientes de diferentes línguas ou variedades linguísticas com as quais entrou em contato.

Mesmo que toda língua mude, continuamente, no tempo (FARACO, 2005, p. 15), ainda assim, os falantes conseguem se entender e se comunicar, por uma razão simples: todas as línguas variam. Essa familiaridade com a variação interna no uso de seu repertório linguístico permite ao falante plurilíngue fazer escolhas e atribuir sentidos em uma gama enorme de possibilidades. Como organizar esse “caos aparente” em que o uso linguístico dos falantes em situação de plurilinguismo e contatos linguísticos pode assumir suas múltiplas faces? Vejamos a seguir alguns pontos, conceitos e processos que os estudos apontam como delineadores de relações do uso da língua em situação de contato linguístico.

### 3.4.1 Contatos intervarietais e interlinguais

Uma primeira distinção a fazer consiste em reconhecer os “contatos intervarietais” (ver ALTENHOFEN, 2013, p. 36), para explicar o contato entre as variedades da língua alemã consideradas aqui, ou seja, as variedades de fala do alemão boêmio, do pomerano e do *Hunsrückisch*. Embora o próprio Hrs seja resultado de contatos intervarietais (entre a matriz de base moselana e renana) e interlinguais, como o português e demais línguas, o que nos instiga aqui é o seu contato com variedades do alemão de base claramente delimitáveis, devido a sua matriz de origem distinta na Europa (no caso, Bo e Po).

O português de contato possui traços característicos que foram motivados pelas condições do contato interlingual com as línguas alemã e italiana, como apontam Altenhofen e Margotti (2011, p. 298). Os traços característicos do português de contato com o alemão e o italiano podem ser identificados, por exemplo, no nível fonético-fonológico. Por um lado, a realização do tepe ao invés da fricativa, a monotongação do ditongo decrescente em final de palavra e a ausência de palatalização das consoantes dentais /t/ e /d/ são características comuns no português de contato das comunidades de imigração italiana e alemã. Por outro lado, há características que são mais específicas do português de contato em regiões de imigração alemã, como a dessonorização de consoantes sonoras, ou ainda, as características presentes no português falado em áreas de colonização italiana como a realização de fricativas alveolares em lugar de fricativas alvéolo-palatais, por exemplo.

O português de contato do RS também recebeu a influência de traços morfossintáticos do alemão e do italiano. Em nível semântico-lexical, ocorreram alguns empréstimos lexicais que possuem um uso generalizado no português (ALTENHOFEN;

MARGOTTI, 2011, p. 301). Desses empréstimos, temos exemplos vindos do alemão, tais como, *cuca*, *chope*, *chimia* e empréstimos do italiano, por exemplo, *cantina*, *graspa*, *bocha*, *polenta*. Em contextos do português de contato com línguas de imigração, Altenhofen e Margotti (2011, p. 302) ainda citam verbos que são alternados e não distinguidos em nível semântico, tais como, *emprestar/pedir emprestado*, *ir/vir* e *levar/trazer*.

Por outro lado, o contato do português também deixou marcas na língua alemã de imigração. Willems (1946, p. 281) cita uma lista de termos resultantes do contato interlingual português-alemão que foram adaptados ou emprestados. Geralmente têm-se vocábulos para denominar objetos, coisas ou animais que eram desconhecidos para esses imigrantes, tais como: *farele* ‘farelo’, *fakon* ‘facão’, *foget* ‘foguet’, *karapat* ‘carrapato’, *iskere* ‘isqueiro’, além de alguns verbos do português que receberam a terminação *-ieren* (regra muito comum em verbos da língua alemã) como nos exemplos *namorieren* ‘namorar’ e *inkomodieren* ‘incomodar’.

Além disso, o contato intervareietal entre os dialetos de base dos três grupos (boêmio, pomerano e *Hunsrückisch*), que ocorreu no início da colonização de Nova Petrópolis, deixou marcas fonético-fonológicas, como já mencionamos no capítulo 1 desta tese. Após mais de um século de contato, pressupõe-se que as diferentes variedades da época se adaptaram e formaram uma língua de interação comum, ou ainda, uma *Mittelfeldsprache*, conforme já mencionado a partir de Altenhofen (2019), embora com saliências linguísticas que sobressaltam aos ouvidos dos diferentes grupos ainda hoje.

Os hunsriqueanos, pomeranos e boêmios possuem um repertório linguístico amplo que vai do alemão *standard* ao *substandard* e do português local aos conhecimentos de outras línguas estrangeiras ensinadas na escola, como o inglês e o espanhol. Além dessas línguas, também é importante salientar o contato linguístico com os imigrantes italianos que, como já vimos anteriormente, deixaram marcas particulares no português local.

Em meio a essa constelação de contatos linguísticos, em situação de plurilinguismo, vale elucidar o “repertório linguístico” dos falantes e que engloba, no sentido teórico e empírico.



### 3.4.2 Repertório linguístico dos falantes

Os imigrantes alemães que se instalaram no Rio Grande do Sul vieram com conhecimentos de um dialeto e, em partes, com conhecimentos do alemão *standard*, como já vimos ao longo deste estudo. A leitura de materiais religiosos era um indicativo do acesso, mesmo que restrito, ao alemão mais padronizado. Conforme Willems (1946, p. 274), os “camponeses do norte e do sul da Alemanha não se entenderiam se, ao estabelecer contato, usassem apenas de seus dialetos respectivos”. Para que a comunicação fosse possível, esses grupos se orientavam pelo que conheciam, mesmo parcialmente, das normas de oralização identificáveis na comunidade, ou seja, das *Oralisierungsnormen*, como Schmidt (2005; 2017) definiu a oralização da norma escrita na fala regional.

Esse conhecimento linguístico que os imigrantes trouxeram consigo é o que podemos denominar de *repertório linguístico*. Vale destacar que o conhecimento linguístico trazido pelos imigrantes alemães foi incrementado com novas variantes do contato com o português e demais línguas presentes ao longo do trajeto migratório. Segundo Pütz (1996, p. 227), o repertório linguístico pode ser utilizado tanto para definir as competências linguísticas do indivíduo, como para definir as habilidades linguísticas de uma comunidade. No mais, o repertório também pode ser estilístico e se referir às competências dos monolíngues, assim como também pode estar voltado para o conhecimento linguístico de bilíngues.

O repertório estilístico dos falantes, segundo Pütz (1996, p. 227), está disponível na interação diária para atingir objetivos comunicativos, como, por exemplo, para participar de uma conferência, de uma reunião, de uma aula, escrever um relatório ou uma carta, se comunicar com uma criança ou contar uma piada para amigos. Nesse caso, o indivíduo possui um repertório que perpassa os estilos da formalidade e da informalidade.

Para situar o conceito de “repertório linguístico” na linha da linguística cognitiva, Pütz (1996, p. 228) prefere defini-lo como um conjunto de possibilidades linguísticas de expressão disponíveis para um falante em contextos situacionais específicos. No caso de falantes bilíngues, Pütz (1996, p. 229) cita pesquisas realizadas nos últimos vinte anos, para mostrar que existe um código linguístico extra no repertório desses falantes, pelo fato de terem que alternar os códigos (*code-switching*) ou escolher entre uma ou outra língua.

Ao intitular seu artigo com o título *Das sprachliche Repertoire oder Niemand ist einsprachig* (“o repertório linguístico ou ninguém é monolíngue”), Busch (2012) destaca o

fato de que o repertório linguístico de um indivíduo pode ser algo mais complexo do que se imagina, na medida em que coloca em evidência, inclusive, que ninguém em princípio é de fato monolíngue. A autora sustenta sua posição, citando exemplos de crianças que iniciaram sua vida escolar ou que tiveram que enfrentar uma mudança de escola, por exemplo, do interior para a cidade, e que foram surpreendidas com o próprio repertório linguístico que não se encaixava nesse ambiente novo (BUSCH, 2012, p. 16). Esse contexto se refere ao confronto entre a língua falada na família, ou seja, a língua de casa, e a língua padronizada, com a qual muitas crianças têm contato somente ao entrar na escola.

O repertório linguístico é entendido, segundo Busch (2012, p. 13), como um todo que inclui línguas, dialetos, estilos, registros, códigos e os usos rotineiros que caracterizam a interação. No entanto, a autora reconhece que o conceito deve ser ampliado porque a linguagem não é guiada apenas por regras e convenções, mas também por experiências linguísticas (BUSCH, 2012, p. 14-15). Ela ainda reforça que o ato de se comunicar e de se fazer entender também ocorre através da comunicação corporal, dos gestos ou da postura corporal.

O conceito de “repertório atualizado”, conforme Busch (2012, p. 25), não deve desconsiderar disposições emocionais que possam bloquear a disponibilidade do repertório e o uso de uma língua. Para ilustrar a importância do fator emocional, a autora menciona sobreviventes do holocausto e refugiados de guerras que necessitam recomeçar uma vida nova em outro espaço linguístico. Nesse caso, o repertório linguístico precisa ser ampliado ou renovado; em outras palavras, é preciso aprender outra língua e/ou se adaptar a um novo espaço linguístico.

Se, por um lado, o fator emocional possui um papel considerável para preservar ou ampliar o repertório linguístico, por outro lado, também devemos considerar a consciência linguística para olhar uma língua através dos olhos de outra. Nesse sentido, Busch (2012, p. 51-52) afirma que o falante deve se tornar ciente das irritações (ou estranhamentos) que podem ser causadas por alguém que de repente se encontrar em um espaço estranho e perceber que seu repertório linguístico não “cabe” naquele espaço.

No Brasil, como já mencionamos anteriormente, os imigrantes e seus descendentes passaram pela fase da proibição das línguas estrangeiras. Esse episódio deixou traumas no repertório linguístico dos falantes do alemão e do italiano, por exemplo. Existem relatos de falantes de alemão que foram presos e torturados por não conseguirem se comunicar em

português (HABEL, 2017, p. 88). Em função desse trauma, ainda existem famílias de descendentes da língua alemã que não querem ensinar a língua para seus filhos. Essa atitude é tomada para evitar algum tipo de sofrimento na fase escolar, que é quando as crianças entram em contato com o português. Nesse caso, devemos considerar, antes de mais nada, o fator emocional, ou seja, o trauma que está relacionado à língua proibida e, somado a isso, a uma variedade que, ainda por cima, é considerada de pouco prestígio, no Brasil.

O repertório linguístico dos descendentes de alemães está sendo podado desde a proibição das línguas estrangeiras e recebeu um incremento forte com o ensino e o uso obrigatório do português. Para equilibrar essa relação e tornar esse repertório mais multilíngue e mais plural, deve-se unir dois fatores: o emocional e a conscientização linguística. Uma língua não deve excluir a outra, embora uma possa observar a outra e perceber que, juntas, também podem abrir novas portas e serem úteis em novos espaços.

Para provar que o uso e o convívio de várias línguas ou dialetos em um mesmo espaço é possível, veremos, na próxima seção, como ocorre o uso variável de línguas, considerando os estudos de contatos linguísticos.

### 3.4.3 Uso linguístico variável: *variety complexe*

Um repertório linguístico variável, composto por elementos de diferentes línguas e variedades, manifesta-se, como vimos, no uso linguístico real de um falante. No cenário linguístico da América do Sul, como, por exemplo, no Paraguai Oriental, a variação plurilíngue e plurivarietal equivale à situação comum e normal. Thun (2000, p. 185-186) afirma que conheceu brasileiros com residência no Paraguai, os chamados brasiguaios, através das pesquisas para o Atlas Linguístico Guaraní-Românico. O resultado do uso linguístico variável desses falantes brasiguaios, segundo ele, é ainda mais complexo, se considerarmos serem eles descendentes de alemães do Rio Grande do Sul. Assim escreve Thun (2000):

Alguns apresentam biografias linguísticas complicadas, tendo, por exemplo, como língua materna um dialeto alemão (muitas vezes o *Hunsrückisch* do Rio Grande do Sul, exportado numa primeira fase da migração a Santa Catarina e ao Paraná), uma lusitanização imperfeita, lembranças do castelhano argentino devidas à estada nas Missões, e uns primeiros brotes do guarani, a verdadeira língua do povo paraguaio. (THUN, 2000, p. 185-186)

Conforme Thun (2000), as rotas migratórias variadas dos brasileiros descendentes de alemães justificariam o uso variável da(s) língua(s) em função do contato linguístico com o português da região sul do Brasil, em primeira instância; posteriormente, o contato com o castelhano nas Missões; e, por fim, o contato linguístico com o guarani do Paraguai. O contato linguístico no Uruguai também é motivo de variação dos usos da língua falada.

Por outro lado, as pesquisas realizadas na fronteira do Brasil com o Uruguai, para o Atlas Linguístico Diatópico e Diastrático do Uruguai (ADDU e ADDU-Norte), coordenadas por Thun e Elizaincín, mostram a situação linguística do Uruguai. Dos contatos entre o português e o espanhol, resultou não apenas uma língua “misturada”, e sim um complexo variacional (*variety complex*, como assinala THUN, 2010). Trata-se de uma variedade divergente e heterogênea que contém elementos de diferentes variedades em contato e que fazem parte do repertório linguístico dos falantes locais. Nesse caso, a fronteira linguística ultrapassou as fronteiras geográficas e políticas de ambos os países.

Do lado uruguaio, é possível identificar, segundo Thun (2010), três variedades linguísticas: o espanhol uruguaio (conhecido popularmente como sendo “castelhano”), o uruguaio *substandard* popular e o uruguaio *substandard* rural. Já o espanhol *standard* é a língua ensinada na escola, embora mais usada na escrita do que no uso da fala. No quadro 7, podemos ver as variedades classificadas em relação ao espanhol na esquerda, a variedade da fronteira no centro e o português do Brasil na direita.

Quadro 7 – Variação linguística na fronteira Uruguai-Brasil

| Spanish                       | Fronterizos  |                      | Portuguese                           |
|-------------------------------|--|----------------------|--------------------------------------|
| Uruguayan Spanish             |  |                      | Brazilian Standard (“língua padrão”) |
| Uruguayan Popular Substandard | Uruguayan Fronterizo (1. Proximate zone)<br>(2. Remote zone) | Brazilian Fronterizo | Brazilian Popular Substandard        |
| Uruguayan Rural Substandard   |  |                      | Riograndense Substandard             |

Fonte: Thun (2010, p. 708)

Observe-se que Thun identifica nesse contexto de fronteira três variedades do espanhol, assim como também três variedades do português, a saber: o português brasileiro *standard*, o *substandard* do português brasileiro popular e o *substandard* do português rio-grandense. Entre essas variedades, situam-se as variedades fronteiriças: o fronteiriço

português e o fronteiro uruguaio. O português brasileiro *standard* é favorecido por ser uma língua que possui prestígio na fronteira do Uruguai, o que lhe abre espaço nas escolas e na mídia (THUN, 2010).

Ao considerar esse complexo variacional identificado e registrado a partir dos dados coletados para o ADDU, ainda é possível reconhecer no espanhol da fronteira uma variedade da área central e da área mais periférica, conforme Thun (2010). Foi observado que, na área periférica, predomina um grande conservadorismo, em especial, com a ocorrência de formas mais antigas, as quais já foram abandonadas em áreas centrais.

Como se vê nos diferentes exemplos, toda essa constelação de línguas e de variedades em contato manifesta-se no uso dos falantes como um complexo variacional, no entendimento de Thun (2010), em função do emaranhado de variantes que se cruzam e de que se servem os falantes, no dia a dia, para uma série de situações e interações sociais. Esse uso variável de línguas e variedades pode, contudo, resultar em outros processos similares, como a alternância de código (*code-switching*), ou refletir as características de uma translanguagem (*translanguaging*), como se verá na sequência.

#### **3.4.4 *Code-switching e translanguaging***

O *code-switching* – em português, alternância de código ou alternância de línguas – pode ser visto, segundo King e Mackey (2007, p.194), como um “processo comum entre adultos e crianças proficientes e com domínio em duas línguas”. Elas afirmam que o fato de um indivíduo bilíngue realizar *code-switching* com êxito indica que “o falante tem a compreensão gramatical detalhada de ambas as línguas, incluindo o que pode e o que não pode ser feito em ambas” (KING; MACKEY, 2007, p. 194).

Já o termo *translanguaging* (em português, *translinguagem*), proposto por García, Flores e Chu (2011, p. 5), designa “uma abordagem do bilinguismo centrada não nas línguas, mas nas práticas comunicativas observáveis dos bilíngues”. Os autores reconhecem que *code-switching* e *translanguaging* são termos bastante próximos, mas destacam que a translanguagem compreende outras formas de uso da linguagem híbrida que são sistematicamente engajadas na construção de sentido. Um exemplo para ilustrar esse processo ocorre quando um bilíngue ouve um discurso em uma língua e fala sobre isso em outra língua,

ou, ainda, ele lê determinado texto em uma língua e, em seguida, apresenta esse conhecimento adquirido por escrito em outra língua (GARCÍA; FLORES; CHU, 2011).

Em um blog da Universidade de Oxford<sup>21</sup>, Wei especifica as diferenças entre *code-switching* e *translanguaging*. Wei (2018) afirma que *code-switching* se refere à alternância entre as línguas em um episódio comunicativo específico, como em uma conversa ou uma troca de e-mail (WEI, 2018). Para ele, a translanguagem é, contrariamente, um processo de criação de significado e de sentido e, portanto distinto do que propõe o termo *code-switching*.

A translanguagem, segundo Wei (2018), busca desafiar os códigos linguísticos e os não linguísticos, porque formam um conjunto de recursos que criam significado e sentido. Além disso, Wei afirma que é necessário ver as línguas nomeadas como convenções culturais diferentes:

Translanguaging wants to challenge the divides between the so-called “linguistic codes” on the one hand and the “non-linguistic” means of communication on the other; they are all part of the repertoire of meaning- and sense-making resources. Likewise, Translanguaging wants to challenge the divides between named languages and view them as different cultural conventions and some people are socialised into moving between and across these conventions in their everyday communication; these are the so-called “multilinguals”.<sup>22</sup> (WEI, 2018)

Os multilíngues, conforme Wei (2018), são indivíduos que conseguem se mover através de convenções culturais, incluindo gestos ou placas e figuras para se expressar ou colocar sentido em sua comunicação diária. Por esse viés, a translanguagem vai muito além da linguagem convencional, incluindo posturas, estilo de fonte, exibição espacial, expressões faciais e gestos. A translanguagem contribui com a aquisição de novas formas de comunicação e com a inclusão de línguas ou de variedades que, frequentemente, são excluídos de contextos escolares.

O desenvolvimento das práticas de língua materna dos alunos em comunidades bilíngues, segundo García, Flores e Chu (2011, p. 08), é prejudicada pelos programas educacionais que separam o ensino de línguas em blocos, separando, por exemplo, o ensino de alemão no formato de aula como língua estrangeira, sem levar em conta a língua da

---

<sup>21</sup> WEI, Li. Translanguaging and Code-Switching: what’s the difference? em OUPblog, 2018. Disponível em: <<https://blog.oup.com/2018/05/translanguaging-code-switching-difference/>>. Acesso em: 22 jan. 2021.

<sup>22</sup> Tradução nossa: A translanguagem quer desafiar as divisões entre os chamados “códigos linguísticos” por um lado e os meios de comunicação “não linguísticos” por outro; todos eles fazem parte do repertório de recursos de criação de significado e de criação de sentido. Da mesma forma, a translanguagem quer desafiar as divisões entre as línguas nomeadas e vê-las como convenções culturais diferentes e algumas pessoas são socializadas para se mover entre e através dessas convenções em sua comunicação diária; estes são os chamados “multilíngues”.

comunidade, que pode ser o *Hunsrückisch* ou o pomerano. Nesse sentido, a falta da comparação linguística entre a língua ensinada e a língua minoritária do aluno, segundo García, Flores e Chu (2011), não permite comparações interlinguísticas, as quais sirvam para estimular a consciência metalinguística das crianças ou até mesmo o uso e aceitação da translinguagem como um uso legítimo das línguas por falantes plurilíngues.

García, Flores e Chu (2011, p. 8) afirmam também que a translinguagem é um recurso importante para todos os professores de alunos em contexto de línguas minoritárias, e que o uso desse recurso pode tornar-se uma habilidade muito importante no século 21. Acrescenta-se que os professores educam de forma mais significativa, quando utilizam todo o repertório linguístico de seus alunos.

O uso simultâneo de duas línguas em sala de aula e no ambiente familiar precisa ser aceito como uma habilidade, qual seja de gerenciar dois sistemas linguísticos. King e Mackey (2007, p. 184 e 206) destacam alguns pontos sobre o *code-switching* que devem ser analisados com atenção pelos familiares e respeitados na fala de bilíngues, tais como:

- ato de misturar línguas para uma criança ou um aprendiz de línguas deve ser considerado normal, pois faz parte do desenvolvimento bilíngue;
- Se a criança vive em um ambiente onde o *code-switching* é a norma, ela vai aprender automaticamente a alternar entre as línguas que utiliza;
- As línguas minoritárias podem necessitar do apoio de outra língua;
- Não há bilíngue que domine várias línguas perfeitamente. A aprendizagem de línguas é um processo que deve ocorrer ao longo da vida.

Por fim, o *code-switching* é um processo de alternância entre línguas considerado natural e automático na vida dos bilíngues que possuem a sua disposição dois ou mais sistemas linguísticos. Já a translinguagem incentiva a reflexão linguística através do uso desses sistemas linguísticos complexos e completos de forma pacífica, sem competição e sem hierarquia.

A próxima seção trata da substituição linguística (*language shift*), ou ainda substituição de variedade linguística (*variety shift*), que são os processos “mais terminais” resultantes do contato linguístico, quando uma língua ou variedade se sobrepõe a outra.

### 3.4.5 *Language/variety shift*: substituição linguística

A substituição linguística, ou *language shift*, é definida por Weinreich (1953, p. 68) como “a substituição do uso habitual de uma língua por outra”. O mesmo pode ocorrer em relação a uma variedade próxima (*variety shift*), por exemplo do pomerano pelo *Hunsrückisch*. No processo de substituição, depreende-se que conseqüentemente ocorre a perda de uma língua ou de uma variedade que é substituída por outra. Essa perda, entretanto, não é abrupta, e sim ocorre de forma lenta e gradual.

No início da vivência dos diferentes grupos de alemães no Rio Grande do Sul, é de se esperar que ocorria a alternância entre uma variedade de base mais dialetal e outra de base *substandard* intermediária, ao lado do *standard* como língua-teto. Com o passar do tempo, os imigrantes de variedades mais distantes do *standard*, por exemplo o pomerano, provavelmente se adaptaram à variedade dialetal intermediária, adotando marcas mais estandardizadas para serem entendidos pelos falantes das diferentes variedades em contato. A substituição linguística é uma hipótese já percebida em outros estudos sobre a imigração alemã em Nova Petrópolis, conforme observado por Deppe (1988):

Os dialetos falados, como, por exemplo: o pomerano, o boêmio, o renano (hunsrück), etc., eram muitas vezes incompreensíveis de um grupo ao outro. Só poucos se comunicavam no alemão gramatical. O tempo e as dificuldades os ensinaram a superar estes problemas. Aos poucos o dialeto do hunsrück foi superando os outros dialetos e a ele incorporando algumas palavras da Língua Portuguesa, originando quase que um novo dialeto. (DEPPE, 1988, p. 83)

Fishman (1972, p. 107) define *language shift* como sendo a situação em que uma comunidade desiste totalmente da sua língua materna em favor de outra língua. A substituição linguística é um processo que leva gerações e pode ser interpretada como uma escolha da geração mais velha ao decidir que não vai mais ensinar sua língua de imigração aos seus filhos. Assim, a definição de Fishman (1972) poderia explicar o processo atual, em que muitos jovens apenas se comunicam em português, abandonando a língua de imigração por não a ter aprendido com a família.

Para Hickey (2010, p. 151), a substituição linguística geralmente ocorre com a língua majoritária, que ao final sai como “vencedora”. Para sustentar a sua afirmação, o autor cita como exemplo as línguas pré-indo-europeias que acabaram sendo absorvidas pelo ramo



indo-europeu. Essa substituição não precisa ser necessariamente completa; ela pode ser parcial, como, segundo Hickey, teria ocorrido na Península Ibérica.

Conforme Heinrich (2015, p. 613), com a substituição linguística, ocorre uma perda em nível social e linguístico das comunidades, além de resultar em transformações políticas e econômicas. No caso do Japão, Heinrich (2015) afirma que “as línguas *Ryukyuan* estão recuando e sendo substituídas pelo japonês de substrato *Ryukyu* ou pelo japonês padrão”. Nesse sentido, o resultado da substituição linguística é o afastamento de uma língua e o aumento do uso e do prestígio da língua substituta.

A substituição linguística não ocorre de forma generalizada. Segundo Hickey (2010, p. 156), ela ocorre primeiro em um nível individual e depois vai se espalhando entre os falantes, mas para que a substituição ocorra de forma bem-sucedida, ela precisa ser aceita pela comunidade. Esse é um processo lento que vai incorporando apenas os elementos necessários para que a comunidade possa reconhecer automaticamente as estruturas substituídas.

A desigualdade de poder entre as línguas minoritárias e majoritárias é um parâmetro que necessita de ajustes. Para Heinrich (2015, p. 613), reverter a substituição linguística exige, por isso, uma redistribuição de poder entre as comunidades em contato.

Nesse sentido, os imigrantes vindos da região da Boêmia são considerados imigrantes tardios ou posteriores, se comparados aos grupos da região do *Westmitteldeutsch* (médio-alemão ocidental) que já se instalaram a partir de 1824 no Rio Grande do Sul. Assim, é de se supor que o contato linguístico com os hunsriqueanos propiciou a substituição da variedade de origem dos descendentes boêmios, incentivando o uso da variedade *standard* e/ou da variedade local do *Hunsrückisch*.

Para que o *Hunsrückisch* não seja substituído pelo português, torna-se necessário fortalecer o uso da língua em ambientes sociais e político-administrativos. Heinrich (2015, p. 616) aponta para o domínio familiar como espaço mais sensível para o início das substituições linguísticas. O autor ainda esclarece que uma língua entra em situação de perigo quando o uso dela estiver afetado no âmbito familiar.

Na próxima seção, veremos que os falantes percebem características linguísticas que se destacam entre as diferentes línguas que utilizam na comunicação.

### 3.5 Saliência linguística e percepção linguística

São critérios subjetivos de que se utiliza Lenz (2003; 2010), para definir a noção de *saliência linguística* em seu estudo, porque ainda faltam pesquisas mais específicas sobre determinadas características salientes percebidas pelos falantes e ouvintes. Conforme enfatiza abaixo, Lenz (2010) afirma que a saliência é percebida quando há distinção cognitiva de uma característica linguística. Em outras palavras, a saliência retrata uma característica ou um elemento linguístico que é enfatizado do contexto de fala pelo informante e, assim, se torna mais facilmente e mais rapidamente acessível à percepção linguística em comparação às variantes não salientes.

*Unter Salienz wird hier die kognitive Auffälligkeit eines sprachlichen Merkmals verstanden, in dem Sinne, dass ein sprachliches Element aus seinem Kontext hervorgehoben wird und dadurch dem Sprachbewusstsein leichter und schneller zugänglich ist als nicht-saliente Varianten<sup>23</sup>. (LENZ, 2010, p. 94)*

Para comprovar as características ou variantes linguísticas mais salientes na variedade de fala dos sujeitos da pesquisa, a autora analisou os comentários metalinguísticos sobre a variedade em estudo, as hipercorreções, bem como dados escritos por pessoas leigas, por exemplo de um conto ou de uma carta. Lenz (2010) reitera que a saliência é o que sobressalta na fala como algo que é diferente. Além disso, costuma ser mais frequente em elementos do nível fonético e ocorre em menor escala nos itens lexicais. Para os objetivos desta tese, o conceito levanta a questão sobre a percepção dos falantes em relação a formas muito salientes, tanto para em termos de seu grau de dialetalidade, quanto de sua proximidade do *standard*. A hipótese que emerge daí é que a variedade de meio que serve de norma local comum aos diferentes grupos dialetais em contato compõe-se do que há de mais neutro e geral, portanto menos saliente. Um exemplo observado em Nova Petrópolis é o uso da vogal aberta anterior longa [a:] em *Baam* ‘árvore’ em lugar da vogal semiaberta posterior longa [ɔ:] em *Boom* ‘árvore’.

A observação de saliências linguísticas pode ocorrer de forma clara nas interações intraindividuais, quando o sujeito da pesquisa relata sobre sua biografia, e nas interações interindividuais, quando os falantes comparam e comentam entre si a(s) sua(s) variedade(s)

---

<sup>23</sup> Tradução nossa: Entende-se por saliência a distinção cognitiva de um traço linguístico, no sentido de que um elemento linguístico é enfatizado fora de seu contexto e, portanto, acessível à consciência linguística mais facilmente e mais rapidamente do que variantes não salientes (LENZ, 2010, p. 94).

falada(s) na comunidade ou no entorno. A saliência linguística observada pelos informantes também é avaliada pelo próprio informante que a observou. Segundo Lenz (2010), as mesmas variantes comentadas com muita frequência por diferentes informantes merecem mais atenção porque podem revelar formas estereotipadas.

Quando o sujeito da pesquisa percebe formas salientes na língua, também entendemos que esse falante possui uma percepção linguística relacionada à própria língua, incluindo ou não a percepção sobre outras línguas. Portanto, nesta tese, a percepção linguística é entendida como atividade de reconhecimento e de interpretação das variantes linguísticas faladas pelo informante entrevistado e pelos falantes do seu entorno sobre sua língua ou sobre outra(s) variedades linguísticas.

Conforme Lenz (2010), determinados elementos linguísticos são atingidos de forma mais rápida pela mudança em comparação a outros elementos. Lenz (2010) se apoia no estudo de Schirmunski que definiu as saliências linguísticas em características primárias e secundárias em função do fato da mudança linguística não atingir igualmente a todas as variantes.

Schirmunski, conforme Lenz (2010), definiu as características primárias como aquelas que, no dialeto, são comparadas à língua escrita ou a outras variedades, e surgem como grandes diferenças, percebidas e comentadas pelos falantes. As características secundárias, ao contrário, referem-se a características menos salientes.

As características salientes da língua ou da variedade em estudo devem, portanto, ser sempre consideradas em relação à origem do informante, o que pode acarretar em modificações sobre a conceituação de saliência (HETTLER, 2014). A saliência de características linguísticas, por isso, não deve ser um conceito estático (HETTLER, 2014). Para Hettler (2014, p. 86), “os fenômenos salientes podem ser estigmatizados e particularmente positivos e mais pronunciados ou menos pronunciados em relação à frequência de uso no cotidiano”. Nesse sentido, ainda torna-se necessário examinar fatores extralinguísticos, como a influência da profissão ou da idade do informante na percepção das características mais salientes.

O conceito de “saliência linguística” também é visto por Auer (2014) como problemático, pois se questiona, por exemplo, como determinada característica linguística pode se tornar saliente para um grupo de falantes. Na sociolinguística, a dificuldade em

entender o que é saliência, segundo Auer (2014), está em misturar as suas causas e seus efeitos.

A saliência de uma característica linguística só pode ser reconhecida pelos falantes se ela se destaca em comparação com outras características. Nesse sentido, Auer (2014) afirma que faz sentido diferenciar três condições de saliência. Primeiro, a saliência determinada fisiologicamente, já que determinados elementos fonéticos podem chamar atenção especial quando são falados mais alto ou mais devagar. A segunda condição refere-se à saliência condicionada cognitivamente, em que um estímulo linguístico é percebido no contexto de um amplo repertório linguístico. O terceiro ponto a se observar é a saliência determinada sociolinguisticamente, que vai além de detectar apenas o que é estranho ou diferente na língua. A saliência corresponde à avaliação social e afetiva, em que o falante avalia essa característica mais proeminente como negativa ou positiva (AUER, 2014).

Dessas três condições, segundo Auer (2014), pode ser mais fácil encontrar a saliência condicionada cognitivamente, inclusive ao lado da saliência determinada sociolinguisticamente. No entanto, Auer (2014) reforça que nem todos os traços cognitivamente salientes são também sociolinguisticamente salientes.

Na presente tese, observa-se as saliências linguísticas que surgem nos metacomentários dos informantes, acompanhados ou não de valorações. Em geral, os informantes percebem traços salientes entre comunidades de fala e avaliam essas características como “diferentes”, sem atribuir comentários negativos ou positivos. Em suma, a percepção linguística dos sujeitos entrevistados sobre as características mais salientes nas comunidades de fala enriquece a análise dos dados linguísticos e socio-históricos.

Na sequência, no capítulo referente aos procedimentos metodológicos da tese, será detalhado o desenvolvimento da pesquisa em campo.

## 4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O capítulo 4 ocupa-se com a metodologia de pesquisa empregada para a coleta e análise dos dados de pesquisa desta tese. Como essa metodologia se baseia nos pressupostos teóricos da Dialetologia Pluridimensional e Relacional (THUN, 1998), torna-se fundamental, inicialmente, mapear o *locus* da pesquisa, descrevendo os aspectos que o caracterizam e as dimensões de análise mais relevantes, considerando a variação linguística nos três grupos de fala enfocados – Bo, Hrs e Po.

Tal metodologia, contudo, fortemente pautada na pesquisa de campo e observação participante no ponto de pesquisa, sofreu duramente com as dificuldades criadas pela pandemia do Coronavírus (Covid-19), iniciada no RS a partir de março de 2020, bem no momento em que a pesquisadora se preparava para os levantamentos de dados. A interação direta com os falantes em seu espaço linguístico ficou comprometida em função das regras do distanciamento social impostas para controlar o contágio pelo vírus. Com isso, foi necessário adequar a aplicação dos questionários e/ou entrevistas à modalidade on-line. O formato virtual de contatar possíveis participantes que desejassem contribuir com a pesquisa mostrou-se muito útil para atingir um público maior e que, muito possivelmente, não seria atingido através de visitas presenciais. Contudo, também limitou a observação de fatores contextuais e sociais, além de limitar o acesso a dados de fala espontânea. O mesmo se pode dizer em relação às dimensões consideradas.

Diante desse quadro, considerando a língua como dinâmica e mutável, o que se espera de uma metodologia adequada é que os principais eixos da pesquisa sejam suficientemente controlados, permitindo certa flexibilidade e ajustes conforme as necessidades exploratórias de cada contexto, como, por exemplo, já foi testado no Projeto ALMA-H, o qual possui dados do *Hunsrückisch* falado no Brasil, Paraguai e Argentina. Um exemplo dessa flexibilização e adaptação do princípio de pluridimensionalidade é a elevação do critério de escolaridade (até o ensino secundário), para os falantes de Cb, em virtude do fato de os jovens das localidades pesquisadas não possuírem escolaridade menor. Outra alteração adotada, e que será explicitada mais à frente, diz respeito à faixa etária para definir a GI, que passou dos 18 aos 49 anos, sendo a GII composta pelos participantes com idade acima de 50 anos.

Por um lado, essas adaptações metodológicas podem apresentar resultados linguísticos mais completos e amplos. Por outro lado, porém, torna-se necessário, diante das circunstâncias adversas, recrutar o maior número possível de participantes para garantir um número de sujeitos favorável que concordem em participar de todas as etapas da pesquisa. Essa pesquisa, portanto, teve que se ajustar à “nova realidade” e, dentro do possível, flexibilizar a escolha dos participantes da pesquisa, sem perder o controle sobre os fatores que pudessem influenciar os resultados.

Pode-se dizer, portanto, que a metodologia desta tese, diante dos problemas que se colocaram devido à situação de pandemia do Covid-19, enfatiza a descrição e tipologização de marcas linguísticas características do alemão falado pelos três grupos analisados, como faz Altenhofen (1996), enfocando prioritariamente a dimensão dialingual entre esses grupos linguísticos e apenas de forma qualitativa as demais dimensões, quando os dados permitirem. Em outras palavras, a metodologia configura-se essencialmente como um estudo sincrônico tipológico-descritivo, com ênfase na distinção de marcas linguísticas entre os três grupos dialetais – Bo, Hrs e Po –, porém sem perder de vista as demais dimensões de análise (diastrática, diageracional, diassexual), quando os dados sugerirem alguma tendência ou significado. Vejamos, inicialmente, o que caracteriza o ponto de pesquisa selecionado.

#### **4.1 *Locus* da pesquisa: topodinâmica e territorialidades dos grupos imigratórios**

Nova Petrópolis situa-se na região da Serra Gaúcha e possui uma população estimada pelo IBGE/2018 em 21.536 habitantes<sup>24</sup>. Está a uma distância aproximada de 90 km da capital e localizada privilegiadamente na rota turística de Gramado/RS e na Rota Romântica da Serra, o que atrai turistas nacionais e internacionais. A área rural é ampla e possui rotas de turismo rural com pousadas que, em parte, destacam também traços da arquitetura alemã e dos hábitos herdados dos antepassados, como, por exemplo, a língua alemã, as danças folclóricas, o canto coral, a culinária etc. Já a área central e administrativa possui construções modernas que remetem ao estilo da arquitetura germânica em enxaimel (*Fachwerkhaus*) e também organiza eventos e festas que fazem alusão ao alemão como a *Frühlingsfest* (Festa da Primavera).

---

<sup>24</sup> Consulta realizada em <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/nova-petropolis/panorama>>. Acesso em: 21 out. 2020.

No período de 1858 a 1875, Nova Petrópolis era administrada pelo Distrito de São Leopoldo. Na sequência, entre 1875 e 1954, a administração passou a ser realizada pelo Distrito de São Sebastião do Caí (ver DEPPE, 1988). Por fim, a emancipação política ocorreu, segundo Schmitz (1975, p. 50), oficialmente em 7 de setembro de 1958.

O assentamento de imigrantes em Nova Petrópolis iniciou-se a partir de 1858, com a chegada dos imigrantes alemães, entre os quais pomeranos, saxões, renanos do *Hunsrück* e boêmios, além de alguns franceses das regiões limítrofes franco-germânicas, holandeses, belgas, poloneses, russos, italianos, entre outros. Essa heterogeneidade colocou diferentes culturas e variedades linguísticas em contato, formando uma comunidade diversificada e multilíngue.

Um estudo realizado em 1988 com descendentes de imigrantes alemães de Nova Petrópolis, no qual aparecem relatos sobre a origem de muitas famílias locais, apresenta aspectos importantes sobre a memória e a história da imigração (DEPPE, 1988). Entre os relatos de famílias originárias da Boêmia, região pertencente ao Império Austríaco até 1867, tem-se o depoimento de Alberto Hillebrand: “*Meus avós eram da Áustria (...), os primeiros moradores da aldeia de Blottendorf, na Boêmia (...). Os Hillebrand são de Dittersbach, Friedland (...)*” (DEPPE, 1988, p. 59).

Um ponto importante a observar é a referência feita à Áustria como lugar de origem, o que não deve ser confundido com o atual país austríaco. Quando os informantes se referem à Áustria, devemos ter em mente o Império Austríaco (1804-1867), vigente na época da emigração para o Brasil. Leonda Hillebrand, em seu relato, igualmente faz referência à “Áustria” como matriz de origem: “*Meu pai é da Áustria, de Haida, na Boêmia*” (DEPPE, 1988, p. 59). O mesmo Império que abrangeu a região da Boêmia foi marcante para esses imigrantes de origem alemã, tanto que em Paverama-RS (HABEL, 2017) os informantes autodenominam, ainda hoje, sua localidade de *Eesterreich*, ‘Áustria’ e sua variedade de fala como *Eesterreisch*.

Em outro depoimento, Werno Neumann acrescenta: “*Meus antepassados Neumann emigraram em 1876 e eram naturais de Dittersbach, Friedland na Boêmia, Áustria*” (DEPPE, 1988, p. 65). Esses depoimentos são bastante úteis porque já indicam os anos de chegada desses imigrantes em Nova Petrópolis (entre 1873 e 1876), o que se aproxima do ano de chegada dos boêmios em Paverama (em 1873, cf. SCHIERHOLT, 2002), no Vale do Taquari

(HABEL, 2017). Conforme visto acima, as famílias que emigraram ao RS vieram do norte da Boêmia, mais especificamente da região de *Reichenberg* (em tcheco *Liberec*).

Já o relato de Lydia Spier menciona as dificuldades vivenciadas pelo avô: “*O avô era muito doente, por isso ele veio ao Brasil. Eles tinham uma fábrica de vidro na Áustria, (...)*” (DEPPE, 1988, p. 57). O trabalho insalubre nas fábricas de vidro, principalmente na região norte da Boêmia, “expulsou” muitas famílias da Europa para o Brasil, onde teriam novas oportunidades para recomeçarem suas vidas. Esse relato sobre as dificuldades financeiras e o trabalho insalubre pode ser comparado com os estudos de Flores (1983) e os relatos de Umann (1997) referentes aos imigrantes boêmios de Venâncio Aires-RS.

Embora os informantes da pesquisa, em sua maioria, se autodenominem austríacos ‘*Eesterreicher*’, existem os registros em lápides de cemitérios católicos especificando as cidades de origem de outros antepassados. Algumas lápides ainda possuem o registro ‘*aus Böhmen*’, além do nome da cidade de origem, tais como *Gablons*, *Wiesenthal*, *Johannesberg*, entre outras. Os laços culturais, ainda hoje, aproximam Nova Petrópolis da matriz de origem dos descendentes de imigrantes boêmios, tendo a cidade de *Gablons* (República Tcheca) como cidade coirmã. Esse intercâmbio cultural é fortalecido desde 2008 pela sociedade “Associação dos Descendentes de Imigrantes da Boêmia”, fundada em Nova Petrópolis.

Segundo os informantes hunsriqueanos entrevistados pelo Projeto ALMA-H, há famílias que tentam preservar a memória dos imigrantes boêmios. No entanto, os Hrs não sabiam citar falantes ativos dessa variedade, uma vez que a morte da geração mais velha também ameaça a língua que, em muitas famílias, não foi ensinada aos filhos e netos (HABEL, 2016, p.123). Essas informações são importantes devido às percepções dos falantes de *Hunsrückisch* que relatam sobre a real existência de descendentes do alemão boêmio em Nova Petrópolis (HABEL, 2016, p. 123-126).

Outra cidade coirmã de Nova Petrópolis é *Emmelshausen*<sup>25</sup>, localizada na região do *Hunsrück*, Alemanha. Essa parceria firmada entre as cidades em 2019 ocorreu em homenagem aos descendentes de hunsriqueanos e visa facilitar os intercâmbios culturais e linguísticos. É curioso observar que, comparativamente aos boêmios, não há para os hunsriqueanos tantas referências explícitas, ao menos nos cemitérios, à sua localidade de origem, o que não significa que eles tenham sido menos numerosos.

---

<sup>25</sup> Disponível para mais informações em: <<https://www.novapetropolis.rs.gov.br/noticias/nova-petropolis-celebra-irmandade-com-emmelshausen-da-alemanha>>. Acesso em: 16 mar. 2021.



Inicialmente, as territorialidades originais em que se assentaram os três grupos imigratórios analisados neste estudo (hunsriqueanos, boêmios e pomeranos) eram bem definidas em Nova Petrópolis, conforme já foi apresentado na figura 5, na seção 2.3.5, através do mapa de Schmitz (1975). A distribuição geográfica dos diferentes grupos foi resultado das diferentes culturas, confissões religiosas dos imigrantes, bem como da ordem de chegada e da disponibilidade de terras livres. Além dos hunsriqueanos, boêmios e pomeranos, (grupos mais numerosos), ocorreu também, mesmo que em menor número, o assentamento de italianos, por volta de 1880, de “colonos nacionais” (PICCOLO, 1989, p. 75) ou luso-brasileiros, como mostra o mesmo mapa de Schmitz (1975). Piccolo (1989, p. 71 e 78) amplia a lista de imigrantes e ainda cita os saxões, franceses, holandeses e norte-americanos. Embora, porém, os grupos mais numerosos tenham tido uma territorialidade central própria, sem dúvida estabeleceu-se uma rede de comunicação entre essas áreas, unida em torno da identidade linguística e étnica e por um ponto administrativo central, o *Stadtplatz*. Diante das dificuldades da coleta de dados em função da pandemia, não foi possível realizar entrevistas e observações presenciais no interior de cada comunidade e territorialidade. Os informantes foram por isso definidos conforme sua autodeclaração de pertencimento e origem étnica e seu domicílio em uma dessas três territorialidades Bo, Hrs ou Po.

Os hunsriqueanos ou imigrantes do centro-oeste da Alemanha foram assentados a partir de 1829 em Pinhal Alto, Treze Colônias, Linha São Jacó, Nova Harmonia, Joaneta e Picada Café. Muitos imigrantes desse grupo já vinham das colônias anteriores, ou seja, saíram de São Leopoldo-RS e Dois Irmãos-RS em busca de mais terras e foram expandindo a área até Picada Café-RS. Desde 1992, a área territorial de Nova Petrópolis está menor, tendo perdido as localidades de Joaneta e Quatro Cantos, em função da emancipação de Picada Café.

Por volta de 1858, os imigrantes pomeranos receberam os seus lotes de terra nas Linhas Olinda, Linha Temerária, Arroio Paixão, Fazenda Pirajá, Linha Pirajá e Linha Riachuelo. Esses, segundo Schmitz (1975, p. 38), eram um grupo maior se comparado aos demais grupos de imigrantes.

Já os imigrantes boêmios, que chegaram mais tardiamente, por volta de 1867, se instalaram em Linha Brasil, Linha Imperial, Linha Araripe, Linha Gonçalves Dias, Linha Marcondes, Treze Colônias e em Nove Colônias. Os grupos menores de imigrantes, como os saxões, holandeses, dinamarqueses, franceses e italianos (SCHMITZ, 1975, p. 52), recebiam

os lotes de terras que os imigrantes pioneiros não queriam mais ou nos quais não conseguiram adaptar-se em função do terreno montanhoso e da mata nativa.

Da matriz de origem Boêmia (*Böhmen*), vieram muitas famílias que eram de regiões industrializadas, onde exerciam profissões como operários de obras, lapidadores de pedras semipreciosas ou artesanato e, portanto, não conheciam técnicas para trabalhar na agricultura (SCHMITZ, 1975, p. 60). Em compensação aos outros imigrantes, os boêmios tinham conhecimentos para fundar sociedades culturais e recreativas: canto, tiro ao alvo, bolão e faziam, com mais frequência, festas comemorativas.

Os principais fatores para a emigração da Europa para o Brasil, segundo Schmitz (1975, p. 38), se deu através da explosão demográfica, das guerras napoleônicas, da escassez de terras e de alimentos, das secas periódicas e, somado a isso, a forte propaganda por parte do governo brasileiro para habitar as terras do Sul do Brasil. O autor ainda faz o seguinte relato sobre o convívio dos imigrantes em comunidade:

O encontro das diferentes correntes de imigrantes, com usos e costumes, padrões e culturas, experiências e mentalidades diferentes; a natureza e ambientes hostis, as encostas íngremes e impróprias para o cultivo de plantas anuais, os obstáculos quase intransponíveis para o transporte e a comunicação, o isolamento, o abandono, a ignorância quanto à vida rural contribuíram para problematizar a aproximação entre os imigrantes. (SCHMITZ, 1975, p. 141)

Em função das dificuldades encontradas no novo meio, pomeranos, hunsriqueanos e boêmios se viram obrigados a interagir e compartilhar conhecimentos. A integração na grande cultura do país que os acolhera se deu de forma lenta e tudo isso pressionou os imigrantes e seus descendentes a formarem uma cultura de subsistência autossuficiente ou “marginal”.

Os pomeranos, segundo Schmitz (1975), já tinham um caráter mais fechado e reservado, não participavam de interações sociais, não eram acostumados a tomar decisões e não tinham muitas tradições e costumes grupais. No entanto, eles não encontraram tantas dificuldades para se adaptar ao trabalho pesado da agricultura porque isso já era tradição em sua matriz de origem, na Alemanha Oriental.

Conforme as pesquisas de Sbersi (2019, p. 28), os pomeranos da localidade de São José do Caí, Nova Petrópolis, eram protestantes e frequentavam, até 1950, a igreja Evangélica Luterana que estava localizada do outro lado do Rio Caí, na localidade de Sebastopol, Caxias do Sul. Após a construção da igreja na localidade de São José do Caí, os pomeranos tinham a opção de permanecer mais em sua comunidade e fortalecer os laços locais. A pesquisadora

também vê com preocupação a falta de material de pesquisa sobre os pomeranos de Nova Petrópolis, conforme segue:

[...] o material acerca dessa região é extremamente escasso, finalizando apenas em uma narrativa sobre as matas virgens e as terras férteis propícias para o cultivo. Por isso, acredita-se ser de extrema importância realizar entrevistas com as pessoas mais antigas, tanto da comunidade de São José do Caí, quanto de Linha Sebastopol, antes que viessem a se tornar incapazes de poder fazê-la, pois a contribuição da memória de como era a localidade se faria presente e acarretaria em um material teórico mais amplo [...]. (SBERSI, 2019, p. 28-29)

A professora e pesquisadora Sílvia Drumm afirma: “O pomerano, ele não deixou muita coisa registrada, o próprio Vale do Rio Caí não tem muitos registros escritos em algumas coisas, principalmente Nova Petrópolis” (SBERSI, 2019, p. 30). O grupo de danças *Lustige Volkstanzgruppe Bergtal* foi formado em 1996 pela professora Sílvia Drumm para representar a identidade pomerana. Desde então, o grupo vem resgatando as memórias e a cultura que, de certa forma, estava adormecida. No entanto, a falta de registros escritos e a falta de uma associação ou de um museu contribuem para o esquecimento da história, dos costumes e, até mesmo, da língua falada nessa comunidade pomerana.

Os boêmios e hunsriqueanos são grupos mais visíveis e conhecidos. Eles também foram mais privilegiados com o contato estrangeiro em função da proximidade com as rotas turísticas da Serra Gaúcha, com a implantação do turismo rural, com museus, associações, memoriais de imigrantes e vários grupos de danças folclóricas. A oferta de pousadas no interior permite o contato dos moradores locais com o público vindo de fora, o que pode ter reflexos na escolha das línguas e na manutenção do alemão.

Resumindo, pode-se reafirmar que a localidade escolhida para a realização deste estudo apresenta uma série de variáveis que justificam a sua escolha para os objetivos fixados. Metodologicamente, pelas circunstâncias do momento de pandemia, o fator mais determinante para a coleta dos dados é sua vinculação e pertencimento a um dos três grupos de origem topodinâmica. Estes funcionam como construtos de análise, nos quais se espera encontrar uma configuração própria. Essa dimensão de análise vamos chamar de *dialingual*. Com isso, fica também implícita a correlação de cada grupo com uma territorialidade específica (o que seria uma distinção de ordem diatópica ou diazonal) e, conseqüentemente, uma rede de comunicação com características particulares.

Na próxima seção, será apresentado o passo a passo para recrutar, dentro dessa perspectiva, os participantes da presente pesquisa de doutorado.

## 4.2 Participantes da pesquisa

### 4.2.1 Procedimentos de busca dos participantes on-line

Os primeiros contatos com falantes de alemão, considerando as circunstâncias do distanciamento devido à pandemia do coronavírus, ocorreram com a ajuda de profissionais das Secretarias de Turismo e de Educação ou de líderes comunitários que contribuíram com a divulgação da minha pesquisa entre grupos de Danças Folclóricas e Grupos de Coral. Esse procedimento foi útil para ter acesso aos contatos de *e-mail* ou de telefone dos grupos, pois nem sempre tinham os seus contatos registrados na internet. O acesso ao contato de um líder do grupo foi fundamental para que os demais integrantes pudessem receber o convite de participação dessa pesquisa. Em caso de interesse em participar, eles teriam que preencher um breve questionário sociológico.

O convite de participação da pesquisa on-line foi enviado, inicialmente, para os seguintes grupos culturais<sup>26</sup> via *e-mail* ou mensagem de *WhatsApp*:

- ‘Grupo de Danças Folclóricas Internacional’: possui mais de 50 integrantes distribuídos em quatro categorias. Ele foi fundado em 1970 para unir as diversas etnias e “erradicar preconceitos culturais”. Assim, cada casal representa um país europeu diferente ou também uma região distinta da Alemanha através do seu traje típico. O grupo representa o Departamento Cultural da Sociedade Cultural e Recreativa Tiro ao Alvo.
- ‘Grupo de Danças Schützenhaus’: foi fundado em 1993 por membros da Sociedade Cultural e Recreativa Tiro ao Alvo. Os integrantes utilizam os trajes típicos conforme a região de descendência de seus antepassados.
- ‘Grupo de Danças Folclóricas Sonnenschein’: esse grupo foi fundado em 1990, na localidade de Linha Brasil. Formado por estudantes do Colégio Agrícola Bom Pastor, o grupo se expandiu e passou a representar também a Linha Araripe,

---

<sup>26</sup> Disponível em: <<https://www.festivaldefolclore.com.br/grupos.php?tipo=4>>. Acesso em: 18 out. 2020.

localidades formadas por descendentes de boêmios e hunsriqueanos. O grupo possui 35 integrantes na categoria adulta.

- ‘Böhmerlandtanzgruppe’: o grupo foi formado em 1987 e representa os descendentes de imigrantes boêmios da localidade de Linha Imperial. Atualmente, está com um total de 93 integrantes nas categorias mirim, infantil e adulto. Os trajes foram confeccionados com inspiração em características regionais da Boêmia.
- ‘Lustige Volkstanzgruppe Bergtal’: esse grupo de danças foi fundado em 1996 na localidade de São José do Caí, próximo às margens do Rio Caí. O grupo representa os imigrantes pomeranos que colonizaram a região e possui as categorias juvenil e adulto.
- ‘Volkstanzgruppe Tannenwald’: com quarenta anos de existência, o grupo possui diversas categorias e representa a localidade de Pinhal Alto. Além do grupo de dança, também possuem grupo de coral e de teatro para preservar e divulgar as tradições alemãs.
- ‘Volkstanzgruppe Edelstein’: foi fundado em 1994, na localidade de Fazenda Pirajá. A categoria adulto utiliza trajes em homenagem aos descendentes alemães do *Hunsrück*, da Pomerânia e da Westfália. Já a categoria infantil possui um traje para representar a região do Tirol.
- ‘Volkstanzgruppe Freundschaftskreis’: também conhecido como grupo de danças Círculo da Amizade, foi formado em 1992 por um grupo de amigos. O grupo representa a localidade de Vila Olinda que foi colonizada por imigrantes de diversas regiões da Alemanha.

A participação dos membros de grupos de dança não foi tão significativa, quanto se esperava, para a pesquisa on-line. O questionário sociológico foi preenchido por jovens, adultos e velhos, no entanto, principalmente por integrantes do sexo feminino. Outra característica observada foi o grande número de participantes com Ensino Superior, o que pode revelar que o público menos escolarizado não teve conhecimento desse questionário ou não teve interesse para preencher as questões em função de ser on-line e exigir o acesso do questionário por meio de um *link* do *Google* Formulários. Outro fator que pode explicar a falta de dados, especialmente de Cb tem a ver com o acesso mais restrito à internet nas comunidades do interior, local de residência da maioria dos falantes de alemão. Além disso, o

questionário on-line também excluiu os menos letrados, ou seja, o público menos escolarizado e que não tem acesso tão fácil ao registro escrito. Isso comprometeu evidentemente a análise de dados na dimensão diastrática, que teve que ser por isso ignorada, ao menos objetivamente, apesar da possibilidade de análise qualitativa do papel da escolaridade.

Para garantir uma base de análise da dimensão diasssexual (homens x mulheres), recorreu-se aos grupos de coro<sup>27</sup>, em especial, para obter mais participações masculinas. Através da internet foi possível localizar o Coro Masculino *Stadtplatz*, que representa o Centro de Nova Petrópolis-RS. Nesse caso, também não foi possível localizar via *internet* os contatos de *e-mail* ou de telefone, o que, anteriormente, já havia sido uma dificuldade para contatar os grupos de danças folclóricas. Também não há uma rede social ou uma plataforma com dados históricos dos grupos. Nesse caso, para chegar aos representantes dos grupos de dança e de coral, foi necessário contatar o ex-Secretário de Turismo de Nova Petrópolis. A intermediação dele foi fundamental para encontrar uma forma de contatar líderes comunitários e, assim, facilitar o diálogo com os integrantes dos corais e dos grupos de danças folclóricas.

Com a participação de alguns integrantes dos corais, foi atingido um número maior de respostas, o que serviu para ter uma visão mais ampla e geral sobre os usos das línguas em Nova Petrópolis-RS. Além disso, também foi possível observar a percepção linguística ou o conhecimento que cada participante da pesquisa tinha em relação aos outros grupos de falantes, os quais são descendentes de boêmios, hunsriqueanos ou de pomeranos.

As várias tentativas de localizar participantes para a pesquisa on-line ocorreram de forma lenta e com interrupções de semanas ou meses, para não colocar em risco a saúde das famílias em meio à pandemia do Covid-19. Alguns participantes que haviam respondido o questionário sociológico on-line, em formato escrito e de respostas de múltipla escolha, não se animaram a continuar com as demais etapas, as quais exigiam responder em alemão através do áudio via *WhatsApp*. Nesse quesito, a ajuda de conhecidos, de líderes comunitários e de professores novamente foi fundamental para atingir novos contatos que se enquadrassem no perfil da pluridimensionalidade e que se disponibilizassem a participar da etapa oral. As várias idas a campo em Nova Petrópolis entre 2017 e 2018, em função dos Projetos do IHLBrI (Inventário do *Hunsrückisch* como língua brasileira de imigração) e do ALMA-B's, também foram fundamentais para a presente pesquisa em termos de observação em campo.

---

<sup>27</sup> Disponível em: <<https://www.novapetropolis.rs.gov.br/noticias/encontro-municipal-de-coros-reune-200-jovens-coristas-em-nova-petropolis>>. Acesso em: 10 out. 2020.

#### 4.2.2 Perfil dos sujeitos da pesquisa

Com o ponto de pesquisa bem delimitado e o contato preestabelecido com potenciais falantes de alemão, iniciamos o agrupamento dos participantes interessados, seguindo, de forma flexível mas controlada, o modelo teórico-metodológico da Dialectologia Pluridimensional (THUN, 1998). Esse modelo foca na pluralidade de informantes, ou seja, na seleção de diferentes perfis sociais, em outras palavras, participantes do sexo masculino e feminino, jovens e velhos. Na sequência, os participantes são agrupados conforme a semelhança de cada perfil, ou seja, por exemplo, jovens (rapaz e moça, GI) com escolaridade básica (Cb) (v. RADTKE; THUN, 1996). Segundo Thun (1998, p. 706), a pluralidade de informantes ajuda na obtenção de informações mais completas e representativas para analisar e comparar os usos linguísticos.

Sendo assim, a seleção dos informantes também deve evitar, na medida do possível, a escolha de casais com histórico de casamento misto, ou seja, o homem do grupo dos boêmios e a mulher do grupo dos hunsriqueanos ou vice-versa. Outro critério de inclusão no grupo de informantes é o bilinguismo, ou seja, o informante deve falar uma variedade do alemão, além do português. Um critério de exclusão é o não pertencimento ao ponto de pesquisa selecionado, o que será controlado através da autodeclaração do local de nascimento do informante na comunidade local ou residência na comunidade há 5 anos ou mais, além de se identificar como pertencente a um desses três grupos em estudo.

Conforme já mencionado no início deste capítulo, foi necessário adaptar e flexibilizar o perfil dos informantes em função da coleta de dados que ocorreu de forma online. Como a maioria dos participantes da pesquisa já possuem Ensino Superior, o grupo Cb foi alterado com o acréscimo do Ensino Técnico. Essa adaptação tornou-se necessária porque a população local tem fácil acesso ao curso de Técnico em Agropecuária, por exemplo. Além disso, a faixa etária da GI passou a representar o grupo etário dos 18 aos 49 anos, e a GII representou os participantes com idade acima de 50 anos, conforme mostra o quadro 8, a seguir.

Quadro 8 – Perfil dos participantes da pesquisa [Hrs, Po e Bo] conforme os parâmetros sociais

|   |  |
|---|--|
| <b>CaGII</b><br>- ensino superior<br>- acima de 50 anos<br>- homens e mulheres          | <b>CaGI</b><br>- ensino superior<br>- entre 18 e 49 anos<br>- homens e mulheres          |
| <b>CbGII</b><br>- ensino básico ou técnico<br>- acima de 50 anos<br>- homens e mulheres | <b>CbGI</b><br>- ensino básico ou técnico<br>- entre 18 e 49 anos<br>- homens e mulheres |

Fonte: elaborado pela autora

Em suma, para a realização desta pesquisa, os participantes foram agrupados em CaGII e CaGI, em que Ca representa a classe socioculturalmente alta (Ca: ensino superior), GII representa os informantes mais velhos (acima de 50 anos) e GI está para os informantes jovens (entre 18 e 49 anos). Nos agrupamentos CbGII e CbGI temos a representação da classe socioculturalmente baixa (Cb: Ensino Básico ou Técnico), além de jovens (GI) e velhos (GII). Em todos os grupos, têm-se participantes do sexo masculino e feminino, embora o número de mulheres tenha sido mais representativo. De um total de 36 participantes iniciais, foram excluídos 2 jovens em função de não se comunicarem mais em alemão local. O bilinguismo local era um pré-requisito, porque os participantes tinham que traduzir palavras ou frases do português para o alemão local durante a segunda etapa da pesquisa.

No que diz respeito à vinculação e pertencimento (autodeclarado) a um dos três grupos imigratórios em análise, ocorreram maiores dificuldades com a seleção de pomeranos do grupo da GI. Os jovens se identificam como falantes de alemão e não possuem mais um vínculo à identidade pomerana que somente os mais velhos ainda possuem. Já no grupo Bo, a geração jovem possui uma vinculação maior ao se autodeclarar descendente de famílias do Bo, o que constantemente é reforçado pelos grupos de danças, pelos museus pertencentes às famílias do Bo e, por fim, pela Associação de descendentes de boêmios de Nova Petrópolis. Por parte dos Hrs também há jovens que ainda se comunicam em alemão, mas desconhecem a própria história familiar que possui vínculos, mesmo que longínquos, com o germanismo.

Definidos os participantes da pesquisa, em que se buscou controlar os fatores determinantes de uma variação de comportamento linguístico, vejamos agora as variáveis linguísticas selecionadas para as entrevistas, para visibilizar tendências na variação desse comportamento linguístico.



### 4.3 Seleção das variáveis linguísticas

A seleção das variáveis linguísticas para a presente pesquisa ocorreu com base em Altenhofen (2016, p. 120). A definição dessas variáveis, como é de praxe em estudos da dialetologia alemã (v. ALTENHOFEN, 1996), tem como sistema de referência o *Mittelhochdeutsch* (médio-alto-alemão), para o vocalismo, e o *Westgermanisch* (germânico ocidental), para o consonantismo. A mudança desses estágios históricos para o alemão local dos três grupos Hrs, Po e Bo, hoje, pode tender a variantes mais próximas do *standard*, portanto de tipo *Deutsch* [+ standard], ou mais distantes, logo de tipo *Deitsch* [- standard]. Essa variação no contínuo *standard-substandard* tem sido observada amplamente nos dados do Hrs, coletados pelo ALMA-H. O quadro 09 a seguir traz as variáveis que foram utilizadas para a coleta de dados e que, por ora, se mostraram mais produtivas e distintivas.

Quadro 9 – Variáveis com oposição de marcas próximas do *standard* ou do *substandard*

| Variable         | Varianten für den Typus »Deutsch«  | Varianten für den Typus »Deitsch«                |
|------------------|--|--|
| <i>mhd. ei</i>   | [aʔ] <i>Reis</i> ›Reise‹, <i>klein, allein</i>   | [e:] <i>Rees, kleen, (a)lleen</i>                |
| <i>mhd. ie</i>   | [i:] <i>veliere, Schmier</i> ›Marmelade‹, <i>namoriere</i> ›eine(n) Freund(in) haben‹                              | [e:] <i>veleere, Schmeer, namoreere</i>          |
| <i>mhd. iu</i>   | [ɔʔ] <i>Deutsch, Feuer, heut</i>   | [aʔ] <i>Deitsch, Feier, heit</i>                 |
| <i>mhd. ou</i>   | [aʊ] <i>Baum, auch, laufe</i>  | [ɔ:] <i>Boom, ooch, loofe</i>                    |
| <i>mhd. a</i>    | [a:] <i>Hahn, saht</i> ›sagte‹, <i>Fadem</i> ›Faden‹, <i>kaate</i> ›Karten spielen‹, <i>Calçada</i> ›Fußgängerweg‹ | [ɔ:] <i>Hoohn, sooh, Foodem, koote, Kalsoode</i> |
| <i>mhd. â</i>    | [ɔ:] var. [o:] var. [a:] <i>Jahre, Straß</i>   | [o:] <i>Johre, Stroß</i>                         |
| <i>wgerm. pf</i> | [f] <i>Fiesich</i> ›Pfersich‹, <i>flanze</i> ›pflanzen‹  | [p] <i>Pesch, planze</i>                         |
| <i>wgerm. s</i>  | [s] <i>fest, Fenster, bist, leest</i> ›liest‹  | [ʃ] <i>fescht, Fenschter, bischt, leescht</i>    |
| <i>wgerm. g</i>  | [ç, x] <i>reechne</i> ›regnen‹, <i>Vochel</i> ›Vogel‹  | [ ] <i>reene</i> ›regnen‹, <i>Vohl</i> ›Vogel‹   |
| <i>wgerm. b</i>  | [b] <i>lebe, schreibe</i>  | [v] <i>lewe, schreiwe</i>                        |
| <i>Lexik</i>     | z.B. <i>Fead</i> ›Pferd‹, <i>Gorke</i> ›Gurke‹, <i>Friedhof</i>  | z.B. <i>Gaul, Gummer, Kerrichof</i>              |

Fonte: Altenhofen (2016, p. 120)

Como pode ser observado no quadro 09, tem-se para a variável <ei> as seguintes possibilidades: a variante *standard* [aʔ] ou a variante monotongada menos *standard* [e:]; já para a variável <ie> do médio-alto-alemão poderá ocorrer a variante *standard* [i:] ou seu abaixamento (diante de /r/) para [e:] desviante do *standard*, portanto mais dialetal. Para a

variável do mhd. <iu> poderá ocorrer a variante *standard* [ɔɪ], como no *Hochdeutsch*, ou a variante menos *standard* [aɪ]; por fim, a variável mhd. <ou> do *Mittelhochdeutsch* pode realizar-se como variante *standard* [aʊ] ou monotongar para uma variante velar longa menos *standard* [ɔ].

Oposições semelhantes são perceptíveis de igual modo no consonantismo, onde especialmente a variável wgerm. <pf> pode realizar-se como variante [f], mais associada ao *standard*, ou [p], menos *standard*, isto é, mais dialetal; menos perceptível, porém igualmente opositivo é a variável wgerm. <b>, que pode manter-se como variante *standard* [b] ou fricativar para a variante menos *standard* [v] (cf. ALTENHOFEN, 2016, p. 120).

Com base nas oposições propostas acima, que foram consideradas na elaboração do questionário, pode-se perceber como cada grupo de fala se comunica atualmente, ou seja, se o grupo dos pomeranos, por exemplo, fala de forma mais dialetal ou mais *standard* em relação ao boêmio ou se nivelaram o seu modo de falar através do uso de características já presentes e dominantes no hunsriqueano, ou ainda, se não utilizam nenhuma forma do alemão apresentada, indicando mudança ou substituição linguística.

Na sequência, serão apresentados os instrumentos utilizados para a coleta dos dados.

#### **4.4 Instrumentos para obtenção dos dados**

Para esta pesquisa, como sabemos, foram entrevistados descendentes de boêmios, de pomeranos e de hunsriqueanos em Nova Petrópolis. A primeira etapa obteve 34 participantes que responderam ao questionário sociológico on-line (cf. anexo I) pelo *Google* Formulários. As respostas resultaram em gráficos e tabelas. Do total de 20 questões, 10 exigiam o preenchimento de algum dado de identificação ou algum comentário (meta)linguístico ou de percepção linguística sobre os grupos em estudo, 7 questões eram de múltipla escolha e as outras 3 questões (questões de número 11, 12 e 13) tinham a possibilidade de selecionar mais de uma resposta. A questão 11, por exemplo, exigia que o participante marcasse (entre 5 opções) de onde vieram os seus antepassados. Na questão de número 12, ele teria que marcar todas as línguas que ainda costuma falar em seu cotidiano. Por fim, na questão 13, os participantes teriam que marcar o(s) nome(s) que eles utilizam para denominar a língua alemã que falam em seu dia a dia. Esse questionário da primeira etapa foi

adaptado com base no Projeto ALMA-H para possibilitar futuras comparações entre os dados. Assim, a primeira etapa ocorreu para conhecer previamente os participantes da pesquisa e as suas percepções sobre as línguas/variedades faladas em sua comunidade. O tempo de resposta a esse questionário sociológico on-line foi estabelecido em uma média de 15 minutos, podendo oscilar para mais ou para menos, conforme o tempo necessitado pelo respondente.

Na sequência, a segunda etapa da coleta de dados ocorreu com as entrevistas linguísticas baseadas em questionário fonético-fonológico. Nesse caso, reduzimos bastante o número das questões com variáveis fonológicas e lexicais retiradas do Projeto ALMA-H para não sobrecarregar os participantes da pesquisa em função das complicações provocadas pela pandemia do Coronavírus. Essa segunda etapa de coleta ocorreu 3 meses após a primeira etapa em função da persistência do distanciamento social e da baixa imunização do público mais velho. Com essa situação crítica, a melhor solução encontrada foi realizar a coleta de forma on-line mais uma vez, no entanto, em formato de áudio via *WhatsApp*. Para facilitar a coleta, optou-se por escrever as variáveis em português, conforme segue no quadro 10, e os informantes teriam que traduzir ou explicar qual a variante utilizada para cada variável na sua variedade de língua alemã. É provável que essa técnica tenha excluído aqueles informantes que não sabem ler em português ou aqueles que possuem dificuldades para enxergar as letras em telas pequenas, como, por exemplo, a tela do celular.

Quadro 10 – Variáveis linguísticas aplicadas na etapa 2

|   |
|---|
| <b>Primeira rodada</b>  |
| Galo, rua, anos, pequeno, sozinho, viagem, doce de frutas (para passar no pão), alemão, fogo, hoje, árvore, também, janela, fósforo, batata-inglesa, cavalo, dizer, pêssago, jogar cartas, perder, namorar, caminhar, plantar, chover, viver, escrever, pássaro, festa, lavrar a roça, galinha, pepino, cemitério.  |
| <b>Segunda rodada</b>   |
| Gotas, frigideira, assobiar, ameixa, pimenta, maçã, peste, escova de dentes, resto, acreditar, colar no papel, fígado, garfo, levantar um objeto, pregos, espelho, voar, olhos, reclamar, sabão, uma parte, perna, balde, pó, batizar, palha de milho, nata, fabricar, maltratar, imposto, coruja, cruz, agulha, formigas, semente, ovelha, pobre, folha, intestino, túmulo, salão. |

Fonte: elaborado pela autora

As variáveis linguísticas, que aparecem no quadro acima, foram coletadas em duas rodadas. A primeira rodada não se mostrou suficiente e parecia ter sido muito fácil para os falantes, já que tratava-se de palavras mais recorrentes no dia a dia, em específico, para o público da faixa etária mais velha. Na segunda rodada, já se percebeu que os entrevistados

tinham que pensar um pouco mais antes de responder. Como a segunda etapa exigia conhecimentos de língua alemã (além da leitura em português), ocorreu a redução das participações de informantes, como podemos verificar no quadro 11. Dos 34 participantes da primeira etapa, restaram 24 para dar sequência à pesquisa na segunda etapa.

Quadro 11 – Etapas da coleta de dados

|                          | <b>1ª etapa</b><br>(On-line)<br><b>Questionário sociológico</b> | <b>2ª etapa</b><br>(On-line)<br><b>Tradução de palavras</b> | <b>3ª etapa</b><br>(Presencial)<br><b>Etnotextos</b>             |
|--------------------------|---|---|--|
| <b>Participantes</b>     | Hrs: 17<br>Bo: 13<br>Po: 4<br>Total: 34                         | Hrs: 11<br>Bo: 9<br>Po: 4<br>Total: 24                      | Hrs: 5<br>Bo: 4<br>Po: 4<br>Total: 13                            |
| <b>Formato dos dados</b> | Escrito via Google Formulários                                  | Áudio via WhatsApp e transliterado pela autora do estudo    | Áudio via gravador Olympus e transliterado pela autora do estudo |

Fonte: elaborado pela autora

As entrevistas da terceira e última etapa ocorreram de forma presencial (após a vacinação do público jovem, em agosto/setembro de 2021) e a técnica utilizada foi a entrevista semidirigida, isto é, a pesquisadora introduziu uma conversa e demonstrou interesse sobre uma temática que poderia resultar em conversas mais longas e com um grau de monitoramento menor por parte do entrevistado. Os participantes dessa última etapa foram, em sua maioria, indicados por líderes comunitários e selecionados presencialmente. Ao todo, foram 13 informantes que não haviam participado das entrevistas on-line, sendo necessário preencher apenas os requisitos básicos da metodologia pluridimensional que também guiou a escolha dos entrevistados da primeira etapa. As conversas foram gravadas em formato de áudio com o uso de um gravador da marca *Olympus* munido de dois microfones embutidos. Essas conversas tiveram uma duração média de 30 a 45 minutos por sujeito de pesquisa. Após cada entrevista, os dados foram armazenados no computador para posterior escuta e transliteração da fala.

Por fim, as observações de campo realizadas em 2017 e 2018 contribuíram para o entendimento da variação linguística dos falantes dos diferentes grupos de fala. Durante as observações desse período também foram realizados pequenos registros de etnotextos, em que os falantes relatavam sobre acontecimentos do passado e do presente, o que serviu como pré-

treino para as saídas de campo posteriores. O objetivo desses etnotextos foi coletar dados de fala espontânea em um estilo de conversa, para ter subsídios de análise e controle da variação diafásica. As entrevistas para a coleta de etnotextos englobam, geralmente, relatos sobre a história e a cultura local ou também sobre questões linguísticas e sociais.

Resta, agora, apresentar os procedimentos de análise das variáveis linguísticas selecionadas. É o que se fará na próxima seção.

#### **4.5 Análise das variáveis linguísticas**

A análise implementada nesta tese busca estabelecer a relação entre o processo de variação que se observa na língua em um determinado momento (isto é, sincronicamente) com os processos de mudança que estão acontecendo na estrutura da língua ao longo do tempo (isto é, diacronicamente). Seguindo esse viés, e considerando as condições de constituição do corpus de dados, tem-se neste estudo uma análise de dados essencialmente qualitativa e interpretativa, baseada em um conjunto de variáveis levantadas por meio de questionário simples, para observar oposições no contínuo *standard-substandard* do alemão, as quais foram complementadas com etnotextos sobre temas referentes à percepção linguística, aspectos culturais e históricos da comunidade de fala, para comparação e controle. Na análise qualitativa, também entram as observações de campo, ou seja, as anotações realizadas ao observar a interação dos informantes com familiares e amigos, onde se observam as escolhas linguísticas realizadas e sua relação no eixo *standard-substandard*. A análise dos dados baseou-se, nesse sentido, em um recorte sincrônico, seja a partir dos dados sociológicos coletados pelo formulário do *Google*, seja pelos dados linguísticos coletados em grande parte on-line.

Tomando por base as dimensões de análise previstas no modelo teórico que fundamenta a tese, convém destacar que a análise central se pauta na dimensão dialingual, sendo as demais dimensões apresentadas no quadro 12 a seguir consideradas de forma qualitativa e secundária, desde que os dados possíveis de serem levantados ofereçam um indicador mais ou menos seguro e consistente metodologicamente.

Quadro 12 – Dimensões de análise em foco na tese

| DIMENSÕES DE ANÁLISE   | PARÂMETRO   | CRITÉRIO   |
|--|---|--|
| <b>DIATÓPICA</b>   | Topostático (informante com domicílio fixo)                                 | Localidades em Nova Petrópolis                               |
| <b>DIALINGUAL</b> (também se cruza, historicamente, com o parâmetro TOPODINÂMICO, da origem imigratória de cada grupo, que pressupõe uma tradição linguística própria) | Boêmio / hunsriqueano / pomerano / português                                | Origem imigratória (dimensão diatópico-cinética)             |
| <b>DIATRÁTICA</b>  | Ca (Classe socioculturalmente alta)<br>Cb (Classe socioculturalmente baixa) | Ca (Ensino Superior)<br>Cb (Ensino Básico ou Ensino Técnico) |
| <b>DIAGERACIONAL</b>   | GI (geração jovem)<br>GII (geração mais velha)                              | GI (18 a 49 anos)<br>GII (acima de 50 anos)                  |
| <b>DIAGENÉRICA</b> ou <b>DIASSEXUAL</b>  | Homens / mulheres   | Masculino / Feminino   |
| <b>DIAFÁSICA</b>   | Respostas ao questionário vs. conversa livre                                | Estilos de uso da língua                                     |

Fonte: elaborado pela autora

Na dimensão diageracional (GII e GI), foram selecionados informantes jovens, adultos e mais velhos. Além disso, também foram selecionados homens e mulheres (dimensão diagenérica), para as entrevistas e, assim, aumentar a representatividade dos dados linguísticos.

A dimensão dialingual segue o critério da origem imigratória dos três grupos analisados, a qual pressupõe um repertório linguístico particular que repete à respectiva matriz de origem (dimensão diatópico-cinética). Na dimensão diafásica, tem-se como foco principal o critério dos estilos de uso da língua, como, por exemplo, a conversa livre e as respostas ao questionário. Conforme Thun (2009, p. 534), se não houver o registro da fala dos informantes em diversos estilos, a conversa livre e as respostas ao questionário (variação diafásica), por exemplo, não é possível saber se existe a variação entre falantes da mesma localidade.

Algumas variantes do dialeto-base cartografadas no alemão boêmio da Boêmia, por exemplo, por pesquisadores como Becker (1939), Arnold (1950) e Baumbach (2001), contribuíram com as análises da variedade falada no Brasil por descendentes de imigrantes boêmios da geração mais velha. Uma variante como *hejss* ‘quente’, cartografada por Arnold (1950), também foi registrada na GII dos falantes de alemão em Paverama/RS (HABEL, 2017, p. 85). Nessa comunidade do Vale do Taquari, também houve uma parcela de imigrantes boêmios provenientes da aldeia de *Reichenberg*, onde ainda foi cartografada a

variante *Pfaffer* ‘pimenta’, registrada por Becker (1939) e que se manteve no novo meio (HABEL, 2017, p. 83). Essa variedade falada pelos boêmios do Vale do Taquari foi se esvaindo com a morte dos falantes da GII, o que foi acelerado ainda mais com a pandemia. Assim, a hipótese mais provável é de que as características mais salientes do dialeto-base já tenham sido substituídas também em Nova Petrópolis por características recentes mais *standard* ou por uma variedade *substandard* de uso comum na comunidade.

Em resumo, a análise de dados, assim como a aplicação dos princípios do modelo teórico da Dialetologia Pluridimensional e Relacional, está à mercê das possibilidades que o corpus, que serve de base a este estudo, oferece. Em relação ao modelo teórico, optou-se por uma flexibilização e adequação dos princípios às condições impostas à realização da pesquisa. Em relação à análise dos dados, a tese foca-se primordialmente na dimensão dialingual da fala dos três grupos imigratórios, considerando o conjunto de variáveis linguísticas selecionadas com base em Altenhofen (2016) e que já deram bons resultados nos estudos realizados pelo ALMA-H, até aqui. As demais dimensões são agregadas por meio de análise qualitativa e interpretativa, desde que de forma consistente e controlada sistematicamente.

Com isso, concluímos os capítulos de base teórica, para passar à aplicação e análise linguística propriamente dita do contato intervareietal Hrs, Bo e Po na localidade de Nova Petrópolis-RS. Vejamos.

## 5 ANÁLISE DOS DADOS

Antes de iniciar a análise dos dados, vale relembrar o objetivo central desta tese, qual seja, de descrever o alemão local de Nova Petrópolis usado na interação comum entre os três grupos imigratórios principais – Hrs, Po e Bo –, cada qual com sua territorialidade e repertório linguístico trazido da respectiva matriz de origem, ainda vivo ou não, e identificar o grau de proximidade e de aproximação da norma *standard* ou, conseqüentemente, o grau de dialetalidade que distingue o alemão desses três grupos.

Para jogar luz a esse objetivo, dividiu-se o capítulo em três partes, iniciando pelos aspectos sociológicos obtidos por meio do uso do questionário on-line. A interpretação e discussão desses dados é relevante para controlar os fatores sociolinguísticos que possam influenciar não apenas o uso de determinada variante em determinada situação de contato linguístico, mas também a própria configuração da variedade falada. Tal abrange as principais características sociais dos participantes da pesquisa (seção 5.1), como a escolaridade, a profissão, a localidade onde o informante reside, a religião da família, a origem de seus antepassados, o nome da variedade linguística falada em casa, a primeira língua, as línguas que ele/ela ainda fala e se ele/ela já frequentou algum curso de língua alemã (*Hochdeutsch*). Esses dados resultaram das respostas marcadas em questões de múltipla escolha. Além disso, também coletou-se as percepções desses falantes acerca do alemão falado nas diferentes localidades de Nova Petrópolis. A percepção linguística, abordada na seção 5.1.2, foi coletada no mesmo questionário on-line, no entanto, através de respostas escritas de forma livre.

Concluída a descrição sociológica e perceptual que envolve os falantes, usuários do alemão local, segue-se a análise das variáveis linguísticas selecionadas para chegar ao objetivo propriamente dito da tese, de análise da variação linguística interna do alemão de cada grupo analisado, em termos de sua aproximação ou distanciamento do *standard*. Essa parte ocupa-se separadamente do vocalismo (seção 5.2.1) e do consonantismo (seção 5.2.2).

Por fim, a última seção (5.3) dedica-se a uma síntese da relação dos dados sociológicos com os linguísticos. Pretende-se, com isso, interpretar os resultados da variação e formação da língua em uso e, dessa maneira, descrever de que modo se distinguem ou aproximam os três grupos em contato (Hrs, Po e Bo). Pretende-se com isso identificar, nos aspectos convergentes e divergentes do alemão desses três grupos, de um lado os critérios que motivaram a formação de uma língua de mediação, intermediária, de uso comum e, portanto, coletivamente



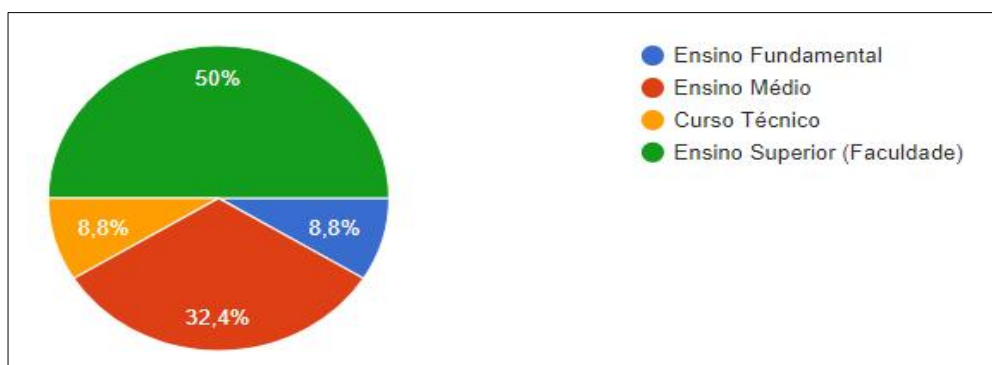
legitimada. E, de outro lado, as razões que mantiveram ainda algumas marcas particulares em cada grupo em contato. Em suma, o que converge pode ser língua de mediação, comum. O que diverge pode ser remanescente da matriz de origem ou marca própria de identidade de cada grupo.

Iniciemos com a apresentação dos dados sociológicos, para, na sequência, analisar os dados linguísticos.

### 5.1 Dados sociológicos de caracterização dos falantes

Atualmente, crianças e jovens possuem, de modo geral, mais acesso ao sistema de ensino, conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), garantindo que se inicie a alfabetização aos 4 anos de idade (art. 30, II)<sup>28</sup>. Daí resultam números mais significativos da população que concluem o Ensino Fundamental e Médio ou ainda realizam um Curso Técnico ou frequentam o Ensino Superior. A escolaridade dos 34 participantes que responderam ao questionário sociológico (cf. Anexo I) pode ser visualizada no gráfico abaixo. Somando jovens, adultos e velhos, tem-se 50% dos informantes que marcaram a opção Ensino Superior, o que se enquadra na classe socioculturalmente alta (Ca). Os demais dividem-se em 32,4% dos participantes com Ensino Médio, 8,8% com Curso Técnico e 8,8% com Ensino Fundamental. Esse grupo configura o perfil da classe socioculturalmente baixa (Cb).

Gráfico 1 – Escolaridade dos 34 participantes da pesquisa



Fonte: elaborado pela autora

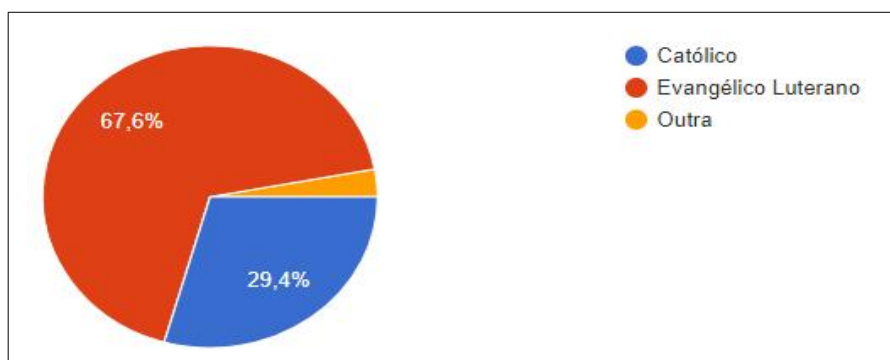
<sup>28</sup> Legislação da Educação Básica. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=12907:legislacoes&catid=70:legislacoes](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12907:legislacoes&catid=70:legislacoes)>. Acesso em: 20 maio 2021.

O acesso ao ensino da língua alemã já ocorre, na maioria dos casos, durante o ensino fundamental, se a criança frequentar uma escola municipal. Após o Ensino Básico, existe a opção de escolher um curso profissionalizante, que pode ser realizado em Nova Petrópolis, ou escolher o Ensino Superior, o que resulta em deslocamento para outra cidade. Uma opção mais viável para jovens e adultos é realizar uma formação de Ensino Superior em Caxias do Sul, devido à proximidade das cidades.

Atualmente, os jovens possuem maior poder de escolha para frequentar um Curso Superior em função da maior oferta, tanto de cursos quanto de instituições aptas para tal formação. Há cinquenta anos, por exemplo, os jovens do sexo masculino e de confissão católica optavam com mais frequência pelo seminário e, dessa forma, também conseguiam mais acesso ao ensino.

O grupo dos imigrantes boêmios, por exemplo, era majoritariamente formado de católicos (ver HABEL, 2017, p. 39). Por outro lado, os pomeranos eram protestantes, conforme dados apresentados por Willems (1946, p. 481). Em São Lourenço, onde predominam os descendentes do pomerano, havia, por exemplo, 90% de imigrantes protestantes e em São Sebastião do Caí tinha em torno de 54%. No gráfico 2 abaixo, podemos ver que 67,6% do total dos participantes da presente pesquisa afirmaram que sua família se considera evangélico-luterana. Por outro lado, apenas 29% se identificaram como pertencentes ao catolicismo, o que pode indicar que atualmente já não temos mais essa identificação clara entre pomeranos e boêmios através da religião.

Gráfico 2 – Religião da família dos 34 participantes



Fonte: elaborado pela autora

Embora a geração jovem e velha, que respondeu ao questionário on-line, tenha citado o pastor da igreja evangélico luterana da Pousada da Neve como descendente de

pomeranos e líder comunitário mais conhecido do entorno, ainda é cedo para afirmar que todos os descendentes de pomeranos continuam se identificando com o luteranismo. Antigamente, conforme Willems (1946, p. 482), a religião luterana e a língua alemã eram inseparáveis devido aos alicerces lançados sobre a língua alemã moderna com a finalidade de tornar a bíblia mais acessível ao povo. Willems (1946, p. 484) relata que “quando um evangélico alemão ou seu descendente não fala mais o alemão, ele se converte ao catolicismo, ou a uma das igrejas evangélicas brasileiras [...]”

Embora a presente pesquisa on-line tenha tido maior participação de evangélicos luteranos, as estatísticas do último censo do IBGE mostram, de forma generalizada, que a maioria da população se declarou católica apostólica romana<sup>29</sup>. O número de católicos é de 10.446 pessoas e o número de evangélicos atinge aproximadamente 8.000 declarados. Porém, o número de evangélicos luteranos não foi especificado, o que dá margem para somar outras confissões evangélicas nesse total. A religião espírita possui um registro de 65 pessoas, o que também não deve incluir outras religiões nesse grupo.

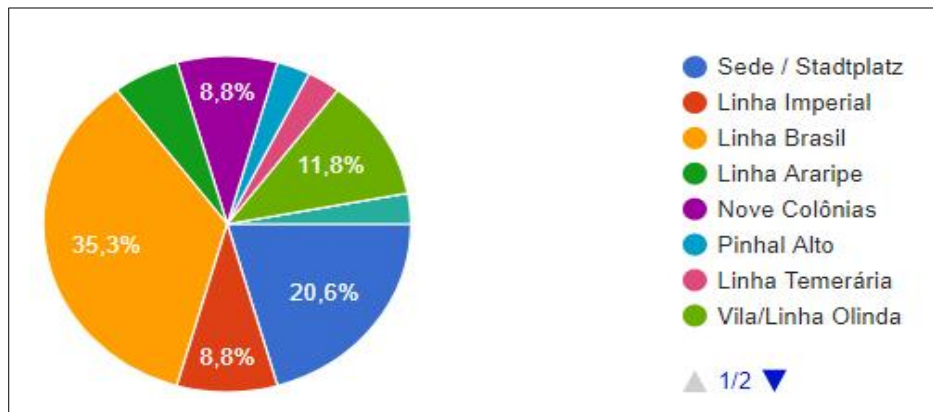
As paróquias de confissão luterana em Nova Petrópolis estão presentes em várias localidades, assim como também existe a presença de paróquias e igrejas que representam a confissão católica. Com a presença dessas instituições religiosas em comunidades interioranas, a população, por exemplo, não precisa se deslocar para áreas centrais, o que também fortalece os laços comunitários entre os participantes e o uso da variedade linguística local.

No gráfico abaixo, se percebe a distribuição dos participantes da pesquisa conforme a localidade em que possuem o seu domicílio. O número mais significativo de informantes possui residência em Linha Brasil, com 35,3%. Na sequência temos 20,6% de participantes da Sede/Centro da cidade. A terceira localidade mais representada na pesquisa foi Vila/Linha Olinda, com 11,8%. Linha Imperial e Nove Colônias tiveram a participação de 8,8% cada. Por fim, tem-se os menores registros de informantes com residência em Linha Araripe, Pinhal Alto, Linha Temerária e outra localidade/cidade.

---

<sup>29</sup> Disponível em <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/nova-petropolis/panorama>>. Acesso em: 18 fev. 2021.

Gráfico 3 – Localidade de domicílio dos 34 participantes



Fonte: elaborado pela autora

As territorialidades dos descendentes de boêmios estão em Linha Brasil, Linha Imperial, Linha Araripe e Nove Colônias, o que soma aproximadamente 60% de participantes desse grupo, nas respostas ao questionário on-line. Esse índice elevado cria, evidentemente, um desequilíbrio na proporcionalidade entre os dados dos três grupos.

A territorialidade dos pomeranos abrange, na amostra, a Linha Temerária e São José do Caí, com um número bastante reduzido de participantes, além das localidades da Fazenda Pirajá e Linha Pirajá, das quais não se conseguiu informantes. Esse grupo está, por essa razão, sub-representado nos dados e precisa, por isso, ser relativizado, na análise.

Por fim, a territorialidade dos hunsriqueanos está centrada principalmente em Pinhal Alto e em Treze Colônias, mas também se encontram hunsriqueanos “infiltrados” em territorialidades de outros grupos. É o caso da Sede (*Stadtplatz*), que reúne, em certo sentido, uma mistura de descendentes de imigrantes alemães associados a diferentes grupos, bem como de trabalhadores vindos de outras cidades e localidades com presença predominante do português.

Se esses números forem analisados conforme a distribuição das localidades em territorialidades de descendentes de imigrantes boêmios, hunsriqueanos e pomeranos, temos uma participação mais significativa de descendentes de boêmios, o que pode ser confirmado com a comparação de relatos realizados pelos entrevistados. A pergunta de número 19 do questionário on-line questiona o participante sobre o conhecimento de falantes do alemão que possuem descendentes boêmios em Nova Petrópolis e sobre a localização desse grupo. As respostas vindas de jovens, adultos e velhos relatam sobrenomes de famílias que descendem de boêmios e as localidades (Linha Brasil e Linha Imperial) em que se encontram. Esses

dados corroboram as informações apresentadas no mapa de Schmitz (1975), disponível na seção 2.3.5. Vejamos a seguir o que dizem as percepções dos falantes acerca da relação entre as distintas localidades e a variedade dos diferentes grupos imigratórios presentes.

### 5.1.1 A percepção da pluralidade linguística local

Os relatos de falantes que responderam a pergunta de número 17, a qual se referia ao conhecimento e à percepção de diferentes tipos de alemão falado, vão ao encontro das observações feitas já por Schmitz (1975) sobre as variedades predominantes nas diferentes localidades (Linhas). Uma informante do grupo GI afirma, por exemplo, que “tem pequenas variações na fala devido aos imigrantes de diferentes regiões, como na Linha Imperial e Linha Brasil que foram colonizados por boêmios e em São José do Caí que foi colonizada por pomeranos”. Outro participante faz um comparativo entre descendentes de boêmios e de hunsriqueanos, afirmando: “algumas localidades possuem variação. Exemplo é comparando o dialeto das Linhas Brasil e Araripe com o Pinhal Alto.”

Entre os participantes da geração mais velha (GII), foi relatado que “cada localidade fala de um jeito diferente, mas todos nos entendemos”. Outro participante explica que há três núcleos que se diferenciam na fala da língua alemã. Ele cita: “Pinhal Alto, Temerária (Vale do Caí) e Linha Brasil, Imperial e Araripe”. Esses três núcleos referem-se respectivamente aos descendentes de *Hunsrückisch*, pomerano e boêmio. Em suma, percebe-se, por meio desse tipo de afirmação, que ainda há a percepção da variação linguística associada a cada grupo em correlacionar à área ou localidade em que se instalou, originalmente. Fica a pergunta se o dado extralinguístico precede ou induz a percepção de marcas linguísticas (“são boêmios, então falam diferente”), ou se a percepção da variação linguística leva à explicação por meio do dado extralinguístico (por exemplo, “falam diferente, deve ser porque provêm de outra região”).

Nessa perspectiva, cabe indagar 1) como cada falante percebe o uso da língua em outras localidades e 2) como essa percepção influencia suas escolhas linguísticas. E mais: onde percebe a presença de diferentes grupos que se definem como descendentes de alemães ou boêmios ou pomeranos? Quais são os relatos sobre a língua padrão? E como os falantes percebem a vitalidade linguística do alemão falado atualmente?

A pergunta de número 17 do questionário solicita para que o participante relate sobre a sua percepção quanto à existência de diferentes tipos de alemão falado em sua comunidade ou em comunidades vizinhas. Praticamente todos os participantes dos grupos GI e GII citaram alguma localidade em que já ouviram falantes se comunicando em uma variedade diferente da língua que costumam utilizar em seu âmbito familiar. Embora os falantes percebam diferenças, isso não afeta a compreensão da língua, como afirma uma entrevistada: “cada localidade tem um jeito diferente de conversar, mas todos nos entendemos!”

No grupo jovem (GI), um falante relatou que costuma encontrar pelas ruas, por onde circula, falantes do dialeto alemão com um falar “um pouco diferenciado” do que o modo de falar em sua família. Outra participante escreve que “o que muda é a forma como se fala as palavras”. Nesses relatos, podemos ver que os traços fonético-fonológicos são os mais perceptíveis pelos falantes de alemão. As diferentes pronúncias são percebidas e comparadas entre os falantes de diferentes localidades, como podemos ver, por exemplo, no relato do grupo jovem (GI): “Treze Colônias, espichando as palavras.” Esse informante cita a localidade de Treze Colônias como exemplo em que os falantes utilizam características que sobressaltam na fala, e que poderíamos descrever como sendo saliências linguísticas. Lenz (2010, p. 100) defende que “a saliência linguística geralmente se apresenta no nível fonético”, o que justifica a percepção dessa jovem participante que afirma perceber “um puxado em certas letras”, na localidade de Treze Colônias, onde, vale lembrar, predominam falantes de origem Hrs.

Os falantes da GII também percebem as marcas que ocorrem na língua falada das diferentes comunidades. Uma participante tenta explicar a sua percepção da seguinte forma: “existem diferenças mais sutis, na minha opinião, são sotaques ou expressões pontuais que existem entre as comunidades.” Nesse caso, o sotaque também se refere à pronúncia e a características linguísticas que se destacam na fala do outro. Um informante do grupo GI se refere ao sotaque e cita onde se percebe tais características: “A localidade do Pinhal Alto [novamente um ponto de predomínio hunsriqueano] possui um sotaque mais acentuado.”

As territorialidades ocupadas pelos pomeranos, por exemplo, são de conhecimento de todos os grupos etários entrevistados. Uma participante da GII afirma: “Os pomeranos em Nova Petrópolis estão localizados em sua maioria nas proximidades do Rio Caí, nas comunidades de Linha Temerária, São José do Caí.” Na sequência, outra informante (da GI)

relata o local em que os descendentes de pomeranos se encontram e menciona o grupo de danças como uma forma de representação cultural deles: “na localidade de São José do Cai, existem algumas pessoas que possuem descendentes pomeranos. Inclusive possuem um grupo de danças folclóricas alemãs focado na cultura pomerana.” Quando a informante da GI afirma “não consigo identificar aspectos pomeranos nos moradores atuais”, podemos presumir que esses falantes já substituíram sua língua de origem por uma variedade de uso comum.

Em referência aos descendentes de boêmios, temos relatos da geração mais velha (GII) de que eles ainda utilizavam, em parte, um dialeto próprio, como podemos acompanhar nessa afirmação: “o dialeto *böhmisch* foi quase extinto”, o que faz supor que ainda existe um falar típico desse grupo. Outro informante da GII afirma: “Como sou descendente de boêmios, e meus antepassados ainda falavam o dialeto, sempre tive muito interesse de aprender, mas infelizmente se encontra pouco material e interesse sobre isso.” Por um lado, percebemos, nessa observação, que o informante não deixa claro o que deseja aprender e, por outro lado, se os antepassados ainda falavam o dialeto, podemos deduzir que a língua não foi passada para a atual geração. O fato de não haver material sobre a língua em questão, justifica a necessidade de mais pesquisas na área.

Apesar de algumas exceções, a GII do grupo de descendentes boêmios ainda possui informações mais esclarecidas sobre suas origens, o que os diferencia dos pomeranos ou hunsriqueanos. O seguinte depoimento deixa entrever essa tendência: “Eu sou descendente de boêmios. Temos uma Associação de Descendentes de Boêmios.” Muito provavelmente essa Associação contribui com a divulgação da história, da cultura e da língua desses falantes. Do mesmo modo, outro participante da GI citou o grupo de danças folclóricas que representa os descendentes da Boêmia, conhecido por *Böhmerlandtanzgruppe*. As territorialidades mais citadas pelos falantes desse grupo foram as comunidades de Linha Imperial, Linha Brasil e Linha Araripe.

Na sequência, conheceremos o histórico das línguas e variedades locais em uso.

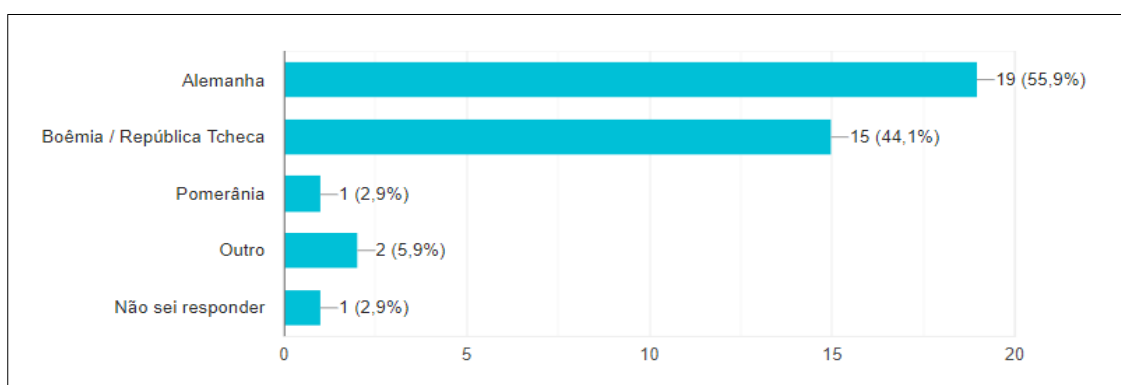
### **5.1.2 O histórico das línguas e variedades locais em uso**

O histórico familiar, em especial a história referente à origem dos antepassados, nem sempre está presente na memória dos descendentes de imigrantes que se assentaram no Brasil. Alguns fatores já mencionados anteriormente, como a proibição das línguas

estrangeiras, o tempo transcorrido desde o início das migrações e as poucas pesquisas sobre o tema, podem contribuir para a escassez de informações sobre a origem familiar. A reação direta de alguns falantes de alemão em relação às suas origens é afirmar, de modo genérico, que seus antepassados imigraram “da Alemanha”, muito provavelmente em função da língua ser denominada de forma abrangente como *Deitsch / Deutsch*.

O gráfico 4 abaixo apresenta a região de origem dos antepassados conforme as autodeclarações dos participantes da pesquisa. Vale observar que cada participante (de um total de 34 sujeitos de pesquisa) poderia marcar mais de uma opção, conforme sua constelação familiar. Em casos de casamentos mistos na família, o participante poderia, por exemplo, marcar dois locais de origem. O que se percebe é que a maioria dos entrevistados declararam possuir descendentes oriundos genericamente da Alemanha, sem uma especificação geográfica maior.

Gráfico 4 – Origem dos antepassados maternos e paternos



Fonte: elaborado pela autora

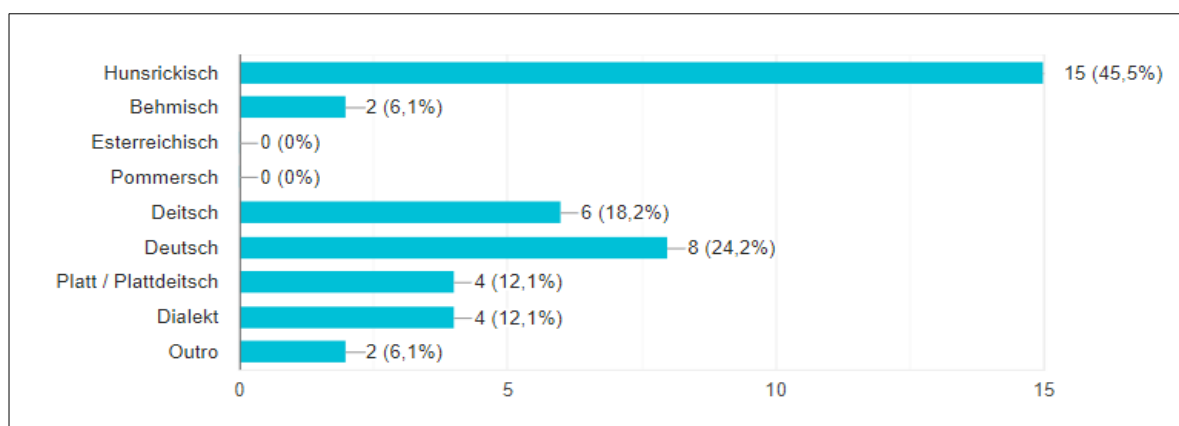
Se, por um lado, a origem da família é generalizada como alemã, em função do alemão local que os participantes falam, por outro lado o nome dessa língua também possui várias autodenominações. As denominações *Hunsrückisch* e *Behmisch*, por exemplo, ganharam mais espaço recentemente através das pesquisas locais referentes à história e à geografia que, muitas vezes, servem como principal fonte para embasar a formação de um grupo de danças folclóricas ou de um coral e vinculá-lo à representação da cultura desse grupo imigratório.

No gráfico a seguir, enumeram-se as diferentes denominações dadas pelos falantes ao alemão local. Chama atenção o alto índice da autodenominação *Hunsrückisch* para o



alemão falado em Nova Petrópolis, significativamente mais aceita ou conhecida do que as demais denominações. O mesmo vale para a denominação genérica *Deutsch/Deitsch*, ou de outras formas como *Platt/Plattdeitsch* e *Dialekt*. Por outro lado, não se registrou nenhuma ocorrência para *Pommersch* (pomerano) ou *Esterreissisch/Esterreichisch* (austriaco), como se observa em outras localidades. Por exemplo, o termo *Esterreichisch* é a denominação mais usual utilizada pelo grupo de descendentes de boêmios em Paverama/RS, como constatou Habel (2017).

Gráfico 5 – Nome da variedade alemã falada pelos informantes



Fonte: elaborado pela autora

O surgimento da denominação *Hunsrückisch* é posterior ao mapa de Schmitz (1975), no qual ele refere-se aos “alemães do centro-oeste da Alemanha”, que devem ter as formas genéricas *Deutsch* e *Deitsch*, ainda vigentes, conforme se vê no gráfico 5 acima. Nesse caso, a denominação *Hunsrückisch* parece ser antes de tudo uma relexificação do alemão local, antes *Deutsch/Deitsch*, a partir de uma reinserção do alemão *standard* através do ensino de alemão.

Mais complexa parece ser a denominação *Behmisch*, que foi se ampliando para denominar a língua falada pelos imigrantes do norte da Boêmia, já que também havia a influência do dialeto silésio e de tantos outros dialetos que migraram dos estados alemães para essa região. Nessa região, por exemplo, o dialeto de Gablonz e arredores, de aproximadamente 100.000 falantes, era denominado de *Paurisch (=Bäurisch)*<sup>30</sup>. Atualmente há

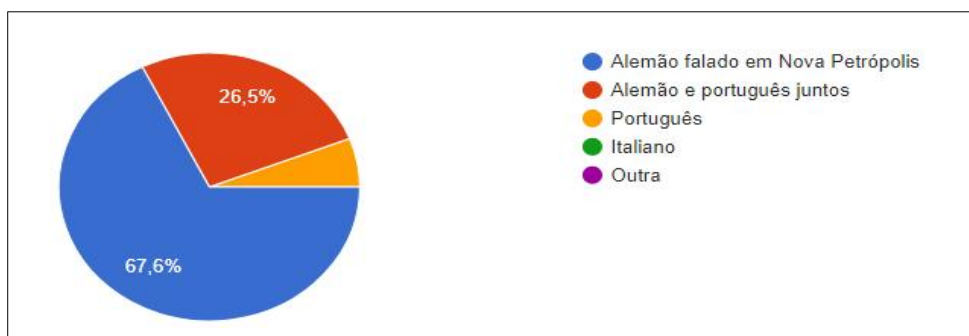
<sup>30</sup> Disponível em <<https://www.kreisbote.de/lokales/kaufbeuren/zweite-auflage-paurischen-woerterbuchs-erscheint-september-8633236.html>>. Acesso em: 25 fev. 2021.

um esforço para revitalizar esse dialeto *Paurisch* através da publicação de informações em *blogs*<sup>31</sup> e da disponibilização de um dicionário *Paurisch*, por exemplo.

O nome da língua ou a identificação de determinado grupo minoritário é fundamental para o registro histórico e as garantias de direitos sociais, por exemplo. Em Nova Petrópolis, a denominação do dialeto alemão falado tem suas variantes porque os próprios falantes também percebem as variações da língua, quando se comunicam com grupos de outras localidades.

Embora se tenha uma grande variedade de denominações para a língua alemã falada, resolveu-se perguntar, de forma mais geral, sobre qual era a primeira língua que esses falantes entrevistados aprenderam. Aqui, o interesse não estava focado na variedade, porém nas línguas alemão, português, italiano, entre outras. O gráfico 6 mostra que a maioria dos participantes da pesquisa aprendeu a se comunicar primeiro na língua local de imigração alemã. Do total de 67,6% dos entrevistados deram essa resposta, a grande maioria são da geração mais velha (GII), excetuando quatro jovens (GI). Os demais 26,5%, que aprenderam simultaneamente alemão e português durante sua infância, foram, em sua maioria, jovens e adultos, com exceção de apenas um(a) participante da GII.

Gráfico 6 – Primeira(s) língua(s) dos 34 informantes



Fonte: elaborado pela autora

O gráfico acima ainda mostra que uma porcentagem baixa desses participantes obteve o português como primeira língua, o que ocorre atualmente com o público jovem. Muitas vezes, tal ocorre através de casamentos mistos. Por outro lado, como observa um jovem (GI), a aquisição precoce do alemão como primeira língua não garante seu uso e

<sup>31</sup> Disponível em <<https://diefarbeeblog.wordpress.com/2017/10/15/erinnerungen-an-neugablonz-paurisch/>>. Acesso em: 25 fev. 2021.

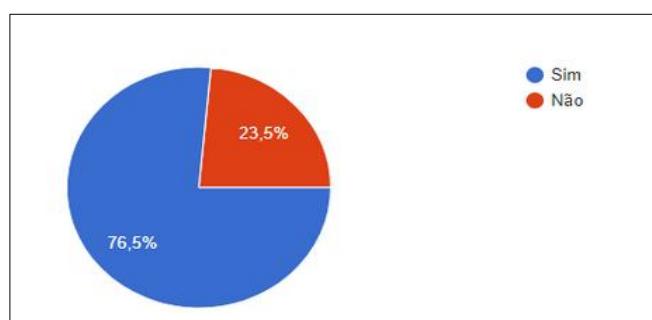
fluência para o resto da vida de um falante. O uso constante, segundo ele, é determinante para sua sobrevivência:

Aprendi alemão na infância, tanto que foi a minha primeira língua. Entretanto perdi a habilidade de me comunicar com esse dialeto ao longo dos anos. Atualmente consigo compreender praticamente tudo que meus pais e avós falam, mas só consigo responder falando português. (Entrevistado do grupo GI).

No caso do italiano como primeira língua, não obtivemos registros, o que pode indicar uma relativa perda em função da falta de uso da língua no ambiente familiar ou a ausência desse grupo em meio à territorialidade da língua alemã.

Outra pergunta do questionário analisada é a que se refere à comprovação de curso de língua alemã padrão frequentado em escolas ou cursos privados. Como muitas escolas, principalmente as do município, ainda oferecem o ensino de alemão; como, além disso, há oferta de ensino de cultura e língua alemã para adultos na Biblioteca Pública, já era esperado que a maioria dos entrevistados tivessem tido a oportunidade de frequentar aulas de alemão padrão, como vemos no gráfico abaixo. Os cursos de língua alemã que ocorrem desde 2007, na Biblioteca Pública, são financiados pela Prefeitura.

Gráfico 7 – Alemão na escola



Fonte: elaborado pela autora

A porcentagem de 23,5% dos informantes que nunca tiveram aula de língua alemã, inclui jovens, os quais provavelmente não tiveram acesso às escolas da rede municipal. As escolas da rede estadual, por exemplo, não oferecem aulas de língua alemã, o que diminui as chances desses estudantes terem algum contato com a língua padrão. Nesse sentido, uma participante do grupo GI afirma: “Vejo que a língua está perdendo forças, penso que [o ensino de *Hochdeutsch*] deveria ser enfatizado em todas as escolas, não só nas municipais”.

Também há falantes jovens que percebem a necessidade da prática do dialeto alemão no ambiente familiar para que futuramente as crianças tenham mais vontade e interesse em aprender o alemão na escola. Essa jovem participante afirma que “as gerações que estão vindo, acabam aprendendo direto o português, pois os pais não ensinam [o dialeto] a eles e muitos futuramente não vão se interessar em aprender o alemão, pois acham que a língua alemã é complicada de ser aprendida”. Esse relato, contudo, mostra que a base do bilinguismo precisa ser edificada no ambiente familiar, através do diálogo diário na língua de imigração, porque é uma variedade que ajuda posteriormente na aprendizagem do alemão padrão na escola.

Embora as variedades da língua de imigração apresentem diferenças perceptíveis entre os falantes, também existe diferença entre a variedade local e o alemão ensinado nas escolas. Por meio de ações de conscientização linguística, Pupp Spinassé (2016) esclarece que são línguas da mesma família linguística, porém com funções diferentes. O *Hunsrückisch* é uma língua oral, falada em casa, conforme a autora explica abaixo, enquanto o alemão padrão é utilizado na escola, principalmente em sua forma escrita.

[...] o Hunsrückisch falado em casa e o alemão standard aprendido na escola são sistemas diferentes. Ao contrário do que se pregou durante muito tempo, o Hunsrückisch não é uma forma errada de alemão que deve ser corrigida. As características sintáticas específicas do Hunsrückisch o definem como tal e não devem ser equiparadas à língua standard da Alemanha. (PUPP SPINASSÉ, 2016, p. 115)

O ensino de alemão nas escolas municipais de Nova Petrópolis foi noticiado pelo Portal do MEC (Ministério da Educação) em 2013 sob o título “Alemão é o segundo idioma falado em município da Serra Gaúcha”<sup>32</sup>. Ao longo da reportagem há relatos de professoras sobre a importância do ensino da língua e da preservação da cultura germânica que contribuem para o fomento do turismo. Outros benefícios relacionados ao ensino e aprendizagem de línguas que também são elencados foram: “falar uma língua a mais e conhecer outras culturas são diferenciais”; “novas portas se abrem” (principalmente através de intercâmbios no exterior); “possibilita a convivência dos moradores jovens com os mais idosos”; “desenvolvimento do cérebro”, entre outros. Os benefícios que um bilíngue adquire vão muito além de vantagens individuais. A sociedade como um todo participa dos resultados

---

<sup>32</sup> Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/222-537011943/18451-alemao-e-o-segundo-idioma-falado-em-municipio-da-serra-gaucha>>. Acesso em: 25 fev. 2021.

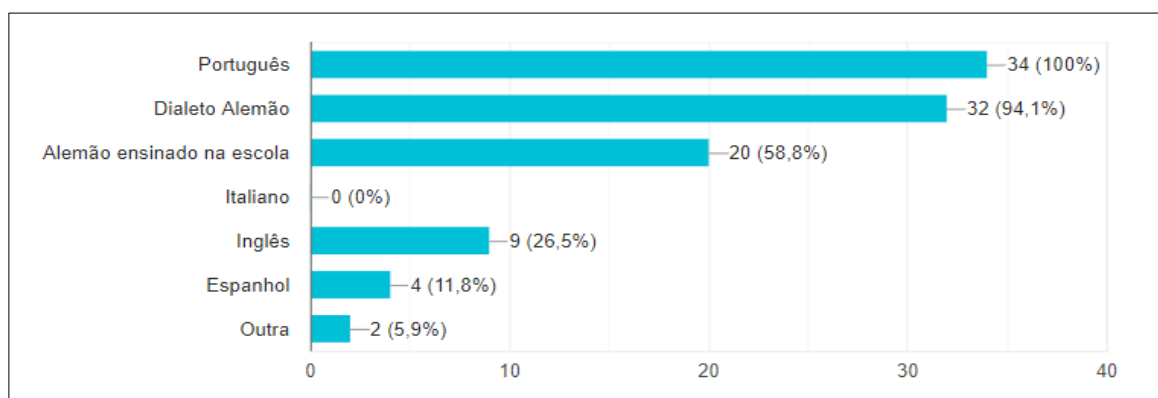
gerados pelo bilinguismo, como, por exemplo, a movimentação econômica impulsionada pelo turismo local.

Dessa forma, Pupp Spinassé (2016) afirma que a manutenção da língua alemã de imigração, além de expandir os horizontes linguísticos e culturais, também favorece os falantes com benefícios cognitivos, como segue:

Embora o Hunsrückisch não seja ensinado, a língua não deve ser excluída do contexto escolar. A inclusão de elementos do Hunsrückisch nas aulas de alemão (ou simplesmente a não-proibição da língua minoritária no contexto escolar) é fundamental para promover o multilinguismo, promover a manutenção linguística da língua minoritária e para expandir os horizontes linguísticos e culturais dos alunos. Assim, eles são sensibilizados para o aprendizado de outras línguas e podem usufruir dos benefícios cognitivos do bilinguismo para o processo de aprendizado em geral. (PUPP SPINASSÉ, 2016, p. 116)

O multilinguismo é uma realidade muito presente na localidade em estudo, como mostra o gráfico 8 a seguir. Todos os participantes da pesquisa são falantes de português e alemão, com exceção de dois entrevistados que não se sentem seguros para manter uma conversação na variedade alemã local. Desse grupo, também se observa um número expressivo, 58,8% que consegue comunicar-se em alemão padrão, enquanto o inglês está representado com 26,5% de falantes e o espanhol com 11,8%. Fica a pergunta em que medida essa abertura para outras línguas influencia a concepção de *standard-substandard* dos falantes e, conseqüentemente, também suas percepções e escolhas linguísticas no contato intervareial.

Gráfico 8 – Plurilinguismo dos 34 participantes



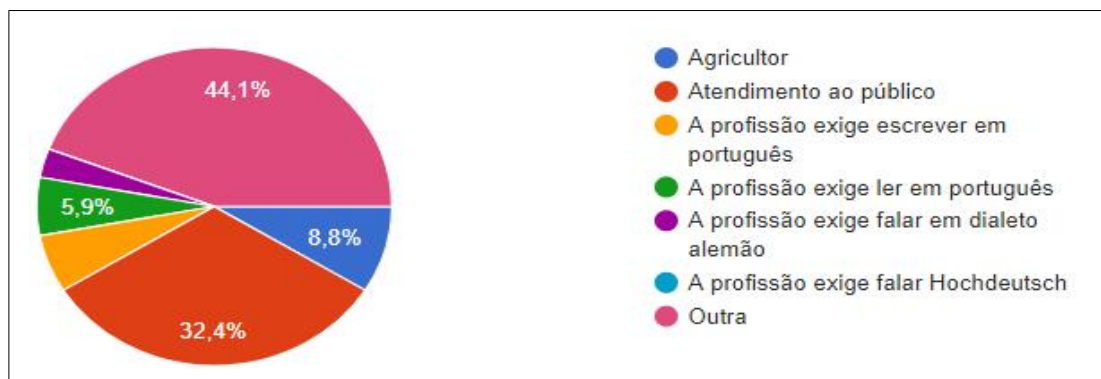
Fonte: elaborado pela autora

Apesar de os participantes desta pesquisa representarem um índice de 94,1% de falantes de variedade local do alemão, há consenso entre os jovens de que o uso da língua minoritária está diminuindo. Uma informante do grupo GI afirma: “a língua alemã continua sendo estudada pelos jovens de Nova Petrópolis devido à obrigatoriedade nas escolas, mas noto que o dialeto vem se perdendo”.

A escolaridade dos participantes da pesquisa também pode apontar para determinadas características sobre o uso das línguas nas profissões. A nossa hipótese é que os agricultores, por exemplo, não fazem tanto uso da escrita e da leitura em língua portuguesa, se comparado ao sujeito urbano que trabalha com atendimento ao público ou em escritórios, fábricas, comércio, entre outras atividades. Em relação ao alemão local, a hipótese de correlação entre o grau de proximidade do *standard* e a ocupação do falante e seu acesso à norma escrita pode ter muita influência.

Nesse particular, o gráfico 9 a seguir mostra que, infelizmente, participaram da pesquisa com o questionário on-line apenas 8,8% de agricultores, o que ainda pode ser retomado ou complementado em futuras observações em campo e em entrevistas presenciais. Infelizmente, a coleta on-line inviabiliza a participação de falantes da Cb não familiarizados com os recursos técnicos que o método exige. É uma deficiência a ser registrada. Em comparação, as profissões dos participantes que envolvem atendimento ao público e o consequente uso da língua portuguesa, em especial o uso da leitura e da escrita do português, somam pouco mais de 40%. Contrariamente, o uso do alemão padrão na profissão não foi mencionado pelos participantes, e o uso da variedade dialetal do alemão aparece de forma bastante reduzida.

Gráfico 9 – Línguas usadas na profissão pelos 34 informantes



Fonte: elaborado pela autora

Esperava-se que o uso da língua alemã no domínio do trabalho fosse mais representativo, em função do turismo e do ensino da língua alemã nas escolas. No entanto, pode-se analisar algumas opiniões escritas pelos entrevistados sobre a aprendizagem do alemão e o uso da língua alemã falada em Nova Petrópolis. Um informante da geração jovem (GI) afirma: “Acredito que [a língua alemã] está aos poucos se perdendo. Tenho dificuldade em falar alemão, mas consigo compreender muita coisa que é falado pelos meus pais e avós. Sinto que os mais novos pouco falam alemão.”

A diminuição do uso da língua alemã também é enfatizado pelo grupo GII, em que o informante afirma: “Acredito que a língua alemã está desaparecendo em Nova Petrópolis em função das famílias terem deixado de falar em alemão.” De fato o uso da língua no âmbito familiar é um quesito importante para a manutenção linguística, segundo Souza (2017, p. 85).

Uma entrevistada da GII também compartilha a ideia do uso cada vez mais reduzido do alemão falado, em especial pelo público jovem. Ela afirma: “Está difícil nossa juventude continuar a falar como nós falávamos, meus filhos entendem quando falo em alemão, mas respondem em português.” As escolhas linguísticas também são um processo natural em famílias bilíngues, no entanto, os pais associam essa escolha dos filhos ao monolinguismo porque percebem que os jovens se tornam conhecedores passivos da língua, o que não é suficiente, por exemplo, para transmitir a língua às gerações vindouras.

A pergunta de número 16, do questionário on-line, busca obter dados sobre a vitalidade linguística do alemão falado nas diferentes comunidades, além de buscar saber se a língua está deixando de ser falada ou aprendida, ou seja, se o alemão falado está “morrendo”. No grupo GI, os jovens relatam que o alemão falado “está sendo esquecido” e que os falantes deveriam “incentivar mais o aprendizado da língua”. A vergonha de se expressar livremente em alemão é apontada tanto pelos jovens, como pelos mais velhos, como principal empecilho da manutenção linguística. Uma jovem participante afirma: “Eu acredito que a gente deveria começar desde pequeno, a maioria dos pais de hoje em dia não estimula os filhos como antigamente. Acredito então, que ao passar dos anos, fique mais difícil, em função de eles terem vergonha.” Nesse relato, percebemos a responsabilidade que está nas mãos dos pais e dos familiares para que se comuniquem com as crianças desde os primeiros meses de vida delas. Depreende-se, assim, que desse modo se cria uma rotina de conversação natural no

ambiente familiar e necessária para que a criança não sinta vergonha para se expressar na língua de imigração em seu lar.

Afinal, o que faz um adolescente sentir vergonha de falar a língua que herdou da sua família? Será que a falta de domínio na conversação desencadeia esse sentimento? Uma falante da GII escreve assim: “Muitos dos nossos filhos não falam alemão por vergonha! Anos atrás falávamos desde pequenos, agora já não! Precisamos insistir e mesmo assim em casa não falam!” Essa falante conversa em alemão desde criança e compara a situação com as crianças e jovens que atualmente já não possuem a mesma habilidade. Com esse relato levanta-se a questão sobre o uso real da língua alemã entre pais e filhos.

Pupp Spinassé (2016) percebeu através das pesquisas com sensibilização linguística que os alunos bilíngues, que estudam em escolas com oferta de alemão padrão, possuem baixa autoestima e vergonha em relação à língua minoritária, conforme vemos abaixo.

De forma geral, em nossas observações em campo, os alunos bilíngues apresentavam uma baixa autoestima muito forte, já que, em parte, se envergonham de sua língua – e isso se dá, principalmente, por faltar informação e sobrar preconceitos a respeito da língua. Isso os leva a também desenvolverem atitudes negativas em relação à língua, o que compromete a motivação em relação às línguas em geral e, portanto, compromete o plurilinguismo que se gostaria de fomentar/alcançar. (PUPP SPINASSÉ, 2016, p. 112)

Para diminuir os preconceitos e as atitudes negativas, Pupp Spinassé (2016, p. 112) sustenta que o foco no aprendizado do alemão padrão pode contribuir para a manutenção do *Hunsrückisch*. Segundo a autora, essas ações de sensibilização linguística em escolas legitimam a entrada da língua minoritária em sala de aula, passando a mensagem de que uma língua serve como “ponte” para o aprendizado da outra.

A temática do sentimento da vergonha para falar uma língua que julgamos não conhecer bem e o medo de errar possuem pouquíssimas pesquisas na área das linguagens. Na maioria das vezes, artigos como o de Santos e Barcelos (2018) retratam a timidez na produção e interação do inglês. Os autores afirmam que a timidez afeta a produção oral dos alunos em língua estrangeira, mas não refletem sobre os resultados causados pela timidez em outras disciplinas, como língua portuguesa, ciências, matemática, etc.

A timidez parece estar inserida em contextos mais amplos, ao contrário do sentimento da vergonha que inibe a abertura dos falantes para se comunicar especificamente na segunda língua ou em uma língua estrangeira que acreditam não dominar ainda. Nas



entrelinhas do sentimento da vergonha também existe o medo de errar e, quando se trata de línguas minoritárias ou línguas de imigração, existe o medo de ser rotulado como falante inferior.

A insegurança para se posicionar como falante de um “dialeto alemão” na escola, por exemplo, pode ocorrer em função da falta de conhecimentos sobre a diversidade linguística local e a falta de reflexão metalinguística. Segundo Pupp Spinassé e Käfer (2017) uma atitude positiva diante da língua de imigração pode ser conquistada por meio de estímulos de sensibilização linguística em sala de aula, e afirmam:

Quanto à questão da língua minoritária, percebemos que os aprendizes necessitam apenas de um primeiro estímulo para construir uma atitude positiva em relação à sua língua materna ou às línguas da sua comunidade, bem como para saber utilizar seus conhecimentos linguísticos na aprendizagem de novas variedades. (PUPP SPINASSÉ; KÄFER, 2017, p. 411)

A falta de conhecimento sobre as próprias línguas que o falante fala, pode levar a um desinteresse e, conseqüente, abandono da variedade menos prestigiada. Assim, a percepção da geração mais velha (GII) sobre a perda linguística entre os jovens parece muito bem fundamentada em comparações, por exemplo, entre crianças *versus* jovens, espaço urbano *versus* espaço rural, uso do alemão *versus* uso do português, família *versus* escola, etc. Vejamos como exemplo esse relato da GII: “O alemão dialeto está se perdendo, poucas famílias estão reproduzindo junto a seus filhos. No interior ainda é possível encontrar mais famílias que preservam e mantêm este hábito.” Aqui a perda linguística é percebida em função da falta de comunicação em alemão no âmbito familiar e, em especial, nas áreas urbanizadas.

Se a comunicação no âmbito familiar ocorrer prioritariamente em português, é natural que essa língua se sobressaia em relação a qualquer outra. Em outro depoimento, uma falante da GII declara que “a maioria dos mais jovens já tem certa dificuldade no alemão, gostam mais de falar português, [...]”. A expressão “gostar de falar português” pode indicar um domínio maior dessa língua, até porque, atualmente, a interação exige rapidez e fluidez. Assim, em um último relato, relativo à vitalidade da língua alemã falada, a inserção cada vez mais frequente do português fica evidente: “O dialeto *Hunsrick* continua sendo falado incorporando cada vez mais palavras de origem portuguesa.”

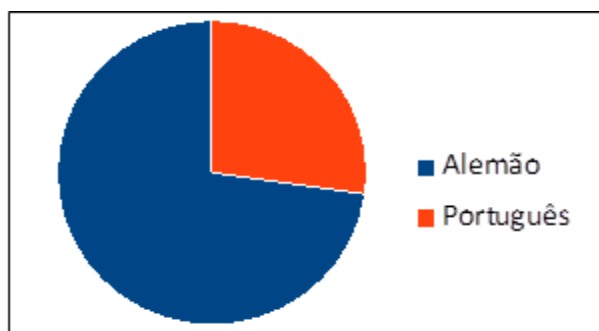
Ao tratar da língua padrão, os relatos fazem menção especialmente ao ensino do “*Hochdeutsch*”, o alemão tido como “gramatical” ensinado na escola, e à proibição das línguas estrangeiras durante o período de nacionalização do ensino, no Estado Novo. É o que relata uma participante da GI: “Meu avô me contou uma vez que, quando ele ia na escola, ele tinha que saber o português, pois era ‘proibido’ falar em alemão, e quem falava ganhava com a régua na mão.”

A introdução do português nas escolas ocorreu de forma bastante forçada, como se percebe no relato acima. Os castigos incluíam, por exemplo, levar uma “reguada” na mão ou ficar ajoelhado no canto da sala e escrever repetidas vezes a mesma frase, como podemos acompanhar no seguinte relato de uma entrevistada da GII: “Eu fui na aula sem saber falar o português. Muitas vezes tive que escrever como castigo ‘não devo falar alemão’ 50 vezes.” Como esses relatos referentes aos castigos que os mais velhos sofreram nas escolas ainda estão presentes na memória, pressupõe-se que esse trauma, ainda hoje, pode influenciar na escolha das línguas e variedades no ambiente familiar.

Por outro lado, uma participante da GI afirma que “bastante gente fala o alemão gramatical”, o que pode ser entendido como uma variedade mais estandardizada (alemão tipo *Deutsch*), como ocorre em outras regiões do RS. Conforme já foi mencionado anteriormente, essa variedade mais *standard* do Hrs é denominada por Altenhofen (2016, p. 120) de ‘tipo *Deutsch*’ em comparação com a variedade ‘tipo *Deitsch*’, que apresenta marcas mais dialetais. O tipo *Deutsch* predomina em áreas de imigração posterior, iniciada após 1850, quando a norma escrita do alemão na matriz de origem, na Alemanha, encontrava-se cada vez mais difundida na oralidade (cf. “normas de oralização”).

As orientações finais sobre o correto envio das respostas do questionário on-line estimularam respostas espontâneas escritas pelos informantes para agradecer, desejar algo ou, até mesmo, para se despedir. Essas reações voluntárias apresentam características importantes sobre o uso e a escolha da língua e, por isso, também merecem ser analisadas aqui, mesmo que de forma breve, conforme mostra o gráfico 10. Das onze respostas espontâneas de despedida que ocorreram no final do questionário respondido, obtivemos sete reações em língua alemã, das quais uma remete diretamente à variedade dialetal, em que o participante escreve “*Dank. Kuss*” (Obrigado. Beijo). Na forma *Danke* ocorreu a apócope da vogal final <-e>, o que é comum na variedade do tipo *Deitsch* ou do *Hunsrückisch*.

Gráfico 10 – Reações espontâneas por escrito de 11 informantes



Fonte: elaborado pela autora

As formas de agradecimento *Danke* e *Vielen Dank* ‘muito obrigado/a’ aparecem, provavelmente, por influência do contato com o ensino do *Hochdeutsch* nas escolas, assim como a forma *Auf Wiedersehen* ‘até logo’ que também pode ter sido mencionada por influência do ensino. Estes registros escritos nos possibilitam interpretar que parte dos entrevistados possuem familiaridade com a escrituralidade em língua alemã. Fica a pergunta se é possível observar nos dados linguísticos levantados transferência de conhecimento linguístico do ensino formal para o uso social diário. Antes, porém, cabe delimitar quais são os usos diários da língua alemã e de suas variedades locais na localidade em estudo.

Apresentado, enfim, um quadro do lugar que ocupam as diferentes línguas que compõem a constelação de habilidades, usos e contatos linguísticos no contexto de estudo, passemos à análise dos dados linguísticos, onde reside o objetivo central desta tese.

## 5.2 Dados linguísticos

Definidos os participantes da pesquisa, naturais da localidade em estudo, Nova Petrópolis-RS, e pertencentes a um dos três grupos imigratórios (topodinâmicos) de origem – Hrs, Po e Bo – e definidas as variáveis fonético-fonológicas, a partir do que sugere Altenhofen (2016, p. 120), para contrastar marcas *standard* e *substandard* presentes na variação do alemão local, passemos à análise linguística dos dados coletados. Essa análise está organizada da seguinte forma: primeiro, serão apresentados os resultados para as variáveis do vocalismo (5.2.1), seguido do consonantismo (5.2.2) e finalizando com sínteses gerais (5.3) para tipologizar o alemão dos três grupos, conforme seu grau de proximidade e aproximação do *standard* ou consequente grau de dialetalidade. Cada variável é identificada por seu sistema de referência – *Mittelhochdeutsch* (Mhd.) para o vocalismo, e *Westgermanisch* (Wgerm.) para o consonantismo – como faz Altenhofen (1996), seguindo um procedimento corrente em estudos da dialetologia alemã tradicional. Seu objetivo é a comparação; a utilização de um sistema de referência comum (Mhd. ou Wgerm.) que garante a comparabilidade do que muda ou varia entre um e outro dialeto da área de língua alemã, na matriz de origem, na Europa.

Entre as variáveis do vocalismo, iniciou-se a análise pela vogal /a/, seguida das vogais longas do Mhd. *iu* e *â*. e dos ditongos do Mhd. *ei*, *ie* e *ou*. Na descrição das variáveis consonantais, por fim, tem-se inicialmente as fricativas Wgerm. *s* e *pf*, seguidas das plosivas Wgerm. *b* e *g*.

Vale lembrar que a fase da coleta de dados linguísticos ocorreu via *WhatsApp*. O falante recebia a palavra escrita em português e era solicitado a traduzi-la, em formato de áudio, para a sua variante do alemão local, “de casa”. Para essa etapa da pesquisa, obteve-se a participação de 22 falantes. Essa primeira rodada de perguntas (cf. quadro abaixo) foi respondida com certa facilidade por todos os grupos geracionais. As palavras selecionadas para tradução, por resultarem em variantes de uma ou mais variável linguística em análise foram as seguintes:

Quadro 13 – Lista de palavras mais recorrentes

| <b>Primeira rodada da etapa 2</b>  |
|--|
| Galo, rua, anos, pequeno, sozinho, viagem, doce de frutas (para passar no pão), alemão, fogo, hoje, árvore, também, janela, fósforo, batata-inglesa, cavalo, dizer, pêssego, jogar cartas, perder, namorar, caminhar, plantar, chover, viver, escrever, pássaro, festa, lavrar a roça, galinha, pepino, cemitério. |

Fonte: elaborado pela autora

Para exemplificar, a tradução da palavra do português *dizer* (*sagen*) para o alemão local, tanto podia resultar em variantes para Mhd. /a/<sup>33</sup> – alongado para [a:], como no alemão *standard*, ou velarizado para [ɔ:], como ocorre no Hrs de tipo *Deutsch* – quanto para a realização de Wgerm. /g/ que pode se realizar como fricativa [x] (neste caso, *sache*) ou como zero, isto é, sofrer queda, como na realização *soohn* ou *sahn*.

Para fins de testagem do conhecimento ativo dos falantes (o repertório linguístico que o falante usa ao falar), foi necessário realizar mais uma rodada de variáveis que julgamos menos frequentes na fala diária (cf. quadro abaixo). As variáveis da segunda rodada também foram selecionadas da tese de Altenhofen (1996). Surpreendentemente, a participação dos falantes diminuiu pela metade, sendo que apenas 11 responderam às variáveis dessa rodada. Em partes, o grupo da GI, por exemplo, alegou que já não conhecia grande parte dessas palavras em alemão e deixaram de participar. Provavelmente, parte da GI já estava na fase do conhecimento passivo, isto é, os jovens não utilizavam mais essas variantes no seu dia a dia, mas entenderiam se alguém falasse com eles. Uma vez que essa rodada visava a reforçar a base de dados, ainda assim, houve algum ganho para aumentar, na medida do possível, a representatividade do *corpus*.

Quadro 14 – Lista de palavras menos recorrentes

| <b>Segunda rodada da etapa 2</b>  |
|---|
| Gotas, frigideira, assobiar, ameixa, pimenta, maçã, peste, escova de dentes, resto, acreditar, colar no papel, fígado, garfo, levantar um objeto, pregos, espelho, voar, olhos, reclamar, sabão, uma parte, perna, balde, pó, batizar, palha de milho, nata, fabricar, maltratar, imposto, coruja, cruz, agulha, formigas, semente, ovelha, pobre, folha, intestino, túmulo, salão. |

Fonte: elaborado pela autora

<sup>33</sup> Embora seja comum, nos estudos, a notação em itálico para registrar as vogais e consoantes dos sistemas reconstruídos de períodos históricos anteriores, no caso Mhd. e Wgerm., optamos pela notação entre barras //, pela maior clareza, especialmente para um leitor brasileiro não familiarizado com essa prática, e para sinalizar que se trata de um som, hipoteticamente reconstruído.

A descrição das principais características da variação linguística obtida com as respostas dos grupos entrevistados segue uma análise qualitativa e, dentro do possível, também parcialmente quantitativa. Seu objetivo consiste essencialmente em tipologizar e apontar tendências, mesmo que essas tendências futuramente tenham que ser aprofundadas sobre uma base de dados mais ampla. Sendo assim, a análise quantitativa focará no grau de standardização (ou, contrariamente, de dialetalização) atingido pelos grupos, sem diferenciar, como originalmente pretendíamos, de forma mais aguçada a variação diageracional (GI e GII) e diastrática (Ca e Cb). Com as limitações impostas pelo momento à coleta dos dados, é mais prudente optar pela consistência da análise onde os dados o permitem, de fato, com mais segurança.

Iniciemos, portanto, com a análise da variação no âmbito do vocalismo, contrastando marcas do alemão *standard*, conforme a gramática Duden (2009), com o alemão local, tomando por base o *Hunsrückisch*, conforme Altenhofen (1996, p. 125). Localmente, o alemão padrão, no sentido amplo, é tratado e percebido com a denominação *Hochdeutsch*, que achamos oportuno adotar também na sequência, por representar a perspectiva do contato linguístico em que se dão as escolhas linguísticas dos falantes. Não se deve, contudo, confundir o *Hochdeutsch* com o alemão padrão (da Alemanha) ensinado nas escolas. Essa primeira incursão serve para definir alguns critérios de decisão do que tende ao *standard* ou ao *substandard*, no contínuo das variedades locais do alemão.

### 5.2.1 Marcas *standard* e *substandard* no vocalismo

Uma das características essenciais, na comparação entre o *Hunsrückisch* e o alemão padrão, é a ausência das vogais arredondadas [y:], como em *Bühne* ‘palco’, [ɪ:] como em *Hütte* ‘cabana’, [ø:] como em *schön* ‘bonito’, [œ] como em *könnte* ‘poderia’. Como descreve Altenhofen (1996), o *Hunsrückisch*, como o *Hochdeutsch* local, via de regra desarredonda essas vogais, as quais são associadas fortemente ao “alemão da Alemanha”. Em alguns exemplos, o alongamento da vogal se mantém, como em *bees* [e:] ‘brabo’ e *mied* [i:] ‘cansado’, porém com desarredondamento da vogal. Já no alemão padrão, esses exemplos correspondem respectivamente à *böse* [ø:] e *müde* [y:], onde o arredondamento é regra. Sendo assim, o número de vogais da língua de imigração é menor do que o número de vogais do

alemão *standard*, pois não há vogais anteriores média e alta arredondadas (ver ALTENHOFEN, 1996, p. 125).

Algumas mudanças vocálicas como o arredondamento e não arredondamento, tanto na fala como na escrita, já eram identificadas no século XIII, em algumas regiões da Europa atingidas pelo médio alto-alemão (*Mittelhochdeutsch*), segundo König (2011, p. 149). O autor cita alguns exemplos, como *löschen* ‘excluir’, *zwölf* ‘doze’ e *würde* ‘seria’ que entraram no moderno alto-alemão (*Neuhochdeutsch*) sem arredondamento como *leschen*, *zwelf* e *wirde*. Estas mudanças vocálicas – o não arredondamento em específico – ocorrido nos diferentes períodos da língua alemã migraram com os alemães para o Brasil e, aqui, se mantiveram até hoje.

Há, entretanto, outras marcas distintivas de oposição entre Hrs e Hdt, não tão categóricas, e sim mais variáveis. É o caso das variáveis que veremos na sequência, em relação a sua realização [+standard] ou [+substandard] no Hrs, Bo e Po. Antes, porém, de iniciar essa análise, pode-se elencar alguns pontos que ajudam a jogar mais luz no problema.

Um desses traços distintivos tem a ver com a duração vocálica, não fonológica no português, porém presente no Hdt e no Hrs, embora com alguma variação. Segundo Haupt (2007, p. 163), a duração das vogais está relacionada, em parte, com o contexto silábico em que aparece, o que é fundamental na língua alemã. Além disso, as vogais longas possuem um núcleo ramificado e as vogais breves, não. A duração vocálica, conforme Haupt (2007, p. 166), pode ser considerada um traço constituinte, isto é, um fonema, o qual também pode estar associado a outro traço, à abertura vocálica.

Tudo isso pode se tornar ainda mais complexo nos processos de ditongação e monotongação. O alemão padrão apresenta basicamente três ditongos, a saber /ɑɪ/ (com quatro grafemas <ai, ay, ei, ey>), o ditongo /ɔɪ/ (com os grafemas <eu, äu>), além do ditongo /aʊ/ (com apenas um grafema <au>), conforme os seguintes exemplos:

/ɑɪ/ *Mais* ‘milho’, *Bayern* ‘Baviera’, *Heim* ‘lar’, *Meyer* ‘sobrenome alemão’.

/aʊ/ *Maus* ‘rato’.

/ɔɪ/ *Heu* ‘feno’, *Häuser* ‘casas’.

No *Hunsrückisch*, os ditongos decrescentes /ɑɪ, aʊ, ɔɪ/ ocorrem como no alemão padrão, porém em distribuição muitas vezes distinta, como no caso de /ɑɪ/, que pode aparecer no lugar de /ɔɪ/ (exemplo: *Deutsch* vs. *Deitsch*) Já o acréscimo de [uɪ] ocorre em função da influência do português na língua de imigração. Exemplos comuns são [ɣuɪ] ‘cuiá’ e [luɪ]

abreviatura de ‘Luís’. Em final de palavra, por outro lado, é comum ocorrer a vocalização do <-r>. Aqui, tanto no alemão padrão, quanto no Hrs, registra-se um comportamento amplamente similar; exemplos: *Uhr* [u:r̥] ‘relógio’, *Rohr* [ro:r̥] ‘cano’ e *mehr* [me:r̥] ‘mais’.

Os exemplos do *Hunsrückisch* que ilustram a realização do ditongo /aɪ/, como *heit* ‘hoje’ e *Leit* ‘pessoas’, equivalente a /ɔɪ/ no alemão padrão *heute* e *Leute*, mostram uma saliência linguística amplamente percebida pelos falantes. O ditongo /ɔɪ/ geralmente é, por essa razão, percebido pelos falantes como uma marca mais estandardizada, com maior prestígio nas comunidades. Em função dessa valoração, somando também as diferentes origens dos imigrantes alemães, ocorrem variantes *standard-substandard* como *zwei* [ɟsvaɪ] e *zweu* [ɟsvɔɪ] ‘dois’, *heut* e *heit* ‘hoje’ em comunidades de falantes que ficam bem próximas geograficamente. Em contrapartida, o ditongo /aʊ/ assemelha-se ao português /au/ em sua pronúncia, como na comparação entre o alemão *Haus* ‘casa’ e o português *pausa*. Ele também pode ser visto como uma forma mais estandardizada, quando envolve as variantes *Baum* com /aʊ/ (Hrs: *Boom* com /ɔɪ/) ‘árvore’ ou ainda em formas correntes, como *auch*, com a pronúncia mais *standard* [aʊx], em oposição ao Hrs. *ooch* [ɔɪx] ‘também’.

Os ditongos [ou] e [ei] também ocorrem no pomerano (SCHAEFFER; MEIRELES, 2014, p. 52) e possuem usos muito semelhantes aos do alemão boêmio. Os exemplos citados pelos autores foram [boune] ‘feijão’ e [vemiç] ‘pouco’. Trata-se de uma variação que se manteve, em partes, no alemão falado dos descendentes de imigrantes do boêmio e pomerano no Brasil. Outro exemplo é o ditongo [uo], presente, por exemplo, na pronúncia do verbo *tun* ‘fazer’ (HABEL, 2017, p. 83), em alemão boêmio [tuot].

O alemão *standard* e o *Hunsrückisch* não possuem essas variantes, a não ser isoladamente, como prováveis arcaísmos, pois monotongaram prioritariamente as vogais do Mhd. Esta regra já esclarece o porquê de muitos imigrantes alemães considerarem o *Hunsrückisch* uma variedade mais próxima do *Hochdeutsch* (alemão mais *standard*). Em função disso, muitos falantes do alemão boêmio utilizaram a variedade mais *standard* para se comunicar com os diversos grupos de alemães com os quais entravam em contato. Possivelmente, essa diferença entre o alemão dos boêmios com o *Hunsrückisch* também explique a perda das marcas de origem mais dialetal dos boêmios.

Feito o levantamento dos aspectos mais salientes no contraste entre o Hrs e o Hdt, e o alemão padrão, portanto com o nível variacional situado mais acima no topo do contínuo, passamos à descrição da variação *standard-substandard* do Hrs, Bo e Po, nas variáveis



selecionadas para o vocalismo. Para organizar a análise, nos atemos ao sistema de referência do médio alto-alemão (Mhd.), colocando em evidência as variantes que se sobressaem na oposição entre marcas próximas do *standard* ou do *substandard*. Assim, leia-se que Mhd. /a/ > se realiza como [a:] = marca mais *standard* vs. = em oposição a [ɔ:] = marca mais *substandard*. Na notação dos dados, os exemplos de palavras consideradas serão registrados conforme as regras do ESCRITHU (Sistema de Escrita do *Hunsrückisch*), adotado pelo ALMA-H, para a transcrição de segmentos de fala maiores. O uso do IPA fica, assim, reservado às realizações fonéticas em sua unidade mínima de som. Vejamos.

### 5.2.1.1 Mhd. /a/ > [a:] vs. [ɔ:]

Mhd. /a/ realiza-se, nas variedades do alemão falado em Nova Petrópolis/RS, como vogal baixa alongada [a:], à qual é associada com uma marca [+ standard], coincidente com a pronúncia do alemão padrão, ou sofre velarização [ɔ:] longo, como marca [+ dialetal], por desviar da norma escrita. A ocorrência dessas duas variantes varia entre Hrs, Bo e Po conforme mostra o quadro 15 abaixo.<sup>34</sup>

Quadro 15 – A variável Mhd. /a/ nos grupos de fala entrevistados

| Variável      | Variantes   | Bo                           | Hrs  | Po                        |
|---------------|---|------------------------------|--|---------------------------|
| <i>Mhd. a</i> | <b>Hahn</b><br>[a:] Hahn<br>[ɔ:] Hoohn                  | (8x) Hahn<br>∅ <sup>35</sup> | (5x) Hahn<br>(5x) Hoohn<br>∅               | (1x) Hahn<br>(3x) Hoohn   |
|               | <b>sagen</b><br>[a:] sagen, saht<br>[ɔ:] sooht          | (9x) sage(n)/sahn            | (5x) sahn/sagen<br>(6x) soohn              | (4x) soohn                |
|               | <b>Karten</b><br>[a] Karten<br>[a:] Kaate<br>[ɔ:] Koote | (9x) Kaat(e)<br>spiele(n)    | (4x) Kaat(e) spiele<br>(7x) Koot(e) spiele | (4x) Koot<br>spiele/koote |
|               | <b>Arm</b><br>[a:] Arm                                  | (4x) Arm<br>∅                | (4x) Arm<br>(1x) Orm                       | (1x) Arm<br>(3x) Orm      |

<sup>34</sup> Os quadros de variantes elaborados neste capítulo, para a análise da variação entre os três grupos, seguem a mesma ordem e estrutura, da esquerda para a direita. Cada segmento (apresentado no ESCRITHU) vem acompanhado do número de ocorrências. Assim, por exemplo, em relação à variante *Hahn*, no grupo dos informantes boêmios, obteve-se oito respostas (8x), enquanto o grupo do *Hunsrückisch* dividiu suas respostas em cinco realizações (5x) da variante H[a:]hn e cinco (5x) da variante H[ɔ:]hn. Já, no grupo dos pomeranos, obteve-se respectivamente uma (1x) e três (3x) ocorrências para cada variante.

<sup>35</sup> O símbolo de nulo sinaliza que o entrevistado não respondeu à pergunta.

|                        |  |                             |                               |                         |
|------------------------|--|-----------------------------|-------------------------------|-------------------------|
|                        | [ɔ:] Orm                                 |                             | ∅                             |                         |
|                        | <b>Darm</b><br>[a:] Darm<br>[ɔ:] Dorrem  | (1x) Doorem<br>∅            | ∅                             | (2x) Doorem<br>∅        |
|                        | <b>Blatt</b><br>[a:] Blaat<br>[ɔ:] Bloot | (4x) Blaat<br>∅             | (3x) Blaat<br>(2x) Bloot<br>∅ | (4x) Bloot              |
|                        | <b>Grab</b><br>[a:] Grab<br>[ɔ:] Groob   | (4x) Grab<br>∅              | (3x) Grab<br>(2x) Groob<br>∅  | (1x) Grab<br>(3x) Groob |
|                        | <b>Saal</b><br>[a:] Saal<br>[ɔ:] Sool    | (3x) Saal<br>(1x) Sool<br>∅ | (3x) Saal<br>(2x) Sool<br>∅   | (1x) Saal<br>(3x) Sool  |
|                        | <b>Rahm</b><br>[a:] Rahm<br>[ɔ:] Roohm   | (4x) Rahm<br>∅              | (3x) Rahm<br>(2x) Roohm<br>∅  | (1x) Rahm<br>(3x) Roohm |
| <b>Total de [+Std]</b> |  | 45/50= 90%                  | 30/57= 52,6%                  | 5/36= 13,8%             |

Fonte: elaborado pela autora

Mesmo que poucos falantes tenham respondido a segunda rodada de perguntas, que são as variantes finais da tabela a partir de *Arm* ‘braço’, percebe-se que a variação segue um comportamento semelhante, assim como nas três primeiras variantes. No grupo dos Bo tem-se uma ocorrência de [ɔ:] em *Sool* (Hdt: *Saal* ‘salão’) e uma em *Doorem* (Hdt: *Darm* ‘intestino’). Embora a pergunta relacionada à variável intestino tenha sido no singular (variantes: *Darem* ou *Doorem*), é muito provável que alguns falantes tenham optado em responder a forma do plural *Dārem* ‘intestinos’ que possui a vogal [ɛ:]. No entanto, a variação entre a forma [+standard] e a [+substandard] pode ocorrer na fala do mesmo entrevistado, como, por exemplo, no grupo do Po, onde ocorre a escolha pela forma [+substandard] em *soohn* ‘dizer’, *koot* ‘jogar cartas’, *Doorem* ‘intestino’ e *Bloot* ‘folha’. Em vista disso, se percebe como é que os falantes se servem das variantes disponíveis em seu espaço de vivência e como esse comportamento forma o repertório linguístico de cada falante. Chama a atenção que formas muito frequentes como *sahn* / *soohn*, ou associadas a práticas sociais específicas, como “jogar cartas” (*Koote spiele*), tendem a ser mais resistentes na forma local [+dialeto]. De modo geral, porém, a oposição entre [a:] e [ɔ:] existe como uma regra de covariação, ou seja, as formas coexistem, entretanto se distingue quanto ao status social mais próximo ou distante da pronúncia *standard*. Diante desse uso variacional da língua de imigração, Thun (2010, p. 707) parece ter razão em denominar esses usos de complexo variacional (*variety complex*).

Ao analisar a frequência total de uso das variantes [+ standard], nos três grupos de fala, evidencia-se um uso de 90% de variantes [a:] no grupo dos Bo, o que já é era esperado – de que esse grupo seria o que usa a variedade mais próxima do *standard*. No grupo dos Hrs, contudo, os usos da variante [+ standard] diminuem para 52% e mostram uma tendência de comportamento mais divergente, isto é, de oscilação e covariação das respectivas variantes, às vezes no mesmo segmento de fala. Por fim, no grupo Po, como de certo modo também era esperado, predominam as variantes do *substandard* para a variável Mhd. /a/. Esses índices servem de importante indício para auxiliar na interpretação mais acertada, embora cuidadosa, dos dados qualitativos.

Nesse sentido, na dimensão diastrática (Ca e Cb), isto é, classe socioculturalmente alta e baixa, não se observou uma variação linguística considerável. Efetivamente, notou-se que o uso da variante [a:] pelos boêmios em *Hahn* ‘galo’, *sahn* ‘dizer’ e *Kaate* ‘jogar carta’ ocorre nos dois grupos (Ca e Cb), assim como também ocorre com os Hrs, embora estes com uso variável de [a:] e [ɔ:].

Os pomeranos da Cb, por outro lado, possuem a variante [ɔ:] em seu repertório, como em *Hoohn* ‘galo’, embora também alternem com o uso da variante [a:], como no caso de *Hahn* ‘galo’. Tanto no Hrs como no Po, observou-se a covariação entre [ɔ:] e [a:], no mesmo falante. Por exemplo, o participante entrevistado utiliza ora a variante [ɔ:], como em *soohn* ‘dizer’, e ora a variante [a:], como em *Hahn* ‘galo’ e *Kaate spiele* ‘jogar cartas’. Essa variação não depende propriamente do contexto fônico, e sim muito mais do significado social e da frequência de uso de cada palavra na interação social.

Como variante [a:], a variável Mhd. /a/ realiza-se, segundo Altenhofen (1996, p.174), especialmente em áreas colonizadas por imigrantes boêmios e pomeranos. A variante mais *standard* provavelmente foi ganhando destaque com os imigrantes tardios, aqueles que migraram após 1858. Isso fica mais evidente tanto no grupo GI como no GII dos descendentes de Bo, conforme mostra o quadro 16, abaixo. Por outro lado, a variante [a:] ocorre com mais frequência na GII dos Hrs e é menos recorrente na GI.

Quadro 16 – A variável Mhd. /a/ na dimensão diageracional

| Var.          | Variantes  | Bo               |                      | Hrs                        |                                 | Po            |                            |
|---------------|--|------------------|----------------------|----------------------------|---------------------------------|---------------|----------------------------|
|               |  | GII              | GI                   | GII                        | GI                              | GII           | GI                         |
| <i>Mhd. a</i> | <b>Hahn</b><br>[a:] Hahn<br>[ɔ:] Hohn            | (5x) Hahn        | (3x) Hahn<br>∅       | (4x) Hahn<br>(2x)<br>Hoohn | (1x) Hahn<br>(3x)<br>Hoohn<br>∅ | (2x)<br>Hoohn | (1x) Hahn<br>(1x)<br>Hoohn |
|               | <b>sagen</b><br>[a:] sagen,<br>sahn<br>[ɔ:] soht | (5x) sahn        | (4x) sahn /<br>sagen | (4x) sahn<br>(2x) soohn    | (1x) sagen<br>(4x) soohn        | (2x) soohn    | (2x)<br>soohn              |
|               | <b>Karten</b><br>[a:] kaate<br>[ɔ:] koote        | (5x)<br>kaate(e) | (4x) kaate           | (3x) kaat<br>(3x) koote    | (1x) kaate<br>(3x) koote        | (2x) koote    | (2x) koot                  |

Fonte: elaborado pela autora

A comparação entre GII e GI, no quadro 16 acima, não mostra uma tendência de variação significativa que possa apontar uma mudança em progresso. Os comportamentos linguísticos parecem seguir a mesma tendência observada antes e se vincularem primordialmente aos usos correntes nos respectivos grupos imigratórios Bo, Hrs e Po.

Quanto à produtividade da regra de variação entre [a:] e [ɔ:] no uso de cada variedade, pode-se afirmar que, além de ser muito saliente, se estende para vários outros exemplos listados por Altenhofen (1996, p. 172), tais como *Hase* ‘coelho’, *Rad* ‘roda’, *Saal* ‘salão’, *Tag* ‘dia’, *Zahnarzt* ‘dentista’, entre outros. Embora no grupo da GII tenha ocorrido o uso da variante [a:], como em *Kaat spiele* ‘jogar carta’, por uma mulher e a variante [ɔ:], como em *Koot spiele*, por um homem, não se pode afirmar, adicionalmente, que esse comportamento segue determinada tendência associada à dimensão diasssexual. Tanto no grupo do sexo feminino, como no grupo masculino observou-se a ocorrência das duas variantes, ou seja, não se percebeu uma variante mais usual ou favorita. Vale acrescentar que a alternância do uso das variantes pode se intensificar, em especial, nas famílias em que ocorreu um casamento misto e também por meio de contatos sociais.

Vejamos agora se as mesmas tendências de comportamento mais ou menos convergente ou divergente na direção do *standard* ou do *substandard* ocorrem em relação à variável Mhd. /â/ longo.

### 5.2.1.2 Mhd. /â/ > [a:] vs. [o:]

Mhd. /â/ mantém-se nas variedades do alemão local como vogal longa [a:] ou eleva-se para a variante velar longa fechada [o:], como ocorre, por exemplo, em *Straße* ‘estrada’ e *Jahre* ‘anos’. Essa regra também pode ser observada em formas como *Nadel* ‘agulha’, *Ameisen* ‘formigas’, *Haare* ‘cabelo’, *Samen* ‘semente’, *Schaf* ‘ovelha’, entre outros exemplos. Vejamos os resultados para cada grupo, no quadro 17.

Quadro 17 – A variável Mhd. /â/ nos grupos de fala entrevistados

| Variável      | Variantes                                    | Bo  | Hrs  | Po                         |
|---------------|--|---|--|----------------------------|
| <i>Mhd. â</i> | <b>Straße</b><br>[a:] Straß(e)<br>[o:] Stroß | (4x) Straß(e)<br>(3x) Stroß                 | (1x) Straße<br>(9x) Stroß                  | (3x) Stroß                 |
|               | <b>Jahre</b><br>[a:] Jahr(e)<br>[o:] Johr(e) | (6x) Jahr(e)<br>(3x) Johr(e)                | (3x) Jahre(n)<br>(8x) Johr(e)              | (2x) Jahre<br>(2x) Johre   |
|               | <b>Nadel</b><br>[a:] Nadel<br>[o:] Nodel     | (4x) Nodel<br>∅                             | (5x) Nodel<br>∅                            | (4x) Nodel                 |
|               | <b>Ameisen</b><br>[a:] Ameise<br>[o:] Omeise | (4x) Ameise<br>∅                            | (4x) Ameise/<br>Amatze<br>(1x) Omatze<br>∅ | (1x) Ameise<br>(3x) Omeise |
|               | <b>Samen</b><br>[a:] Same<br>[o:] Some       | (4x) Some<br>∅                              | (4x) Some<br>∅                             | (4x) Some                  |
|               | <b>Schaf</b><br>[a:] Schaf<br>[o:] Schof     | (1x) Schaf<br>(2x) Schef<br>(1x) Schof<br>∅ | (3x) Schof<br>(2x) Schef<br>∅              | (1x) Schef<br>(3x) Schof   |
|               | <b>Total de [+Std]</b>                       |   | 15/32= 46,8%                               | 8/40= 20%                  |

Fonte: elaborado pela autora

Chama a atenção, nesse quadro, que, diferentemente dos resultados para Mhd. /a/ breve, há em relação a Mhd. /â/ longo uma ocorrência maior da variante [+ dialetal], a vogal média fechada longa [o:], seja como covariantes, seja até mesmo com uso exclusivo da variante dialetal, inclusive no grupo dos boêmios. Contudo, na comparação entre os três grupos Bo, Hrs e Po, mantém-se proporcionalmente a mesma tendência, indicando, como no quadro 18, um grau de standardização mais elevado no grupo dos Bo, que aqui apresentam

46,8% de ocorrências da variante mais *standard*. O que é interessante notar é que duas variantes não apresentaram ocorrências [+ *standard*] e foram apresentadas como forma única em todos os grupos entrevistados, a saber: *Nodel* ‘agulha’ (Hdt: *Nadel*) e *Some* ‘semente’ (Hdt: *Samen*).

Quadro 18 – A variável Mhd. /â/ na dimensão diageracional

| Var.             | Variantes                                       | Bo                                 |                              | Hrs        |                               | Po                       |            |
|------------------|---|------------------------------------|------------------------------|------------|-------------------------------|--------------------------|------------|
|                  |   | GII                                | GI                           | GII        | GI                            | GII                      | GI         |
| <i>Mhd.</i><br>â | <b>StraÙe</b><br>[a:]<br>StraÙ(e)<br>[o:] StroÙ | (1x)<br>StraÙe<br>(2x) StroÙ       | (3x)<br>StraÙe<br>(1x) StroÙ | (6x) StroÙ | (1x)<br>StraÙe<br>(3x) StroÙ  | (2x) StroÙ               | (1x) StroÙ |
|                  | <b>Jahre</b><br>[a:] Jahr(e)<br>[o:] Jahr(e)    | (3x)<br>Jahr(e)<br>(2x)<br>Jahr(e) | (1x) Jahre<br>(3x) Jahre     | (6x) Jahre | (3x)<br>Jahre(n)<br>(2x) Jahr | (1x) Jahre<br>(1x) Jahre | (2x) Jahre |

Fonte: elaborado pela autora

A informante GII do grupo Po faz uso da variante [o:] de forma espontânea em *StroÙ* e a variante [a:] em *Jahre*, alternando a regra. A GI do Hrs, ao contrário da GII, usa a variante [a:], ou seja, a forma [+ *standard*]. Por parte de um falante do Hrs da GI, temos a variante *Jahren* ‘anos’ com a terminação -n, o que pode indicar uma influência do alemão padrão, já que essa regra não é usual nas comunidades locais. Percebe-se, nesse caso, uma possível influência das aulas do alemão nas escolas.

A seguir, vejamos os resultados para a variável Mhd. /iu/, igualmente distintiva na oposição entre marcas *standard* e *substandard*.

### 5.2.1.3 Mhd. /iu/ > [ɔɪ] vs. [aɪ]

Mhd. /iu/ comporta-se, no *Hunsrückisch*, como observa Altenhofen (1996, p. 129), em grande parte, ao menos no Hrs de tipo *Deitsch*, como Mhd. /î/, ou seja ditonga para [aɪ]. Paralelamente, contudo, também pode-se realizar como no alemão *standard* como ditongo [ɔɪ]. A variante [aɪ], como ocorre na pronúncia de *Deitsch* ‘alemão’, é considerada mais *substandard* e utilizada, especialmente, entre os hunsriqueanos. Por outro lado, a variante [ɔɪ], como em *Feuer* ‘fogo’, é considerada mais *standard*, geralmente aplicada no alemão falado por descendentes Bo. Altenhofen (1996, p. 129-130) lista vários exemplos que podem ocorrer tanto na variante [aɪ] como na [ɔɪ], tais como: *euch* ‘a vocês’, *Eule* ‘coruja’, *freundlich* ‘simpático’, *Steuer* ‘imposto’, *Teufel* ‘diabo’, entre outras. Vejamos, no quadro 19, os resultados na comparação entre os três grupos.

Quadro 19 – A variável Mhd. /iu/ nos grupos de fala entrevistados

| Var.                   | Variantes                                      | Bo                            | Hrs                          | Po                           |
|------------------------|--|-------------------------------|------------------------------|------------------------------|
| <i>Mhd. iu</i>         | <b>Deutsch</b><br>[ɔɪ] Deutsch<br>[aɪ] Deitsch | (4x) Deutsch<br>(5x) Deitsch  | (2x) Deutsch<br>(9x) Deitsch | (1x) Deutsch<br>(3x) Deitsch |
|                        | <b>Feuer</b><br>[ɔɪ] Feuer<br>[aɪ] Feier       | (8x) Feier<br>(1x) Feuer      | (11x) Feier                  | (4x) Feier                   |
|                        | <b>heute</b><br>[ɔɪ] heut(e)<br>[aɪ] heit      | (6x) heit<br>(3x) heut(e)     | (10x) heit<br>(1x) heute     | (4x) heit                    |
|                        | <b>Steuer</b><br>[ɔɪ] Steuer<br>[aɪ] Steier    | (4x) Steier<br>∅              | (5x) Steier<br>∅             | (4x) Steier                  |
|                        | <b>Eule</b><br>[ɔɪ] Eul<br>[aɪ] Eil            | (4x) Eil<br>∅                 | (3x) Eil<br>(2x) Eul<br>∅    | (4x) Eil                     |
|                        | <b>Kreuz</b><br>[ɔɪ] Kreuz<br>[aɪ] Kreiz       | (2x) Kreiz<br>(2x) Kreuz<br>∅ | (5x) Kreiz<br>∅              | (4x) Kreiz                   |
| <b>Total de [+Std]</b> |  | 10/39= 25,6%                  | 5/48= 10,4%                  | 1/24= 4,1%                   |

Fonte: elaborado pela autora

Chama a atenção, nesse quadro, a covariação entre [aɪ] e [ɔɪ] entre os boêmios, com o predomínio da variante *substandard* entre os hunsriqueanos e quase absoluto no grupo pomerano. Novamente os Bo se destacam como grupo que mais se aproxima das variantes *standard*, com 25,6% de ocorrências, em comparação com os falantes dos grupos Hrs e Po, que aplicam proporcionalmente menos marcas *standard*. A variante *Steier* ‘imposto’ (Hdt: *Steuer*) não apresentou variação e é utilizada em sua forma mais *substandard* nos três grupos de fala.

Segundo Altenhofen (1996, p. 130), a influência da língua padrão pode provocar a substituição de [aɪ] por [ɔɪ], em função do prestígio que a variante mais *standard* possui, a exemplo do que ocorreu em Panambi/RS, através do contato linguístico com os imigrantes mais tardios, no caso de origem suábia. Em Nova Petrópolis, ocorreu a migração tardia com os imigrantes vindos da Boêmia, por volta de 1868, se comparado com a imigração dos hunsriqueanos, que já teve início em 1824, no RS. Esses imigrantes tardios tiveram mais contato com o alemão *standard*, a leitura e o ensino na matriz de origem. Os imigrantes Bo, por exemplo, vieram de uma região mais industrializada, um contexto bem diferente do que muitos agricultores alemães do *Hunsrück* ou da Pomerânia vivenciaram antes de migrar ao Brasil.

No eixo diageracional, conforme o quadro 20, a seguir, percebe-se um comportamento variável entre a GII e a GI, em que a geração mais velha faz uso maior da variante [aɪ], mais *substandard*. Por outro lado, os falantes mais jovens já recorrem com mais frequência à variante [ɔɪ], considerada mais *standard*. No entanto, o grupo de jovens que teve acesso ao ensino de alemão na escola beneficia-se, em certo sentido, do conhecimento das duas variantes, tanto [aɪ] como [ɔɪ].

Quadro 20 – A variável Mhd. /iu/ na dimensão diageracional

| Var.                     | Variantes                                | Bo                       |                 | Hrs             |                 | Po              |                 |
|--------------------------|--|--------------------------|-----------------|-----------------|-----------------|-----------------|-----------------|
|                          |  | GII                      | GI              | GII             | GI              | GII             | GI              |
| <i>Mhd.</i><br><i>iu</i> | <b>Deutsch</b><br>[ɔɪ]                   | (2x)<br>Deutsch          | (2x)<br>Deutsch | (6x)<br>Deitsch | (2x)<br>Deutsch | (2x)<br>Deitsch | (1x)<br>Deutsch |
|                          | Deutsch<br>[aɪ]                          | (3x)<br>Deitsch          | (2x)<br>Deitsch |                 | (3x)<br>Deitsch |                 | (1x)<br>Deitsch |
|                          | Deutsch                                  |                          |                 |                 |                 |                 |                 |
|                          | <b>Feuer</b><br>[ɔɪ] Feuer<br>[aɪ] Feuer | (4x) Feier<br>(1x) Feuer | (4x) Feier      | (6x) Feier      | (5x) Feier      | (2x) Feier      | (2x) Feier      |



|  |                        |                         |           |                         |           |           |
|--|------------------------|-------------------------|-----------|-------------------------|-----------|-----------|
| <b>heute</b><br>[ɔɪ]<br>heut(e)<br>[aɪ] heit | (4x) heit<br>(1x) heut | (2x) heit<br>(2x) heute | (6x) heit | (4x) heit<br>(1x) heute | (2x) heit | (2x) heit |
|--|------------------------|-------------------------|-----------|-------------------------|-----------|-----------|

Fonte: elaborado pela autora

A GI, em sua maioria, possui um repertório linguístico que flutua entre as variantes *standard* e *substandard* do contínuo linguístico. Essa ocorrência, certamente, é resultante do contato entre o alemão herdado de casa e o alemão ensinado na escola. Essa hipótese pode ser reforçada com os dois últimos exemplos de falantes do Bo da GII, os quais alegaram ter tido aula de “*Hochdeutsch*” e utilizam tanto a variante [aɪ] como [ɔɪ].

Na próxima seção, vejamos os resultados para a variação do ditongo /ei/.

#### 5.2.1.4 Mhd. /ei/ > [aɪ] vs. [eɪ]

A variável do Mhd. /ei/ realiza-se, no alemão falado em Nova Petrópolis, como variante monotongada [eɪ], a qual se associa a marca [+ standard], e como ditongo [aɪ], como ocorre no alemão padrão. Alguns exemplos para ilustrar essas variantes, com base em Altenhofen (1996, p. 141), são: *Eimer* ‘balde’, *Seife* ‘sabão’, *Bein* ‘perna’, *klein* ‘pequeno’, *allein* ‘sozinho’ e *Reise* ‘viagem’, entre outros. Os resultados para a variação de Mhd. /ei/, na comparação entre os três grupos de fala analisados, são apresentados a seguir, no quadro 21.

Quadro 21 – A variável Mhd. /ei/ nos grupos de fala entrevistados

| Var.           | Variantes                                     | Bo                                 | Hrs                              | Po                     |
|----------------|---|------------------------------------|----------------------------------|------------------------|
| <i>Mhd. ei</i> | <b>klein</b><br>[aɪ] klein<br>[eɪ] kleen      | (6x) klein<br>(3x) kleen           | (3x) klein(e)<br>(8x) kleen      | (4x) kleen             |
|                | <b>allein</b><br>[aɪ] allein<br>[eɪ] (a)lleen | (7x) allein<br>(2x) alleen         | (4x) allein<br>(7x) alleen       | (4x) alleen            |
|                | <b>Reise</b><br>[aɪ] Reis(e)<br>[eɪ] Rees     | (6x) Reise(n)<br>(2x) Rees(e)<br>∅ | (8x) Reis(en)<br>(2x) Reese<br>∅ | (3x) Rees<br>∅         |
|                | <b>Seife</b><br>[aɪ] Seif<br>[eɪ] Seef        | (3x) Seif<br>(1x) Seef<br>∅        | (3x) Seif<br>(2x) Seef<br>∅      | (1x) Seif<br>(3x) Seef |

|                        |              |              |              |             |
|------------------------|--------------|--------------|--------------|-------------|
|                        | <b>Teil</b>  | (4x) Teil    | (4x) Teel    | (1x) Teil   |
|                        | [aɪ] Teil    | ∅            | ∅            | (3x) Teel   |
|                        | [eɪ] Teel    |              |              |             |
|                        | <b>Bein</b>  | (4x) Been    | (1x) Bein    | (1x) Bein   |
|                        | [aɪ] Bein    | ∅            | (4x) Been    | (3x) Been   |
|                        | [eɪ] Been    |              | ∅            |             |
|                        | <b>Eimer</b> | (1x) Eimer   | (3x) Eimer   | (4x) Eemer  |
|                        | [aɪ] Eimer   | (3x) Eemer   | (2x) Eemer   |             |
|                        | [eɪ] Eemer   | ∅            | ∅            |             |
| <b>Total de [+Std]</b> |              | 27/42= 64,2% | 22/51= 43,1% | 3/27= 11,1% |

Fonte: elaborado pela autora

Embora se confirme a mesma tendência observada de maior número de ocorrências *standard* no grupo dos Bo, com 64,2% de casos, os resultados para Mhd. /ei/ mostram grande variabilidade. A coocorrência é especialmente saliente, de novo, no grupo Hrs, sendo os Po (com apenas 11,1% de variantes *standard*) o grupo que mais prioriza as variantes mais dialetais, seguido dos Hrs, com mais de 50% de variantes do *substandard* [e:], como em *kleen* ‘pequeno’. É curioso notar que, mesmo no grupo Bo, algumas formas ocorrem exclusivamente na variante dialetal, por exemplo *Been* ‘perna’, ou *standard Teil* ‘parte’. Altenhofen (1996, p. 143) afirma que a variante [aɪ] pode ser melhor associada aos grupos mais escolarizados e acaba formando um importante contraste para o *Hunsrückisch*. Tanto na GI como na GII se percebe novamente que os Bo e Hrs possuem um nível de variação linguística que flutua entre marcas *standard* e *substandard* com mais frequência do que os Po.

Quadro 22 – A variável Mhd. /ei/ na dimensão diageracional

| Var.                     | Variantes     | Bo          |               | Hrs          |               | Po          |             |
|--------------------------|---------------|-------------|---------------|--------------|---------------|-------------|-------------|
|                          |               | GII         | GI            | GII          | GI            | GII         | GI          |
| <b>Mhd.</b><br><b>ei</b> | <b>klein</b>  | (3x) klein  | (1x) kleen    | (1x) klein   | (3x) kleen    | (2x) kleen  | (2x) kleen  |
|                          | [aɪ] klein    | (2x) kleen  | (3x) klein(e) | (5x) kleen   | (2x) klein(e) |             |             |
|                          | [e:] kleen    |             |               |              |               |             |             |
|                          | <b>allein</b> | (4x) allein | (1x) alleen   | (1x) allein  | (3x) alleen   | (2x) alleen | (2x) alleen |
|                          | [aɪ] allein   | (1x) alleen | (3x) allein   | (5x) alleen  | (2x) alleen   |             |             |
|                          | [e:] alleen   |             |               |              |               |             |             |
|                          | (a)lleen      |             |               |              |               |             |             |
|                          | <b>Reise</b>  | (2x) Reese  | (3x) Reise    | (6x) Reis(e) | (2x) Reis(en) | (2x) Rees   | (1x) Rees   |
|                          | [aɪ] Reisen   | (3x) Reisen | ∅             |              | (2x) Reese    |             | ∅           |
|                          | Reis(e)       |             |               |              |               |             |             |

|           |  |  |  |   |  |  |
|-----------|--|--|--|---|--|--|
| [e:] Rees |  |  |  | ∅ |  |  |
|-----------|--|--|--|---|--|--|

Fonte: elaborado pela autora

É possível que formas mais frequentes tenham um tratamento diferente de formas isoladas. A ocorrência elevada da variante *Reis(e)* ‘viagem’ no grupo Hrs pode ser provavelmente explicada por esse viés. Nesses casos, supõe-se que estes falantes (GI) não utilizem mais as variantes *Reise/Reese* de forma tão ativa como os demais entrevistados (GII).

Os falantes de descendência Po priorizam novamente as variantes do *substandard* implícitas no uso e possuem um repertório linguístico bastante semelhante ao repertório dos falantes de Hrs. No diálogo que resultou da entrevista referente a de nomeação para *viagem* (*Reise*), os informantes do sexo masculino I1 e I3 participam da conversa com a informante do sexo feminino, I2. Os participantes pertencem ao grupo CbGII (grupo menos escolarizado e da geração mais velha). Conforme segue, abaixo, o entrevistador (E) pergunta aos falantes pela tradução do português *viagem* para o alemão local:

**E<sup>36</sup>: Unn “*viagem*”?**

I1-m: Verreese

I2-f: Verreese

**E: Rees, die Rees?**

I2-f: Verreese is ooch nohmo... Friher hat’ma gesooht mea wolle fatfoohre, gel. Orre wie sooht’ma?

I3-m: Verreese.

I2-f: Eh, verreese is dann gesooht woa, awer is ooch schon bissche annerster, né. Misst bissche noch gewehlicher sinn.

**E: Nee. Unn wie sooht’man “*eu fiz uma viagem*”?**

I3-m: Ich honn en Rees gemacht.

**E: Dann is es Rees.**

I2-f: Uhum.

**E: “*Eu vou viajar*”?**

I2-f: Ich foohre... Ich tun mit foohre.

I1-m: Ich tun fatfoohre.

I2-f: Tun mit die, mit die *condução* fatfoohre. Wie sooht’ma né, *condução*. Wenn der [Name] en *condução* sammer macht, orre [unterbrochen]

I3-m: *Ônibus*

I2-f: mim *ônibus* sammer macht, foohr’ma mim *ônibus* fat, orre wie man das dann richtig sooht.

No diálogo, se percebe que tanto o informante I1 como a informante I2 responde de forma espontânea *verreese*, equivalente ao al. *verreisen* ‘viajar’. No entanto, a informante I2 acrescenta que *verreese* seria mais moderno comparado ao antigo verbo *fatfoohre* (Hdt:

<sup>36</sup> Entrevista realizada pelo colega e estudante de mestrado Gabriel Schmitt.

*fortfahren*) que também significa *wegfahren*<sup>37</sup> ‘sair de carro’. Ela permanece insegura quanto à denominação mais adequada para descrever a situação e recorre ao português para explicar a palavra *viagem*, em que se utiliza um meio de transporte, a condução ou o ônibus, para viajar. Nesse caso, o entrevistador deseja saber como se diz *a viagem* em alemão local, no entanto, alguns informantes respondem usando o verbo e não o substantivo. Mesmo que o participante da pesquisa não responda diretamente o que o entrevistador espera como possível resposta, sempre se recolhe informações linguísticas através das reflexões do próprio falante sobre os seus usos linguísticos.

Na sequência, passemos à análise da variável Mhd. /ie/.

### 5.2.1.5 Mhd. /ie/ > [i:] vs. [e:] diante de /r/

Mhd. /ie/ normalmente segue, no *Hunsrückisch* como no alemão padrão, as regras da monotongação para [i:], como já observa Altenhofen (1996, p. 149). Como exemplos de [i:], podemos citar *Knie* ‘joelho’, *Krieg* ‘guerra’, *Spiegel* ‘espelho’, etc. Diante de /r/, contudo, pode ocorrer o abaixamento para [e:]. Tal se aplica, por exemplo, à ampla gama de verbos com o sufixo *-ieren*, conforme mostra o quadro 24, entre outras possibilidades analisadas por Altenhofen (1996, p. 150).

Quadro 23 – A variável Mhd. /ie/ nos grupos de fala entrevistados

| Var.           | Variantes  | Bo                             | Hrs                               | Po                                  |
|----------------|--|--------------------------------|-----------------------------------|-------------------------------------|
| <i>Mhd. ie</i> | <b>verlieren</b><br>[i:] verliere<br>[e:] verleere         | (7x) vorlieren/<br>verliere(n) | (9x) verliere(n)<br>(2x) verleere | (4x) verliere(n)                    |
|                | <b>namorieren</b><br>[i:] namoriere<br>[e:] namoreere      | (7x) namoriere(n)              | (8x) namoriere<br>∅               | (3x) namoriere<br>∅                 |
|                | <b>Schmier</b><br>[i:] Schmier<br>[e:] Schmeer             | (9x) Schmier                   | (10x) Schmier<br>∅                | (1x) (Sieß-)Schmier<br>(3x) Schmier |
|                | <b>maltratiere</b><br>[i:] maltratiere<br>[e:] maltrateere | (2x) maltratiere<br>∅          | (2x) maltratiere<br>∅             | (4x) maltratiere                    |
|                | <b>fabrikieren</b>   | (4x) fabrikiere                | (3x) fabrikiere                   | (3x) fabrikiere                     |

<sup>37</sup> Conferir mais no dicionário Duden. Disponível em: <<https://www.duden.de/suchen/dudenonline/fortfahren%20%5Bwegfahren%5D>>. Acesso em: 02 maio 2021.

|                        |  |                      |                       |                 |
|------------------------|--|----------------------|-----------------------|-----------------|
|                        | [i:] fabrikiere<br>[e:] fabrikeere               | ∅                    | (1x) frabriziere<br>∅ | ∅               |
|                        | reclamiere<br>[i:] reclamiere<br>[e:] reclameere | (4x) reclamiere<br>∅ | (5x) reclamiere<br>∅  | (4x) reclamiere |
| <b>Total de [+Std]</b> |  | 33/33= 100%          | 38/40= 95%            | 22/22= 100%     |

Fonte: elaborado pela autora

Os dados mostram uma ocorrência reduzida da variante *substandard* [e:], presente apenas em duas respostas para o verbo *verlieren* ‘perder’. Essas ocorrências, embora reduzidas, mostram entretanto que a oposição deve ser conhecida. Como, por outro lado, Mhd. /ie/ se realiza como [i:] em uma série de outras palavras, seu uso se difundiu e generalizou.

No próximo quadro, pode-se observar que a geração jovem (GI) teve dificuldades em lembrar do verbo *namoriere* ‘namorar’, optando pela variante *verliebt* ‘apaixonado’, possivelmente por influência da norma culta do Hdt. Por outro lado, a GII criou, em certo sentido, uma palavra nova com o acréscimo do sufixo *-ung* em *Liebe*, resultando em *Liebung*. Os jovens da GI, provavelmente, sabem através do ensino do alemão padrão nas escolas que o verbo *namorar* não possui uma tradução tão parecida ao português e preferem não responder com a forma *namoriere(n)*. Outra característica linguística comum em falantes do alemão boêmio, segundo Habel (2017, p. 81), é a marcação final dos verbos com /-en/, o que caracteriza uma forma mais *standard* e que, geralmente, não ocorre nas variantes do *Hunsrückisch*. A terminação /-en/, em *verlieren* ‘perder’, que ocorreu na GI do grupo Po, assim como também na GI do grupo Hrs, pode ter sido incorporada por influência do ensino de alemão.

Quadro 24 – A variável Mhd. /ie/ na dimensão diageracional

| Var. | Variantes                                   | Bo                             |                                | Hrs                                  |                                       | Po                |                        |
|------|---|--------------------------------|--------------------------------|--------------------------------------|---------------------------------------|-------------------|------------------------|
|      |   | GII                            | GI                             | GII                                  | GI                                    | GII               | GI                     |
|      | verlieren<br>[i:] verliere<br>[e:] verleere | (5x)<br>verlieren/<br>verliere | (3x)<br>vorliere/<br>verlieren | (5x)<br>verliere<br>(1x)<br>verleere | (4x)<br>verliere<br>(1x)<br>verleeren | (2x)<br>verliere  | (2x)<br>verlieren      |
|      | namorieren<br>[i:]<br>namoriere             | (4x)<br>namoriere              | (3x)<br>namorier<br>en         | (5x)<br>namoriere<br>∅               | (3x)<br>namoriere<br>∅                | (2x)<br>namoriere | (1x)<br>namoriere<br>∅ |

|                    |   |                 |                 |                 |                      |                 |                 |
|--------------------|---|-----------------|-----------------|-----------------|----------------------|-----------------|-----------------|
| <b>Mhd.<br/>ie</b> | [e:]<br>namoreere                                 |                 |                 |                 |                      |                 |                 |
|                    | <b>Schmier</b><br>[i:] Schmier<br>[e:]<br>Schmeer | (5x)<br>Schmier | (4x)<br>Schmier | (6x)<br>Schmier | (4x)<br>Schmier<br>∅ | (2x)<br>Schmier | (2x)<br>Schmier |

Fonte: elaborado pela autora

Em função do contato linguístico entre os boêmios, hunsriqueanos e pomeranos, ocorreram trocas de marcas linguísticas que se movimentam do eixo mais *substandard* ao mais *standard*. Esse complexo variacional (THUN, 2010) faz parte do repertório linguístico dos falantes de alemão local. Nesse caso, a variação parece ser maior no grupo dos Hrs que ainda faz uso, mesmo que reduzido, da variante [e:] mais dialetal.

No grupo dos falantes do Hrs, ocorre o uso variável de [i:] e [e:]. Tanto a GII como a GI utilizam a variante [e:] no verbo *verleeren*, o que não ocorre nos grupos do Bo e Po. Por outro lado, a GI dos falantes Bo usaram as formas do particípio *verloren* e não há como saber se o verbo no infinitivo *verlieren* possui a variável [i:] ou [e:] para esse falante. Além disso, percebe-se que esse verbo possui uma saliência linguística de destaque, em especial, no grupo dos boêmios em GI no que se refere à realização do prefixo ver-, que varia entre *verliere* [fa'li:rə] (poderíamos dizer mais usual e próximo do *standard*) para *vorliere* [fo'li:rə], percebido como mais dialetal e desviante da norma.

Por fim, as ocorrências para *Schmier* ‘marmelada’ usam de forma unânime, nos três grupos, a variante [i:]. Essa primazia pode ser explicada pela frequência de uso e difusão dessa forma, em diferentes situações, inclusive do comércio e do turismo, por exemplo em um café colonial. Em suma, podemos abstrair que a monotongação de Mhd. /ie/ para [i:] é a regra principal para os grupos entrevistados, isto significa, maior proximidade com o *standard*.

Na próxima seção, vejamos a variável /ou/ do Mhd.

#### 5.2.1.6 Mhd. /ou/ > [aʊ] vs. [ɔ:]

Mhd. /ou/ varia, na localidade, entre o ditongo [aʊ], mais associado ao *standard*, e a monotongação para [a:] ou [ɔ:]. Estas geralmente são interpretadas pelos falantes como formas mais dialetais do alemão falado. A variante [ɔ:] é reconhecida como uma marca

tipicamente hunsriqueana, conforme Altenhofen (1996, p. 148). Já a variante [a:] do grupo Hrs pode ter sido introduzida na comunidade de fala através dos imigrantes boêmios que trouxeram essa variante próxima do *standard* direto da matriz de origem, devido provavelmente a um acesso maior à escrita. O quadro 25 a seguir resume os principais resultados nos três grupos.

Quadro 25 – A variável Mhd. /ou/ nos grupos de fala entrevistados

| Var.       | Variantes  | Bo                               | Hrs                                       | Po                        |
|------------|--|----------------------------------|---|---------------------------|
| Mhd.<br>ou | <b>Baum</b><br>[aʊ] Baum<br>[a:] Baam<br>[ɔ:] Boom         | (6x) Baum<br>(3x) Baam           | (4x) Baum<br>(5x) Boom<br>(2x) Baam       | (3x) Boom<br>(1x) Beem    |
|            | <b>auch</b><br>[aʊ] auch<br>[a:] aach<br>[ɔ:] ooch         | (4x) auch<br>(3x) aach           | (2x) auch<br>(5x) ooch<br>(2x) aach<br>∅  | (3x) ooch<br>(1x) auch    |
|            | <b>laufen</b><br>[aʊ] laufe(n)<br>[a:] laafe<br>[ɔ:] loofe | (5x) laufe(n)<br>(3x) laafe<br>∅ | (4x) laufe(n)<br>(5x) loofe<br>(1x) laafe | (3x) loofe<br>(1x) laafen |
|            | <b>Staub</b><br>[aʊ] staub<br>[a:] staab<br>[ɔ:] stoob     | (4x) Staub<br>∅                  | (3x) Staub<br>(2x) Stoob<br>∅             | (3x) Stoob<br>(1x) Staub  |
|            | <b>taufen</b><br>[aʊ] taufe<br>[a:] taafe<br>[ɔ:] toofe    | (4x) taufe<br>∅                  | (3x) taufe<br>(2x) toofe<br>∅             | (3x) toofe<br>(1x) taufen |
|            | <b>Laub</b><br>[aʊ] laub<br>[a:] laab<br>[ɔ:] loob         | (2x) Laub<br>(2x) Laab<br>∅      | (1x) Laab<br>(1x) Loob<br>∅               | (3x) Loob<br>(1x) Laab    |
|            | <b>Total de [+Std]</b>                                     |                                  | 36/36= 100%                               | 22/42= 52,3%              |

Fonte: elaborado pela autora

A regra da variável Mhd. /ou/ é bastante produtiva no grupo dos boêmios, onde predominam 100% as marcas consideradas mais *standard*. A variante [a:] que ocorre, por exemplo, em *Baam* ‘árvore’ pode ter sido emprestada dos falantes de Bo pelos grupos Hrs e Po. Os primeiros colonizadores boêmios efetivamente foram bastante influentes no meio econômico e administrativo das localidades. Um exemplo que sustenta essa forte influência social e econômica é a criação da primeira Cooperativa de Crédito da América Latina, em

1902, na localidade de Linha Imperial. Os Hrs e Po já tinham um repertório linguístico com características mais dialetais, por conseguinte, tentaram se nivelar a um modelo mais prestigiado, ou seja, a variedade mais *standard* que era utilizada na igreja e nos meios escritos da época, como, por exemplo, a revista *Sankt-Paulusblatt*. Atualmente, porém, se observa nos Hrs e Po um uso mais acentuado da variante [ɔ:], como ocorre em *ooch* ‘também’, em especial, no grupo dos Po (cerca de 80%), que nivelaram seu modo de fala no contato com os Hrs, que seguem a tendência de grupo mais mediador, em que predomina a covariação entre formas *standard* e *substandard*.

A variante [a:], como, por exemplo, em *Laab* ‘palha’ (Hdt: *Laub*), não ocorre em todos os verbetes da tabela. Os falantes dos três grupos não apresentaram as opções *Staab* ‘pó’ (Hdt: *Staub*) ou *taafen* ‘batizar’ (Hdt: *taufen*), o que pode se explicar pela suposta sobreposição ou semelhança com outros lexemas, criando eventuais ambiguidades, como em *Stab* ‘cajado’, por exemplo. A etimologia da palavra *Staub* ‘pó’ revela um amplo espectro variacional para esse lexema que, por um lado, variou entre *Stubbi* e *Stuppi* no antigo alto-alemão e *Stüppe* no médio alto-alemão<sup>38</sup>. Em parte, essa variação linguística migrou com os imigrantes da Pomerânia para Nova Petrópolis-RS, conforme se sugere através dos exemplos de um relato coletado no segundo semestre de 2017. Essa informante da GII afirma que a variante *Stipp* ‘pó’ era falada pelos descendentes do pomerano que se fixaram no Vale do Caí, especialmente nas localidades de São José do Caí e Linha Temerária. Contudo, ela mesma teria aprendido a variante *Stoub* no âmbito familiar, como se verifica abaixo.

Quadro 26 – Excerto de fala sobre o uso de variantes para *Staub* ‘poeira’

| Gewehrsperson: GII_Hrs  | Entrevistada: GII_Hrs  |
|---|--|
| <p>„<i>Ich merke, dass im Vale do Caí, wo es nach Tirol geht, unenunner, eu sei que eles falam muito do Stipp. Ehm, was ist jetzt Stipp? Stipp é Staub. Stoob, uns falam. Eu, na verdade, ich hab zu Haus gelennt, Stoub. Das war schon bissche ehlich mit, mim Hochdeutsch. Ehm, ich weiss, dass viele Stoob saahn, neh, ehm, unn war mich neu porque ich bin da unten hingekommen unn ich hab angefangen zu unterrichten, so 1979, 1980, oder wie es war, neh, (lächeln) unn dann war das, die Kinner hann all noch dehemm Deitsch gesproch unn die sinn in</i></p> | <p>Eu percebo que no Vale do Caí, em direção ao Tirol, lá para baixo, eu sei que eles falam muito do <i>Stipp</i> ‘pó’. Ehm, o que é <i>Stipp</i>? É <i>Staub</i>. <u>Uns falam <i>Stoob</i></u>.<br/> <u>Eu, na verdade</u>, aprendi em casa que era <i>Stoub</i>. Isso já era um pouco parecido com o <i>Hochdeutsch</i>.<br/>           Eu sei que muitos falam <i>Stoob</i>, né. Isso era novo pra mim porque cheguei lá em baixo (Vale do Caí) para lecionar, por volta de 1979 ou 1980, ou como era, né, (risos) e então era assim, todas as crianças ainda falavam o alemão em casa e</p> |

<sup>38</sup> Disponível em: <<https://woerterbuchnetz.de/?sigle=DWB&lemid=GG12536#1>>. Acesso em 20 ago. 2021.



|  |  |
|--|--|
| <p><i>die Schul komm unn konnte noch all ziemlich Deitsch. Unn das ist een Platz wo wenig annre hingewannert sinn, neh. Die waren, jetzt is'es ooch schon anerschter, neh, awer damals, do honn die, ehm, die honn immer so, das war mich sehr unbekannt, „Stipp“, neh, unn nunner unn nuff eles também falam. Nós falava „runner unn ruff“: Runner unn ruff unn die hann immer „nunner unn nuffer“. [...]</i></p> | <p>chegavam na escola sabendo de quase tudo em língua alemã. E isso é um lugar onde poucos (imigrantes) se instalaram, né. Eles eram, mas agora já é diferente, mas na época isso era muito desconhecido, eles sempre (usavam) <i>Stipp</i>, né, e <i>nunner</i> e <i>nuff</i> ‘para baixo e para cima’ <u>eles também falam</u>. Nós falava <i>runner</i> e <i>ruff</i>. <i>Runner</i> e <i>ruff</i> e eles sempre <i>nunner</i> e <i>nuffer</i>.</p> |
|--|--|

Fonte: elaborado pela autora

A informante entrevistada também cita as formas *runner* / *nunner* ‘para baixo’ e *ruff* / *nuff* ‘para cima’ como usos que considerados típicos de alguns grupos de falantes, em especial os pomeranos, entre os quais, segundo ela, predominavam as variantes *nunner* e *nuff*. No entanto, ela também faz usos de *code-switching*, sobretudo no início da fala. Essa alternância de códigos se deu de forma natural e sem prejuízos no fluxo da comunicação. Além disso, observa-se que a variação linguística flutua entre o [a:] e o [ɔ:], como em *hann* / *honn* (verbo *ter*) ou a escolha de *war* em vez de *woor* (verbo *estar*). Para a variável Mhd. /ou/, a falante serviu-se, inicialmente, da forma mais dialetal, como no segmento „*jetzt is'es ooch schon annerschter*“ (‘agora também já é diferente’). No entanto, na continuação do etnotexto, o qual será retomado na seção do Wgerm. <s>, a informante passa a usar a variante [a:], como segue: „*das war aach mich nicht so viel, net bekannt*“ (‘isto também não era muito conhecido para mim’). Esse excerto comprova o uso variável de [a:] e [ɔ:] pelos falantes do alemão, em Nova Petrópolis. Essa variação está presente no repertório linguístico de muitos falantes, independente de seu gênero ou escolaridade.

A dimensão diageracional caracteriza-se pelo uso de determinados padrões linguísticos, contudo na geração jovem, a qual pode ser mais inovadora do que a GII. No grupo dos Po, a GI sinaliza uma abertura para o uso de variantes mais próximas do *standard* (*auch* e *laafen*), o que não ocorreu na GII, que permaneceu com a variante mais dialetal [ɔ:].

Se, por um lado, os jovens utilizam variantes mais *standard* em função da possível influência do ensino de alemão nas escolas, por outro lado, o grupo da GII ainda usa a variante [a:], como em *Baam* ‘árvore’, que se pode chamar de herança histórica trazida da matriz de origem. Nessa perspectiva, também a variante [aʊ] continua ativa no repertório da GII, tanto no grupo Bo como no grupo Hrs, como se vê no quadro 27.

Quadro 27 – A variável Mhd. /ou/ na dimensão diageracional

| Var.                     | Variantes   | Bo                             |                                   | Hrs                                       |                              | Po           |                              |
|--------------------------|---|--------------------------------|-----------------------------------|---|------------------------------|--------------|------------------------------|
|                          |   | GII                            | GI                                | GII                                       | GI                           | GII          | GI                           |
| <i>Mhd.</i><br><i>ou</i> | <b>Baum</b><br>[aʊ]<br>Baum<br>[a:] Baam<br>[ɔ:] Boom         | (3x)<br>Baum<br>(2x) Baam      | (1x) Baam<br>(3x)<br>Baum         | (2x)<br>Boom<br>(2x)<br>Baum<br>(2x) Baam | (3x)<br>Boom<br>(2x)<br>Baum | (2x)<br>Boom | (1x)<br>Boom<br>(1x) Beem    |
|                          | <b>auch</b><br>[aʊ] auch<br>[a:] aach<br>[ɔ:] ooch            | (3x) auch<br>(2x) aach         | (1x) aach<br>(2x) auch            | (2x) ooch<br>(2x) aach<br>(1x) auch<br>∅  | (3x) ooch<br>(1x) auch       | (2x) ooch    | (1x) ooch<br>(1x) auch       |
|                          | <b>laufen</b><br>[aʊ]<br>laufe(n)<br>[a:] laafe<br>[ɔ:] loofe | (3x)<br>laufe(n)<br>(2x) laafe | (1x) laafe<br>(2x)<br>laufen<br>∅ | (2x) loofe<br>(3x) laufe<br>(1x) laafe    | (3x) loofe<br>(1x)<br>laufen | (2x) loofe   | (1x)<br>laafen<br>(1x) loofe |

Fonte: elaborado pela autora

A GII dos falantes de Hrs equivale ao grupo que mais possui variação linguística, alternando entre o uso de [aʊ], [a:] e [ɔ:]. Por outro lado, a GII dos Po se manteve a mais conservadora, com 100% de uso da vogal longa aberta [ɔ:].

Na próxima seção, inicia-se a análise de variáveis selecionadas do consonantismo, com base no sistema de referência do *Westgermanisch* (Wgerm.). Vejamos

### 5.2.2 Marcas *standard* e *substandard* no consonantismo

Para entender melhor as características da variedade alemã em uso nas comunidades de descendentes do boêmio, pomerano e hunsriqueano, utiliza-se como principal referência o estudo de Altenhofen (1996). Em sua descrição do *Hunsrückisch* no RS, Altenhofen enfoca dez pontos de pesquisa, em que analisa a variação fonética.

Baseando-se no sistema de referência do germânico ocidental, para o consonantismo, Altenhofen (1996, p. 329) identifica o seguinte inventário de consoantes, para o *Hunsrückisch*:

Quadro 28 – Inventário fonêmico das consoantes do *Hunsrückisch*

|            |       | Bilabial       | Labio-dental | Alveolar       | Pós-alveolar | Palatal | Velar          | Glotal |
|------------|-------|----------------|--------------|----------------|--------------|---------|----------------|--------|
| Plosivas   | Desv. | p <sup>h</sup> |              | t <sup>h</sup> |              |         | k <sup>h</sup> |        |
|            | Voz.  | b              |              | d              |              |         | g              |        |
| Fricativas | Desv. |                | f            | s              | ʃ            | ç       | x              | h      |
|            | Voz.  | w              | v            |                |              | j       |                |        |
| Nasais     | Voz.  | m              |              | n              |              |         | ŋ              |        |
| Vibrante   | Voz.  |                |              | r              |              |         |                |        |
| Lateral    | Voz.  |                |              | l              |              |         |                |        |

Fonte: Adaptado de Altenhofen (1996, p. 344)

Dentre as consoantes que mais sinalizam marcas de oposição *standard-substandard*, estão as plosivas, em parte devido à difusão variável da 2ª. rotação consonantal (2. *Lautverschiebung*). Para este estudo, em que se compara o grau de nivelamento entre o alemão de dois grupos procedentes de uma matriz de origem do médio-alemão ocidental (Hrs) e oriental (Bo) e um grupo oriundo do baixo-alemão (Po), selecionou-se por isso as variáveis do Mhd. /pf/, /b/ e /g/, acrescentando ainda a sibilante /s/. Essa seleção ocorreu a partir de Altenhofen (2016, p. 120), que já havia observado sua pertinência para contrastar usos mais ou menos *standard* do alemão local. Iniciemos pela realização de Wgerm. /pf/.

### 5.2.2.1 Wgerm. /pf/ > [f] vs. [p]

A variável Wgerm. /pf/ realiza-se como africada [pf] (exemplo: *pflanze* ‘plantar’), fricativa [f] (*flanze*), ambas consideradas próximas do *standard*, conforme a percepção dos falantes, e plosiva dessonorizada [b], ou seja, *planze*, percebida como forma mais dialetal. Embora as três variantes, [pf, f, b] tenham ocorrido no grupo dos Bo, especialmente em início de palavra, esse padrão não se repete em outras palavras, como, por exemplo, em *Pfirsich* ‘pêssego’ e *Pfeffer* ‘pimenta’, em que domina a plosiva. Segundo aponta o quadro 30, a seguir, o uso das marcas mais próximas do *standard* em relação a essa variável aparecem predominantemente na fala de descendentes do Bo, com 22,5% de ocorrências, sendo reduzido no Hrs. No grupo Po, conforme já esperado, o uso da africada [pf] ou sua

assimilação para [f] aparece como nulo, como na fala da matriz de origem, situada fora da área original de difusão da rotação consonantal.

Quadro 29 – A variável Wgerm. /pf/ nos grupos de fala entrevistados

| Var.                       | Variantes   | Bo  | Hrs                           | Po           |
|----------------------------|---|---|-------------------------------|--------------|
| <i>Wgerm.</i><br><i>pf</i> | <b>pflanzen</b><br>[pf] pflanze(n)<br>[f] flanze(n)<br>[p] planze | (6x) planze<br>(1x) pflanze<br>(3x) flenzen | (10x) planze<br>∅             | (4x) planze  |
|                            | <b>Pfirsich</b><br>[pf] Pfirsich<br>[f] Fiesich<br>[p] Pesch      | (9x) Pesche<br>∅                            | (11x) Pesche                  | (4x) Pesche  |
|                            | <b>Tropfen</b><br>[pf] Tropfe<br>[p] Troppe                       | (2x) tropfe<br>(2x) troppe<br>∅             | (5x) troppe<br>∅              | (4x) troppe  |
|                            | <b>Pfeffer</b><br>[pf] Pfeffer<br>[f] Feffer<br>[p] Pfeffer       | (4x) Pfeffer<br>∅                           | (5x) Pfeffer<br>∅             | (4x) Pfeffer |
|                            | <b>Apfel</b><br>[pf] Epfel<br>[p] Eppel                           | (1x) Epfel<br>(3x) Eppel<br>∅               | (1x) Epfel<br>(4x) Eppel<br>∅ | (4x) Eppel   |
| <b>Total de [+Std]</b>     |   | 7/31= 22,5%                                 | 1/36= 2,7%                    | 0/20= 0%     |

Fonte: elaborado pela autora

A variante [f] ainda pode ocorrer em início de palavra, mas não é produzida em meio de palavra ou entre vogais, como em *Apfel* ‘maçã’ ou *Tropfen* ‘gotas’. Sendo assim, se constata que, atualmente, os grupos entrevistados utilizam com muito mais frequência a forma mais dialetal [p] em seu repertório linguístico. Nas pesquisas de doutorado de Prediger (2019, p. 168), a variante *Feffer* ‘pimenta’ ocorreu na forma de conhecimento passivo, ou seja, trata-se de uma variante possivelmente usada no norte da Boêmia, mas que não resistiu ao contato linguístico em solo brasileiro.

Na dimensão diageracional, conforme o quadro 30, não se observa influências muito relevantes de uma forma mais *standard* no grupo dos jovens. A GI segue o padrão de fala da GII. No mais, a variante [p] predomina em vários exemplos e parece estar livre de estigmas, embora não apresente status de prestígio. Ela pode ser classificada como uma forma dialetal mais neutra e bem-aceita nas comunidades de fala em estudo.

Quadro 30 – A variável Wgerm. /pf/ na dimensão diageracional

| Var.                       | Variantes  | Bo                                |  | Hrs            |                     | Po             |                |
|----------------------------|--|-----------------------------------|--|----------------|---------------------|----------------|----------------|
|                            |  | GII                               | GI   | GII            | GI                  | GII            | GI             |
| <i>Wgerm.</i><br><i>pf</i> | <b>pflansen</b><br>[pf]<br>pflanzen<br>[f] flenzen<br>[p] planze | (4x)<br>planze<br>(2x)<br>flanzen | (2x)<br>planze<br>(1x)<br>pflanze<br>(1x)<br>flanzen | (6x)<br>planze | (4x)<br>planze<br>∅ | (2x)<br>planze | (2x)<br>planze |
|                            | <b>Pfirsich</b><br>[pf]<br>Pfirsich<br>[f] Fiesich<br>[p] Pesch  | (5x)<br>Pesche                    | (4x)<br>Pesche                                       | (6x)<br>Pesche | (5x)<br>Pesche      | (2x)<br>Pesche | (2x)<br>Pesche |

Fonte: elaborado pela autora

O uso da fricativa labiodental desvozeada [f], além de ocorrer no grupo Bo com o verbo *flanzen* ‘plantar’, também foi observada em exemplos como *Ferd* ‘cavalo’ (Hdt: *Pferd*). Durante a entrevista, também se insistiu em variantes lexicais para o termo *Gaul* ‘cavalo’ e os entrevistados do sexo masculino, grupo Po, afirmaram conhecer as formas *Fead* e *Ferd*. Contudo, a informante entrevistada afirma “*das is awer mehr Hochdeitsch*”, ou seja, os termos *Fead* e *Ferd* seriam mais *standard*, e que, em seu dialeto, seria mais adequado falar *Gaul*.

Na sequência, vejamos os resultados para a consoante fricativa alveolar do Wgerm. /s/.

#### 5.2.2.2 Wgerm. /s/ > [s] vs. [ʃ]

Wgerm. /s/ ocorre, no alemão local da localidade de Nova Petrópolis, como variante mais *standard* [s], como em *Fe[s]t* ‘festa’, ou palatalizada como variante mais dialetal [ʃ], como em *Fe[ʃ]t*. Os usos dessa consoante fricativa alveolar frequentemente são comentados pelos falantes para explicar possíveis diferenças, perceptíveis entre os três grupos de fala em estudo nesta tese, o que aponta tratar-se de alofone sem um significado social mais saliente. Apesar disso, encontram-se depoimentos como o de uma informante da GII:

“...do riwerzus, no Tannenwald, eles falam “weescht du” unn “du bischt”, né, isto também não é, das war aach mich nicht so viel, net bekannt, né. “Weesst du” nós falamos [...]”<sup>39</sup>.

Essa participante esclarece que, na comunidade de Pinhal Alto (*Tannenwald*), é usada a forma mais dialetal *wee[ʃ]t* ‘sabes (tu)’ ou *bi[ʃ]t* ‘és (tu)’, a qual ela mesma não conhecia e faz questão de afirmar que sua família se comunica na forma mais próxima do *standard*, como em *wee[s]t*. O fato de dar ênfase à forma utilizada por ela e sua família pode denotar certo prestígio de marcas consideradas mais *standard* na sociedade. No quadro 32, observa-se que a variante *Zahnbürste* ‘escova de dentes’ ocorre nos três grupos em sua forma mais dialetal *Zahn-* ou *Zoohnbe[ʃ]t*. Além disso, apenas um informante apresentou a forma *Zahnbe[s]t*, considerada mais *standard*.

Quadro 31 – A variável Wgerm. /s/ nos grupos de fala entrevistados

| Var.                   | Variantes                                      | Bo                   | Hrs  | Po                             |
|------------------------|--|----------------------|--|--------------------------------|
| Wgerm.<br>s            | <b>Fest</b><br>[s] Fest<br>[ʃ] Fescht          | (8x) Fest<br>∅       | (10x) Fest<br>(1x) Fescht                            | (3x) Fest<br>∅                 |
|                        | <b>Fenster</b><br>[s] Fenster<br>[ʃ] Fenschter | (9x) Fenster         | (10x) Fenster<br>(1x) Fenschter                      | (3x) Fenster                   |
|                        | <b>Pest</b><br>[s] Pest<br>[ʃ] Pescht          | (4x) Pest<br>∅       | (4x) Pest<br>(1x) Pescht<br>∅                        | (4x) Pest                      |
|                        | <b>Zahnbürste</b><br>[s] -birst<br>[ʃ] -bescht | (4x) Zahnbescht<br>∅ | (4x) Zahnbescht/<br>Zohnbescht<br>(1x) Zahnbest<br>∅ | (4x) Zahnbescht/<br>Zohnbescht |
|                        | <b>Rest</b><br>[s] Rest<br>[ʃ] Rescht          | (4x) Rest<br>∅       | (4x) Rest<br>(1x) Rescht<br>∅                        | (4x) Rest                      |
| <b>Total de [+Std]</b> | 25/29= 86,2%                                   | 29/37= 78,3%         | 14/18= 77,7%   |                                |

Fonte: elaborado pela autora

As taxas de uso mais *standard* mantiveram-se bastante próximas nos três grupos entrevistados, entre 77% e 86% de ocorrências da consoante fricativa /s/, o que confirma as tendências observadas em relação à sua saliência menos perceptível. A variação entre [s] mais *standard* e [ʃ] mais dialetal ocorre em todos os exemplos apresentados no grupo Hrs, o que

<sup>39</sup> Dados do IHLBrI/2017. Tradução nossa: “...nesta direção, no Pinhal Alto, eles falam “weescht du” e “bischt du”, né, isto também não é, isso também não me era muito conhecido, né. Nós falamos “weesst du”.”

não é regra nos demais grupos. Assim como a vogal [a:] em *Zahnbescht* já aponta para uma característica mais *standard*, também a vogal [ɔ:] em *Zoohnbescht* é contrariamente vinculada ao *substandard*.

A dimensão diageracional, conforme o quadro 32, ressalta a variação linguística entre os grupos Bo, Hrs e Po, além do contraste ente GII e GI (velhos e jovens), o que pode ser visto na ocorrência de [ʃ] no grupo GII do Hrs, portanto, mais dialetal. A análise da produção oral no grupo GI revela certa influência da dimensão diastrática, ou seja, a intervenção do ensino de alemão, como em *Party* ‘festa’, no grupo Bo.

Quadro 32 – A variável Wgerm. /s/ na dimensão diageracional

| Var.        | Variantes                                      | Bo              |                 | Hrs                                  |                 | Po              |                 |
|-------------|--|-----------------|-----------------|--------------------------------------|-----------------|-----------------|-----------------|
|             |  | GII             | GI              | GII                                  | GI              | GII             | GI              |
| Wgerm.<br>s | <b>Fest</b><br>[s] Fest<br>[ʃ] Fescht          | (5x) Fest       | (3x) Fest       | (5x) Fest<br>(1x)<br>Fescht          | (5x) Fest       | (2x) Fest       | (1x) Fest<br>∅  |
|             | <b>Fenster</b><br>[s] Fenster<br>[ʃ] Fenschter | (5x)<br>Fenster | (4x)<br>Fenster | (5x)<br>Fenster<br>(1x)<br>Fenschter | (5x)<br>Fenster | (2x)<br>Fenster | (1x)<br>Fenster |

Fonte: elaborado pela autora

Em síntese, os resultados da tabela também podem refletir o uso da forma mais prestigiada [s], em alternância com a variante [ʃ] que, muitas vezes, representa motivo de risadas e comparações com grupos de fala mais dialetal. Uma informante afirma, por exemplo, que os falantes de Hrs possuem a variante [ʃ] bem marcada: “*die honn jo so en „sch“, este „sch“, weesch’t, siehscht’t, [...] bem carregado*”.

A próxima seção dedica-se à análise da consoante plosiva bilabial [b].

### 5.2.2.3 Wgerm. /b/ > [b] vs. [v] em posição intervocálica

Wgerm. /b/ pode ocorrer, em posição intervocálica, em sua forma mais *standard* [b], como em *Le[b]en* ‘vida’, ou fricativado como variante mais dialetal [v], como em *Le[v]e*. Segundo Altenhofen (1996, p. 275), essa variável costuma ocorrer como variante [v] essencialmente entre vogais, em especial, quando se trata do *Hunsrückisch*. Alguns exemplos como *Gabel* ‘garfo’, *glauben* ‘acreditar’, *Leben* ‘vida’ e *schreiben* ‘escrever’ foram analisados

nos três grupos de fala e mostraram um repertório linguístico que flutua entre o *standard* e o *substandard*. Novamente se observa que a variante mais *standard*, no caso [b], predomina no grupo dos Bo, com 86,4% de ocorrências, conforme mostra o quadro 33.

Quadro 33 – A variável Wgerm. /b/ nos grupos de fala entrevistados

| Var.                   | Variantes   | Bo                                      | Hrs  | Po   |
|------------------------|---|---|--|--|
| Wgerm.<br>b            | <b>Leben</b><br>[b] Lebe(n)<br>[v] Lewe             | (8x) lebe(n)<br>(1x) lewe               | (4x) lewe<br>(6x) lebe(n)                          | (1x) leben<br>(3x) lewe                    |
|                        | <b>schreiben</b><br>[b] schreibe(n)<br>[v] schreiwe | (9x) schreibe(n)                        | (8x) schreibe<br>(3x) schreiwe                     | (1x) schreiben<br>(3x) schreiwe            |
|                        | <b>glauben</b><br>[b] glaube<br>[v] glauwe          | (1x) glaube<br>(3x) glaawe/ glauwe<br>∅ | (2x) glauwe/<br>gloowe<br>(3x) glaube/ gloobe<br>∅ | (1x) glauben<br>(1x) glauwe<br>(2x) gloowe |
|                        | <b>Leber</b><br>[b] Leber<br>[v] Lewer              | (3x) Leber<br>(1x) Lewwer<br>∅          | (2x) Leber<br>(3x) Lewwer<br>∅                     | (1x) Leber<br>(3x) Lewwer                  |
|                        | <b>Gabel</b><br>[b] Gabel<br>[v] Gawel              | (4x) Gabel<br>∅                         | (2x) Gabel<br>(2x) Gawel/ Gowel<br>∅               | (1x) Gabel<br>(3x) Gawel/Gowel             |
|                        | <b>heben</b><br>[b] hebe(n)<br>[v] hewe             | (4x) hebe<br>∅                          | (1x) hebe<br>(3x) hewe<br>∅                        | (1x) hebe<br>(3x) hewe                     |
|                        | <b>kleben</b><br>[b] klebe(n)<br>[v] klewe          | (3x) klebe<br>∅                         | (2x) klebe<br>(2x) klewe<br>∅                      | (1x) klebe<br>(3x) klewe                   |
| <b>Total de [+Std]</b> |   | 32/37= 86,4%                            | 24/43= 55,8%                                       | 7/28= 25%                                  |

Fonte: elaborado pela autora

A variante [b], conforme Altenhofen (1996, p. 276), é identificada pelos falantes, no ponto Nova Petrópolis, como sendo uma marca característica de falantes descendentes de boêmios, além de ser vista como forma de prestígio, se comparada à variante [v]. O uso da forma mais *standard* [b] no grupo Bo, de fato, é mais significado, com 86,4%, se comparado com o Hrs e Po. Os demais grupos, apesar do uso ainda significativo de [v], principalmente no grupo Po, podem estar substituindo essa variante por [b], tanto pelo contato com o grupo Bo, quanto pela influência da norma escrita do alemão ensinado na escola.

Na variação diageracional, em especial na GI, pode-se constatar uma preferência maior pela variante mais próxima do *standard*, como mostra o quadro 34.



Quadro 34 – A variável Wgerm. /b/ na dimensão diageracional

| Var.        | Variantes  | Bo                               |                                | Hrs                                  |  | Po               |                                       |
|-------------|--|----------------------------------|--------------------------------|--------------------------------------|--|------------------|---------------------------------------|
|             |  | GII                              | GI                             | GII                                  | GI   | GII              | GI                                    |
| Wgerm.<br>b | Leben<br>[b]<br>Lebe(n)<br>[v] lewe                | (1x) lewe<br>(4x) lebe/<br>leben | (4x) lebe/<br>leben            | (3x) lewe<br>(3x) lebe               | (3x) lebe/<br>leben<br>(1x) lewe                   | (2x) lewe        | (1x) leben<br>(1x) lewe               |
|             | schreiben<br>[b]<br>schreibe(n)<br>[v]<br>schreiwe | (5x)<br>schreibe/<br>schreiben   | (4x)<br>schreibe/<br>schreiben | (2x)<br>schreiwe<br>(4x)<br>schreibe | (4x)<br>schreibe/<br>schreiben<br>(1x)<br>schreiwe | (2x)<br>schreiwe | (1x)<br>schreiben<br>(1x)<br>schreiwe |

Fonte: elaborado pela autora

Os falantes da GII, no grupo Po, priorizaram a variante dialetal [v]. Já no grupo Hrs, essa variante ocorre em covariação com a variante mais *standard* [b]. O quadro 34 mostra uma tendência de estandardização com maior escolha pela marca [b], o que pode ter sido um resultado do contato linguístico entre Bo e Hrs.

Por fim, vejamos a última variável selecionada para a análise do consonantismo, no caso Wgerm. /g/.

#### 5.2.2.4 Wgerm. /g/ > [x] vs. [ ]

O uso da consoante plosiva /g/ do Wgerm. não é comum na fala de informantes do Hrs. Altenhofen (1996, p. 283) menciona como ocorrência mais frequente a queda da plosiva /g/ como forma predominante sobre as ocorrências de fricativação, ou seja, de uma adição de estridência a uma consoante velar [x] ou palatal [ç]. Alguns exemplos que ilustram a queda da plosiva velar /g/ podem ser vistos na tabela abaixo, com exemplos como *reene* em vez de *regnen* ‘chover’ ou *Vohl* em vez de *Vogel* ‘pássaro’.

A espirantização para [ç] ou [x], segundo Altenhofen (1996), costuma ser avaliada pelos falantes, de modo geral, como uma forma mais próxima do *standard* e, predominantemente, associada aos falantes mais instruídos da comunidade de fala. Como exemplo, a variante *Auche* ‘olhos’ (Hdt: *Augen*) usada por falantes do Hrs e Po não é muito

frequente de ser ouvida na comunidade em estudo. Assim como o verbo *fliehe* ‘voar’ (Hdt: *fliegen*) não apresentou ocorrências com a fricativa palatal [ç], como se pode constatar nos dados do quadro 35.

Quadro 35 – A variável Wgerm. /g/ nos grupos de fala entrevistados

| Var.        | Variantes  | Bo                                       | Hrs  | Po                         |
|-------------|--|--|--|----------------------------|
| Wgerm.<br>g | <b>regnen</b><br>[g] regnen<br>[ç, x] reechne<br>[ ] reene   | (7x) reene<br>(1x) Regen<br>(1x) Reechen | (3x) reechne<br>(8x) reene                     | (4x) reene                 |
|             | <b>Vogel</b><br>[g] Vogel<br>[ç, x] Vochel<br>[ ] Vohl       | (3x) Vochel<br>(5x) Vogel<br>∅           | (9x) Vochel<br>(1x) Vogel<br>∅                 | (4x) Vochel                |
|             | <b>Nagel</b><br>[g] Nagel<br>[ç, x] Nachel<br>[ ] Naal/Nool  | (4x) Nechel<br>∅                         | (3x) Nechel<br>(1x) Nachel<br>(1x) Nochel<br>∅ | (1x) Nachel<br>(3x) Nechel |
|             | <b>Fliegen</b><br>[g] fliege<br>[ç, x] flieche<br>[ ] fliehe | (3x) fliehe<br>(1x) fliege<br>∅          | (5x) fliehe<br>∅                               | (4x) fliehe(n)             |
|             | <b>Augen</b><br>[g] Auge(n)<br>[ç, x] Auche<br>[ ] Aue       | (4x) Aue<br>∅                            | (1x) Auche<br>(4x) Aue<br>∅                    | (1x) Auche<br>(3x) Aue     |
|             | <b>Total de [+Std]</b>                                       | 15/29= 51,7%                             | 19/36= 52,7%                                   | 9/20= 45%                  |

Fonte: elaborado pela autora

Os percentuais de uso das variantes mais próximas do *standard* são praticamente semelhantes nos três grupos entrevistados. As variantes que possuem vogais altas <i> e <u> parecem dificultar a ocorrência de [ç, x], como já mencionado nos exemplos de *fliegen* ‘voar’ e *Augen* ‘olhos’.

Na dimensão diageracional (ver quadro 36), a variante *reene* ‘chover’ é a forma que predomina em GI e GII. Essa é uma variante mais dialetal e predominou sobretudo no grupo dos Po. As variantes mais próximas do *standard*, como *Regen* ou *Reechen* ‘chuva’, se manifestam com baixa frequência no grupo dos Bo e Hrs.

Quadro 36 – A variável Wgerm. /g/ na dimensão diageracional

| Var.        | Variantes  | Bo                              |                                      | Hrs                           |                                      | Po             |                |
|-------------|--|---------------------------------|--------------------------------------|-------------------------------|--------------------------------------|----------------|----------------|
|             |  | GII                             | GI                                   | GII                           | GI                                   | GII            | GI             |
| Wgerm.<br>g | regnen<br>[g] regnen<br>[ç, x]<br>reechne<br>[ ] reene | (4x) reene<br>(1x)<br>Reechen   | (3x) reene<br>(1x)<br>Regen          | (2x)<br>reechne<br>(4x) reene | (4x) reene<br>(1x)<br>Reechne        | (2x)<br>reene  | (2x)<br>reene  |
|             | Vogel<br>[g] Vogel<br>[ç, x]<br>Vochel<br>[ ] Vohl     | (2x)<br>Vochel<br>(3x)<br>Vogel | (1x)<br>Vochel<br>(2x)<br>Vogel<br>∅ | (6x)<br>Vochel                | (3x)<br>Vochel<br>(1x)<br>Vogel<br>∅ | (2x)<br>Vochel | (2x)<br>Vochel |

Fonte: elaborado pela autora

Tanto na GII como na GI dos grupos entrevistados, predominam as variantes *Vochel* ou *Vogel* ‘pássaro’ em sua forma mais próxima do *standard*. No entanto, a variante mais dialetal *Vohl* não foi mencionada pelos entrevistados. Essa ocorrência aponta para uma mudança lenta em direção à fala com características mais *standard*, o que pode ser reforçado através do exemplo *Nagel* ‘prego’, da tabela anterior a essa, que também não apresentou variantes consideradas dialetais como *Naal*, *Nool* ‘prego’ ou *Neel* ‘pregos’.

Concluída a descrição dos resultados de cada variável em particular, pretende-se, a partir da próxima seção, sintetizar os principais resultados observados em cada grupo de fala e contextualizá-los em dados de fala espontânea, no caso de etnotextos coletados em contexto de fala mais livre. Vejamos.

### 5.2.3 Marcas *standard-substandard* por grupo de fala

As seções, a seguir, buscam apresentar uma síntese dos principais resultados obtidos na análise de cada variável, para os três grupos de fala em particular. Os dados analisados serão ilustrados com etnotextos transcritos de áudios gravados em conversas semi-guiadas. Inicialmente, focou-se nos dados referentes a cada grupo e, por fim, comparou-se possíveis semelhanças ou diferenças na variedade do alemão dos grupos Bo, Hrs e Po. A autodenominação ou identificação com o grupo de descendentes de boêmios, hunsriqueanos ou pomeranos também foi um fator levado em consideração para associar as marcas da fala de

cada grupo em particular. Contribuíram para tal estudos históricos e genealógicos que auxiliaram a delimitar os falantes conforme o sobrenome e, até mesmo, identificar casamentos mistos que pudessem influenciar o repertório linguístico dos informantes entrevistados. Por razões éticas, foi preservada a identidade dos participantes, não sendo por isso identificadas as falas com o nome do entrevistado. Iniciemos, na ordem, com o grupo que mostrou maior proximidade com marcas linguísticas do *standard*.

### 5.2.3.1 O *standard-substandard* no alemão boêmio

As coletas e entrevistas ocorreram prioritariamente com falantes das comunidades de fala fixadas nas localidades de Linha Brasil, Linha Imperial e Nove Colônias. Na tabela 1, apresenta-se a síntese dos resultados analisados para cada variável selecionada, referente às respostas dos falantes identificados como descendentes de boêmios. O objetivo foi identificar marcas mais *standard* no vocalismo e consonantismo, o que, no caso dos descendentes de boêmios, de modo geral, apresentou características mais próximas do *standard*.

Tabela 1 – Marcas [+ standard] no boêmio

| Variável > variante           | Bo    |
|-------------------------------|-------|
| Mhd. <i>a</i> > [a:]          | 90%   |
| Mhd. <i>â</i> > [a:]          | 46,8% |
| Mhd. <i>iu</i> > [ɔɪ]         | 25,6% |
| Mhd. <i>ei</i> > [aɪ]         | 64,2% |
| Mhd. <i>ie</i> > [i:]         | 100%  |
| Mhd. <i>ou</i> > [au], [a:]   | 100%  |
| Wgerm. <i>pf</i> > [pf], [f]  | 22,5% |
| Wgerm. <i>s</i> > [s]         | 86,2% |
| Wgerm. <i>b</i> > [b]         | 86,4% |
| Wgerm. <i>g</i> > [g], [ç, x] | 51,7% |

Fonte: elaborado pela autora

As variantes mais próximas do *standard* e mais frequentes no bloco das vogais foram, respectivamente, o ditongo [au] concorrendo com [a:] (< Mhd. /ou/), como em *Baum*

ou *Baam* ‘árvore’; a vogal longa [i:] (< Mhd. /ie/), como em *verlieren* ‘perder’; a vogal longa [a:] (< Mhd. /a/), como em *Hahn* ‘galo’ e, por fim, o ditongo [aɪ] (< Mhd. /ei/), com 64,2% de ocorrências em variantes como *allein* ‘sozinho’, por exemplo. Por outro lado, no bloco das consoantes, as variantes mais significativas em termos de marcas próximas do *standard* foram [b] (< Wgerm. /b/), como em *Leber* ‘fígado’, e [s] (< Wgerm. /s/), como em *Fest* ‘festa’. Vale destacar, com base nesses resultados gerais, que o grupo boêmio é, na constelação de variedades do alemão falado em Nova Petrópolis, o que mais se aproxima de marcas consideradas mais elevadas e próximas do *standard*.

Para entender melhor como aparecem estas e outras variantes no contexto de interação de fala espontânea, portanto de conversa livre, selecionou-se uma série de etnotextos coletados de conversas realizadas com falantes da GII e da GI. No primeiro etnotexto analisado, quadro 37, a informante entrevistada pertence à geração mais velha (GII), sexo feminino (F). Ela descreve suas vivências familiares e o trabalho em família. A primeira coluna apresenta o áudio transliterado e na segunda coluna aparece a tradução livre dessa conversa. Percebe-se que as marcas linguísticas, ou saliências linguísticas, conforme Lenz (2010), oscilam ora para o lado mais *standard*, ora para o lado mais dialetal do contínuo variacional do alemão. Na parte 1 do excerto, ocorre o uso mais *standard*, como indica, por exemplo, a variante *au* em *verkaufen* ‘vender’. Na sequência, a oração 2 apresenta variantes mais *standard*, como /a:/ em *war* ‘era’ e *ham* ‘tínhamos’, [ɔɪ] em *Zeug* ‘roupa’ e, por fim, o [s] não palatalizado no verbo *musst* ‘precisa’.

Quadro 37 – Excerto de entrevista Bo-GII-f

| Entrevistada Bo-GII-f   | Tradução nossa para o português   |
|---|---|
| 1. [...] <i>was mir dann dat so hatte zum verkaufen.</i>  | 1. [...] o que tínhamos lá para vender.   |
| 2. <i>Das war dann Zeug unn dann ham mir so, eh, wie Reis unn Zucker unn Tee, das war dann, in so große Fässer war das alles unn das <u>musst</u> alles gewoh werre.</i>                              | 2. Isso era roupa e então tínhamos, éhm, como arroz e açúcar e chá, isso tudo estava em grandes barris e isso tudo precisa ser pesado.                |
| 3. [...] <i>Der <u>eine</u> wollt fünf Kilo, der andere wollt <u>zwei</u> Kilo, gell.</i>   | 3. [...] um queria 5 quilos, o outro queria 2 quilos, né.   |
| 4. [...] <i>Getrenk hat ‘ma <u>aach</u>.</i>  | 4. [...] Bebidas tínhamos também.   |
| 5. <i>Ich <u>glawe</u>, dass mein <u>Vovo</u>, wie der das <u>Gescheft</u> hat, der hat das [<i>Getrenk</i>] <u>vielleicht</u>, <u>awer</u> mir dann <u>Nochter</u> <u>niemme</u>.</i>                | 5. Eu acredito que meu avô, quando ele tinha esse armazém, ele provavelmente tinha bebidas, mas nós depois não mais.                                  |
| 6. [...] <i>Erscht wie ‘se das <u>Stehnhaus</u>, do hotte ‘se son <u>klein Haus</u> <u>gehat</u>, <u>aber</u> hat ‘er <u>aach</u> schon <u>Dings</u> zum <u>verkaufen</u>, <u>aber</u> das war zu</i> | 6. [...] Apenas na casa de pedra, ali se tinha uma casa pequena, mas ele também já tinha coisas para vender, mas isso era no início do Wazlawick, né. |

|   |
|---|
| <i>allererscht dem Wazlawick, gell.</i> |
|---|

Fonte: elaborado pela autora

No excerto do quadro 37, a entrevistada utiliza mais duas variantes *standard*, mais especificamente o ditongo [aɪ], em *eine* ‘um’ e *zwei* ‘dois’. No trecho 4, ocorre a vogal longa [a:] em *aach* ‘também’ e, na frase seguinte (trecho 5) em *glawe* ‘acreditar’, embora com fricativação de Wgerm. /b/. A partir do trecho 5, inicia-se uma alternância entre marcas mais dialetais e mais *standard*, como em *awer* [v] ‘mas’ e, na frase do trecho 6, em *aber* [b] ‘mas’. Esse comportamento linguístico variável e divergente comprova que um mesmo falante tem conhecimento de determinadas marcas tanto da língua mais *standard* como da variedade mais dialetal. Assim na última frase, trecho 6, também surge a oscilação entre *standard* e *substandard*. O exemplo ocorre com a variável *ei* em *klein* [aɪ] ‘pequeno’ como mais *standard* e em *Stehnhaus* [e:] ‘casa de pedra’ como forma mais dialetal. Por fim, a entrevistada faz o uso da consoante fricativa alveolar [ʃ] em *erscht* ‘primeiro’ e *allererscht* ‘inicialmente’.

No quadro 38, outra entrevistada do sexo feminino, porém da geração mais jovem (GI), afirma que ainda aprende alemão, em específico o alemão local, a variedade de tipo *Deitsch*, com a mãe e com a avó. Em seu histórico familiar teve um casamento misto entre os pais, em que o pai é de descendência de imigrantes italianos e a mãe de descendência de imigrantes alemães. Nesse caso, a principal referência para o aprendizado da língua de imigração alemã é a avó e a mãe. Em função do diálogo entre filha e pais dar-se predominantemente em português, ela afirma que entende bem a língua alemã, porém possui dificuldades para se expressar. O local de trabalho tem sido um incentivo para aprimorar a língua de imigração, em função dos clientes e associados que escolhem alemão para se comunicarem.

Quadro 38 – Excerto de entrevista Bo-GI-f

| Entrevistada Bo-GI-f  | Tradução nossa para o português   |
|---|---|
| 1. <i>Ich lerne (Deitsch) mit meine Mutter unn meine Grossmutter unn school. Ehm, ich mache, eu fiz o Fremdsprache na escola.</i> | 1. Eu aprendo (Deitsch) com minha mãe e minha avó e na escola. Ehm, eu faço, eu fiz língua estrangeira na escola. |
| 2. [...] <i>Mein Vater kann italienisch unn meine Mutter kann Deitsch.</i>  | 2. [...] Meu pai fala italiano e minha mãe fala alemão.   |
| 3. <i>Viele Associados hier spreche Deitsch. Ich vertehn, aber spreche net so gut.</i>  | 3. Muitos associados aqui falam alemão. Eu entendo, mas não falo tão bem.   |

Fonte: elaborado pela autora

Diferente da informante GII, do quadro 37, essa participante da GI, no quadro 38, não demonstra tantas marcas *standard* em seu repertório linguístico. Percebeu-se que ela usa essencialmente marcas do tipo *Deitsch*, ou seja, marcas mais dialetais ao lado do português, além de exemplos de interferência do inglês da escola, como em *school* ‘escola’. O *code-switching* ocorre de forma natural e a informante também não parece se incomodar com isso, porque ela continua suas formulações frasais através do uso de todo o seu repertório linguístico, ao seu alcance no momento da fala. Em relação à variável /b/, ela opta pela forma mais *standard aber* ‘mas’, o que muito possivelmente se deve à influência do ensino de alemão nas escolas, ou seja, da *Fremdsprache*, como ela mesma cita.

Outra entrevista com a GI, com um participante do sexo masculino (M) (ver quadro 39), mostrou mais características *standard* e menos *code-switching* com a língua portuguesa, a qual perceptível apenas no empréstimo *sócios*, ao final da fala. Nessa transcrição do áudio, apresenta-se um trecho da entrevista em que o participante explica sua trajetória de aprendizado da língua de imigração. Ele aprendeu a língua alemã com sua avó, e o português a partir dos seis anos, na escola. A prática diária da língua herdada pode ser percebida pela fluência e desenvolvimento do assunto durante a entrevista, transcrita no excerto abaixo.

Quadro 39 – Excerto de entrevista Bo-GI-m

| Entrevistado Bo-GI-m   | Tradução nossa para o português   |
|--|---|
| 1. <i>Bis sechs Jahre kunnt'ich nicht Portugiesisch spreche, nur Deutsch mit mein Grossmutter.</i>   | 1. Até os seis anos eu não sabia falar nada de português, somente alemão com minha avó.   |
| 2. <i>Die hat mich von klein aus aufgepasst unn von da an bin ich in die Schul unn do hab ich Portugiesisch ein bisschen gelennt.</i>  | 2. Ela me cuidou desde pequeno e dali em diante fui pra escola e aprendi um pouco de português.   |
| 3. <i>Ich tun genn Deutsch spreche zu Hause auch immer Deutsch spreche mit mein Grossoma, die wohnt noch mit uns unn mia spreche ganz offt.</i>  | 3. Eu gosto de falar alemão, em casa também falo sempre em alemão com minha avó, ela mora com a gente e nós falamos com bastante frequência.  |
| 4. [...] <i>die mehrschte Person wo hier bei mich hinkomme sinn meh eltre Leit unn die mehrschte spreche noch Deutsch unn das erschte was sie fragen is "derf ich Deutsch spreche mit dich?" Mit die mehrschte Sócios tun ich Deutsch spreche.</i> | 4. [...] a maioria das pessoas que vem aqui são pessoas mais velhas e a maioria ainda fala alemão e a primeira coisa que perguntam é “posso falar em alemão contigo?” Com a maioria dos sócios eu falo em alemão. |

Fonte: elaborado pela autora

No início da fala, no trecho 1 do excerto, observa-se que o participante da pesquisa utiliza a marca mais *standard* na escolha da vogal longa [a:] em *Jahre* ‘anos’, o que se repete

no trecho 2 em *da an* em vez de *do on* ‘daqui em diante’. O início da frase do trecho 2 apresenta o verbo auxiliar *hat* (Hdt: *haben*), igualmente com a vogal [a] breve e considerada mais *standard*. A ocorrência de [aɪ] em *klein* ‘pequeno’ e *ein* ‘um’ reforçam tratar-se de uma variedade muito próxima do *standard*, na comparação das marcas linguísticas das variáveis analisadas.

Com relação à variável /iu/, o entrevistado alterna entre o *standard* e o *substandard*. Inicialmente, ele utiliza a forma *standard* em *Deutsch* [ɔɪ] ‘alemão’ e, na sequência, a forma mais dialetal em *Leit* [aɪ] ‘pessoas’. Outra marcação *standard* que pode ser observada na fala desse informante está em [aʊ] *aufgepasst* ‘cuidou’ ao invés da forma mais dialetal *uffgepasst*. Por fim, no trecho 4, pode-se perceber que a consoante fricativa alveolar [ʃ] repete-se de forma constante, como marca mais dialetal, como no caso de *mehrschte* ‘maioria’ e *erschte* ‘primeiro’.

Por fim, no excerto de um informante da GII, quadro 40, parecem predominar comparativamente marcas mais dialetais, porque ele mesmo afirma que se monitora para não misturar tanto o dialeto com o Hochdeutsch. Diferentemente do entrevistado da GI, esse falante da GII utiliza a marcação dialetal [ʊ] em *uffpasse* (Hdt: *aufpassen*) ‘cuidar’ e a variante [aɪ] em *Hochdeitsch* ‘alemão padrão’.

Quadro 40 – Excerto de entrevista Bo-GII-m

| Entrevistado Bo-GII-m  | Tradução nossa para o português   |
|--|---|
| <i>Ich muss'mā bissche uffpasse, wall ich spreche schon bissche Hochdeitsch, gel, dann tun ich alls'mō bissche dorichnanner spreche, awer, dass macht ja nixs. Ich scheeme mich aach net foo mein Hunsrickischplatt spreche. Ich tun das genn spreche.</i> | Eu tenho que cuidar um pouco porque eu falo um pouco de alemão padrão, neh, então, as vezes eu falo um pouco misturado, mas, isso não é problema. Eu não me envergonho de falar o dialeto <i>Hunsrickischplatt</i> . Eu gosto de falar assim. |

Fonte: elaborado pela autora

Em *ich muss'ma* ‘eu tenho que’ e *als'mo* ‘às vezes’, ocorre inicialmente a marcação mais *standard* [a:] (Hdt: *mal*) e, na sequência, a marca dialetal [o:] em *mol*. Uma característica observada na fala de descendentes de boêmio, a marca [a:], que se aproxima do *standard*, se confirma também aqui, como no exemplo de *aach* (Hdt: *auch*) ‘também’. No que se refere às consoantes, o entrevistado usa a marca dialetal [v] em *awer* ‘mas’ (Hdt: *aber*) ao invés da marca *standard* com a plosiva bilabial [b].



Os exemplos ilustrados por meio dos etnotextos comprovam as tendências observadas na análise feita para cada variável linguística selecionada, qual seja, de forte tendência à aproximação do *standard*, porém com inserção e alternância (covariação) de variantes mais dialetais. Algumas dessas variantes, como [a:] apresentam grande saliência linguística, e atribuem por isso uma “coloração” mais *standard* à variedade. Trata-se de recortes de fala autênticos e que representam bem os atuais usos linguísticos na comunidade de fala dos Bo, como um complexo variacional que reúne elementos dos contatos linguísticos a que está exposto. Na sequência, apresentam-se, para comparação, as sínteses e recortes de entrevistas com falantes do Hrs.

#### 5.2.3.2 O *standard-substandard* no alemão hunsriqueano

As coletas de dados para análise da variedade considerada *Hunsrückisch* foram realizadas prioritariamente na comunidade de Pinhal Alto, localmente conhecida por *Tannenwald*. Para aumentar a representatividade dos dados, considerou-se um etnotexto coletado em Treze Colônias e outro no Centro (*Stadtplatz*). O repertório linguístico dos entrevistados que se identificam como hunsriqueanos ou descendentes de imigrantes provenientes do centro-oeste da Alemanha pode variar bastante entre o *standard* e o *substandard*, em função do contato linguístico com os descendentes de imigrantes boêmios, dos casamentos mistos, do ensino de alemão nas escolas e outros possíveis fatores a serem considerados. Como síntese geral, a tabela 2 apresenta a porcentagem de marcas mais *standard* encontradas em cada variável fonética analisada. Observa-se que, no vocalismo, o maior número de marcas *standard* foi computado em 95% com a variável Mhd. /ie/, realizada como [i:], como em *verlieren* ‘perder’ em vez de *verleere*, percebida como mais dialetal. Já no grupo das consoantes, a variável Mhd. /s/ apresentou mais marcas *standard* e atingiu 78,3% de ocorrências, o que pode estar ligado aos frequentes comentários de outros grupos, referentes à marcação mais dialetal presente na palatalização de /s/ para a consoante fricativa alveolar [ʃ].

Tabela 2 – Marcas [+ standard] no *Hunsrückisch*

| Variável>variante             | Hrs   |
|-------------------------------|-------|
| Mhd. <i>a</i> > [a:]          | 52,6% |
| Mhd. <i>â</i> > [a:]          | 20%   |
| Mhd. <i>iu</i> > [ɔʔ]         | 10,4% |
| Mhd. <i>ei</i> > [aʔ]         | 43,1% |
| Mhd. <i>ie</i> > [i:]         | 95%   |
| Mhd. <i>ou</i> > [au], [a:]   | 52,3% |
| Wgerm. <i>pf</i> > [pf], [f]  | 2,7%  |
| Wgerm. <i>s</i> > [s]         | 78,3% |
| Wgerm. <i>b</i> > [b]         | 55,8% |
| Wgerm. <i>g</i> > [g], [ç, x] | 52,7% |

Fonte: elaborado pela autora

A variável Mhd. /iu/ apresentou apenas 10,4% de ocorrências com a variante mais *standard* [ɔʔ], como em *Feuer* ‘fogo’, em comparação à massiva ocorrência da variante [aʔ], mais dialetal, como no caso da pronúncia para *Feier*. No entanto, a menor taxa de ocorrências *standard* foi registrada com a variante africada /pf/, com 2,7%.

No excerto a seguir, quadro 41, em que se busca contextualizar as marcas *standard-substandard* levantadas em um excerto de fala espontânea, ocorreram vários exemplos com a variável /iu/ realizada como variante mais dialetal [aʔ], como em *Deitsche* ‘alemão’, parte no trecho 1 do excerto e, na sequência, *Leit* ‘pessoas’ e *heit* ‘hoje’. Outra característica bastante comum do Hrs é o uso da vogal [e:] longa, como no caso de *Gemeend* ‘comunidade’ (Hdt: *Gemeinde*) ou *een* ‘um (numeral)’ (Hdt: *ein*), conforme aparece no final do trecho 1 do etnotexto. Na sequência, os recortes 2 e 3 apresentam exemplos da variável /a/ realizada como [ɔ:] mais dialetal, como em *Tooch* ‘dia’ (Hdt: *Tag*) e *honn* ‘ter’ (Hdt: *haben*). Além disso, a variável Mhd. /â/ ocorreu na forma mais dialetal, como em *Sproche* ‘línguas’ (Hdt: *Sprachen*) e *Johre* ‘anos’ (Hdt: *Jahre*), portanto como variante velarizada [ɔ:]. Embora as marcas dialetais sejam bastante frequentes, assim como também ocorre em *zweu* [tʃvɔʔ] ‘dois’, também surgem algumas marcações que destoam daquilo que se espera como característica mais *standard* ou mais dialetal, como na preposição *far* ‘para’ (Hdt: *für*), usada no lugar de *for* por muitos falantes.

Vejamos agora o segundo excerto de fala espontânea, de um falante jovem masculino.

Quadro 41 – Excerto de entrevista Hrs-GI-m

| Entrevistado Hrs-GI-m  | Tradução nossa para o português  |
|--|--|
| <p>1. <i>Das Deitsche wedd noch gesproch hier in unser Gemeend.</i></p> <p>2. <i>Unser Gemeend is zimmlich pur deitsche Leit unn das Deitsche spreche. Wens noore net een Tooch vergeht, well die Junge, heit, die spreche wenig deitsch meh, awer mea senn grossgewachst unnich deitsche Leit unn das is en Eher, zweu Sproche kenne spreche.</i></p> <p>3. <i>Das is das Deitsche unn das Bresilionische. Unn das wedd heit in unser Gemeend, wedd noch viel deitsch gesproch, niemme so schon wie far Johre zurick, awer wedd immer noch viel gesproch unn das is ehn, deitsch Gemeend wo mea do hie honn.</i></p> <p>4. <i>Heitzestooch, das Deitsche spreche is riessend interessant, well'ma komme bei eltre Leit, kommt'ma als hinn, die kenne kee Bresilionisch spreche unn dann muss'ma wenn'ma der Deitsch kenne, finne die Leit sich gut, die eltre Leit finne sich riessend gut wenn'ma kann Deitsch spreche. Das is riessend viel weat im Lewe.</i></p> | <p>1. Ainda falamos alemão aqui na nossa comunidade.</p> <p>2. Nossa comunidade é praticamente de puros alemães e que ainda falam. Tomara que um dia isso não acabe porque hoje os jovens falam pouco alemão, mas nós nos criamos entre alemães e isso é uma honra, saber falar duas línguas.</p> <p>3. Isso é o alemão e o português brasileiro. E isso ainda é bastante falado hoje em dia na nossa comunidade, não tanto como há anos, mas ainda se fala bastante e isso é uma comunidade alemã que nós temos aqui.</p> <p>4. Falar alemão hoje em dia é muito interessante porque encontramos pessoas mais velhas que não conseguem falar o português brasileiro e, assim, quando falamos em alemão, essas pessoas se sentem bem, os mais velhos se sentem muito bem quando sabemos falar em alemão. Isso tem muito valor na vida.</p> |

Fonte: elaborado pela autora

No recorte 2 e 4 do excerto, quadro 41, fica evidente o uso da variante [v] como forma mais dialetal, em *awer* ‘mas’ e *Lewe* ‘vida’. Essa regra é igualmente empregada pela informante do sexo feminino, abaixo, no trecho inicial do excerto, no quadro 42. Ela também apresenta lusitanismos em seu repertório, tais como, *representiert*, *Vovo* e *important*. Em relação à variável /iu/, observa-se tanto o uso dialetal com [aʔ] na forma *Deitsch*, como mais *standard* com [ɔʔ], em *Deutsch*. Nesse recorte inicial da fala, sobressaem-se características dialetais, como, por exemplo, o uso da variante [o:] em *Sproch* ‘língua’ e a variante [ɔ] em *honn* ‘ter’, respectivamente confirmando a tendência maior dialetalidade na realização de Mhd. /â/ e /a/.

Quadro 42 – Excerto de entrevista Hrs-GI-f

| Entrevistada Hrs-GI-f  | Tradução nossa para o português   |
|--|---|
| <p>1. <i>Die deitsch Sproch representiert viel in mein Lewe, wall ebich Brasilionisch gelennt honn, in die Schul, hot mei Vovo unn meine Eltre mich Deutsch gelennt, unn wall'se mich gelennt honn, kann ich heit spreche unn anre Leit lenne.</i></p> <p>2. <i>Die deutsch Sproch is een important Stick von unser Geschicht unn deff net vergess werre.</i></p> <p>3. <i>Is ooch important in die Gemeind, wall die Leit jede Tooch spreche unn sich gut verstehn, wenn'se schafe gehn, wenn'se kechle gehn, wenn'se Fussball spiele gehn unn wenn'se dehemm sinn.</i></p> | <p>1. A língua alemã representa muito na minha vida porque antes de aprender português brasileiro na escola, minha avó e meus pais me ensinaram alemão e, por terem me ensinado, hoje posso falar e ensinar outras pessoas.</p> <p>2. A língua alemã é uma parte importante da nossa história e não deve ser esquecida.</p> <p>3. Também é importante na comunidade porque as pessoas falam todo dia e se entendem bem quando vão trabalhar, quando jogam bocha, quando jogam futebol e quando estão em casa.</p> |

Fonte: elaborado pela autora

Conforme a tabela 2, no início dessa seção, a variável /iu/ obteve apenas 10,4% de marcas mais *standard*, o que justifica o uso repetido das marcas dialetais [aɪ] como, por exemplo, em *heit* ‘hoje’ e *Leit* ‘pessoas’ [aɪ]. Por outro lado, a variável /ou/ tendeu ao uso de marcas mais *standard* e se mostrou mais produtiva na primeira coleta de dados, com 52,3%; nesse etnotexto, ela surge entretanto como mais dialetal, em *ooch* (Hdt: *auch*). Por fim, a variável Mhd. /a/ ocorreu como variante mais dialetal, no caso como *Tooch* ‘dia’ (Hdt: *Tag*).

No quadro 43 abaixo, contudo, ocorrem praticamente as mesmas marcas dialetais observadas até aqui, no etnotexto do quadro 42. O perfil das entrevistadas é muito parecido, pois são jovens e pertencem à mesma comunidade. Como já mencionado anteriormente, é comum o uso de *code-switching* e de lusitanismos no *Hunsrückisch*. Os empréstimos *important* ‘importante’ e *preserviere* ‘preservar’, no recorte 1 e 3, quadro 43, são entendidos pelos falantes como formas da língua alemã, porque, de fato, existem palavras similares no *Hochdeutsch*, tais como *interessant* ‘interessante’ e *telefonieren* ‘telefonar’.

Uma marca mais dialetal que surgiu, na fala dessa informante do quadro 43, foi a fricativa alveolar [ʃ] em *eascht* ‘primeiro’. As demais marcas dialetais já são comuns aos recortes de fala dos quadros anteriores, como no caso de *deitsch* [aɪ] ‘alemão’, *Sproch* [o:] ‘língua’, *woor* [ɔ:] ‘era’, *honn* [ɔ] ‘tinha’ e *kleen* [e:] ‘pequeno’.

Quadro 43 – Excerto da entrevista Hrs-GI-f

| Entrevistada Hrs-GI-f  | Tradução nossa para o português  |
|--|--|
| <p>1. <i>Die deitsch Sproch is for mich mechtich <u>important</u>, wall das wor die eascht Sproch wo ich gelennt honn, wie ich kleen wor, mit mein Eltre unn Grosseltre.</i></p> <p>2. <i>Mein Grosseltre spreche bis hejt noch blos Deitsch dehemm so wie viel Leit in die Gemeind, wall'se net konnte Portugiesisch richtich lenne, net konnte lang in die Schul gehn unn Deitsch honn'se gelennt dehemm mit sein Eltre.</i></p> <p>3. <i>Is <u>ooch</u> mechtich <u>important</u>, wall die Deutsche honn unser Kultur mitgebrung von Deutschland unn unser Stadt kolonisiert unn unser Gemeind gebaut unn die Kultur miss mea <u>preserviere</u>.</i></p> <p>4. <i>Is eilich (?), dass die Junge heitzustooch net meh wolle, net kenne, Deitsch spreche, wall das is mechtich scheen kenne mit die Eltre verzehle, wisse wie das wor in denne sein Zeit, verstehn wie das Dings sich geennert hot unn alles wo ich kann, mache ich das die deitsch Sproch noch gesproch wett for viel <u>Johre</u>. Ich will das nie vergesse.</i></p> | <p>1. A língua alemã é muito importante pra mim porque foi a primeira língua que eu aprendi com meus pais e avós quando eu era pequeno.</p> <p>2. Meus avós falam até hoje somente alemão em casa, assim como muitas pessoas na comunidade porque não conseguiram aprender português direito, não podiam ir pra escola por muitos anos e o alemão eles aprenderam em casa com seus pais.</p> <p>3. Também é muito importante porque os alemães trouxeram nossa cultura da Alemanha e colonizaram nossa cidade e construíram nossa comunidade e nós devemos preservar nossa cultura.</p> <p>4. É urgente (?), que os jovens hoje em dia não querem, não sabem mais falar em alemão, no entanto, isso é muito bonito quando se sabe como era na época deles, entender como as coisas se transformaram e tudo que eu posso, faço para que a língua alemã continue sendo falada por muitos anos. Eu nunca quero esquecer isso.</p> |

Fonte: elaborado pela autora

No quadro 43, a entrevistada relata sobre os usos da língua de imigração na família e na comunidade, afirmando, contudo, que atualmente os jovens já não querem se comunicar na língua local. Enquanto ela percebe o recuo de alguns jovens, ela mesma demonstra uma consciência linguística para manter o plurilinguismo e o bilinguismo local. A temática da escolha das línguas no âmbito familiar foi, igualmente, comentada pelo entrevistado do sexo masculino, da GII, conforme quadro 44 abaixo. Ele afirma que percebe, em seu ambiente familiar, a escolha da língua portuguesa como língua principal de comunicação diária, citando, inclusive, o filho que entende a língua alemã, mas se nega a falar a língua que herdou na infância. Na sequência, no recorte 2 dessa fala, ele explica que as crianças sabem falar melhor em alemão, quando existe a prática “naturalizada” dessa língua na família. Assim, é importante transformar o uso oral da língua de imigração em hábito diário para não correr o risco de extingui-la por falta de falantes.

Quadro 44 – Excerto da entrevista Hrs-GII-m

| Entrevistado Hrs-GII-m   | Tradução nossa para o português  |
|--|--|
| <p>1. <i>Ich merke das <u>Zuhause</u> ooch, né, kommt'ma Zuhause unn tut'ma ooch anstats <u>Deutsch</u> rede, tut'ma schon [Brasilionisch]. Unn dann mein <u>Sohn</u>, der kann <u>Deutsch</u>, awer der will net <u>Deutsch</u> rede, né.</i></p> <p>2. <i>Wo'se Zuhause, die Familie mehr das <u>Deutsch</u> in die Familie spreche, né, dat kenne die Kinner ooch <u>Deutsch</u> orre <u>Deitsch</u>, awer wo das schon nemme so normal is, dann tut das sich leider <u>verliere</u>.</i></p> | <p>1. Eu também percebo isso em casa, né, se chega em casa e a gente também já fala em português brasileiro em vez de falar alemão. E então meu filho sabe alemão, mas ele não quer falar em alemão, né.</p> <p>2. Onde se fala mais alemão em casa, na família, né, ali as crianças também sabem falar alemão (<i>Deutsch</i> ou <i>Deitsch</i>), mas onde isso já não é tão normal, aí isso infelizmente se perde.</p> |

Fonte: elaborado pela autora

Ao analisar os usos linguísticos, percebe-se que o informante utiliza alguns termos do *Hochdeutsch*, como, por exemplo, *Zuhause* ‘em casa’ e *Sohn* ‘filho’. Isso pode ser justificado em função das vivências dele com o acesso ao ensino da língua alemã. De certo modo, ele possui um amplo repertório linguístico e utiliza tanto o *standard* como o *substandard* a seu favor. O exemplo mais explícito está em *Deutsch* e *Deitsch*, formas que, como já vimos, são bastante usuais entre os falantes locais e dão pistas sobre o uso mais *standard* ou mais dialetal, respectivamente.

As marcas linguísticas do *substandard* de que ele também faz uso vão ao encontro do repertório de outros falantes entrevistados para este estudo, como *ooch* ‘também’ e *awer* ‘mas’. Enquanto o informante do quadro 44 utiliza o advérbio mais *standard* *zuhause* ‘em casa’, a entrevistada do quadro 45 aplica o correlato *dehemm* ‘em casa’ (Hdt: *daheim*), associado a uma marca mais dialetal, inclusive sinalizado pelo Dicionário Pons<sup>40</sup> como termo de uso regional na Áustria e Suíça.

Quadro 45 – Excerto da entrevista Hrs-GII-f

| Entrevistada Hrs-GII-f  | Tradução nossa para o português   |
|---|---|
| <p>1. <i>Wie ich <u>klein</u> war?</i></p> <p>2. <i>[...] ich <u>honn</u> blos <u>Deitsch</u> gesproch unn <u>hejt</u> <u>wes</u> ich <u>wenig</u>.</i></p> <p>3. <i>Ich bin <u>veheirat</u> mit <u>een</u> <u>Brasilianer</u> unn dann spreche'ma blos <u>Bresilianisch</u> <u>dehemm</u> unn mein Kinner <u>auch</u>.</i></p> | <p>1. Quando eu era pequena?</p> <p>2. [...] eu apenas falava alemão e hoje eu sei pouco.</p> <p>3. Eu sou casada com um “brasileiro” e então falamos apenas português brasileiro em casa e meus filhos também.</p> |

Fonte: elaborado pela autora

<sup>40</sup> Definição conforme Dicionário Pons. Disponível em: <<https://de.pons.com/%C3%BCbersetzung/deutsch-portugiesisch/daheim>> Acesso em: 28 set. 2021.

A entrevistada do quadro 45 se enquadra na geração mais velha (GII) e apresenta uma mistura tipicamente local entre variantes mais *standard* e *substandard*, provavelmente resultante do contato intervietal, conforme o recorte selecionado acima. Ela utiliza a variante [aɪ] em *klein* ‘pequeno’, a variante [a:] em *war* ‘era’ e a variante [aʊ] em *auch* ‘também’, representando características mais próximas do *standard*. Por outro lado, ela também se serve das marcas dialetais como em *honn* [ɔ] ‘ter’, *Deitsch* [aɪ] ‘alemão’, *heit* [aɪ] ‘hoje’, *wees* [e:] ‘(eu) sei’, *een* [e:] ‘um’.

Em relação ao assunto abordado nesse recorte em particular, observa-se que a informante se comunicava bastante em alemão durante sua infância, mas, atualmente, parece lamentar o fato de se sentir menos fluente na língua. Sua justificativa é de que o casamento misto e, conseqüentemente, a escolha pelo monolinguismo no ambiente familiar tenha contribuído para a perda relativa da língua. Os casamentos entre bilíngües e monolíngües, em sua maioria aqui relatados, resultam em novas gerações monolíngües que se comunicam, por exemplo, apenas em português.

Na próxima seção, vejamos as principais sínteses e recorres de etnotextos resultantes das entrevistas com descendentes de pomeranos.

### 5.2.3.3 O *standard-substandard* no alemão pomerano

Para a coleta de dados relacionados aos descendentes de imigrantes pomeranos, focou-se em saídas de campo para as localidades de Linha Temerária e São José do Caí, localizadas nas proximidades do Rio Caí, que faz limite com o município de Caxias do Sul. O grupo dos descendentes de pomeranos é constituído dos falantes que apresentaram menos características mais próximas do *standard*, se comparado aos descendentes de boêmios ou hunsriqueanos. Vale lembrar que é um grupo que tem sua matriz de origem no baixo-alemão, porém não fala mais, ao menos de forma ativa, o pomerano. Esse foi substituído pela variedade local do alemão, usada na interação com os demais grupos. A tabela 3 apresenta a síntese dos resultados da análise das variáveis selecionadas para este estudo. Nesse grupo, a variável Mhd. /ie/, ao lado de Wgerm. /s/, são as únicas realizadas com algum grau de proximidade maior do *standard*, respectivamente 100% de realizações mais *standard*,

seguindo a tendência geral dos três grupos, e 77,7%. Por outro lado, a variável Mhd. /iu/, assim como também Wgerm. /pf/, foram as que apresentaram menos ocorrências de marcas mais *standard*, respectivamente apenas 4,1% e 0%.

Tabela 3 – Marcas [+ standard] no pomerano

| Variável > variante           | Po    |
|-------------------------------|-------|
| Mhd. <i>a</i> > [a:]          | 13,8% |
| Mhd. <i>â</i> > [a:]          | 13%   |
| Mhd. <i>iu</i> > [ɔɪ]         | 4,1%  |
| Mhd. <i>ei</i> > [aɪ]         | 11,1% |
| Mhd. <i>ie</i> > [i:]         | 100%  |
| Mhd. <i>ou</i> > [au], [a:]   | 20,8% |
| Wgerm. <i>pf</i> > [pf], [f]  | 0%    |
| Wgerm. <i>s</i> > [s]         | 77,7% |
| Wgerm. <i>b</i> > [b]         | 25%   |
| Wgerm. <i>g</i> > [g], [ç, x] | 45%   |

Fonte: elaborado pela autora

No quadro 46, recortou-se um trecho da fala de um entrevistado de idade bastante avançada, porém um dos únicos falantes de pomerano que ainda se comunicam com mais frequência nessa língua em âmbito familiar. A língua pomerana foi perdendo espaço para o *Deutsch*, variedade local também denominada como *Hunsrückisch*. Conforme o relato desse informante, a língua pomerana (*Dietsch*) da sua comunidade de fala já não tinha espaço na escola e teve que ser substituída pela variedade mais comum da localidade, mais especificamente o *Deutsch*. Assim, atualmente, a variedade pomerana já não é considerada a língua de comunicação principal da família. Essa língua é falada principalmente entre pais e filhos. Os demais familiares, nora e netos, utilizam o *Deutsch* como referência principal para se comunicar diariamente. Abaixo, no trecho 1 do excerto dessa entrevista o informante contrasta as duas variedades em contato, o pomerano com suas características do baixo-alemão, e o alemão local, com suas características do médio-alemão.



Quadro 46 – Excerto da entrevista Po-GII-m

| Entrevistado Po-GII-m  | Tradução nossa para o português   |
|--|---|
| <p>1. <i>Wenn muss senn, ik spreak alles. Alls ik anfang'in Schaulk goh, Schaullehrer, der Kinn nich Dietsch. Ik hab alles pommersch sproke mit mansch Lehrer, weere ik geweent, unn, „jah, Junge, du musscht annerscht spreche, ich verstehn nixs“.</i></p> <p>2. <i>Ich war so versrrock unn doh musscht'ich alles Deitsch mit dem spreche. Der hat nixs verstann.</i></p> | <p>1. Se for necessário, eu falo tudo. Quando comecei a frequentar a escola, o professor não sabia falar em pomerano (<i>Dietsch</i>). Eu falava tudo em pomerano com meu professor, eu era acostumado, e de repente “então jovem, tu precisas falar diferente, eu não entendo nada”.</p> <p>2. Eu me assustei e então tive que falar tudo em alemão (<i>Deitsch</i>) com ele. Ele não entendia nada (de pomerano).</p> |

Fonte: elaborado pela autora

As marcas linguísticas da língua comum de interação, no caso o *Deitsch*, se manifestam no uso da fricativa alveolar [ʃ] em *musscht* ‘precisei (eu)’ e *annerscht* ‘diferente’. Na sequência, o trecho 2 da entrevista, no quadro 46, traz a variante [a:] em *war* (pretérito do verbo *ser*) e [a] em *hat* (verbo auxiliar *ter*), considerada mais *standard*. A diferença entre *Dietsch* (pomerano) e *Deitsch* (alemão) pode ser entendida através do contexto. No entanto, as duas formas se evocam sobretudo marcas mais dialetais.

O quadro 47, a seguir, apresenta 4 recortes da entrevista em que o informante explica o uso das línguas na família e na escola. Ele afirma que o avô paterno somente sabia falar o pomerano. Já o pai, além de saber pomerano, também aprendeu o dialeto alemão (*Deitsch*) em função do casamento misto com membro do grupo Hrs, na família.

O repertório linguístico do entrevistado segue o padrão da variedade comum falada na comunidade, sendo o *Deitsch* com a pronúncia mais dialetal [aʔ]. Esse participante não utiliza a fricativa alveolar [ʃ], permanecendo com a marca do *standard*, como em *mu[s]t* (verbo *müssen*) ‘ter que’, conforme se observa no trecho 3 do excerto. Na sequência, ocorrem marcas mais dialetais em *awer* ‘mas’ e *Sproche* ‘língua’, em que o informante utiliza respectivamente [v] em vez de [b], e [o:] em vez de [a:]. Por fim, a variante [aʔ] em *zwei* ‘dois’ tem de ser vista como forma isolada, coincidente com o *standard*, em oposição à variante local [ɔʔ] *zweu*.

Quadro 47 – Excerto da entrevista Po-GII-m

| Entrevistado Po-GII-m  | Tradução nossa para o português  |
|--|--|
| <p>1. <i>Der Schullehrer hot bloss <u>Deitsch</u> gesproch unn hie dehemm, der Grossvater konnt noore Pommersch spreche unn dann hat der Papa gelennt Pommersch spreche mit dem.</i></p> <p>2. <i>Der hot mim Vater pommersch gesproch unn mit die Mutter <u>Deitsch</u>, mit mein Grossmutter <u>Deitsch</u>.</i></p> <p>3. <i>Der Schullehrer hat kenn Pommersch verstann unn doh <u>musst</u> er <u>Deitsch</u> spreche, <u>awer</u> der konnt die <u>zwei</u> <u>Sproche</u> wall'er mit die Mutter gesproch hat.</i></p> <p>4. <i>Mea sinn <u>natural</u>, sinn mea <u>Hunsrick</u>. Dahemm is alles <u>Hunsrick</u> gesproch gebb unn mein Grossvater hot Pommersch gesproch. Der hot alles Pommersch gesproch, der hot nix <u>Deitsch</u> gesproch.</i></p> | <p>1. O professor da escola só sabia falar em alemão (<i>Deitsch</i>) e aqui em casa, o avô só sabia falar pomerano e então meu pai aprendeu pomerano com ele.</p> <p>2. Ele falava pomerano com o pai e alemão (<i>Deitsch</i>) com a mãe, no caso com minha avó.</p> <p>3. O professor não entendia pomerano, então meu pai tinha que falar em alemão (<i>Deitsch</i>), mas ele sabia falar as duas línguas porque falava com a mãe.</p> <p>4. Nós somos natural <i>Hunsrick</i>. Em casa se falava tudo em <i>Hunsrick</i> e meu avô falava pomerano. Ele falava tudo em pomerano, ele não sabia nada de alemão (<i>Deitsch</i>).</p> |

Fonte: elaborado pela autora

No recorte 4, do quadro 47, há somente uma ocorrência de empréstimo do português, o que é visto como parte menos saliente da língua porque não gera metacomentários ou correções pelo próprio falante.

No quadro 48, o entrevistado faz comentários a respeito dos jovens que não querem aprender a língua alemã e afirma que essa dificuldade tem início com a ida à escola, quando é exigido das crianças que saibam a língua portuguesa. Por fim, ele compartilha a informação sobre os filhos que ainda herdaram a língua de imigração alemã, mas lamenta o fato de não terem aprendido nenhuma palavra em pomerano.

As marcas linguísticas observadas nesse excerto de fala são prioritariamente dialetais, como mostram os exemplos *Deitsch* [aʀ] ‘alemão’, *kleene* [e:] ‘pequeno’, *ongefang* [ɔ:] ‘começado’, *awer* [v] ‘mas’ e *een* [e:] ‘um’.

Quadro 48 – Excerto da entrevista Po-GII-m

| Entrevistado Po-GII-m   | Tradução nossa para o português   |
|---|---|
| <p>1. <i>Die viele Junge, die wolle niemme <u>Deitsch</u> spreche. Wett dehemm schon niemme gesproch unn dann wett nur noch Brasilionisch gesproch.</i></p> <p>2. <i>Die <u>kleene</u> Kinner misse jo in die Schul gehn unn dann misse'se jo Brasilionisch kenne unn dann wett schon <u>ongefang</u> Brasilionisch spreche</i></p> | <p>1. Esses jovens todos, eles não querem falar mais em alemão. Em casa já não se fala e então somente ainda falam o português brasileiro.</p> <p>2. As crianças pequenas precisam ir à escola então elas devem entender português brasileiro e assim já se começa a falar português e então elas</p> |

|   |  |
|---|--|
| <i>unn dann tun die schon niemme weiter lenne, die Deutsch Sproch.</i>  | já não continuam a aprender a falar a língua alemã.  |
| 3. <i>Awer wie dehemm, mein Kelle, die kenne alles Deutsch spreche. Pommersch honn die net gelennt. Net een Wott.</i> | 3. Mas em casa, meus filhos, eles sabem falar tudo em alemão. O pomerano eles não aprenderam. Nenhuma palavra. |

Fonte: elaborado pela autora

O quadro 49 abaixo apresenta a fala de uma mulher que relata uma situação doméstica em que além disso se observa uma mistura de usos linguísticos em seu repertório. O empréstimo do português *sofá* não sofreu adaptações como o verbo do português *trocar*, que aparece na forma integrada *trucke* (cf. trecho 3), com a terminação *-e* que é comum na conjugação verbal do alemão. O verbo auxiliar *hann* (Hdt: *haben*) segue com a marca mais *standard*, ou seja, com a vogal breve [a]. Inclusive para a vogal longa [a:] registra-se, no trecho 3, uma ocorrência em *glaawe* ‘acreditar’ (Hdt: *glauben*). Salienta-se ainda que esse mesmo verbo realiza-se com a fricativa [v], forma mais dialetal, usada no lugar da plosiva [b].

As marcas mais dialetais começam a aparecer com o uso da variável *ei* do verbo *ich weiß* ‘eu sei’, quando a entrevistada utiliza a variante da vogal longa [e:] em *ich weess*. A mesma regra se repete em *eene* ‘um’ em lugar de *eine*, como pode ser constado no excerto abaixo.

Quadro 49 – Excerto da entrevista Po-GII-f

| Entrevistada Po-GII-f  | Tradução nossa para o português   |
|--|---|
| 1. <i>Mir harre'n Sofá hier. [...]</i>   | 1. Tínhamos um sofá aqui. [...]   |
| 2. <i>Die harren gebrach, doh ha'man gleich doh hinn gestellt.</i>                 | 2. Eles o trouxeram, então logo colocamos ele aqui.                             |
| 3. <i>Ich wees, ich wollt die Lamp glaawe ich trucke orre was ich wollt mache.</i> | 3. Eu sei ainda, eu queria trocar a lâmpada, eu acho, ou o que eu queria fazer. |
| 4. <i>Hann'ich eene Fuss druff gestellt unn krekk, runner gebroch.</i>             | 4. Coloquei um pé encima e krekk, quebrou.                                      |

Fonte: elaborado pela autora

No quadro 50 abaixo, o entrevistado realiza uma pergunta para a pesquisadora em língua pomerana local. Se na fala dos boêmios a vogal [a:] possui um papel de destaque como característica própria, no *Hunsrückisch* é a vogal [ɔ:] e no pomerano parece ser a vogal [ɛ] breve ou longa, como em *hees* (verbo auxiliar *haben*) a assumir esse papel. No entanto, os falantes de pomerano tiveram que se adaptar ao repertório linguístico das comunidades

vizinhas, e isso se deu de forma natural, através das festas típicas, encontros comunitários, casamentos mistos e demais interesses culturais e econômicos.

Embora a GII não tenha tido a chance de estudar alemão na escola, essa geração tentou ser bastante ativa em corais e, com isso, adquiriu um mínimo de conhecimento do *Hochdeutsch* para as interações, por exemplo por meio do canto coral. O recorte *Nur voran, immer vorweets*, do trecho 1, quadro 50, apresenta uma sequência de formulações do *Hochdeutsch*, em estilo de citação. Na sequência, no trecho 2 da fala, observa-se o uso da vogal [a:] longa em *war* ‘era’ e *aach* ‘também’, o que remete a marcas mais *standard*. Consequentemente, a consoante /b/ seguiu a marcação dialetal com [v] em *driwwe* ‘lá’ (Hdt: *drüben*).

Quadro 50 – Excerto da entrevista Po-GII-m

| Entrevistado Po-GII-m  | Tradução nossa para o português  |
|--|--|
| 1. <i>Hees noh verstoa? Nur voran, immer vorweets, vorweets, dann waas immer noch richtig werre.</i>   | 1. Você entendeu? Só pra frente, sempre em frente, em frente, então sempre acertará.   |
| 2. [...] <i>Das war aach alles mit dick Holz wie driwe.</i>  | 2. [...] Isso também era tudo com madeira grossa como lá.  |
| 3. <i>Schood, olha, realmente, ich kann ooch niemme viel (Pommersch).</i>  | 3. Pena, <u>olha, realmente</u> , eu também não sei mais tanto em pomerano.  |
| 4. [...] <i>Das war Deitsch. Die Alte hier hann aach angefang mehr Deitsch unn doh is das mehr vergang. Dem Vater sein Eltre unn die Mutter sein hann aach Pommersch gesproch.</i> | 4. [...] Isso era alemão ( <i>Deitsch</i> ). Os pais ( <i>die Alte</i> ) aqui também começaram com mais alemão ( <i>Deitsch</i> ) então isso foi desaparecendo. Os pais do meu pai e da minha mãe também falavam pomerano. |

Fonte: elaborado pela autora

No trecho 3 desse excerto, o entrevistado lamenta o fato de não saber mais se comunicar bem em pomerano. Ele utiliza a interjeição *schood* ‘pena’ (Hdt: *schade*) mais dialetal, a exemplo do que falam os falantes de *Hunsrückisch*, com a vogal média aberta e longa [ɔ:]. Na sequência, ele logo alterna para o português e volta para a variedade dialetal em que ocorre a marcação de mais uma marca [ɔ:] em *ooch* ‘também’ (Hdt: *auch*). De certa forma, o *code-switching* não ocorre com tanta frequência na fala dos descendentes do pomerano, porque, neste caso, se trata de informantes da GII que possuem um amplo repertório linguístico da língua alemã para se servir. Além de terem um conhecimento mais

passivo do pomerano e do *Hochdeutsch*, possuem um conhecimento ativo na variedade alemã falada localmente.

Assim que o entrevistado volta a falar do passado, ao mencionar a língua falada pelos pais, ele afirma que eles foram substituindo o pomerano pelo *Deitsch*, o que evoca na sua fala as marcas mais *standard*. Variantes como na expressão *hann aach angefang* ‘também começaram’ mostram a inclinação para o uso da vogal baixa breve [a] longa [a:], nas demais ocorrências. Vale lembrar que essa forma atinge palavras gramaticais de uso frequente na interação, o que favorece seu uso mais padronizado.

Em suma, a análise dos diferentes excertos de etnotextos e das sínteses das marcas mais *standard* nas variáveis selecionadas joga luz sobre uma série de fatores que atuam no contato intervareietal Bo, Hrs e Po e que influenciam as escolhas linguísticas nesse “complexo variacional”. Na sequência, cabe ainda uma breve comparação final entre os dados levantados para os três grupos em relação à sua configuração e posição no contínuo *standard-substandard* do alemão local.

#### 5.2.4 Síntese das marcas [+ standard] no Bo, Hrs e Po

A síntese geral dos resultados levantados para o alemão dos grupos Bo, Hrs e Po na sua proximidade ou distanciamento de marcas mais *standard*, apresentado na tabela 4 abaixo, mostra que as marcas [+ standard] predominam especialmente no grupo Bo, seguido do Hrs (de comportamento mais variável e, portanto, com maior incidência de covariação) e do Po, que apresentou a maior estabilidade de uso de marcas mais dialetais. A variável Mhd. /ie/ foi, na comparação, a variável mais comum, ao lado da realização de [p] para a variável Wgerm. /pf/. Fica visível, contudo, que no uso das marcas mais *standard*, tanto de vogais quanto de consoantes, o Po se aproxima mais do Hrs, o Bo por sua vez mais do Hdt. Por um lado, essa tabela corrobora com a hipótese da maior proximidade ao *standard* por parte do Bo e, por outro lado, a tentativa de aproximação dos grupos Bo e Po a uma variedade de uso comum com o Hrs, conforme a média final da tabela abaixo.

Tabela 4 – Síntese comparativa das marcas [+ standard] no Bo, Hrs e Po

| Variável > variante           | Bo            | Hrs           | Po            |
|-------------------------------|---------------|---------------|---------------|
| Mhd. <i>a</i> > [aɪ]          | 90%           | 52,6%         | 13,8%         |
| Mhd. <i>â</i> > [aɪ]          | 46,8%         | 20%           | 13%           |
| Mhd. <i>iu</i> > [ɔɪ]         | 25,6%         | 10,4%         | 4,1%          |
| Mhd. <i>ei</i> > [aɪ]         | 64,2%         | 43,1%         | 11,1%         |
| Mhd. <i>ie</i> > [iɪ]         | 100%          | 95%           | 100%          |
| Mhd. <i>ou</i> > [au], [aɪ]   | 100%          | 52,3%         | 20,8%         |
|                               |               |               |               |
| Wgerm. <i>pf</i> > [pf], [f]  | 22,5%         | 2,7%          | 0%            |
| Wgerm. <i>s</i> > [s]         | 86,2%         | 78,3%         | 77,7%         |
| Wgerm. <i>b</i> > [b]         | 86,4%         | 55,8%         | 25%           |
| Wgerm. <i>g</i> > [g], [ç, x] | 51,7%         | 52,7%         | 45%           |
| <b>Média Final</b>            | <b>67,34%</b> | <b>46,29%</b> | <b>31,05%</b> |

Fonte: elaborado pela autora

As quatro variáveis consonantais do *Wgerm.* /pf, s, b, g/ não mostraram tanta variação nos percentuais entre Bo, Hrs e Po, se comparado com as vogais. Embora o grupo dos falantes Bo continue com mais marcas *standard* em /pf, s/ e /b/, os Hrs obtiveram 1,0% a mais de produções [+ standard] com *Wgerm.* /g/. Os exemplos da variante [g] em *Vogel* ‘pássaro’ e *Regen* ‘chuva’ ilustram a tentativa de aproximação ao *standard* por parte do Hrs e Po. A variante [s], em *Pest* ‘peste’, por exemplo, assim como a variante [i:] em *verliere* ‘perder’, já estão com o uso mais *standard* em consonância nos três grupos.

Conforme o levantamento de dados apresentado, entende-se que o Po substituiu sua variante/variedade dialetal pela variante/variedade do Hrs. Já o Bo substituiu sua variante/variedade dialetal em prol do *standard* que já havia trazido, provavelmente, da matriz de origem, em relação de diglossia com uma base dialetal (em parte, bávara ou saxã). O contato local facilitou as trocas linguísticas entre os três grupos que foram mais representativos na colonização de Nova Petrópolis. Dessa forma, o Hrs também se beneficiou com marcas mais *standard* em função do contato direto com o grupo do Bo. Em síntese, a tabela confirma a presença de marcas mais *standard* nos três grupos investigados, sendo que o Bo apresenta maior número de marcas, seguido do Hrs e, por fim, do Po. E, sim, pode-se conceber que o contato intervareietal nessa localidade resultou em uma língua de mediação,

uma *Mittelfeldsprache* intermediária, como defende Altenhofen (2019), situada no meio do contínuo variacional, ora oscilando para cima [+ standard], ora para baixo [+ dialetal], embora variável, porém de compreensão mútua.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa de doutorado ocupou-se com a temática da variação linguística no alemão falado por descendentes de imigrantes hunsriqueanos (Hrs), pomeranos (Po) e boêmios (Bo) em contato linguístico na localidade de Nova Petrópolis, Rio Grande do Sul. Esses grupos de fala foram assentados em territorialidades preestabelecidas, onde os Hrs colonizaram, a partir de 1829, a localidade de Pinhal Alto, os Po colonizaram a região do Rio Caí, em especial a Linha Temerária, a partir de 1858, e os Bo se assentaram em Linha Imperial e Linha Brasil, a partir de 1867.

Para estruturar a presente tese, organizou-se o conteúdo em 6 capítulos. No primeiro capítulo, apresentou-se, prioritariamente, o tema e a contextualização da temática analisada, as perguntas de pesquisa e os objetivos. Na sequência, no segundo capítulo, discorreu-se sobre o contexto socio-histórico da pesquisa, abordando o contínuo *standard-substandard* tanto na matriz de origem quanto no Brasil. Em seguida, no terceiro capítulo, foram apresentados os pressupostos teóricos, em que se procurou definir conceitos e processos como o contínuo variacional *standard-substandard*, a comunidade de fala, o princípio da pluridimensionalidade e as múltiplas faces do contato linguístico. O quarto capítulo delimitou a metodologia adotada para a obtenção dos dados submetidos à análise qualitativa (interpretativa e tipológica) e quantitativa. Por fim, o quinto capítulo apresentou os resultados da pesquisa, iniciando com a análise dos dados sociológicos de caracterização dos entrevistados, que subsidiaram a análise dos dados linguísticos relativos às variáveis do vocalismo e do consonantismo selecionadas, para apontar tendências no uso de variantes marcadas como mais *standard* ou *substandard*. Ao final desse capítulo, retomou-se a análise qualitativa sintetizando os principais resultados e contextualizando seu uso em excertos de entrevista de fala espontânea (etnotextos).

A pesquisa teve como objetivo geral descrever o grau de proximidade da norma *standard* e conseqüente dialetalidade no contínuo *standard-substandard* do alemão falado pelos três grupos, cada qual instalado em sua territorialidade particular. Assim, poder-se-ia verificar o uso continuado da variedade imigrada da matriz de origem ou a ocorrência do uso de uma variedade linguística de interação comum (*variety shift*) entre os integrantes dos três grupos.

Os principais desafios metodológicos surgiram com as restrições impostas para o controle pandêmico da Covid-19. Isso atrasou e limitou as saídas de campo para as coletas,



exigiu uma reorganização do planejamento e adaptação do questionário a ser aplicado em campo. Além disso, parte da pesquisa foi realizada por meio de ferramentas digitais, tais como, *Google* formulário e *WhatsApp*. Na análise, percebeu-se que a dimensão diastrática (Ca e Cb), a dimensão diassexual e diarreligiosa não eram fatores determinantes para apontar padrões de variação linguística entre os grupos em estudo na presente tese. Assim, esses fatores variacionais foram analisados, na medida do possível, de forma qualitativa.

Com a finalidade de avaliar o cumprimento dos objetivos propostos e sintetizar os resultados desta tese, buscou-se retomar os principais objetivos da pesquisa. O primeiro objetivo foi analisar de que modo se distinguiam as variedades dialetais nos três grupos em contato (Hrs, Po e Bo). A análise qualitativa com foco em tendências, em partes, quantitativa, apontou para resultados com marcas mais *standard* no grupo de falantes do Bo, o que, porém, não ficou tão explícito nos etnotextos. Na conversa livre, ocorreu mais oscilação entre o *standard* e o *substandard*. A maior diferença, contudo, ocorreu entre a GII e a GI, quando envolveu casamentos mistos (alemão e português ou alemão e italiano), o que afetou a transmissão da língua de imigração entre as gerações. Nesse sentido, observou-se que a GI apresenta cada vez mais dificuldades para se expressar na variedade alemã em função da ausência de uso no domínio da família; além disso, revelam maior ocorrência de *code-switching*. A GI apresenta mais marcas dialetais em comparação com os falantes da GII no grupo Bo, o que pode apontar um processo de nivelamento com o Hrs. No entanto, a variedade mais dialetal emigrada do norte da Boêmia não se manteve e foi substituída pelo conhecimento mais *standard* que esses falantes também tinham e que era mais próximo do Hrs, facilitando assim a interação.

Se o grupo está mais retirado do centro urbanizado, como, por exemplo, os participantes de Hrs da localidade de Pinhal Alto, é mais comum utilizarem marcas dialetais e praticamente se isentarem de marcas mais *standard*. Os participantes da GI, quando possuem influência de marcas *standard*, a princípio justificam essas marcas em função do ensino de alemão na escola. Por outro lado, a GI é indicada como responsável por optar pelo monolinguismo em vez de manter o uso das duas línguas. Nesses casos, geralmente a GII faz menos uso da língua de imigração no âmbito familiar e, conseqüentemente, a GI não recebe estímulo suficiente para se comunicar em alemão.

Os Po também não conseguiram manter a língua pomerana que trouxeram da matriz de origem e tiveram que se adaptar à situação linguística de seu entorno. Algumas variantes do pomerano ainda estão presentes na memória dos falantes da GII, como a variante *Stipp* (Hdt: *Staub*) ‘pó’ ou até mesmo algumas frases prontas, como foi visto na seção 5.3.3, em especial no

quadro 47. Em geral, a comunidade de descendentes pomeranos de São José do Caí e Linha Temerária já se identifica como falante da variedade do tipo *Deitsch* do *Hunsrückisch*. Com os casamentos mistos e as necessidades comunicativas entre os demais grupos linguísticos, especialmente Hrs, português e italiano, o pomerano foi perdendo espaço para o Hrs, ou seja, para a principal variedade de contato. Atualmente, essa variedade ainda resiste como conhecimento mais passivo do que ativo, em duas famílias da territorialidade pomerana.

O segundo objetivo buscou identificar as motivações e condicionamentos da língua comum em uso nas distintas territorialidades do alemão de Hrs, Po e Bo. Conforme já mencionado, os casamentos mistos (ou intervaretais e interlinguísticos) e a necessidade de falar uma língua comum foram fatores decisivos para substituir a língua minoritária por outra ou, até mesmo, para justificar a opção pelo monolinguismo. A justificativa para inserir cada vez mais o monolinguismo na comunicação diária das famílias ocorre em função das creches e pré-escolas que não estão preparadas para receber crianças bilíngues. Os pais e avós de crianças pré-adolescentes afirmam que não compensa mais ensinar alemão primeiro, já que na pré-escola não haveria funcionários e professores preparados para receber essas crianças falantes de língua alemã. Por outro lado, também se percebe que a inserção da mulher no mercado de trabalho possui influência na comunicação familiar, já que essa mãe leva a criança desde cedo para a creche que é monolíngue ou deixaria a criança aos cuidados de uma funcionária contratada pela família. Nos lares em que se tem a vivência com os avós, ainda ocorre maior interação em língua alemã com as crianças.

A dimensão diarreligiosa não se mostrou fator decisivo para as escolhas da língua, no entanto, ela contribuiu, significativamente, para a manutenção do alemão local. O culto ou a missa em língua alemã local, ou até mesmo na variedade mais *standard*, incentivava os falantes da GII nessa prática. Por um lado, a falta de párocos, que sabem falar a língua alemã, acaba refletindo na motivação linguística da GII que também já possui dificuldades para manter os grupos de corais dos participantes mais velhos que ainda cantam em alemão. Por outro lado, o fato de a juventude não ser mais tão ativa nas atividades comunitárias e em coros, por exemplo, já afeta essas socializações que desempenham papel relevante para divulgar e manter a língua de imigração.

A dimensão diasssexual não se mostrou um fator decisivo entre homens e mulheres para a variação no uso de marcas mais próximas do *standard* ou do *substandard*. Ambos os grupos possuem marcas e saliências linguísticas muito mais relacionadas ao contexto em que foram criados ou socializados e, por essa razão, dependem muitas vezes da origem imigratória

(dimensão dialingual e diatópico-cinética) e da dimensão diastrática (com ou sem Ensino Superior). Geralmente, o acesso ao Ensino Superior contribui para priorizar o inglês e a língua portuguesa.

O terceiro objetivo foi analisar como se constituiu a noção de norma [+ standard] entre os diferentes grupos imigrantes em contato na comunidade em estudo. Além do ensino de alemão nas escolas, práticas sociais como a atuação de corais e de grupos de danças folclóricas também foram fundamentais para inserir a noção de norma e de uso linguístico comum entre as diferentes comunidades de fala em contato. A língua ensinada na escola, a leitura e o canto foram categorizados como variedade mais correta e serviram, inicialmente, como apoio para a intercompreensão entre Hrs, Po e Bo, já que a língua escrita equivalia ao *Hochdeutsch*, como pode ser visto em registros de lápides, atas e cartas.

A maioria dos entrevistados percebe que a comunidade de Pinhal Alto (conhecida por *Tannenwald*) se comunica mais na variedade *Hunsrückisch* e que também mantém com mais vitalidade a língua de imigração. Pode-se afirmar que o Hrs do Pinhal Alto segue um padrão de fala próprio, o qual não oscila tanto entre o contínuo do *standard* e do *substandard*. A percepção linguística dos falantes do Po está voltada para a variedade de uso comum e para a substituição da variedade pomerana em prol do Hrs e do português. Nesse sentido, os Bo também percebem a perda linguística da variedade imigrada do norte da Boêmia e do crescente aumento de monolíngues na GI. Por outro lado, o Hrs parece, em alguns casos, incorporar dos Bo marcas mais *standard*, como a variante [a:] em *kaafe* ‘comprar’ (Hdt: *kaufen*).

Antes da Campanha de Nacionalização (1937-1945) imposta pelo Governo de Getúlio Vargas, os registros escritos ainda eram realizados em *Hochdeutsch*, embora a comunicação oral se realizasse nas variedades dialetais das respectivas comunidades de fala. Assim, percebe-se que foi um processo lento e gradual de substituição linguística que parece ter se estabilizado recentemente. É o que aponta a análise de dados desta pesquisa, em que a variedade de uso comum (conforme Altenhofen, 2019, *Mittelfeldsprache* ‘língua de mediação’) cumpre o seu papel ao lado do português local. Porém, atualmente o alemão falado nas três comunidades de fala está correndo riscos por falta de uma transmissão diageracional mais eficaz e consequente manutenção linguística, o que exige mais reflexão por parte das comunidades locais sobre os usos linguísticos e as escolhas linguísticas dos falantes, pais, educadores e gestores da língua. Nesse quesito, sugere-se um despertar

comunitário para inserir a língua de imigração em formato de encontros com palestras. Isso pode ser realizado em pré-escolas, feiras de produtos coloniais, festas, eventos, praças e parques. É importante que a população bilíngue e monolíngue saiba que qualquer língua (inserir-se aqui também os dialetos) pode ser falada em locais públicos. Essa reeducação linguística é muito importante para que os usos da língua de imigração não fiquem restritos apenas ao âmbito familiar, mas também voltem para o âmbito social (parques, praças etc.) e administrativo (prefeitura, posto de saúde, sindicatos, mercados etc.).

À vista disso, espera-se que a presente pesquisa contribua para o conhecimento científico na área de línguas minoritárias e de contatos linguísticos. E que tenha contribuído para preencher algumas lacunas, entre as quais a falta de registros sobre a língua falada pelo grupo de descendentes pomeranos e a falta de estudos que comparassem as variedades faladas pelos três grupos de fala mais representativos (Hrs, Po, Bo) em Nova Petrópolis-RS. Na prática, os resultados desta pesquisa sinalizam para a necessidade de mais coletas de dados linguísticos com falantes de língua alemã, enquanto ainda existir essa possibilidade e, além disso, contribua para impulsionar novos projetos de conscientização linguística e resgate das variedades faladas no âmbito familiar. A revitalização linguística e promoção de um plurilinguismo amplo, de inclusão de variedades como as que descrevemos nesta tese, pode ser iniciada, por exemplo, em formato de pequenas oficinas que poderiam ocorrer tanto em feiras e festas (*Frühlingsfest* ‘Festa da Primavera’, Festival do Folclore, Sabores da Colônia etc) quanto diretamente nas comunidades de fala, como em creches e escolas, por exemplo. De modo geral, a sociedade como um todo beneficia-se da produção de conhecimento linguístico; isso pode contribuir indiretamente para a implementação de políticas públicas em prol da manutenção da língua alemã local.

Diante do exposto, faz-se necessário interagir mais com as comunidades de fala, não somente para aumentar os bancos de dados linguísticos, mas para popularizar uma compreensão melhor do significado da variação linguística no repertório linguístico e formação de um indivíduo e, deste modo, promover uma conscientização linguística acerca do valor do alemão local como “conhecimento em si”. Uma sugestão para futuros estudos seria realizar coletas de dados linguísticos com crianças e adolescentes que ainda se comunicam na variedade alemã herdada no âmbito familiar. Por fim, é válido também divulgar dados em formato de áudio e/ou vídeo para que a comunidade de fala perceba o valor da sua língua também no meio digital, isto é, para além do âmbito familiar, abrindo “as portas da

comunidade” para que o alemão falado se fortaleça através da abertura de “caminhos intercontinentais”.

## REFERÊNCIAS

- ARNOLD, Heribert. *Die deutsche Mundartforschung in Böhmen: Stand und Ergebnisse*. Erlangen, 37 S., 1950.
- ALTENHOFEN, Cléo Vilson. *Hunsrückisch in Rio Grande do Sul. Ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesischen*. Stuttgart: Steiner, 1996.
- \_\_\_\_\_. Migrações e contatos linguísticos na perspectiva da geolinguística pluridimensional e contatual. *Revista de Letras Norte@mentos*, UNEMAT, v. 6, 2013, p. 19-43.
- \_\_\_\_\_. O “território de uma língua”: ocupação do espaço pluridimensional por variedades em contato na Bacia do Prata. In: Fernández, A. L. R. N.; Mozzillo, I.; Schneider, M. N. & Cortazzo, U. (orgs.). *Línguas em contato: onde estão as fronteiras?* Pelotas: Editora UFPel, 2014. p. 69-103.
- \_\_\_\_\_. Standard und Substandard bei den Hunsrückern in Brasilien: Variation und Dachsprachenwechsel des Deutschen im Kontakt mit dem Portugiesischen. In: Lenz, A. N. (Hrg.). *Perspektiven der Variationslinguistik, Sprachkontakt- und Mehrsprachigkeitsforschung*. Vienna University Press, 2016.
- \_\_\_\_\_. Stützung des Spracherhalts bei deutschsprachigen Minderheiten: Brasilien. In: Ammon, U.; Sambe, S.; Schmidt, G. (Hrsg.). *Förderung der deutschen Sprache weltweit. Vorschläge, Ansätze und Konzepte* [Arbeitstitel]. Berlin: de Gruyter, 2019.
- ALTENHOFEN, Cléo V.; MARGOTTI, Felício Wessling. O português de contato e o contato com as línguas de imigração no Brasil. In: Mello, H.; Altenhofen, C. V.; Raso, T. (Orgs.). *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 289-315.
- ALTENHOFEN, Cléo V.; MORELLO, Rosângela *et al.* Hunsrückisch: inventário de uma língua do Brasil. Florianópolis: Garapuvu, 2018. 248 p. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/194384>>.
- ALTENHOFEN, Cléo V.; STEFFEN, Joachim. Cartas de imigrantes como fonte de pesquisa linguística. In: Altenhofen, C. V.; Steffen, J.; Thun, H. (Orgs). *Cartas de imigrantes de fala alemã: pontes de papel dos hunsriqueanos no Brasil*. Editora Oikos, 2018, p. 13-30.
- AMMON, Ulrich. Explikation der Begriffe ‘Standardvarietät’ und ‘Standardsprache’ auf normtheoretischer Grundlage. In: Holtus, G.; Radtke, E. (eds.): *Sprachlicher Substandard* (= Konzepte der Sprach- und Literaturwissenschaft 36). Tübingen: Niemeyer, 1986, S. 01-63.
- \_\_\_\_\_. Language – Variety/Standard Variety – Dialect. In: Ammon, U.; Dittmar, N.; Mattheier, K. J. (eds). *Sociolinguistics/Soziolinguistik*. Berlin/New York: de Gruyter; Vol. 1, 1987, p. 316-335.
- AUER, Peter. Anmerkungen zum Salienzbeffriff in der Soziolinguistik. In: *Linguistik Online* 66, 4; 2014. Disponível em: <<https://bop.unibe.ch/linguistik-online/issue/view/388>>. Acesso em 21.01.2021.
- BAGNO, Marcos. Norma linguística, hibridismo e tradução. In: *Traduzires 1 – Maio*, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/traduzires/article/view/20891>>. Acesso em 22.11.2019.
- BAILEY, Guy. Real and Apparent Time. In: Chambers, J. K. *et al.*, (orgs). *The handbook of language variation and change*. Malden, MA and Oxford: Blackwell Publishers, 2004, p. 312-331.

BAUER, Otto. Die Nationalitätenfrage und die Sozialdemokratie. Vienna: Passin and especially. 1907. Disponível em: <<https://www.marxists.org/deutsch/archiv/bauer/1907/nationalitaet/16-oesterreich.html>>. Acesso em 19/05/2019.

BAUMBACH, Rudolf. *Einführung in die Dialektologie der deutschsprachigen Länder*. Olomouc, 2001, 83 p.

BECKER, Horst. *Sächsische Mundartenkunde: Entstehung, Geschichte und Lautstand der Mundarten Sachsens und Nordböhmens*. Dresden, Heimatwerk Sachsen, 1939.

BELLMANN, Günter. Probleme des Substandards im Deutschen. In: Mattheier, K.. *Aspekte der Dialekttheorie*. Tübingen: Niemeyer. (Reihe Germanistische Linguistik; 46), 1983, p. 105-130.

BROCH, Ingrid Kuchenbecker. Ações de promoção da pluralidade linguística em contextos escolares. Tese de doutorado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Programa de Pós-Graduação em Letras, 2014. 268 p.

BUSCH, Brigitta. Das sprachliche Repertoire oder Niemand ist einsprachig. Vorlesung zum Antritt der Berta-Karlik-Professur an der Uni Wien. Drava Verlag, 2012. Disponível em: <[https://heteroglossia.net/fileadmin/user\\_upload/publication/Busch\\_Sprachliches\\_Repertoire.pdf](https://heteroglossia.net/fileadmin/user_upload/publication/Busch_Sprachliches_Repertoire.pdf)>. Acessado em 20.01.2021.

COETSEM, Frans. The interaction between dialect and standard language, and the question of language internationalization. Viewed from the standpoint of the Germanic languages. In: J. Leuvensteijn & J. Berns (eds.). *Dialect and Standard Language in the English, Dutch, German and Norwegian Language Areas*. Amsterdam: North-Holland, 1992, p. 15-70.

COSERIU, Eugenio. “Historische Sprache” und “Dialekt”. In: GÖSCHEL, Joachim; IVIĆ, Pavle; KEHR, Kurt (Hrsg.). *Dialekt und Dialektologie: Ergebnisse des Internationalen Symposiums „Zur Theorie des Dialekts“* (Marburg/Lahn, 05.-10. Sept. 1977). Zeitschrift für Dialektologie und Linguistik; Heft 26. Wiesbaden: Franz Steiner, 1980, p. 106-122.

\_\_\_\_\_. “Língua histórica” e “dialeto”. Tradução de Carolina Falck Grimm. In: *Cadernos de Tradução*. Porto Alegre, n. 40, p. 9-27, 2017. [1980]. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/cadernosdetraducao/article/view/87178/50002>>. Acesso em: 20.07.2018.

\_\_\_\_\_. *Sentido y tareas de la dialectología*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Filológicas. (Cuadernos de Lingüística; 8.), 1982.

\_\_\_\_\_. *El Hombre y su Lenguaje: Estudios de Teoría y Metodología Lingüística*. Madrid: Editorial Gredos, 2. ed., 1991, 272 p.

DEPPE, Gessy (Coord.). Contribuição para a história de Nova Petrópolis: Depoimentos / Beitrag zur Geschichte von Nova Petrópolis: Berichte. Caxias do Sul: EDUCS, 1988, 344 p.

DORNELLES, Beatriz; SCHAEGLER, Cândida. Um século de Sankt Paulusblatt: trajetória da mais longa revista em língua alemã com circulação mensal no Brasil. In: *Conexão – Comunicação e Cultura*, UCS, Caxias do Sul – v. 15, n. 30, 2016, p. 88-110.

DREHER, Martin. Considerações sobre a história da família imigrante no Rio Grande do Sul. In: *História da Família no Brasil Meridional: temas e perspectivas / Ana Silvia Volpi Scott et al. (Orgs.) – São Leopoldo: Oikos; Editora Unisinos, 2014, p. 291-316.*

\_\_\_\_\_. 190 anos de imigração alemã no Rio Grande do Sul: esquecimentos e lembranças. São Leopoldo: Oikos, 3. ed., 2019, 248p.

DUDEN. *Die Grammatik*. Mannheim / Wien / Zürich: Dudenverlag, Band 4, 2009.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguística Histórica: Introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

FISHMAN, Joshua. Domains and the relationship between micro- and macrosociolinguistics. In: Gumperz, J. e Hymes, D.. *Directions in Sociolinguistics: The ethnography of communication*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1972, p. 435-453.

FLORES, Hilda Agnes Hübner. *Canção dos imigrantes*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1983.

FREITAG, Raquel Meister Ko.. (Re)Discutindo Sexo/Gênero na Sociolinguística, p. 17-74. In: Freitag, R. M. K.; Severo, C. G. (Org). *Mulheres, Linguagem e Poder - Estudos de Gênero na Sociolinguística Brasileira*. São Paulo: Blucher, 2015.

GARCÍA, Ofelia; FLORES, Nelson e CHU, Haiwen. Extending Bilingualism in U.S. Secondary Education: New Variations. *International Multilingual Research Journal*, 5:1, 2011, p. 01-18.

GUY, Gregory. A Identidade lingüística da comunidade de fala: paralelismo interdialeto nos padrões de variação lingüística. *Organon, Revista do Instituto de Letras da UFRGS*, Porto Alegre, v. 28 e 29; 2000, p. 17-32.

HABEL, Jussara Maria. *Fundamentos para um estudo da(s) língua(s) dos imigrantes boêmios no Brasil*. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia). Porto Alegre: UFRGS, 2014, 68 p.

\_\_\_\_\_. Mapeamento de comunidades boêmias no Rio Grande do Sul. In: IHGRGS – *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*, n. 150, 2016, p. 115-134. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/revistaihgrgs/article/view/61621/38007>>. Acesso em: 22/02/2017.

\_\_\_\_\_. “Das böhmische deutsch”: perda e coineização de variantes do alemão de imigrantes boêmios no Rio Grande do Sul. Dissertação (Mestrado). Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Letras/UFRGS, 2017. 156 p. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/172378>>. Acesso em 18.02.2020.

\_\_\_\_\_. Introdução às características fonético-fonológicas das consoantes do alemão Standard e do alemão boêmio. São Paulo: *Pandaemonium*, v. 22, n. 38, 2019, p. 75-96.

HAUPT, Carine. O sistema vocálico alemão. In: *Revista do GEL*, Araraquara, n°4, 2007, p. 159-167.

HEINRICH, Patrick. Language Shift. In: *Handbook of the Ryukyuan Languages* Publisher: Editors: Heinrich, P., Miyara, S., Shimoji, M.. Mouton de Gruyter, 2015, p. 613-620. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/310803138\\_Language\\_shift](https://www.researchgate.net/publication/310803138_Language_shift)>. Acesso em 20.01.2021.

HETTLER, Yvonne. Saliency, Bewertung und Realisierung regionaler Merkmale in Norddeutschland. In: Christen, H. & Ziegler, E. (Hrsg.). *Die Vermessung der Saliency(forschung)/Measuring (the Research on) Saliency*. *Linguistik Online* 66 (4), 2014, p. 71–90.



HICKEY, Raymond. Contact and language shift. In: Hickey, Raymond (ed.). *The Handbook of language contact*. Oxford: Wiley – Backwell, 2010, 151-169.

KING, Kendall; MACKEY, Alison. What if my child mixes and switches languages? In: *The bilingual edge*. New York, NY. Harper Collins, 2007.

KOCH, Walter. Escola Evangélica teuto-brasileira. In: Fiori, 2003, p. 193-207.

KOLIBOVÁ, Kateřina. Die deutschen Mundarten in den böhmischen Ländern. Dissertação (Mestrado, Universidade de Masaryk). Brno: Philosophische Fakultät. 2008. 105 p. Disponível em: <[http://is.muni.cz/th/177794/ff\\_m/diplomova\\_prace.pdf](http://is.muni.cz/th/177794/ff_m/diplomova_prace.pdf)>. Acesso em 20.03.2020.

KLOSS, Heinz. *Die Entwicklung neuer germanischer Kultursprachen seit 1800*. 2. erweiterte Auflage. Düsseldorf: Schwann, 1978.

KÖNIG, Werner. DTV - Atlas Deutsche Sprache. München: Deutscher Taschenbuch Verlag, 2011.

LENZ, Alexandra. Struktur und Dynamik des Substandards. Eine Studie zum Westmitteldeutschen (Wittlich/Eifel). Stuttgart: Steiner (= ZDL-Beiheft, 125), 2003.

\_\_\_\_\_. Zur Struktur des Westmitteldeutschen Substandards – Dynamik von Varietäten. In: Eggers, E.; Schmidt, J.; Stellmacher, D. (Hrsg.). *Moderne Dialekte – Neue Dialektologie*. Stuttgart: Franz Steiner, 2005, p. 229-252.

\_\_\_\_\_. Zum Salienzbegriff und zum Nachweis salienter Merkmale. In: Anders, C.; Hundt, M. & Lasch, A. (Hrsg.). „*Perceptual dialectology*“. *Neue Wege der Dialektologie*, 89–110. Berlin/New York: de Gruyter, 2010.

LUNTE, Gabriele. Besondere Dialektmerkmale der bairisch-deutschböhmischen Mundart Von Ellis, Kansas, USA. In: *Sprachinselnwelten – The World of Language Island*. Berend, N. & Knipf-Komlósi, E. (eds). Frankfurt: Peter Lang, 2006.

MACKEDANZ, Daiane. *O papel da identidade para a manutenção do pomerano na Serra dos Tapes, RS*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2016. 181 p. Disponível em: <<http://repositorio.ufpel.edu.br:8080/handle/prefix/2869>>. Acesso em 18.02.2020.

OBERACKER, Karl. Deutsche und Deutschstämmige in der brasilianischen Geschichte. In: *Mitteilungen des Instituts für Auslandsbeziehungen*, 12, Stuttgart, 1962.

PICCOLO, Helga I. Landgraf. Contribuição para a história de Nova Petrópolis – Colonização e Evolução da Colônia. Caxias do Sul: EDUCS, 144 p., 1989.

PREDIGER, Angélica. Topodinâmica do alemão falado em comunidades de imigração do norte da Boêmia no Brasil. Tese (Doutorado). Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Letras/UFRGS, 2019. 221 p. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/204557>>. Acesso em 18.03.2020.

PUPP SPINASSÉ, Karen. Fazendo política linguística em sala de aula: ações didático-pedagógicas pela manutenção da língua minoritária Hunsrückisch. In: *ReVEL*, v. 14, n. 26, 2016.

PUPP SPINASSÉ, Karen; KÄFER, Maria Lidiani. A conscientização linguística e a didática do multilinguismo em contextos de contato português-Hunsrückisch. In: *Gragoatá*, Niterói, v. 22, n. 42, 2017, p. 393-415.

PÜTZ, Martin. Sprachrepertoire / Linguistic repertoire. In: Goebel, Hans et al. (eds.). Contact linguistics: an international handbook of contemporary research. Handbooks of linguistics and communication science. Berlin: Walter de Gruyter & Co., 1996. p. 226-232.

RADTKE, Edgar; THUN, Harald. Nuevos caminos de la geolingüística românica. Un balance. In: Radtke, E. & Thun, H. (eds.). *Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie*. Kiel: Westensee-Verlag, 1996. p. 25-49.

\_\_\_\_\_. Novos caminhos da geolingüística românica. Um balanço. In: Caderno de Tradução IL/UFRGS, Porto Alegre. Tradução de M. Pickbrenner e R. Wolf, 1999.

RAMBO, Arthur Blásio. A história da imprensa teuto-brasileira. In: Cunha, J. L.; Gärtner, A. (orgs.). Imigração alemã no Rio Grande do Sul: história, linguagem, educação. Santa Maria: UFSM, 2003, p. 59-79.

SANTOS, Jardel Coutinho dos; BARCELOS, Ana Maria Ferreira. “Não sei de onde vem essa timidez, talvez um medo de parecer ridículo”: um estudo sobre a timidez e a produção oral de alunos de inglês. In: *Horizontes de Linguística Aplicada*, n. 2, 2018.

SBERSI, Angela. Lustige Volkstanzgruppe Bergtal educando para o patrimônio: uma proposta de organização de um memorial para os pomeranos do Vale do Caí. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade de Caxias do Sul, 2019.

SCHAEFFER, Shirlei Coceição Barth; MEIRELES, Alexandro Rodrigues. Descrição sonora da língua pomerana. In: *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 49, n. 1, 2014, p. 46-55.

SCHIERHOLT, José. *Estrela ontem e hoje*. Lajeado: Novak – Editora Multimídia, 2002.

SIEGEL, Jeff. Koinés and koineization. In: *Language in Society*, v. 14, n. 3, 1985, p. 357-378.

SCHMIDT, Jürgen Erich. Die deutsche Standardsprache: eine Varietät – drei Oralisierungsnormen. In: Eichinger, L.; Kallmezer, W. (Orgs.). Standardvariation. Wie viel Variation verträgt die deutsche Sprache? Berlin, New York: De Gruyter, 2005. p. 278-305.

\_\_\_\_\_. A língua alemã standard: uma variedade – Três normas de oralização. Tradução de Lucas Löff Machado. In: Caderno de Tradução, Porto Alegre, n. 40, 2017, p. 28-58.

SCHMIDT, Jürgen Erich; HERRGEN, Joachim. Sprachdynamik. Eine Einführung in die moderne Regionalsprachenforschung. Berlin: Erich Schmidt, 2011.

SCHMITZ, Arsênio José. Uma nova imagem para Nova Petrópolis: estudo sobre a imigração e a aculturação. Roma: Gregoriana, 1975.

SCHWINDT, L. C. S.; QUADROS, E. S.; TOLEDO, E. E.; GONZALEZ, C. A. A influência da variável escolaridade em fenômenos fonológicos variáveis: efeitos retroalimentadores da escrita. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. Vol. 5, n. 9, 2007.

SCHOMMER, Luciane. Turismo, eventos e etnicidade: Festival Internacional do Folclore, Nova Petrópolis/RS - Brasil. Dissertação (Mestrado), Universidade de Caxias do Sul (EDUCS), 2013.

SOUZA, Luana Cyntia. *Revitalização de línguas minoritárias em contextos plurilíngues: o pomerano em contato com o português*. Dissertação (Mestrado). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio

Grande do Sul; Programa de Pós-Graduação em Letras, 2017. 130 p. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/173786>>. Acesso em 18.02.2020.

STEDJE, Astrid. *Deutsche Sprache gestern und heute*. Einführung in Sprachgeschichte und Sprachkunde. Stuttgart: Verlag UTB; Auflage 6; 2007.

THUN, Harald. La geolinguística como linguística variacional general (com ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). In: Ruffino, G. (Org.). International Congress of Romance Linguistics and Philology (21: 1995: Palermo). Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza. Tübingen: Niemeyer, v. 5, 1998, p. 701-729.

\_\_\_\_\_. O português americano fora do Brasil. In: Gärtner, E.; Hundt C.; Schönberger, A. (eds.): Estudos de geolinguística do português americano. Frankfurt am Main: TFM, 2000, p. 185-227.

\_\_\_\_\_. A geolinguística pluridimensional, a história social e a história das línguas. In: Aguilera, V. (org.). *Para a história do português brasileiro*. Volume VII: vozes, veredas, voragens. Londrina: EDUEL, 2009, p. 531-558.

\_\_\_\_\_. Variety complexes in contact: A study on Uruguayan and Brazilian Fronterizo. In: Auer, P. & Schmidt, E. (eds.). *Language and space: An International Handbook of Linguistic Variation*. Vol. 1: Theories and methods. Berlin: De Gruyter Mouton, 2010. p. 706-723.

THUN, Harald; WILKIN, René. A história que antecede a escrituralidade dos hunsriqueanos brasileiros: cartas do período napoleônico (1805-1813). In: Altenhofen, C. V.; Steffen, J.; Thun, H. (Orgs). Cartas de imigrantes de fala alemã: pontes de papel dos hunsriqueanos no Brasil. Editora Oikos, 2018, p. 31-48.

UMANN, Josef. *Memórias de um imigrante boêmio*. [Edição bilingue] Trad. e notas Hilda Agnes Hübner Flores. 3. ed. Porto Alegre, EST/Nova Dimensão. Coleção Imigração Alemã; 13; [1938] 1997.

WARDHAUGH, Ronald; FULLER, Janet M. Contact Languages: Structural Consequences of Social Factors; In.: *An Introduction to Sociolinguistics*. Seventh Edition, Published by John Wiley & Sons, 2015, p. 114-137. Disponível em: <<https://pdfs.semanticscholar.org/6770/5aae11052e072c790925b553cbf3d2ee6187.pdf>>. Acesso em 18.12.2019.

WEI, Li. Translanguaging and Code-Switching: what's the difference? em OUPblog, 2018. Disponível em: <<https://blog.oup.com/2018/05/translanguaging-code-switching-difference/>>. Acesso em: 22/01/2021.

WEINREICH, Uriel. *Language in contact*. New York, Linguistic Circle & The Hague, Mouton, 1953.

WIEDEMER, Marcos Luiz. As faces da comunidade de fala. In: Linguagens-Revista de Letras, Artes e Comunicação, Blumenau, v. 2, n.1, 2008, p. 21-35.

WILLEMS, Emílio. Acculturation and the Horse Complex among German-Brazilians. *American Anthropologist*, n.s., XLVI, 1944.

\_\_\_\_\_. A Aculturação dos Alemães no Brasil: Estudo Antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1946.

## ANEXO: QUESTIONÁRIO SOCIOLÓGICO

(Enviado e preenchido via *Google* Formulários)

1. Nome Completo
2. E-mail
3. Endereço
4. Número de telefone (Whats App)
5. Você nasceu em Nova Petrópolis?  
 Sim       Não
6. Em qual localidade de Nova Petrópolis você morou por mais tempo?  
 Sede / *Stadtplatz*  
 Linha Imperial  
 Linha Brasil  
 Linha Araripe  
 Nove Colônias  
 Pinhal Alto  
 Linha Temerária  
 Vila/Linha Olinda  
 Treze Colônias  
 São José  
 Fazenda Pirajá  
 Outra
7. Qual sua data de nascimento?
8. Qual é seu grau de escolaridade?  
 Ensino Fundamental  
 Ensino Médio  
 Curso Técnico  
 Ensino Superior (Faculdade)
9. Qual é sua principal ocupação profissional?  
 Agricultor  
 Atendimento ao público  
 Profissão que exige escrever em português  
 Profissão que exige ler em português  
 Profissão que exige falar em dialeto alemão  
 Profissão que exige falar *Hochdeutsch*  
 Outra
10. Qual é a religião principal da família?  
 Católico  
 Evangélico Luterano  
 Outra
11. De onde vieram os seus antepassados? (Mais de uma resposta é possível)  
 Alemanha  
 Boêmia / República Tcheca  
 Pomerânia  
 Outro  
 Não sei responder
12. Quais línguas você sabe falar? (Mais de uma resposta é possível)  
 Português

- Dialeto Alemão
- Alemão ensinado na escola
- Italiano
- Inglês
- Espanhol
- Outra

13. Se você fala dialeto alemão, como você chama esse dialeto? (Mais de uma resposta é possível)

- Hunsrickisch*
- Behmisch*
- Esterreichisch*
- Pommersch*
- Deitsch*
- Deutsch*
- Platt / Plattdeutsch*
- Dialekt*
- Outro

14. Qual língua você aprendeu primeiro?

- Alemão falado em Nova Petrópolis
- Alemão e português juntos
- Português
- Italiano
- Outra

15. Você já fez aulas de alemão na Escola ou em Curso de Línguas?

- Sim
- Não

16. O alemão falado em Nova Petrópolis está morrendo ou deixando de ser falado e aprendido? Como você percebe isso?

17. Tem pessoas que falam um tipo de alemão diferente em Nova Petrópolis? Onde e como você percebe isso?

18. Você conhece falantes do alemão que possuem descendentes pomeranos (*Pommern*) em Nova Petrópolis? Quem são? Em qual localidade moram?

19. Você conhece falantes do alemão que possuem descendentes boêmios (*Böhmen*/República Tcheca) em Nova Petrópolis? Quem são e em qual localidade moram?

20. Aqui você ficará livre para escrever alguma novidade ou observação sobre o alemão falado em Nova Petrópolis atualmente, caso alguma informação histórica ou cultural ainda não tenha aparecido nas respostas acima.